

Romance Mágico

SARAH ADDISON ALLEN

A Magia das Pequenas Coisas

Os leitores amaram
O Jardim Encantado.



Agora, a magia
está de volta...





Ficha Técnica

Título original: First Frost
Autor: Sarah Addison Allen
Tradução: Margarida Malcato
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789897417542

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Sarah Addison Allen, 2014
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para o mágico Andrea Cirillo
Pela tua fé num livrinho estranho sobre um jardim

Bay Waverley-Hopkins corria pela Pendland Street abaixo com a mochila a balouçar e os cabelos escuros a esvoaçar atrás de si como melros. Os proprietários das casas vizinhas sabiam sempre quando ela corria, pois sentiam o desejo súbito de organizar as suas gavetas de meias e substituir finalmente as lâmpadas gastas que há tanto tempo queriam substituir. «Temos de organizar as coisas», pensavam eles, sempre que Bay corria pela rua abaixo todas as tardes, depois da escola. Contudo, depois de ela passar, os pensamentos dos vizinhos desviavam-se rapidamente para onde tinham estado antes – o que preparar para o jantar, porque andava o marido tão mal-humorado ultimamente ou se o monte de roupa suja poderia esperar mais um dia.

Bay apressava-se à medida que se aproximava da casa dos Waverley. Era uma antiga e confusa casa estilo rainha Ana com um pórtico a toda a volta e, o que Bay mais gostava, um único e bonito torreão. Fora a primeira casa construída no bairro no final do século XIX, mesmo antes da Orion College ser fundada, quando Bascom, na Carolina do Norte, não passava de um local de descanso lamacento para as pessoas que viajavam através das montanhas do Oeste. As restantes casas da rua tentaram imitar a arquitetura da casa dos Waverley, contudo, nenhuma se lhe comparava. Pelo menos, não para Bay.

Em vez de subir os degraus que davam do passeio para a casa, Bay correu pela relva escorregadia, deslizando com a sua humidade. Na noite anterior chovera torrencialmente e os ventos fortes tinham finalmente

trazido o outono a Bascom como que por magia. Havia agora uma brisa discernível no ar e as folhas molhadas estavam por toda a parte – nos jardins, nos passeios, na rua, presas nos carros. Parecia que o mundo estava coberto por uma camada crocante de açúcar-mascavado e canela.

Bay pendurou a mochila num dos ramos nus do tulipeiro do jardim fronteiro, que ficou a balançar enquanto ela subia as escadas do pórtico principal dois degraus de cada vez e abria a porta.

O mundo exterior podia ter abraçado o outono, mas dentro da casa dos Waverley ainda cheirava a verão. Era dia de limão verbena, pelo que a casa estava coberta por um aroma a tarte doce que misturava imagens de toalhas de piquenique e nuvens brancas com a forma de corações apaixonados.

Talvez fosse a imaginação de Bay, mas a casa parecia embonecar-se sempre de cada vez que ela lá entrava, as janelas escuras ficavam um pouco mais brilhantes e as cobertas endireitavam-se a si próprias nas costas dos sofás. A mãe de Bay dizia que ela adorava demasiado aquele lugar, tal como a sua bisavó Mary. Bay nunca conhecera a bisavó Mary, no entanto, sabia que o comentário da mãe não era um elogio. A mãe nunca se sentira muito à vontade ao crescer naquela casa.

Tentando recuperar o fôlego da sua corrida outonal, Bay atravessou a entrada, passou pela sala decorada com a mesma mobília antiga que servira a bisavó Mary, quando ela gerira ali uma pensão, e entrou numa enorme e renovada cozinha industrial. Os seus ténis, quase cobertos pelas bainhas gastas das calças de ganga largas, guinchavam contra o chão polido.

O ar na cozinha estava pesado com o vapor açucarado. Bay encontrou a sua calma tia Claire num dos fogões, com o cabelo escuro curto puxado para trás com os ganchos da filha de nove anos, Mariah. Os ombros de Claire estavam tensos de tanto mexer e deitar açúcar, água e xarope de milho, pela mesma ordem, dentro das mesmas enormes panelas de cobre cheias de açúcar, para dentro dos mesmos moldes, todos os dias, há meses.

A tia Claire tivera uma empresa de *catering* muito bem-sucedida, a Waverleys's Catering. O que Claire era capaz de fazer com as flores comestíveis que cresciam à volta da excêntrica macieira do jardim traseiro era lendário. Toda a gente sabia que, se ela fizesse a comida de uma festa

de aniversário, fazia molho de aioli com capuchinhas e taças cheias de salada de laranja e toda a gente saía da festa a sentir-se invejosa e excitada. E, se preparasse uma festa de aniversário para crianças, serviria pequenos queques de morango e doces em forma de violeta, pelo que os meninos se comportariam bem e dormiriam longas sestas à tarde. A culinária de Claire possuía uma verdadeira magia quando ela usava as suas flores. Cada uma das raparigas Waverley tinha algo de diferente, mas Claire era a mais invulgar numa família de invulgares. E Bay adorava isso nela.

Todavia, tudo mudou quando Claire começara a Waverley's Candies há menos de um ano. No inverno anterior, Claire procurara desesperadamente por algo que suavizasse a dor de garganta da sua filha Mariah, dores que a faziam perder a voz e a impediam de ir à escola durante dias. Os quartos tornavam-se apertados quando Mariah estava doente, como se a casa torcesse as suas próprias mãos. Um dia, quando Claire se atormentava com mais uma das laringites de Mariah, ouviu algo a cair no escritório da cozinha e, ao encaminhar-se até lá, viu que um dos antigos livros de receitas da avó Mary caíra no chão. Foi nesse instante que Claire encontrou a receita dos chupa-chupas, metida no meio das instruções sobre como libertar o jardim de escaravelhos verdes e brilhantes, e dos ingredientes para um bolo para atrair maridos.

Os chupas suavizaram a garganta da filha e tornaram-se na novidade que toda a cidade queria experimentar. Afinal, se vinha de uma Waverley, tinha algo de intrinsecamente curioso. Na escola, depois de as mães ouvirem falar dos chupas, davam por si a bater à porta de Claire às duas da manhã, com os olhos inchados e desesperadas por algo que curasse gargantas inflamadas que mantinham os filhos (e elas próprias) acordados a noite toda.

Quando o inverno passou, os chupas – confeções lindas e coloridas, do tamanho de ovos de galinha, e cobertas de açúcar – começaram a ser pedidos nas festas de aniversário que Claire organizava e, consequentemente, nas festas de graduação e casamentos. Foi no casamento de Lux Lancaster, na Harold Manor, onde todos os saquinhos de brindes continham um frasquinho do mel com doces de lavanda de Claire, que a namorada do primo de Lux, que trabalhava para a revista *Southern Living*, os provou pela primeira vez. Ela escreveu um artigo

sobre os mágicos pingos roxos-claros na viagem de avião de regresso ao Alabama e as palavras jorravam que nem água. Mal se lembrava de ter escrito a peça, sentindo-se eufórica e um pouco ébria. Quando o artigo apareceu na revista e foi partilhado nas redes sociais, os pedidos começaram a aparecer. Pessoas fora de Bascom sentiam-se curiosas pelos curiosos doces e curiosas pela curiosa Claire Waverley que os tinha preparado.

Devido ao negócio de *catering*, Claire costumava contratar ajuda para as festas de maior dimensão, porém, fazia o resto sozinha. O seu negócio fora do tamanho que podia ser, suficientemente grande para ela o gerir. Contudo, o seu negócio de doces estava a receber tanta atenção que rebentava pelas costuras. Bay trabalhava para a tia Claire todos os dias, depois da escola. E Claire tinha outro empregado, um estudante de culinária de Orion College chamado Buster, que fazia tantas horas que era quase um trabalhador a tempo inteiro.

E, ainda assim, parecia sempre que não davam conta do recado.

Mudar do *catering* para os doces também mudara Claire. Estava sempre cansada, sempre a trabalhar e, por vezes, ficava com um aspeto que lhe dava um ar nostálgico. No entanto, nunca pedia ajuda, e ninguém lhe podia falar sobre isso. Uma das muitas coisas peculiares acerca de Claire era o facto de, se ela não quisesse falar de um assunto, fechar a boca tão depressa como se fecha uma ratoeira.

Quando Bay entrou na cozinha naquela tarde, depois da escola, Buster estava a falar, como era seu hábito. Conseguia falar durante horas, enchendo a cozinha de conversa fiada que repercutia nas paredes de aço inoxidável.

– Então, eu disse-lhe que o pão dele era feio e ele chamou-me uma diva da massa. Uma diva da massa. Que lata! Temos um encontro este sábado.

– Buster era alto, de lábios carnudos, com o cabelo curto pintado de azul nas pontas. Quando finalmente reparou que Bay chegara, parou de deitar açúcar sobre uma enorme fornada de chupas, acabados de sair dos moldes.

– Olá, linda. Voltaste a apanhar o último autocarro? Estava a contar à Claire sobre um tipo que conheci na aula do pão. Detesto-o, mas pode ser a minha alma gémea.

– Diva da massa? – perguntou Bay. – Gosto.

– Estou tão farto de pão. Mal posso esperar pelo próximo semestre, quando dermos a carne. O que diz a tua *T-shirt* hoje? – perguntou Buster a Bay. Esta mostrou-lha e ele leu-a. – «Ainda Não Comecei a Procrastinar.» Oh, por favor. Provavelmente, fizeste todos os teus trabalhos de casa antes de o autocarro te deixar na paragem. Tens planos para este fim de semana? Ouvi dizer que há um baile de Halloween na tua escola, no sábado. Vais com alguém em especial? – Ele ergueu as sobrancelhas, umas das quais tinha um pírcingue.

Bay sentiu o rosto a ficar quente, pelo que se virou de costas e atravessou a cozinha. Lavou as mãos e colocou um avental.

Claire observou-a, mas não disse nada. Ao contrário da mãe, Bay tinha um pacto silencioso com a tia. Claire percebia os problemas de Bay sem que Bay tivesse de dizer uma palavra. Há dois meses, quando Bay entrara na sua cozinha depois do seu primeiro dia de escola do décimo ano, o primeiro ano no secundário depois de passar pelo purgatório que fora o terceiro ciclo, Claire percebera que algo acontecera. A mãe de Bay também, mas de uma forma vaga. Claire fora diretamente à questão e perguntara:

– De quem se trata?

– Não. Não vou com ninguém em especial – dissera Bay a Buster, ainda a afastar-se dele. – Estou só a ajudar nas decorações.

– Uma carinha assim e os rapazes não ligam – queixou-se Buster. – Não percebo.

– Se fosses daqui, perceberias – respondeu Bay.

– Oh, por favor. Toda a gente desta cidade diz isso, como se tivéssemos de nascer aqui para perceber as coisas. Eu percebo-as perfeitamente. Uma pessoa só é estranha se quiser. Muito bem – disse Buster a Claire, tirando o avental –, agora que os reforços chegaram, vou para o meu turno no mercado.

– Quantos empregos tens? – perguntou-lhe Bay.

– Só três.

– E ainda tens tempo para namorar?

Ele revirou os olhos.

– Como se isso fosse difícil. Adeus, meninas! – despediu-se, saindo da cozinha. Segundos depois, ouviram-no gritar. – A porta da frente não abre

outra vez! Estou preso! Vou morrer nesta casa, sem nunca ter conhecido o verdadeiro amor! Oh, esperem. Já abriu. Ponham óleo nas dobradiças!

Depois de a porta fechar, Claire dirigiu-se a Bay.

– Tenho estado a pensar. Eu podia fazer alguma coisa para ti. Para dares ao tal rapaz de quem gostas – disse ela com cuidado para não mencionar o nome dele. – Podia fazer bolachas de menta e chá com mel de lunicera. Menta para lhe aclarar os pensamentos e lunicera para ajudá-lo a ver. De certeza que depois reparará em ti.

Bay abanou a cabeça, apesar de já ter pensado muito naquilo, às vezes só porque queria que a tia cozinhasse algo que não fossem apenas os doces.

– Duvido que ele coma algo que eu lhe dê. Perceberia logo que tinha sido cozinhado por ti.

Claire assentiu, apesar de parecer um pouco desapontada.

Bay levou subitamente a mão ao peito, como se já não aguentasse mais, como se tivesse ali um nó, muito forte e duro, a pressioná-la na caixa torácica. Por vezes, era uma dor realmente física.

– É sempre assim?

– Devias falar com a tua mãe – respondeu simplesmente Claire, com os olhos escuros calmos e compreensivos. Por mais que fossem muito diferentes na aparência, em temperamento, em tudo, Claire e a mãe de Bay falavam todos os dias. Às vezes, quando Bay entrava na sala de estar de casa, encontrava a mãe, Sydney, a folhear revistas de cabeleireiro, com o telefone colado à orelha, e sem dizer nada. Também não saía sem nenhum do telefone.

– Com quem estás a falar? – perguntaria Bay.

– Com a Claire – responderia a mãe.

– Porque não dizem nada?

– Estamos só a passar tempo juntas – diria a mãe, encolhendo os ombros.

As irmãs Waverley não tinham sido próximas em crianças, mas agora eram como unha e carne, da forma como os irmãos adultos às vezes são, assim que percebem que a família é, na verdade, uma escolha. Bay não sabia muito sobre a infância delas. Contudo, de tanto ouvir conversas através de janelas abertas e por detrás de sofás quando era criança – a única forma que tivera de saber as coisas boas –, Bay percebera que elas

tinham sido praticamente órfãs. A mãe delas, uma alma selvagem e perdida, trouxera-as para ali, para a casa dos Waverley, quando Claire tinha seis anos e Sydney era uma recém-nascida. Tinham sido criadas pela solitária avó Mary. Claire abraçara tudo o que era Waverley tão facilmente como lhe era respirar, porém, Sydney rejeitara a noção de que não era normal até muito tarde.

E, por mais mágica que a sua mãe fosse, Bay ainda não tinha a certeza de que ela aceitava completamente. Era uma das muitas razões pelas quais Bay se sentia mais próxima da tia.

Apesar disso, era apenas uma questão de tempo até Claire contar à mãe de Bay sobre o rapaz.

– Acho que a mãe não compreenderia – disse Bay.

– Ela compreenderia. Acredita em mim.

– Tu compreendes-me melhor que ela.

Claire abanou a cabeça.

– Isso não é verdade.

Bay olhou pela janela por cima do lava-loiça. O jardim traseiro estava rodeado por uma cerca de ferro coberta de loniceras que, por vezes, atingiam o meio metro de altura, e pontuado por florões pontiagudos, como os que existiam no antigo cemitério. Ela não conseguia ver a árvore, mas sabia que se encontrava ali. Isso sempre lhe dera um pequena sensação de conforto.

– Está finalmente a arrefecer. Quando floresce a macieira? – perguntou. Era outono, a única altura em que a estranha macieira do jardim dos Waverley, a que estava lá mesmo antes de a casa ser construída, estava adormecida. Por uma razão desconhecida, a árvore florescia durante todo o inverno, depois dava pequenas maçãs rosa na primavera e no verão. Algumas das recordações mais alegres de Bay eram de estar deitada debaixo da macieira no verão enquanto Claire fazia jardinagem e a macieira lhe atirava maçãs como um cão que esperava que o dono aceitasse a brincadeira. Todavia, à medida que o outono se aproximava, a árvore perdia as folhas de um dia para o outro, e não fazia mais nada a não ser abanar miseravelmente os ramos nus até a primeira geada da estação a acordar de repente. Toda a família sentia a sua frustração.

– O almanaque diz que este ano a primeira geada chega com o Halloween – disse Claire. – Deste sábado a uma semana.

– Isso é tarde. Mais tarde do que eu alguma vez me lembro. Vais dar uma festa? – perguntou Bay, esperançosa.

– Claro que sim – afirmou Claire, beijando o topo da cabeça de Bay enquanto passava. Com uma panela de cobre na mão, começou por deitar o xarope doce de limão verbena e amarelo em pequenos moldes redondos para que endurecesse. – Celebramos sempre a primeira geada.

No dia em que a árvore florescia no outono, quando as suas maçãs brancas caíam e cobriam o chão como se fosse neve, era tradição dos Waverley juntarem-se no jardim como se fossem sobreviventes de uma grande catástrofe, abraçarem-se uns aos outros, rirem à medida que tocavam em rostos e braços, certificando-se de que estavam todos bem e gratos por terem ultrapassado tudo. Era um alívio porem o seu mundo de novo em ordem. Ficavam sempre imparáveis antes da primeira geada, abrindo imensamente o coração, desejando coisas que não podiam ter, distraíndo-se e influenciando-se facilmente com as opiniões dos outros. A primeira geada significava deixar todas as preocupações para trás, pelo que era sempre motivo de celebração.

Tudo ficava bem depois disso.

Para Bay, o dia não chegava suficientemente depressa.

Porque as coisas tinham estado a compor-se ultimamente, havia muito a perder se algo corresse mal até lá.

Depois de trabalhar algumas horas com a tia, Bay partiu ao escurecer e atalhou por bairros vizinhos e jardins, dirigindo-se até à baixa de Bascom.

À medida que se aproximava do relvado do centro da cidade, reparou num velhote, em pé e sozinho no parque, e numa mala de viagem de pele muito maltratada, pousada no chão, junto a ele.

Havia algo de hipnotizante nele. Tinha uma confiança contida e silenciosa, como se um simples olhar ou um sorriso da sua parte contivesse um segredo que ele sabia que nos mudaria a vida, que mudaria tudo. Talvez ele fosse um pregador, um político ou um vendedor.

Bay pensou naquilo durante um instante. Sim, definitivamente um vendedor.

Do outro lado da rua, Bay parava para olhar, uma mania que ela tentava mudar por saber que não agradava aos outros. Uma vez, quando olhara

durante demasiado tempo para uma mulher na mercearia, a mulher zangara-se e dissera-lhe:

– Eu pertenço-lhe. Ele vai deixar a mulher. Não me tentes convencer do contrário.

Aquilo assustara Bay pois, em primeiro lugar, ela não fazia ideia de que Ione Engle estava a ter um caso e, em segundo lugar, ela olhara simplesmente para as pequeníssimas folhas no cabelo de Ione, que, uma hora antes, estivera a rebolar na margem do rio com o marido de outra mulher. Mas as pessoas desconfiavam sempre, pois aquele era o dom de Bay. Ou maldição, como a mãe costumava dizer. Bay sabia que as coisas tinham o seu próprio sítio. Tal como o dom da tia Claire estava na comida que ela preparava através das flores comestíveis do jardim dos Waverley. E o dom da mãe estava na sua estranha facilidade com o cabelo, um corte por parte dela podia inexplicavelmente mudar o dia de uma pessoa. Bay conseguia guardar os talheres de prata nas gavetas corretas, numa casa onde nunca estivera. Conseguia observar estranhos num parque de estacionamento e dizer para que carro se dirigiam.

Bay observava o velhote, de mãos enfiadas nos bolsos, e olhando para tudo à sua volta com um olhar estável – as lojas para turistas na baixa de Bascom, a fonte no relvado onde os alunos universitários costumavam encontrar-se. Os olhos dele demoravam-se, curiosos, na escultura ao pé da fonte, feita pelo estudante de arte de Orion. A escultura mudava todos os anos. Naquele ano, era um busto de dois metros de altura e três de largura do fundador de Orion College, Horace J. Orion. A enorme cabeça cinzenta estava meio enterrada na relva, pelo que a única parte visível era do nariz para cima. Parecia que Horace J. Orion regressava dos mortos, espreitando do chão, examinando antes de decidir se valia a pena voltar. Era até bastante cómico estar uma cabeça gigante no meio da baixa. O fervor local desvanecera meses depois da sua instalação, porém, continuava a ser motivo de conversa quando não havia mais nada para dizer.

O vento parara, contudo, o cabelo prateado do estranho e as suas bainhas moviam-se ligeiramente, como se ele tivesse atraído a brisa que restava para si próprio, como um bando de pássaros a voar em direção às sementes.

Os seus olhos claros e prateados aterraram finalmente em Bay. Havia uma estrada entre eles, mas, estranhamente, parecia que todos os carros

tinham desaparecido. Ele sorriu, e era tal como Bay suspeitara. Era como se ele lhe fosse capaz de dizer tudo o que ela queria ouvir.

– Estava a pensar – disse-lhe o homem numa voz suave – se me podias dizer onde é a Pendland Street?

Bay fez uma pausa perante a coincidência. Ela acabara de sair da casa dos Waverley que ficava na Pendland Street. Pendland Street era comprida e larga e tinha as moradias mais antigas de Bascom, casas confusas e românticas que os turistas gostavam de ver. Ele podia pertencer a qualquer uma delas. Ela olhou para a mala de viagem velha. Talvez ele se dirigisse para a estalagem da rua.

Ela apontou para o caminho de onde viera.

– Obrigado – agradeceu o homem.

De súbito, os carros voltaram a aparecer, percorrendo a agitada rua a toda a velocidade e obscurecendo-lhe a vista. Ela correu até à caixa de jornais mais próxima e pôs-se em cima dela, equilibrando-se com a ajuda do candeeiro de rua que se encontrava junto a ela.

Mas o relvado agora estava vazio. O homem tinha desaparecido.

Enquanto Bay estava sentada na caixa, passou um *Fiat* azul. Lá dentro estava a nata juvenil do secundário de Bay – Trinity Kale, Dakota Olsen, Riva Alexander e Louise Hammish-Holdem. Louise colocou a cabeça fora da janela e gritou a Bay numa voz melodiosa.

– Vamos para a casa do Josh! Queres que a gente lhe dê outro recado teu?

Bay, já habituada, limitou-se a suspirar enquanto observava o carro a passar. Depois, saltou de cima da caixa e dirigiu-se para o salão de cabeleireiro da mãe, do outro lado do relvado.

Quando entrou no salão, viu a mãe a conversar atentamente com a senhora da última marcação. Sydney tinha trinta e oito anos, mas parecia mais nova. Vestia-se com confiança, com as suas preferências a inclinarem-se para calções combinados com colãs às riscas e vestidos *vintage* dos anos cinquenta. A sua pele era suave e o cabelo de um delicioso loiro-caramelo – normalmente. Naquele dia, Bay podia jurar que tinha novos e eletrizantes reflexos vermelhos que não estavam lá de manhã.

Bay deixou cair a mochila atrás do balcão da receção onde Violet, a nova (e totalmente ineficiente) rececionista da mãe, dormitava na cadeira.

Até ressonava ligeiramente. Bay tirou um livro de bolso rasgado da mochila e elevou-o para que a mãe o pudesse ver, depois apontou para a porta para a mãe saber que ela estaria lá fora a ler.

Sydney acenou-lhe e olhou para ela como se a relembresse da carta de condução. Há meses que insistia para que Bay se inscrevesse nas aulas de condução. Mas Bay não queria aprender a conduzir. Se aprendesse, não havia maneira de saber que espécie de sarilho causaria a si própria antes da primeira geada. Não, era feliz a caminhar e a apanhar o autocarro até à casa da tia Claire e a esperar que a mãe saísse do trabalho ao final da tarde.

Demasiada liberdade era algo perigoso para uma rapariga apaixonada.

– Leva o telemóvel. Telefono-te se acabar mais cedo – disse Sydney e Bay, sem vontade, voltou atrás, tirou o telemóvel da mochila e colocou-o no bolso.

A mãe dizia que ela era, possivelmente, a única adolescente do mundo que não gostava de falar ao telemóvel. Não era necessariamente verdade. O problema é que mais ninguém lhe telefonava a não ser a mãe.

Bay atravessou o relvado, pensando por um instante para onde tinha ido o estranho velhote e considerando regressar a casa da tia Claire para ver se ele fora para lá. Mas fazê-lo significaria não poder ir a casa de Josh Matteson e voltar a tempo para sair depois da última marcação da mãe.

Por isso, percorreu alguns jardins e depois o bosque através da margem gelada do rio, onde se situavam as melhores casas de Bascom. O novo reitor do Orion College morava lá, tal como alguns médicos. E os Matteson, donos da maior fábrica de casas pré-fabricadas do estado. Se conhecem alguém que viva numa casa móvel, foi provavelmente feita aqui em Bascom por pessoas que moram numa casa de sete quartos estilo *Tudor*. À sombra das árvores meio despidas, Bay percorreu a colina que dava para o jardim traseiro dos Matteson. Ela podia ver para além da piscina, que fora coberta para a estação fria, o jacúzi e as portas abertas do pátio.

Já lá estavam imensos miúdos, alguns no jacúzi, outros a ver televisão na sala de estar que dava para o jardim. Tiravam partido do facto de os pais de Josh Matteson estarem fora naquele mês. Todos se esforçavam em demasia para parecerem à vontade, como se imitassem um filme, contudo, a verdade era que nenhum deles realmente pertencia ali.

Como as raparigas do *Fiat*, por exemplo. Trinity Kale, cujos pais estavam divorciados, pertencia à Florida, com os avós. E a Dakota Olsen queria estar a trabalhar no seu trabalho da faculdade porque claramente pertencia a Princeton. Riva Alexander, uma rapariga gorducha, sempre no fundo da pirâmide das meninas da claque, e sempre em dieta, queria estar em casa, a cozinhar. E Louise Hammish-Holdem, bom, Bay não sabia dizer ao certo onde pertencia ela, sabia apenas que não era ali. Basicamente, aquilo era o secundário. Ninguém estava onde pertencia. Estavam todos a caminho de outro sítio qualquer. Isto enlouquecia Bay e também fazia dela uma espécie de pária, pois sabia onde pertencia verdadeiramente. Pertencia ali, a Bascom.

Com o Josh Matteson.

Percebera que pertencia àquela cidade desde o momento em que a mãe se mudara de Seattle para ali com ela, quando Bay tinha cinco anos. Era o concretizar de um sonho que Bay tivera há muito tempo, um sonho onde estava deitada debaixo da macieira do jardim de Waverley, com toda a gente feliz e toda a gente no sítio certo. Demorara um pouco mais a perceber que era com Josh que devia estar. Bay e Josh nunca tinham tido oportunidade de socializar até àquele ano, quando Bay finalmente entrara no secundário, onde Josh era finalista.

Ele estava sentado à mesa do pátio, a participar numa conversa animada com outro membro da equipa de futebol. Era loiro e lindo, e engraçado, e bondoso, mas tão claramente infeliz que Bay se espantava como mais ninguém via isso. Erradiava à volta dele como fumo, como se ele estivesse a fumar, a arder lentamente.

Ela pertencia-lhe. Só isso já era difícil de suportar. Mas o facto de ela também saber que ele lhe pertencia, de que estava num caminho que não era o dele, era uma tortura. Fazê-lo acreditar era a coisa mais difícil que ela alguma vez tinha feito. Há dois meses fizera uma triste figura ao escrever-lhe o tal recado, dando a si própria uma reputação de que não precisava, para além de ser uma Waverley. Por isso, agora mantinha a distância.

Compreendera finalmente que, apesar de muito tentar, não podia fazer com que uma pessoa se apaixonasse por ela. Que não podia impedi-la de tomar a decisão incorreta.

Que não havia magia para isso.

A meio dessa noite, Claire Waverley acordou e tremeu. A janela do quarto do segundo andar do torreão estava aberta, deixando entrar o ar frio. O fresco pairava sobre a cama, brilhando em pequenas estrelas brancas que ela quase podia alcançar.

Levantou-se calmamente e dirigiu-se para a janela para tirar a tábua que o marido, Tyler, usara para a abrir. A chuvada da noite anterior trouxera finalmente o tempo frio à cidade, após o que fora um verão de São Martinho. Lá fora, as luzes do bairro brilhante com uma luminosidade azul, da mesma forma como um copo quente fica enevoadado quando o colocamos no frigorífico.

Claire olhou por cima do ombro para Tyler, destapado, com o peito nu a emanar ondas de calor. Ele nunca tinha frio. O homem até usava as *Birkenstocks* sem meias durante o ano todo.

– Vou terminar o trabalho – disse ela, suavemente. As palavras mal se formaram, pois ela não queria acordá-lo. Se ele acordasse, arrastá-la-ia para a cama consigo, dizendo-lhe que o trabalho podia esperar até de manhã.

Ela virou-se, não reparando que Tyler abrisse os olhos assim que ela saiu.

Mas não a deteve.

Há quase dez anos que eram casados e Claire ainda pensava, quando se sentia cansada e particularmente mal-humorada, porque estava ele ainda ali, porque a amava ainda tanto. Ele não era dali – mudara-se para aceitar um emprego no Orion College há uma década, uma altura na vida de Claire a que ela sempre se referia como o Ano Em Que Tudo Mudara – pelo que nunca investira verdadeiramente nas superstições e excentricidades de Bascom. Nunca levava muito a sério o facto de toda a gente da cidade acreditar que algo de estranho se passava com as Waverley, algo de inexplicável. Aliás, no fundo, ela sabia que ele não acreditava em nada daquilo. Ele amava o que não era especial nela. O cabelo, o riso, até a forma de ela andar. O que a deixava perplexa. Ela não conseguia imaginar-se sem o seu dom. Antigamente, ela costumava pensar que ser uma Waverley era a sua única qualidade.

Ela amava-o com uma força que lhe levava lágrimas ao olhos, e pensar em perdê-lo dava-lhe a sensação de estar prestes a cair dentro de um buraco negro.

Abanou a cabeça à medida que atravessava o corredor. Estava novamente a ser catastrofista. Tyler não iria a lado nenhum. Ela sabia que o marido era tão paciente e feliz como uma folha ao vento, indo para onde quer que Claire fosse. Porém, há muito que Claire percebera, mesmo após os sonhos da partida da mãe terem desvanecido, que não é possível esquecermos que as pessoas são capazes de partir, mesmo quando elas não o fazem.

Claire deteve-se no final do corredor. Abriu a porta do quarto da filha e viu que a janela de Mariah também estava aberta. Mariah dormia numa posição parecida à de Tyler, com as pernas e os braços esticados para os lados, como se flutuasse em água quente. Era tão parecida com o pai, e tão pouco com a mãe, que por vezes Claire pensava que era como amar outra parte do marido, completamente desprendida dela.

Pegou nas roupas de balé de Mariah e dobrou-as enquanto caminhava pelo quarto, olhando em volta e sentindo a normalidade da filha como uma pista do *puzzle* que não lhe fazia sentido. Mariah quisera um quarto cor de rosa, de um cor de rosa perfeito, do tom da cobertura do bolo de melancia. Quisera mobília branca e um edredão tufoso de princesa. Não quisera o antigo papel de parede, as antiguidades ou as cobertas feitas à mão. A filha andava no balé e na ginástica e era sempre convidada para dormir em casa de colegas e ir às suas festas de aniversário. Até fazia amigos com facilidade. Naquela semana, contara que tinha uma nova melhor amiga chamada Em, e não falava de outra coisa. Este tipo de normalidade nunca era fácil de encarar por parte de uma Waverley. E, apesar disso, ali estava Mariah, tão normal como o pai, tão feliz como ele, e tão inconsciente como ele em relação às excentricidades de Claire e da casa.

Alcançou a janela aberta de Mariah e fechou-a. Pensou em tudo o que tinha a fazer lá em baixo. Certificar-se-ia de que todas as suas encomendas de sexta-feira estavam empacotadas e etiquetadas. Depois, responderia a *emails* no escritório e guardá-los-ia na pasta dos rascunhos para enviá-los durante as horas de trabalho para que ninguém soubesse que estava

acordada às duas da manhã, preocupada com coisas que não deviam preocupá-la.

Estavam todos entusiasmados com a Waverley's Candies, com o que crescera, como trazia tanta atenção a Bascom. Tyler, com o sobrolho erguido depois de saber qual fora a margem de lucro durante o verão, comentou alegremente que o novo negócio era ótimo para a contapoupança da universidade de Mariah. E até Claire teve de admitir que fora excitante – ver o nome Waverley nas etiquetas dos doces pela primeira vez; o estranho, mas não desagradável, retinir de nervos assim que verdadeiramente se apercebeu de que havia inúmeras pessoas a comprar o que ela fizera. A Claire. Uma Waverley. Era tão diferente do *catering*, já não era apenas um talento para a família e os amigos, mas para um público muito mais abrangente. Parecia o início de algo grande e ela não estava imune à ideia de sucesso. Na verdade, sentia-se emocionada com a ideia, trabalhando arduamente nos doces e pensando como a avó se teria sentido orgulhosa. A avó Mary fora uma mulher intensamente solitária que só vendia os seus produtos – as geleias de hortelã, as tartes de creme de ovos de amores-secretos e o vinho de gerânio-rosa – a pessoas que lhe vinham bater à porta, como se se tratasse de um segredo muito bem guardado.

Contudo, à medida que a primeira geada se aproximava, trazendo consigo uma incerteza palpável, Claire não podia negar que havia algo de errado com a Waverley's Candies.

Quando as encomendas de cadeias de lojas *gourmet* e de lojas de especialidade do Sul começaram a chegar após o artigo da *Southern Living*, Claire não conseguiu fazer sozinha as essências florais que davam sabor aos seus doces. A procura foi tão grande que o seu jardim não era suficiente, pelo que teve de comprar as essências em vez de as fazer.

E ninguém reparou.

Tal como as etiquetas dos frascos diziam, os doces de limão verbena continuavam a acalmar as crianças e a curar gargantas inflamadas. Os doces de lavanda davam às pessoas uma sensação de felicidade. E todos juravam que os doces de rosas os lembravam dos seus primeiros amores.

No entanto, os doces não tinham nada que viesse do jardim dos Waverley, a fonte mística de tudo em que Claire acreditava.

Em momentos mais fracos, dava consigo a pensar «E se aquilo não fosse real? E se Tyler tivesse razão e os Waverley fossem apenas estranhos porque era o que se dizia há gerações? Por viverem junto a uma macieira que florescia na época errada do ano? E se a menina que Claire fora, a que tinha sido abandonada ali enquanto criança, agarrada ao avental da avó, se tivesse apegado ao mito da família simplesmente porque desejava ter raízes? E se as flores não fossem especiais? E se ela não fosse especial?». Em vez de manter o nome Waverley envolto em mistério e apenas na sua localidade, tal como a avó fizera, Claire expandira-o a mais especulação. Quisera a atenção, quisera que mais pessoas conhecessem o seu dom, como se este lhe parecesse mais real por mais pessoas o conhecerem. Começava a pensar se não trairia um segredo que a avó lhe confiara.

Não ajudava que nesta altura do ano Claire sentisse muito a falta da avó Mary. Claire tinha vinte e quatro anos quando ela morrera. Perfazia vinte, mas por vezes ela ainda era capaz de sentir o cheiro do pão de figo e pimenta da avó, e de sentir a sua presença quando um pacote de leite condensado caía dentro do lava-loiça ou as tigelas da prateleira se organizavam por cores do dia para a noite. Ela sentia falta da naturalidade que a avó lhe trazia, da sua importância.

Afastou-se da janela de Mariah para ir à cozinha. Deteve-se, depois voltou atrás. Pensou ter visto uma sombra, do outro lado da rua, no passeio em frente da casa de Mrs. Kranowski. Semicerrou os olhos, com o nariz quase colado ao vidro, e viu a sombra ganhar forma.

Estava alguém na escuridão entre os candeeiros da rua. Era um homem alto, que vestia qualquer coisa leve, como um fato cinzento. O seu cabelo era grisalho. Tudo o resto era obscuro, como se a pele dele fosse invisível.

Contudo, ele olhava na direção dela.

Claire certificou-se de que a janela de Mariah estava fechada, depois desceu rapidamente as escadas e tirou uma lanterna de uma das gavetas da mesa junto à porta.

Destrancou a porta e abriu-a, saindo para o pátio. As tábuas de madeira frias gelaram-lhe os dedos dos pés.

Naquele momento, já não estava ninguém do outro lado da rua.

– Está alguém aí? – disse ela.

Ligou a lanterna e apontou a luz para o jardim da frente. Corria uma brisa que apanhava as folhas e fazia-as rodopiar soando como páginas de

livros a virar numa biblioteca silenciosa. O cão de Mrs. Kranowski ladrrou várias vezes. Depois, tudo ficou em silêncio.

Havia um cheiro familiar no ar, algo que ela não conseguia identificar, uma mistura de cigarros, cerveja, suor e, por mais estranho que parecesse, *gloss* de cereja para os lábios barato.

Segundo a experiência de Claire, tudo tinha um significado. E a visão daquele homem fez com que ela se arrepiasse.

A primeira geada era sempre imprevisível, contudo, naquele ano, parecia mais... desesperante.

Algo estava prestes a acontecer.

Horas antes, nesse dia, quando o homem saíra do autocarro em direção ao relvado da baixa de Bascom, olhara em volta espantado, pensando como chegara a sua vida àquele ponto.

Normalmente, estava sempre um passo à frente do tempo frio, fazendo biscates enquanto seguia todos os anos do Norte para a Florida. Muitas pessoas passavam lá o inverno. Principalmente os da velha guarda como ele, que nunca se referiam ao passado como os bons velhos tempos.

Contudo, precisava de arranjar dinheiro, razão pela qual fizera ali uma paragem. Não seria muito, mas daria para viver durante os próximos meses. Naquele ano, o negócio estivera um pouco parado. Cada vez tinha menos pessoas na lista e, verdade fosse dita, já não era tão bom como antigamente. Fora capaz de chantagear os outros com tanta perícia que eles achavam que lhe davam o seu dinheiro de livre e espontânea vontade. Só que o seu coração já não queria fazê-lo.

Como dizia a expressão.

Tinha quase a certeza de já não ter coração. A única coisa que fazia com que o sangue lhe continuasse a correr pelas veias era a emoção do roubo e mesmo isso já lhe parecia mecânico. A última vez que se lembrava de ter sentido adrenalina no coração fora quando tivera oito anos e a mãe, a incrível Zelda Zahler, encantadora de serpentes das areias do Saara, o abandonara durante a noite para nunca mais voltar. O nome verdadeiro dela tinha sido Ruthie Snoderly, e provinha da pequena cidade de Juke, no Oeste da Virgínia, quase tão longe como as próprias areias do Saara. Não

fora nem bonita nem simpática, mas amara-o. Por baixo dos quilos de maquilhagem, a sua pele estava coberta de bexigas, porém, ele olhava para ela desde o berço com adoração e imaginava que as cicatrizes dela eram constelações, um mapa secreto para um lugar longínquo e feliz. O sotaque dela tinha sido rural e muito marcado e, por vezes, quando ele ouvia atualmente o sotaque apalache, dava consigo a desejar algo que nunca tivera: um lar.

Pousou a mala de viagem. Era um sítio estranho, aquela cidade da Carolina do Norte. Havia uma enorme escultura cinzenta de uma cabeça meio enterrada no parque. Um dos olhos tinha um monóculo e o cabelo fora tão bem moldado que até as marcas do pente pareciam reais. Suspirou, pensando que o esforço quase não valia a pena. Se não se tivesse dado ao trabalho de fazer uma pesquisa tão pormenorizada, esperaria pelo próximo autocarro e ia para a Florida de uma vez. Talvez arranjasse um emprego num restaurante de comida rápida no inverno.

O Grande Bandido a trabalhar num restaurante de comida rápida.

Não, isso era algo que nem ele concebia.

Tinha de pôr as ideias em ordem. Primeiro, tinha de encontrar a Pendland Street.

Virou-se e reparou numa adolescente do outro lado da rua. Tinha o cabelo escuro e comprido e um olhar penetrante. Parara para observá-lo. Nem toda a gente conseguia manter o olhar fixo durante tanto tempo sem parecer mal educada. Ele tirou-lhe logo a pinta: demasiado observadora. Sorriu-lhe para a pôr à vontade.

— Estava a pensar — dissera-lhe ele —, se me podias dizer onde é a Pendland Street?

Ela apontara para oeste e ele agradeceu-lhe, pegando na mala de viagem e acelerando o passo. Era melhor continuar a ser um mistério para alguns. A confusão era sempre a melhor maneira de sair de uma situação estranha. Qualquer bom mágico sabia isso.

Encontrou rapidamente a rua e deambulou pelas casas antigas. Suficientemente decentes, pensou. Contudo, o bairro não lhe dava esperança de fazer mais dinheiro do que o esperado.

Não fazia a mínima ideia onde ficar. Nunca fazia. Normalmente ficava num parque ou num bosque qualquer. Mas os seus ossos já não eram os mesmos. Hoje em dia, preferia aconchegos mais macios. Bancos mais

macios, camas mais macias, alvos mais macios. E havia uma brisa fria no ar de que não gostava. Não seguia consideravelmente depressa para evitar o toque frio do outono, que marchava a passo firme do norte e lhe fazia doer as articulações.

Deteve-se a meio da rua sinuosa. Os pés doíam-lhe, pois os sapatos, apesar de estarem tão engraxados que conseguiam refletir a luz do Sol, começavam a formar buracos nas solas e faziam-no sentir todas as pedras que pisava.

Olhou para cima e viu que parara diante de uma casa com um enorme letreiro na relva que dizia: Estalagem Histórica de Pendland Street.

Olhou para a morada. Estava a nove casas do seu alvo. Aquilo era realmente fortuito. Talvez as coisas estivessem a mudar.

Em vez de seguir para casa do alvo para a examinar, de noite era a melhor altura para o fazer, encaminhou-se para a estalagem. A casa era cor de rosa, com persianas vermelhas. Os adornos das arcadas eram brancos, tal como o pórtico. Havia mais de quatro abóboras em cada um dos degraus que davam para o pórtico, todas de cores e tamanhos diferentes; algumas até eram brancas e uma era roxa. Havia erva-das-pampas seca numa urna junto à porta. Alguém tivera muito trabalho com as decorações outonais.

Abriu a porta, que tinha uma coroa feita de bagas vermelhas, e entrou.

Era como outra qualquer casa antiga transformada em estalagem, com muita madeira escura brilhante, uma sala de estar à esquerda, uma sala de jantar à direita, e uma escadaria para o andar de cima. Tinha um balcão de atendimento à entrada. Mais abóboras e decorações feitas com flores *lunaria annua* prateadas e lanternas de papel japonesas. Alguém também levava muito a sério as suas aulas de ornamentos florais.

Ele pousou a mala de viagem e olhou em volta. Não havia ali ninguém. Não deviam oferecer o jantar aos hóspedes. No entanto, o facto de haver uma sala de jantar dava a entender que havia uma cozinha algures que ele podia assaltar. Há horas que não comia. Fez soar o sino da secretária e esperou, analisando as fotografias na parede. A maioria mostrava um impecável homem de sessenta e tal anos de ar modesto a apertar a mão a pessoas que pareciam ser celebridades locais.

Mas não foi o homem das fotografias que lhe apareceu vindo de um quarto atrás das escadas.

Tratava-se de uma mulher terrivelmente magra que lhe lembrava uma contorcionista que uma vez conhecera, chamada Gretel. A mulher tinha cinquenta e muitos anos ou sessenta e poucos. O seu cabelo estava pintado de castanho-escuro e a sua pele tinha o tom pálido de quem fuma dois maços de cigarros por dia. Os olhos, provavelmente a sua única beleza de juventude, eram muito verdes. Examinou-a de alto a baixo mal a viu. Era uma mulher que há muito percebera que não teria o seu final feliz. Todavia, tal como todas as mulheres frustradas, continuava a acreditar em finais felizes, só que apenas para os outros.

– Posso ajudá-lo? – disse ela, sem grande entusiasmo. Tresandava a tabaco.

Ele sorriu-lhe, olhando-a nos olhos. Devia ter mais vinte anos que ela, mas sabia que ainda era atraente, de uma forma refinada. O seu cabelo era espesso e grisalho e os seus olhos de um invulgar cinzento vivo. Eram olhos com um poder hipnotizante, única razão pela qual pudera continuar no Circo Itinerante de Sir Walter Trott depois de a mãe o ter abandonado. Bem, uma das razões.

– Queria um quarto, por favor.

Ela voltou-se para o computador da secretária e despertou-o ao abanar o rato.

– Tem reserva?

– Infelizmente, não.

Ela olhou-o, irritada.

– Estamos na estação alta. A estalagem está cheia. Lamento.

Ele inclinou-se ligeiramente para a frente, observando-lhe os lábios e mostrando o seu agrado pelo esforço que ela fizera com o batom.

– De certeza que poderá abrir uma exceção para este viajante. Vim de muito longe.

Ela pareceu surpreendida, como se aquela espécie de atenção fosse inesperada. Inesperada, mas não indesejada. Não, ele não a lera mal. Raramente o fazia.

– O meu irmão teria um ataque – disse ela, colocando a mão no colarinho do polo branco com o logótipo da Estalagem de Pendlad Street bordado no peito.

– Mas algo me diz que saberia como dar a volta à situação – retorquiu ele a sorrir. Deu-lhe a entender que reparara que ela não usava aliança ao

olhar para a mão que brincava com o colarinho. – Sempre achei que as pessoas mais espertas não são as que mandam, mas as que deixam que elas pensem que mandam. Irmão mais velho? – Ele via que sim, pelas fotografias.

– Sim. Como adivinhou?

– Eu também tive um irmão mais velho. – Claro que era mentira.

– Ele também era um canalha? – perguntou a mulher. A sua linguagem familiar e coloquial deu-lhe a entender que conseguira o que queria.

Assentiu em solidariedade.

– As histórias que eu lhe poderia contar...

– E adoro ouvir uma boa história. Oh, que se lixe – disse a mulher, virando-se para o computador. – Hoje é o seu dia de sorte. Normalmente, o meu irmão não me deixa estar na receção. Diz que não tenho capacidade para isso. Que posso cancelar uma reserva. – Ela inseriu algo no computador. – Cartão de crédito ou de identificação? – perguntou, olhando para ele.

– Está na minha mala de viagem – disse ele, apontando para a mala de pele que pousara no chão. – Se não for incómodo, posso ir primeiro para o quarto? Eu procuro no meio das minhas coisas e depois dou-lho. A seguir a uma sesta, pode ser?

Se aquilo a fez desconfiar de algo, ela não o mostrou. Ele tinha a certeza de que ela já não se importava se o irmão recebia o pagamento do quarto ou não.

– Quarto seis. O pequeno-almoço é às oito e às quatro há chá. – Deu-lhe a chave. – Não fale desta conversa ao meu irmão.

– Os meus lábios são um túmulo – assegurou-lhe ele. – Obrigado, Mistress...?

– Ainsley. Anne Ainsley. Miss – disse ela intencionalmente. – E o senhor é?

O Great Banditi sorriu e fez-lhe uma pequena reverência.

– Russell Zahler, ao seu serviço.

Na manhã seguinte, Sydney Waverley-Hopkins sentou-se à mesa da cozinha enquanto Bay comia cereais de chocolate e lia a sua versão

antiga de *Romeu e Julieta*. Ela já estava vestida para a escola, usando uma *T-shirt* que dizia: vem para o lado negro. temos bolinhos.

Sydney olhou para Bay, mas ela não retribuiu o olhar.

– Aham. – Sydney aclarou a garganta e baixou a cabeça, tentando encontrar os olhos de Bay acima do livro.

Nada.

Sydney suspirou e levantou-se para voltar a encher a chávena de café. Só tinha de estar no trabalho às dez, mas não queria perder a oportunidade de estar com Bay. Sentia-se determinada a estar em casa quando a filha finalmente decidisse contar-lhe o que a preocupava, o que a mantinha tão distante e triste ultimamente.

O que quer que fosse, fazia com que Bay quisesse passar mais tempo com a tia Claire. Contudo, Sydney não desistiria destas manhãs. Limitar-se-ia a sentar-se e a esperar. Um dia, Bay precisaria dos seus conselhos. Sydney lembrava-se dos seus anos de adolescente, ali em Bascom, com uma clareza que não desejava. Por vezes, ficava sem fôlego, recordando-se de como esses anos tinham sido sufocantes. Sabia o que a filha estava a passar, embora Bay não acreditasse.

Ainda era de madrugada e a janela por cima do lava-loiça só mostrava escuridão. Sydney conseguia ver o reflexo das costas de Bay. Apertou o quimono vermelho com mais força em redor da cintura, sentindo um vazio no estômago sempre que se apercebia de que a sua única filha seria uma adulta em poucos anos. Tinha uma suspeita irritante de que Bay estava à beira de um abismo e, assim que se movesse, Sydney mergulharia para sempre na escuridão. Sydney sempre pensara que teria mais filhos. Tentava não pensar nisso todos os meses. Achava que, se agisse como se não desse importância ao calendário, o destino a surpreenderia. Mas não. Sydney andara quase num estado paranoico nas últimas semanas, surpreendendo o marido, Henry, no escritório, à hora de almoço, e saltando-lhe para cima assim que ele se deitava na cama, à noite.

Não tivera experiência com crianças antes de ter Bay e nem sempre tomara as melhores decisões. Queria mais uma oportunidade. Ficara com o pai de Bay, David, mais tempo do que devia. Era uma daquelas coisas que as mulheres supunham saber sempre sobre elas próprias – que nunca ficariam depois da primeira estalada, que nunca deixariam os filhos viver naquele ambiente. Contudo, a capacidade de uma mulher em surpreender-

se a si própria é muito mais forte do que a sua capacidade em surpreender os outros. Sydney permanecera, sem saber para onde ir. Deixara a cidade natal de Bascom aos dezoito anos, partindo em más condições com a fúria do seu ressentimento e sem intenção de voltar. Odiara a sua reputação Waverley, odiara todos os colegas adolescentes que a tinham rejeitado, odiara nunca ser aquilo que verdadeiramente quisera ser. Só que David, a pessoa com quem estava, também não era a pessoa com quem quisera estar. Fugira de Seattle e de David quando Bay tinha cinco anos. Apercebera-se finalmente de que, se estivera tão equivocada sobre a vida fora de Bascom, provavelmente também o estivera em relação a sair de Bascom.

Por vezes, ainda acordava a meio da noite a sentir um medo antigo, dores como nódoas negras no tronco e nas faces, pensando que David ainda estava vivo e que as encontraria ali. Só que ele já morrera há muito tempo, recordar-se-ia. Há dez anos. O Ano Em Que Tudo Mudou, chamou-lhe Claire. Ele morrera repentinamente na prisão depois de Sydney ter feito queixa contra ele.

Sim, ela cometera muitos erros. E, desta vez, queria desesperadamente acertar.

Talvez, então, se sentisse perdoada.

Despertou dos seus pensamentos quando ouviu a colher de Bay a bater na tigela. Viu o reflexo dela levantar-se da mesa.

– A última reunião do comité de decoração do baile de Halloween é esta tarde, não é? – perguntou Sydney à medida que Bay se aproximava e metia a tigela no lava-loiça.

– Sim. Mas chegarei a tempo de tomar conta da Mariah enquanto tu e a Claire vão sair para namorar.

Aquilo fez com que Sydney se risse.

– Assim até parece mal. Namorar. *Bleq*. Que coisa tão horrível para se fazer. Devias experimentar, um dia destes. Acho que ias gostar.

– Ninguém quer namorar comigo – afirmou Bay, apertando o fecho da *sweatshirt*. – Posso passar a noite em casa dos Waverley? Já que vou lá estar a tomar conta da Mariah...

– Se a Claire não se importar. Sabes, podes ser tu a perguntar. Quero dizer, podes ser tu a perguntar a algum rapaz se quer sair contigo.

Bay revirou os olhos.

– Pois, claro.

– A sério – disse Sydney, tirando o cabelo de Bay de dentro da *sweatshirt* e alisando-o à volta dos ombros dela. – Pergunta ao Phin. Vejo-vos sempre a falar na paragem de autocarro.

– Somos colegas párias. É só isso.

– Tu não és uma pária. Quanto mais o dizes, mais se torna verdade na cabeça das pessoas. – Sydney olhou a filha nos olhos. – Quem me dera fazer com que te visses como eu te vejo.

– Como uma miúda de cinco anos com uma macieira como melhor amiga? – perguntou Bay, colocando o livro *Romeu e Julieta* dentro do bolso traseiro.

– Não. – Embora fosse verdade. Sydney veria sempre Bay como a menininha de cabelo preto e olhos azuis que se mudara com ela, naquele verão, para casa de Claire. Bay ficava deitada durante horas debaixo da árvore do jardim dos Waverley, a sonhar acordada.

– Como uma miúda de quinze anos com uma macieira como melhor amiga? – perguntou Bay.

– Bay, para com isso – retorquiu Sydney, seguindo-a em direção à sala de estar. – Aquela macieira não é tua amiga. O Phin é teu amigo. A Riva Alexander é tua amiga. Foi ela que te perguntou se querias fazer parte do comité de decoração, não foi?

– A Riva é... decente, acho eu. Mas não é minha amiga. Só me pôs no comité porque viu que os professores me estavam sempre a pedir para dispor as mesas das salas numa formação que fizesse mais sentido – respondeu Bay. – Sabes o que alguns miúdos me chamam? Bay Feng Shui. A Riva pôs-me no comité. Não me perguntou se eu queria fazer parte dele.

– Porque és muito boa nessas coisas. O *design* de interiores é o teu futuro. Tenho a certeza. É o que devias estudar quando fores para a universidade – aconselhou Sydney de modo animador, dando-lhe a entender que aquela tristeza não duraria para sempre.

Bay encolheu os ombros enquanto pegava na mochila pousada no grande sofá bege em frente à lareira. Quando Sydney casara com Henry, assentando ali raízes de uma forma que nunca imaginara depois de deixar a cidade aos dezoito anos, a quinta estava decorada num estilo muito primitivo. Henry e o avô tinham vivido ali sozinhos durante anos e nunca

se importaram com as paredes escuras nem com os tapetes cheios de buracos: da porta principal para a sala de estar; da sala de estar para o quarto; do quarto para a casa de banho; da casa de banho para a cozinha, da cozinha para a porta das traseiras. Henry seguira sempre o percurso do avô. Quando Bay e Sydney se mudaram para a casa, encheram o espaço com mobília e cortinados coloridos, tapetes novos e tinta amarela que brilhava à luz do Sol. Há poucos anos, até tinham remodelado a cozinha com armários de portas de vidro, um lava-loiça semiencastrado e tábuas de madeira clara no chão. A decoração podia ter mudado, mas a rotina de Henry não. Ainda fazia todos os dias o mesmo caminho dentro da casa. Todavia, ao contrário do avô, não tinha um filho ou um neto que o seguisse.

Aquilo fez com que Sydney levasse a mão à barriga.

Bay dirigiu-se para a porta principal.

– Não quero discutir contigo, mãe. Estou a dar o meu melhor. A sério. Por mais que te esforces, não consegues facilitar-me a vida. Sei que queres fazê-lo. Mas não podes. Gosto muito de ti.

Era ali que ela se enganava. Bay estava a afundar-se. Só que ainda não tinha percebido. E o trabalho de Sydney era manter a cabeça da filha acima da água.

Sydney seguiu-a até à porta e observou Bay a descer os degraus da frente. O sol começava a levantar-se.

– Também gosto muito de ti, filhinha – disse ela.

Bay percorreu a longa estrada da quinta, passando por campos frios e húmidos. Amanhecia e uma névoa misteriosa pairava acima do chão, sem lhe tocar. À distância, ela conseguia ouvir as vacas a dirigirem-se para o celeiro para serem ordenhadas. Era um trabalho lento e firme. Como uma dança, todas as manhãs. O seu pai Henry dançava com as vacas dele.

Quando alcançou a estrada principal, Phineus Young já lá estava. Era alto e magro, com o cabelo loiro quase branco e os olhos verde-claros. A sua família um pouco vulgar vivia do outro lado da rua, numa propriedade cheia de carros velhos e antigos pneus de tratores a fazerem de vasos para flores. Os Young eram conhecidos pela sua força. Eram os que faziam os

trabalhos árduos e manuais da cidade. Muitos tinham trabalhado na ordenha durante anos.

Dizia a lenda que uma vez em cada geração, uma criança Young nascia com mais força do que os outros membros da família, e que por isso lhe punham sempre o nome de Phineus. Era o homem mais forte da cidade, o que todos chamavam para fazer o verdadeiro trabalho pesado – levantar sozinho velhas tampas de poços, remover grandes pedras de espaços pequenos, ou cortar árvores mortas sem usar uma serra elétrica barulhenta porque havia bebês a dormir.

Mas Phin não era propriamente o que se designava por «forte como um touro». Apesar do nome e das expectativas de toda a gente, não era o homem mais forte da cidade. Nunca ninguém lhe pedia nada. Ele era, nas suas próprias palavras, um imprestável. Phin e Bay encontravam-se ali, na paragem, todas as manhãs desde o primeiro ano. A mãe de Bay fez-lhes companhia durante anos, preocupada por deixá-los sozinhos na rua. Os pais de Phin nunca se preocupavam. Nunca ninguém se metia com um Young, principalmente se se chamasse Phineus. Por volta do sexto ano, Bay conseguiu convencer a mãe de que não havia problema em ficarem sozinhos na paragem.

– Olá, Phin – disse Bay, parando ao lado dele. A sua respiração fez uma nuvem de vapor visível em frente a ela. Enfiou o queixo na *sweatshirt*. Nunca falavam na escola, só ali. Tinham um entendimento de paragem de autocarro.

– Olá, Bay.

Ele sabia da carta que ela enviara a Josh. Todos na escola sabiam. Contudo, era suficientemente simpático para não lho referir. Mantiveram-se no frio, num silêncio confortável. Quase não havia trânsito àquela hora da manhã.

– Então, as decorações do baile de Halloween de amanhã estão a ficar bonitas? – perguntou Phin, de súbito.

– Sim. – Bay olhou-o, curiosa. – Tu vais?

Ele suspirou e remexeu na gravilha com as pontas das velhas botas militares que haviam pertencido ao seu falecido pai, morto no Afeganistão.

– Eu? Nem pensar. – Fez uma pausa e depois acrescentou: – A Riva Alexander também está no comité de decoração, não está?

– Está.

– Ouvi-a falar sobre a comida que vai levar. Parecia boa – disse Phin, com pena. – Ela até é simpática.

– A Riva? A sério? – Bay abanou a cabeça como se estivesse desapontada com ele. – Phin.

– Oh, vá lá. Tu podes cair de quatro pelo Josh Matteson e eu não posso gostar da Riva... – Ele reparou no ar dela e disse: – Desculpa.

– Tudo bem. – Quando uma pessoa tira o coração do peito e o mostra a toda a gente, não pode esperar que as pessoas não reparem nele.

Phin riu-se um bocadinho.

– Podemos sempre sonhar com uma vida normal, não é?

– Não, Phin, não podemos. E não devemos. Estamos bem tal como estamos! Somos espetaculares – afirmou ela, com uma atitude altiva. Ultimamente, andava sempre assim.

Ela não costumava ser assim. Sempre fora confiante na sua origem e em quem era, mas, nos últimos tempos, era muito insistente em relação a isso. Por vezes, ouvia-se a si própria e até ela se achava irritante. Estava a compensar algo em excesso. Sabia-o. O problema era que recentemente as suas emoções eram muito difíceis de controlar. Chorava por tudo e por nada. Zangava-se com a mãe sem nenhuma razão aparente. Tinha quinze anos. Fazia parte. Mas coincidia com aquela altura do ano. Assim que a primeira geada chegasse, ela sabia que tudo melhoraria. Que seria mais simpática para a mãe. Que se inscreveria nas aulas de condução. E que até Josh se poderia apaixonar por ela, e então tudo seria perfeito.

– Quero viver no teu mundo – disse Phin.

– De que estás a falar, esquisitóide? – Ela deu-lhe uma cotovelada, na brincadeira. Ele era tão magro que era como empurrar algo flexível, como uma palhinha de plástico. – Já vives.

Nessa sexta-feira, depois das aulas, Bay dirigiu-se para a última reunião do comité de decoração, no ginásio da escola – instalações muito modernas e obscenamente grandes que faziam com que os outros três edifícios académicos do Bascom High parecessem pequenos. Há uns anos, o clube de apoio ao ginásio do secundário conseguira angariar os fundos para a sua construção em menos de seis meses. Pelos vistos, havia muitos

pais com os bolsos cheios e recordações dos seus tempos áureos desportivos. O lugar cheirava a tinta fresca, a borracha nova e a oportunidades desperdiçadas.

Há um mês, na primeira reunião do comité de decoração, Riva Alexander permitira que Bay explicasse como queria que o ginásio fosse decorado, depois, deixou-a fazer uma lista das coisas que tinham de ser compradas enquanto as outras raparigas do comité falavam das máscaras que iam usar. Na segunda reunião, Bay fez os trabalhos de casa de química enquanto Riva entretinha o comité com a comida e as bebidas que ela e a mãe iam levar: folhados que mais pareciam dedos redondos e rugosos, com amêndoas prateadas como unhas; grandes doseadores de plástico para bebidas com olhos de plástico a flutuar lá dentro. Passaram duas horas em frente ao computador portátil de Riva a ver as páginas do Pinterest onde ela tinha pesquisado as suas ideias.

Quando Riva pedira a Bay para ajudar na decoração, dissera-lhe por alto que esperava que a sua tia Claire também fornecesse comida para o baile. Riva adorava comida, e teria adorado passar horas a falar de ementas com Claire, de pudins, *crème fraîche* e sal rosa dos Himalaias. Contudo, Riva estava com pouca sorte. Se não fosse doces, Claire não estava interessada.

Normalmente, nesta altura do ano, Claire tinha muitas encomendas de *catering*. Tinha quase sempre uma festa por dia no mês de outubro. Bay lembrava-se da casa dos Waverley repleta de aromas de abóboras no outono. Houvera montanhas de bolos de ácer com violetas escondidas lá dentro, lagos de sopa de noz-manteiga com pétalas de crisântemos a flutuar no cimo. Mas naquele ano, não. Quando Claire não fazia doces, estava ao telefone a falar sobre doces, ou a receber encomendas de doces, ou a empacotar doces. Às vezes até telefonavam empresas a pedir para comprar a Waverley's Candies. Na opinião de Bay, Claire a fazer bolos era como a cadeira perfeita, na cor perfeita, na sala de estar perfeita – só que feita do tecido errado. E, quando algo tão pequeno estava errado, a maioria das pessoas não se incomodava em corrigi-lo.

As decorações para o baile tinham chegado nesse semana, pelo que a última reunião do comité devia ser passada a montá-las. Bay tentou fazer os trabalhos de casa nas bancadas, mas as outras raparigas estavam sempre a interrompê-la para lhe perguntar onde deviam pôr as coisas. Ela acabou por pousar os livros e juntar-se a elas. Alguns rapazes da equipa de futebol

– namorados e pseudonamorados – apareceram com fita-cola, corda e escadas que tinham ido buscar ao armário do porteiro, e comportaram-se como autênticos homenzinhos.

Bay ficou no meio do ginásio a dirigi-los a todos, sentindo-se como uma patinadora de gelo dentro de um globo de neve, a rodopiar de um lado para o outro. Era bom. Sempre tivera aquela imagem na sua cabeça, do produto final, das coisas no seu devido sítio, e foi uma alegria quando finalmente pôde concretizá-lo na vida real.

A princípio, não se apercebeu de que todos tinham parado. A música do computador de Riva continuava a tocar. Bay admirava a bola de espelhos presa nas vigas de aço. Estava envolta em papéis cortados artisticamente que projetavam sombras nas paredes que faziam lembrar uma floresta obscura. Em seu redor, encontravam-se morcegos de papel brilhante que perseguiam luas cheias feitas de pipocas empacotadas que os alunos podiam arrancar do teto. Ela acabou por olhar em volta e viu o grupo com os olhos fixos nas portas do ginásio.

Ali estava Josh Matteson, com pedaços de fumo à volta dos ombros que só ela era capaz de ver. Quase levou a mão ao coração, mas deteve-se e fingiu que coçava o pescoço.

Também ele parecia confuso por toda a gente ter feito silêncio. Foi então que reparou em Bay.

Bay amaldiçoou o estúpido recado. Levava semanas a escrevê-lo. Quando a escola começara em agosto, ela vira Josh no corredor logo no primeiro dia e foi aí que ficou com mel a correr-lhe nas veias. O recado mostrara toda a sua paixão e sinceridade. Ela descrevera os seus sentimentos o melhor que conseguira, apesar de não saber se tinha acertado. Dissera-lhe que estaria todos os dias nos degraus fronteiros da escola, à espera dele, caso ele quisesse falar com ela – algo que ainda fazia, quase atrasando-se para o trabalho em casa da tia Claire todos os finais de tarde, porém, não conseguia evitá-lo.

Engraçado, quando lhe entregara o recado – diante dos amigos dele, o seu primeiro erro – nunca lhe ocorrera que ele não acreditaria nela.

Em defesa de Josh, ele sorriu-lhe das portas do ginásio.

– Não sabia para onde todos tinham ido – disse ele, naquela sua voz clara e profunda, como água fresca a correr numa caverna escura.

– Vamos ter a tua casa mais tarde – disse Riva, avançando rapidamente. Riva parecia já estar a usar uma máscara. Preferia saias vaporosas até ao tornozelo e panos coloridos atados à cintura. Os seus olhos eram ligeiramente caídos, o que lhe conferia uma aparência exótica e um ar nómada, apesar de ser loira de olhos azuis. Havia qualquer coisa de diferente nela, tornando-a a estranha do grupo, a que era sempre excluída e excomungada durante dias sem fim por meninas más sem razões explicáveis.

– Queres ficar e ajudar na decoração? – acrescentou Riva, sem muita vontade, pois, se realmente o quisesse ali, tê-lo-ia convidado desde o início. Mas não o fizera. Por causa de Bay. Josh evitava vê-la e os seus amigos sabiam disso. E o que Josh pensava era importante para eles. Josh era uma estrela da equipa de futebol, o vice-delegado de turma, e fora votado como a pessoa mais provável para entrar no quadro de honra da escola – só por causa do apelido, pensavam alguns. Contudo, eles só viam o rapaz perfeito, bonito e relaxado que ele era. Não aguentavam vê-lo infeliz.

– Não – disse Josh. – Não sou muito bom nesse tipo de coisa. Vou só ficar a ver.

Todos tentaram agir normalmente, respeitando Josh enquanto tentavam não insultar Bay para que ela não fugisse e os deixasse em apuros. Precisavam dela. Todos as escolas secundárias do condado tinham sido convidados para a *soirée*, pelo que tinha de ser especial, a melhor, para fazerem inveja aos rivais.

Mas Bay nunca o faria – nunca fugiria dela própria.

Era tão embaraçoso e bizarro para toda a gente, principalmente para Bay, que foi um alívio quando acabou e todos seguiram o seu caminho, com Josh a deixar um rasto de fumo atrás de si que desvaneceu na brisa.

Bay foi a pé da escola até casa da tia na escuridão crescente, tendo perdido o último autocarro por causa da reunião. Não lhe apetecia correr como normalmente fazia, sempre demasiado ansiosa para chegar a casa dos Waverley. Pisava devagar as folhas secas e vermelhas no passeio, com o rosto concentrado no Sol que descia, e a cabeça em Josh. Quando se via com ele, via neve, pelo que se calhar aquele inverno aconteceria alguma coisa. Talvez só tivesse de ser paciente. Há muito tempo que descobrira que pôr as coisas no sítio certo podia demorar, pelo que aprendera a esperar. Se ao menos não tivesse aquela ânsia que por vezes parecia uma dor física. Nunca ninguém lhe dissera que seria assim. Era de espantar que as pessoas se apaixonassem.

– Olá, outra vez.

Acabara de chegar a casa dos Waverley. Ela parou no passeio e virou-se. Do outro lado da rua viu o mesmo homem que vira no dia anterior no relvado da baixa, o velhote de fato cinzento. Desta vez, não trazia a mala de viagem consigo.

Bay sorriu, surpreendida.

– Vejo que encontrou a Pendland Street.

– Pois foi. Obrigado.

– Veio visitar alguém?

– Na verdade, sim – disse ele.

Bay foi momentaneamente distraída pelas luzes de Halloween que piscavam no jardim de Mrs. Kranowski, por trás dele – luzes laranja presas aos arbustos quadrados e farrapos brancos que brilhavam no escuro a esvoaçar ao vento pendurados na sua esguia macieira. As decorações tinham estado obviamente guardadas, pois Bay sentia o aroma a naftalina do outro lado da estrada. O velho terriê de Mrs. Kranowski, *Edward*, estava na janela da frente, a ladrar selvaticamente ao homem.

Quando os olhos de Bay se viraram novamente para o velhote – tinha sido uma questão de segundos – ele já lá não estava.

Edward parou de ladrar, tão confuso como ela.

As sobancelhas escuras de Bay franziram e ela afastou-se lentamente, correndo depois para a casa. Deslizou pela colina húmida acima, apressando-se para a porta principal e olhando por cima do ombro ao entrar, na expectativa de o homem a ter seguido.

O facto de a primeira geada cair no Halloween parecia fazer com que tudo parecesse um pouco mais estranho.

Na casa dos Waverley fora dia de doces de rosas e o aroma ainda pairava no ar, apesar de a cozinha já ter fechado. Parecia que havia um jardim escondido algures nas paredes.

As etiquetas traseiras dos frascos dos doces de rosas diziam:

*A essência de rosa é para recordar
os primeiros amores longínquos,
prove e verá
o primeiro que o fez sonhar.*

Bay respirou fundo e sentiu os ombros a relaxar. Todavia, depois, apanhou um susto quando a tia apareceu no cimo das escadas. Vestia um roupão de banho, obviamente arranjando-se para sair.

– Bay? – perguntou Claire. – O que foi?

Bay desencostou-se da porta da rua.

– Oh, nada. É que há dois dias seguidos que vejo um certo velhote. Queria saber onde era a Pendland Street.

– É uma rua popular.

– Mas ele pareceu-me estranho. Usava um fato cinzento, como um vendedor, talvez.

– Olá, Bay! – disse Mariah, passando por Claire e correndo pelas escadas abaixo. Tinha olhos castanhos e cabelo castanho e encaracolado, como o pai, que parecia estar sempre em movimento mesmo que ela estivesse quieta, como se alguém o acarinhasse com amor.

– Olá, baixinha – respondeu Bay, abraçando-a. – Tenho trabalhos de casa para fazer. E tu?

– Também.

– Vamos fazê-los juntas na sala de estar.

Enquanto Bay se encaminhava para a sala de estar com a mochila ao ombro, quase deixou passar o olhar que Claire lhe deu, um olhar de que talvez aquele homem não lhe fosse desconhecido.

Sydney chegou pouco depois de Bay e Mariah se terem sentado no chão da sala a fazer os trabalhos de casa. Acabava de sair do trabalho e estava linda, como sempre, com o aroma perpétuo e doce a laca a flutuar à sua volta como se estivesse aprisionada numa neblina fina. Mais uma vez, o seu cabelo parecia mais vermelho agora do que nessa manhã. A mudança era subtil, mas cada vez se notava mais. A sua mãe estava lentamente a ficar ruiva. Isto acontecia a Sydney todos os anos, por volta da primeira geada – um corte inexplicável ou uma estranha mudança de cor. Mas naquele ano era pior. A sua inquietude era pior. Era para todos, como se todos quisessem algo que subitamente temessem não poder ter.

Sydney perguntou como tinha corrido a escola e Bay deu-lhe respostas vagas. Ela acabou por desistir e subiu as escadas para ajudar Claire a pentear-se. Sinceramente, se a mãe não tivesse o dom de saber mexer em cabelos, todas elas andariam com ninhos de pássaros na cabeça.

Henry apareceu logo em seguida. Sentou-se com as raparigas na sala de estar e esperou, com o cabelo loiro ainda molhado e o cheiro a sabonete *Irish Spring* agarrado à pele devido ao duche tardio. Henry era um bom homem, firme e trabalhador e com um amor incondicional. Era uma âncora tão forte como a gravidade na vida de Bay e da mãe. Henry era o pai adotivo de Bay, o único pai que ela conhecera. Perdera o pai biológico há muitos anos. Bay mal se lembrava dele, os limites da sua existência

desapareciam como papel de fax. A mãe, sempre a tentar fazer o correto, nunca falava dele, pela mesma razão que tentava fazer com que Bay saísse mais e fosse mais social, menos Waverley. Tentava compensar as coisas más que não tinham sido culpa sua. Às vezes, Bay só queria abraçá-la e dizer-lhe que tudo ficaria bem. Contudo, isso estragaria o esforço que ela fazia para evitar falar com a mãe, um esforço tão organizado que, por vezes, até a surpreendia a ela.

Depois de os adultos terem saído, Bay meteu dois jantares congelados (nos últimos tempos uma rotina terrível na casa dos Waverley) no micro-ondas, e ela e Mariah comeram e conversaram. Mariah praticamente só gostava de falar da sua nova melhor amiga, a Em. Ao que parecia, só se tinham conhecido naquela semana, mas Em já era o seu mundo. Mariah era uma criança bastante normal – usava aparelho nos dentes, tinha as unhas sujas e os olhos muito vivos. Uma miúda normalíssima. O que não deixava de ser curioso, naquela família. Às vezes, Bay pensava que a sua própria mãe devia ter dado Mariah à luz e que Claire devia ter sido sua mãe. Tal teria feito mais sentido. Todos teriam sido mais felizes. A sua mãe teria uma filha normal e Claire uma filha como ela, alguém que aceitaria a sua própria estranheza e cuja identidade dependeria dela.

Mais tarde, quando Mariah adormeceu na sala de estar, Bay pousou o livro que estava a ler. O aquecimento ligou-se sozinho. Tal como uma mulher idosa, a casa detestava o frio. Bay tirou os pés de Mariah do seu colo e pegou na *sweatshirt* que se encontrava pousada nas costas do velho sofá. Foi até à cozinha e saiu pela porta das traseiras, atravessando a passagem até ao portão do jardim. Encontrou a chave escondida no meio da lonicera e entrou, fechando o portão atrás de si. O lugar estava completamente encerrado. A cerca de meio metro que protegia a lonicera era tão grossa como um muro. Devido ao facto de a árvore estar adormecida, nada mais florescia no jardim, nem sequer os arbustos de rosas que no resto da cidade ainda se encontravam em flor de tons rosa e magenta por causa do verão de São Martinho.

Os candeeiros a luz solar presos ao chão brilhavam com uma luz amarela estável, marcando o passeio para a parte traseira do lote, onde a macieira se encontrava.

Era uma árvore pequena, mal chegava ao topo da cerca, mas os seus ramos eram compridos e largos, quase como trepadeiras. Esta árvore tinha

uma presença muito forte, uma personalidade, uma influência em todos os Waverley que já ali tinham vivido. Dizia a lenda de Bascom que, se uma pessoa comesse uma maçã da árvore dos Waverley, veria o acontecimento mais importante da sua vida. Uma vez, Claire dissera a Bay que o simples facto de alguém querer ver o acontecimento mais importante da sua vida significava que não se estava a concentrar no bom do dia a dia, pelo que Claire mantinha o portão fechado e as pontas afiadas para que ninguém pudesse entrar. Quanto aos próprios Waverley, nasciam com um conveniente nojo a maçãs para que nunca caíssem na tentação de comer uma. Havia um antigo ditado que por vezes ainda circulava pela cidade: os Waverley sabem onde encontrar a verdade, só não podem digeri-la.

Bay alcançou a árvore e tocou no seu velho tronco, com as espirais e arestas da casca a parecerem um misterioso mapa para lugares desconhecidos. Baixou-se até à relva castanha e olhou para cima, através dos troncos nus, para a lua crescente que mais parecia uma bolacha preta e branca no céu.

Aquele era o lugar de reflexão de Bay. Sempre fora desde os seus cinco anos, desde que ela chegara à cidade e soubera que chegara a casa. Apenas uma rapariga e a sua árvore. Estar ali no jardim fazia com que ela se sentisse melhor.

Pensou como desejava que Josh Matteson gostasse dela como o pai gostava da mãe e o tio gostava da tia. As irmãs Waverley tinham casado com homens tão fiéis e normais como elas eram diferentes e estranhas. Os homens das suas vidas amavam-nas como os astrónomos amam as estrelas, amavam a maneira como elas eram, sabendo que havia mais qualquer coisa que nunca entenderiam.

— Quem me dera que me dissesse o que fazer, árvore.

Pensou ter visto um ligeiro movimento nos ramos, só uma vibração, como olhos a mexerem-se por baixo das pálpebras quando se está a sonhar.

Talvez a árvore também desejasse o mesmo.

* * *

Russell Zahler estava propositadamente atrasado para o chá da tarde na estalagem de Pendland Street. Era melhor não ser visto por muitas

pessoas, e, de qualquer forma, os hóspedes da estalagem eram todos de fora da cidade. Não tinham nada de útil para partilhar sobre o que ele precisava de saber.

O proprietário da estalagem, o irmão de Anne Ainsley, Andrew, estava ao balcão quando Russell regressou do seu passeio. Anne levantava a mesa da sala de jantar depois do chá. Sorriu-lhe quando o viu. Tinha os dentes tortos e amarelos, mas mostrava-os sempre quando sorria, como se não se importasse.

— Olá, Mister Zahler. Perdeu o chá — disse Andrew do balcão da receção.

Era um homem gordo, de movimentos lentos, com os cotovelos sempre encostados ao tronco e de passos curtos e delicados. Pela maneira como se sentava na cadeira, com as mãos pousadas na barriga redonda, Russell pensou que Andrew comeria o que restara do chá da tarde.

Russell ainda não entregara nenhum cartão de crédito ou de identidade, mas Anne obviamente tratara do assunto. O irmão dela não tinha a mais pequena ideia. No entanto, Russell intrigava-o. Andrew provavelmente pensava que Russell era um homem importante ou com posses. Durante o pequeno-almoço fizera-lhe algumas perguntas de circunstância, provavelmente para ver se ele tinha lugar no seu mural de fotografias. Russell contara-lhe a história que contava a toda a gente: era um homem de negócios reformado e de férias, proveniente de Butte, no estado de Montana. Se lhe perguntassem que tipo de negócios tivera, Russell diria que fora proprietário de uma fábrica de suportes para painéis perfurados para ferramentas. A maioria das pessoas perdia logo o interesse.

— Perdi a noção das horas enquanto explorava o vosso belo bairro — disse Russell. — Há uma casa que é verdadeiramente extraordinária. A amarela com o torreão, na pequena colina.

— A casa dos Waverley — respondeu Andrew, acenando as mãos com desdém. — Foi a primeira casa a ser construída aqui no bairro. A estalagem de Pendland Street, a casa da nossa família, foi construída pelo meu bisavô, sete anos depois. A nossa casa ainda conserva o original...

— Waverley — interrompeu Russell antes que Andrew terminasse a frase. — Esse nome soa-me familiar.

Andrew franziu o sobrolho.

– Sim, bem, é uma família muito antiga. E muito reservada. – O telefone tocou e Andrew inclinou-se com um pequeno grunhido involuntário para o atender.

Russell viu Anne a chamá-lo e a apontar para a cozinha. Pegou nos últimos pratos e chávenas da mesa, e ele seguiu-a através da sala de jantar escura e adornada até à pequena cozinha. Tinha uma bonita ilha de madeira de carvalho no centro e estava suja de migalhas e farinha no sítio onde Anne estivera obviamente a preparar os doces e bolos da tarde.

O estômago de Russell deu de si. Apesar de Anne se ter certificado de que ele comia grandes porções de ovos mexidos, *bacon* e bagas ao pequeno-almoço, ele ainda não comera mais nada para além disso.

O enorme pequeno-almoço foi resultado direto do que acontecera na noite anterior. Depois de ele achar que todos já dormiam na estalagem, desceu as escadas, tendo automaticamente memorizado onde estavam as zonas fracas dos velhos degraus de madeira. Entrara na cozinha para procurar comida e encontrara Anne a fumar no escuro junto à janela que abria para o fumo sair.

Ela aproximou-se e ligou as luzes quando ele entrou.

Como coisas daquelas podiam acontecer – ele tinha em conta todas as possibilidades –, tivera o cuidado de cobrir o pijama velho e gasto com um pesado roupão de seda e caxemira, com uma fita e franjas douradas nas pontas. Fazia-o parecer muito elegante e conservador. Usara o roupão no seu ato como Grande Banditi, após o Banditi original ter encontrado o seu destino em circunstâncias misteriosas. Talvez tivesse bebido de mais e batido com a cabeça numa pedra, naquele campo do nordeste do Arcansas. Ou talvez a pedra tivesse sido arremessada por um atacante desconhecido. O Banditi original tivera muitos inimigos no circuito do festival. Russell fora um dos inúmeros meninos que ele levava para a sua rulote em noites sem lua, para fazer coisas inimagináveis.

Na noite anterior, depois de Russell ter entrado na cozinha, Anne preparara-lhe uma salada, fatias de queijo e uma cerveja. Em troca, ele regalara-a com a história de quando vira a banca de cachorros-quentes com pimentos explodir durante o festival, quando era miúdo. O cheiro a salsichas queimadas atraía todos os gatos e cães vadios da cidade até ao local do festival. Houvera centenas deles, tantos que as pessoas não conseguiam andar normalmente no meio deles. Contou a Anne que ele

tivera a ideia de génio de construir uma cerca em redor do recinto e torná-lo num local de asilo para animais domésticos. Até então, dissera ele, crianças de todas as idades visitavam o asilo para brincar com os cães e fazer festinhas aos gatos.

É claro que a história não era verdadeira. Bom, parte dela era. Ele vira mesmo a banca de cachorros explodir, mas fora por culpa sua, pois entornara a gordura quando tentara roubar uma salsicha.

Anne não parecia importar-se com a veracidade da história.

Ele tinha a sensação de que ela desistira de esperar a verdade de estranhos há muito tempo.

Nessa tarde, quando Russell a seguiu para a cozinha, Anne sorriu-lhe enquanto punha os bules e os pratos cor de rosa pintados à mão no lava-loiça.

– Guardei algumas sanduíches e bolinhos para si – disse ela, limpando as mãos às calças de ganga e agachando-se em frente à bancada para alcançar um prato tapado por um guardanapo branco de papel. – Se não, o Andrew teria comido todas as sobras. – Ela tirou o guardanapo com a destreza da assistente de um mágico. Havia no prato várias sanduíches sem côdea em forma de triângulo, alguns scones pequenos e bolinhos. Anne era, pelo menos, uma cozinheira muito competente.

– Obrigado, Anne – disse ele ao pegar no prato e fazendo uma pequena vénia como se se tratasse de um presente importante.

Ela gostou.

– Venha comigo – disse Anne, abrindo a porta da cozinha, com cortinas de renda. Levou-o lá para fora e em redor da casa, para longe das janelas, até um pequeno canto formado por uma bomba de calor e uma treliça com rosas. Estavam lá duas cadeiras de plástico de piquenique baratas. – Até o Sol se pôr está suficientemente quente para encontrarmos alguma paz cá fora. O Andrew nunca me encontra aqui.

Russell sentou-se. Anne sentou-se na outra cadeira, obviamente uma adição nova ao seu esconderijo. Pelos vistos, não convidava muita gente a ir ali. Russell pensou que devia sentir-se honrado. Mas, para isso, era preciso ter coração.

– Ouvi-o perguntar pelos Waverley – disse Anne, enquanto tirava um maço de cigarros e um isqueiro de debaixo de um vaso de flores caído.

– Sim – respondeu Russell, simplesmente.

– O Andrew não gosta muito de falar deles. Acha que a casa deles tem demasiada atenção. E a Claire Waverley é uma espécie de celebridade local, principalmente desde que apareceu numa revista. Há anos que o Andrew tenta fazer o mesmo. Está sempre a dizer: «Não se pode competir com estranhos. Os estranhos levam sempre a melhor» – disse Anne, acendendo o cigarro. – Mas eu digo-lhe tudo o que precisa de saber sobre eles. – Fez uma pausa para exalar o fumo. – Mas, primeiro, conte-me mais uma das suas histórias.

Russell recostou-se e levou um bolinho à boca.

Era um pequeno preço a pagar.

– Uma vez, quando tinha doze anos, salvei uma cidade inteira da bancarrota. Foi em Nero, no Nebraska. Caminhava no recinto do festival, metido na minha vidinha, quando vi polícias a perseguirem um homem que levava uma mala cheia de dinheiro. Acabara de o roubar do banco da cidade e tratava-se de todo o dinheiro que tinham. Voavam notas por todo o lado à medida que ele corria. A maioria das pessoas do festival aproximava-se para apanhá-las. Mas eu não. Estava a comer algodão-doce, mas deixei-o cair ao chão e corri para a tenda do tiro às garrafas. Peguei na espingarda. Sabia que o jogo estava viciado para as pessoas não o ganharem, por isso, aponte para o alto e disparei para o joelho do assaltante, fazendo-o cair. A cidade fez uma festa em minha honra e o dono do festival certificou-se de que eu tinha algodão-doce, todos os dias, durante um ano.

– Essa é boa – comentou Anne com um sorriso, dando outra passa no cigarro. – Acho mesmo que o senhor acredita nela.

– Magoa-me. Acha que eu lhe mentiria?

Anne bufou e ele retribuiu-lhe o sorriso.

A história verdadeira fora a seguinte: um dia, Sir Walter Trott, expulsara um dos funcionários da sua rulote com um chicote de equitação, depois de descobrir que ele o andava a roubar. O empregado fugiu depressa, empurrando as pessoas para fora do caminho e derrubando coisas à sua passagem. Russell aproveitara a distração e roubara dezenas de funis de algodão-doce de um dos vendedores. Sentara-se atrás da tenda do tiro às garrafas e comera-os a todos. Ficara mal da barriga, contudo, até então, ainda considerava esse um dos melhores dias da sua infância.

Não sabia por que razão não contava a verdade a Anne. Não fazia mal nenhum.

No entanto, as histórias verdadeiras são sempre as mais difíceis de contar.

Claire, Tyler, Sydney e Henry foram os últimos a sair da galeria do campus. A exposição dessa noite tinha sido feita pelo mesmo estudante de arte que tivera a honra de desenhar a escultura da baixa de Bascom desse ano, a tal da cabeça meio enterrada do fundador do Orion College. Todas as esculturas dos alunos expostas nessa noite tinham o mesmo tema: o rosto de Horace J. Orion escondido num ramo de flores; a mão de Horace J. Orion a emergir de um livro; Horace J. Orion aparentemente entrelaçado numa longa madeixa de cabelo de uma mulher – uma suposta alusão ao facto de Orion ter sido uma escola para mulheres aquando da sua fundação.

Horace J. Orion fora um homem muito avançado para o seu tempo. Tinha sido uma criatura efeminada, com voz aguda e barba curta, e mudara-se para Bascom na viragem do século XX com um misterioso amigo simplesmente chamado «Meu amor». Defensor dos direitos das mulheres, usara a maior parte do dinheiro da família para fundar uma universidade feminina numa pequena cidade da Carolina do Norte, no meio de nenhures, um santuário para todas as mulheres do mundo que quisessem aprender. Anos depois, aquando da sua morte, um agente funerário compreensivelmente sobressaltado descobriu que Horace J. Orion tinha sido, na verdade, uma mulher chamada Ethel Cora Humphreys. A sua família fora extremamente chauvinista e cruel. Ela decidira que a linhagem terminaria nela própria, mas, primeiro, faria de tudo para ajudar as companheiras. E, apesar das muitas estudantes que se inscreveram ao longo dos anos, viver como um homem era a única forma que tinha de as ajudar.

Depois de as luzes da galeria se terem apagado, e do pobre Horace poder finalmente descansar em paz, Claire, Tyler, Sydney e Henry atravessaram o antigo campus universitário, com as suas torres de tijolo e murais nas paredes. Não era uma universidade dedicada ao desporto, pelo que os alunos passavam a noite de sexta-feira na parte exterior de Orion

com cestas de piqueniques repletas com os seus últimos esforços culinários ou a catalogarem estrelas com os telescópios da própria universidade.

À medida que as irmãs caminhavam à frente, Tyler e Henry ficavam para trás. O professor de arte alto e magro e o agricultor musculado e baixinho não tinham muito em comum a não ser as mulheres, o que bastava. Por vezes, um único grande laço é muito mais forte do que muitos laços pequenos. De vez em quando encontravam-se sozinhos, Henry ia ter com Tyler à universidade para almoçarem, ou Tyler ia ter à quinta depois do trabalho. Quando Claire perguntava sobre o que falavam eles, Tyler dizia sempre: «Assuntos de homem.» Ela queria acreditar que aquilo significava máquinas de barbear elétricas, pé de atleta, ou talvez golfe. Mas tinha a certeza de que os «assuntos de homem» significava «de ti e da Sydney».

– Obrigada por teres deixado a Bay dormir em tua casa, esta noite – agradeceu Sydney, metendo o braço no de Claire enquanto caminhavam.

Sydney brilhava com um vestido de lantejoulas azul-escuro que mais parecia uma peça que uma dona de casa rica vestiria para uma festa nos anos sessenta. O seu cabelo estava cuidadosamente penteado num apanhado e a sua écharpe azul caía-lhe de um cotovelo e flutuava atrás dela. O cabelo de Claire estava muito bem alisado, com as pontas da frente mais compridas que a parte de trás, e ela usava um vestido vermelho às flores, de Sydney, que lhe ficava um pouco mais curto e apertado devido à sua altura. Há muito que Claire aceitara que nunca teria os ossos finos nem os olhos azuis como a maioria das mulheres Waverley. Era alta, de olhos escuros e curvilínea, genes provavelmente herdados do pai que nunca conhecera.

– Sabes que não é problema nenhum. Fiquei muito grata por ela tomar conta da Mariah esta noite – respondeu Claire. Há muito que os quatro queriam passar um serão assim, a beber vinho e a rir, no entanto, a cabeça de Claire continuava a pensar no trabalho que tinha de fazer em casa e em coisas irrelevantes que não tinham nada a ver com a feitura de doces: verificar *emails*, imprimir etiquetas, abrir caixas e despachar encomendas.

– Estou ansiosa por passar algum tempo sozinha com o Henry – comentou Sydney, piscando o olho.

Claire olhou por cima do ombro, para os maridos que as seguiam. Pensou se Henry tinha noção do que Sydney havia preparado para ele. Provavelmente não. Ultimamente, Sydney andava muito sigilosa.

– Talvez hoje à noite finalmente... – Sydney deixou as palavras falarem por si. Claire sabia o que ela queria dizer. Às vezes falava nisso, outras não, mas o desejo de ter filhos nunca a abandonava. Demorara um pouco, talvez cinco anos, a viver em Bascom, casada com Henry e com a vida a correr-lhe bem, para que Sydney finalmente ganhasse confiança e se apercebesse de que regressara de vez. E, aquando dessa perceção, veio o desejo de ter mais, mais estabilidade, mais conforto, criar mais raízes ali, como se tivesse medo de partir outra vez e nunca mais voltar, tal como a mãe delas fizera.

– Talvez seja hoje – concordou Claire. – A propósito, adoro o teu cabelo ruivo.

– Obrigada. Não consigo evitar. De cada vez que olho para ele fica mais vermelho.

– Tens de contar ao Henry o que estás a fazer – disse Claire, baixinho. – Ele vai descobrir o que o cabelo ruivo e todas as noites que vocês passam sozinhos significam. E ficará magoado se não lhe contares. – Os segredos faziam parte da natureza das Waverley. Os homens que escolhiam nunca esperavam receber toda a informação. A forma que Tyler, o marido de Claire, tinha de lidar com isso era ser incrivelmente paciente, se bem que também ajudava não acreditar que algo de estranho se passava. No entanto, era diferente com Henry. Ele nascera em Bascom. E era um Hopkin. Todos os homens Hopkin nasciam com almas de velho. Era da sua natureza estar a par de tudo.

– Eu sei. E vou dizer-lhe – sussurrou Sydney. Assim que chegaram ao parque de estacionamento, ela mudou de assunto. – Não vais deixar a Bay trabalhar amanhã, pois não? Na idade dela, os sábados devem ser passados a fazer coisas divertidas.

– Não te preocupes. Eu enxoto-a da minha cozinha – garantiu Claire, apesar de nunca ter compreendido por que razão Sydney não queria que Bay passasse muito tempo em casa dos Waverley. Contudo, não a questionou. Ser mãe já é suficientemente duro sem que os outros julguem saber da missa a metade. E a forma como elas exerciam a maternidade era tão diferente como os seus feitios. A própria mãe abandonara-as ali, com

os nomes dos pais há muito esquecidos, para serem educadas pela agorafóbica avó Mary. Agora, Claire e Sydney apalpavam terreno com as suas próprias filhas, sem conhecimento prévio de como fazê-lo bem. O simples facto de Sydney querer tentar de novo parecia muito corajoso aos olhos de Claire.

– E do jardim – acrescentou Sydney.

– E do jardim.

Sydney abanou a cabeça.

– Aposto um milhão de dólares em como a Bay está lá agora, junto àquela árvore.

– Ganharias a aposta.

– Ela está bem, não está? – perguntou Sydney.

– Sim, acho que sim. A Bay conhece-se. Gosta de si própria. Não se importa com o que os outros pensam.

– Mas quero que ela passe um bom bocado durante o secundário.

– Queres que ela seja popular – afirmou Claire. – E ela não quer ser popular. Só quer ser ela própria.

– Não sai com rapazes, nem com amigas, nem nada. Ela já te disse se gosta de alguém?

Claire hesitou. Não gostava de esconder coisas da irmã, mas tinha de ser Bay a contar-lhe.

– Já mencionou um rapaz, uma vez ou outra. Mas tens de lhe perguntar a ela.

– Nunca terás este problema com Mariah quando ela fizer quinze anos – comentou Sydney. – É tão sociável. Tal e qual o pai.

– Eu sei.

– Já alguma vez tiveste a sensação de que as nossas filhas foram trocadas na maternidade, apesar da diferença de seis anos? – brincou Sydney. Significado para Claire: *Já alguma vez tiveste a sensação de que a tua filha não se parece nada contigo?*

– Muitas vezes. – Mariah não gostava de cozinhar. Tal como Tyler, não parecia reparar quando as portas se abriam sozinhas ou se prendiam misteriosamente às ombreiras da casa. Quando ia lá para fora brincar, era sempre para o jardim da frente, nunca para o jardim, apesar de a árvore a amar e ficar magoada com o seu desinteresse. À noite, no verão, atirava melancolicamente maçãs em direção à janela do quarto dela. E agora

havia esta nova melhor amiga, a Em. Num período de cinco dias, Em tornara-se tudo para Mariah. Dizia-lhe que livros ler e para vestir sempre de cor de rosa. Claire ficava doida. Na sua mente, Em era uma perigosa menina mimada que cheirava a pastilha elástica e só comia Happy Meals do McDonald's.

Contudo, não passava de frustração mal direcionada e Claire sabia-o. Não tivera tempo de conhecer Em. Não tivera informações nenhuma sobre os pais dela. Mas Tyler provavelmente tivera. Durante os últimos meses, Claire estivera tão ocupada com a Waverley's Candies que Tyler assumira quase todas as responsabilidades parentais. Sabia todos os pormenores que Claire costumava saber. Os trabalhos de casa. As reuniões de pais. Os nomes das mães das outras meninas do balé e da ginástica.

A avó Mary sempre tivera tempo para as insignificâncias do dia a dia das netas. Memorizava os horários da escola. Encomendava cadernos, lápis, sapatos e camisolas novas quando as irmãs já não os tinham e as coisas chegavam sempre à sua porta (no tempo em que as lojas da cidade ainda prestavam este tipo de serviço). Cozinhava, fazia jardinagem, mantinha o seu negócio de porta a porta e certificava-se de que as meninas tinham tudo o que precisavam.

Claire sempre achara que a razão pela qual a avó Mary nunca desabrochava nem fizera mais dinheiro com a sua comida especial fora por causa da sua dolorosa introversão. Agora, ponderava se a avó Mary não quisera que o público soubesse das suas receitas especiais por causa das próprias receitas, ou se não quisera que soubesse da mística da pessoa que as criara. Também pensava se por hipótese, mera hipótese, a avó Mary também tivera em consideração as consequências que um negócio em crescimento teria na sua capacidade de tomar conta das netas.

O que fazia com que Claire se sentisse pior.

E, ainda assim, como conseguia ela parar? Trabalhara tanto para pôr o seu nome no mundo que o sucesso fazia dela um corvo a colher coisas brilhantes. Havia tanto que provar. Seria algum dia suficiente? Desistir, principalmente agora que tinha todas estas dúvidas, seria admitir que o seu dom não passava realmente de uma ficção, de uma crença accidental que ela vendera muito bem.

– Estás bem? – perguntou Sydney quando chegaram à carrinha de Henry estacionada no parque, após um silêncio súbito de Claire.

– Desculpa. Sim, estou bem. – Claire sorriu. – Sabes em que pensei ontem à noite, depois de tanto tempo? Em pão de figos e pimenta. Quando acordei hoje de manhã, podia jurar que estava a sentir o seu aroma.

Sydney respirou fundo, quase como se também o sentisse.

– Eu adorava pão de figos e pimenta. A avó Mary só o fazia nos nossos aniversários. Lembro-me de que ela dizia sempre: «Os figos são doces e a pimenta é severa. Tal como vocês as duas.» Só que nunca nos dizia quem era o figo e quem era a pimenta.

– Eu era obviamente o figo – afirmou Claire.

– Nem pensar! Eu é que era o figo. Tu eras a pimenta.

Claire suspirou.

– Tenho saudades de comer pão de figos e pimenta.

– Estás é saturada de doces. Precisas de férias. – Sydney abraçou Claire e depois entrou na carrinha com Henry. – Até logo.

Tyler colocou o braço em redor de Claire e encaminharam-se os dois para o carro dele, estacionado um pouco mais à frente. Quando Tyler hesitou ao entrar, Claire olhou para ele, para o seu cabelo encaracolado a precisar de um corte, e para a sua adorada camisa havaiana quase a brilhar com as cores néon por baixo do casaco.

– O que foi? – perguntou ela, pois ele às vezes fazia aquilo, parava e contemplava o vazio. Ela adorava isso nele. O seu próprio sentido de concentração também nunca parava de o surpreender. Para ele, ela não era mágica. Nunca o seria. O que cozinhava também nunca surtira efeito nele. Há uns anos, quando discutiam, ela dava a Tyler flor de cebolinho salteada porque a avó Mary dizia sempre que a flor de cebolinho assegurava a vitória numa discussão, contudo, com ele, nunca parecia resultar.

Tyler gesticulou por trás dela.

– Estou só à espera que Henry ligue a carrinha. Achas que se passa algo de errado? Ele estava a dizer que vai adaptá-la para o inverno. Não fazia ideia do que estava a falar. Talvez o tenha feito mal.

Claire olhou para dentro da carrinha de Henry. As janelas começavam a embaciar e um suave brilho roxo emanava lá de dentro.

– Não se passa nada de errado.

– Espera – disse Tyler. – Eles estão a fazer o que eu estou a pensar?

– *Voyeur* – provocou Claire, entrando no carro. – Para de olhar.

Tyler sentou-se ao volante e sorriu-lhe.

– Podíamos entrar na competição.

– E arriscarmo-nos a ser apanhados por um dos teus alunos? Não me parece. Para – disse ela, quando ele se aproximou. – Vamos para casa.

Ele pensou naquilo por um instante, depois acenou com a cabeça.

– Casa. Está bem. – Ligou o carro. – Mas tenho planos para quando lá chegarmos.

– Oh, não – disse Claire, com um sorriso. – Planos.

A estrada que dava para a saída do campus estava alinhada com as nogueiras de folhas de um amarelo tão vivo que brilhavam como fogo, como se a estrada estivesse alinhada com tochas gigantes. Claire encostou a cabeça no banco enquanto Tyler conduzia com a mão no joelho dela. As casas da cidade estavam decoradas com objetos de Halloween, umas mais elaboradas do que outras. Nos pórticos brilhavam abóboras e flutuavam folhas vermelhas e amarelas. Apesar de aquela não ser a sua altura preferida do ano, era certamente muito bonita. No outono, parecia que o mundo inteiro ficava castanho e assado até não poder ficar mais junto do osso e cair.

«Para de te sentires tão ansiosa», disse a si própria. Era só naquela altura do ano que ficava assim, cheia de dúvidas. A primeira geada estava quase a chegar. Se fosse capaz de se aguentar sem grandes dramas até lá, sabia que tudo ficaria bem, tudo voltaria ao seu devido lugar.

Tyler virou para a sinuosa Pendland Street, com os seus passeios irregulares e jardins inclinados, que fizeram com que Claire se lembrasse rapidamente da avó Mary a levá-las a pé para a escola por aquela rua, nas manhãs de outono. Com a idade, Mary ficara mais ansiosa e detestava estar fora de casa por muito tempo. Apertava a mão das meninas e acalmava-se, dizendo-lhes o que faria para a primeira geada desse ano – lombo de porco com chagas, batatas de aneto, pão de abóbora, café de chicória. E queques, claro, com gelado, pois, afinal, o que seria uma geada sem gelado? Claire adorava tudo, mas Sydney só prestara atenção quando a avó falara dos gelados. De caramelo, pistácio com água de rosas e amêndoa com chocolate.

Claire recostou-se no assento, começando a relaxar um pouco graças ao vinho que bebera. Começou a pensar o que faria para a primeira geada desse ano, se tivesse tempo. Pão de figo e pimenta, pois não parava de pensar nele. (É claro que ela era o figo e definitivamente Sydney a

pimenta.) E lasanha de abóbora, talvez com flores comprimidas na massa fresca antes de ser cozinhada. E...

Endireitou-se no banco quando voltou a vê-lo, vindo do nada. O velhote do passeio. E não viu apenas o seu fato cinzento desta vez. Viu-lhe a pele, os olhos e o pequeno sorriso nos lábios. Estava de pé junto à esquina, com as mãos nos bolsos, como se estivesse a dar um passeio de verão.

Tyler passou por ele de carro.

– Espera. Viste aquilo? – perguntou ela.

– O quê? – perguntou Tyler.

Claire olhou para trás e o homem já lá não estava, como se nunca lá tivesse estado.

Mas, se era o caso, como poderia ter deixado no ar um aroma a bar enfumaçado que agora entrava pelos ventiladores do automóvel?

Quando Tyler estacionou o carro em frente à casa, a sua mulher saiu rapidamente. Manteve-se no passeio e olhou para o fim da rua, por onde tinham vindo.

Tyler saiu e trancou o carro com o comando, depois aproximou-se de Claire, cuja silhueta estava iluminada pelo candeeiro de rua, as suas curvas pareciam um mapa que o guiava para sítios diferentes sempre que o consultava. Abraçou-a por trás e inclinou-se para pousar o queixo no ombro dela. Os braços de Claire estavam frios, pelo que ele esfregou-os para os aquecer.

– O que estás a ver? – perguntou ele.

Ela afastou-se e virou-se para ele.

– Nada – respondeu, abanando a cabeça. – Porque não vais entrando e dás uma olhadela a Mariah e a Bay? Acho que vou dar um passeio pelo bairro.

Tyler sorriu levemente, confuso.

– A esta hora da noite? De saltos altos?

– Só cinco minutinhos.

Ele despiu o casaco e colocou-lho nos ombros.

– Vou contigo, para te proteger. Aquele *Edward* é manhoso. Pode ter escapado e andar a caçar.

Claire riu-se com a referência ao velho terriê de Mrs. Kranowski que todos os dias se afastava apenas uns metros do jardim da dona para fazer as suas necessidades. Depois, voltava para dentro, onde se colocava à janela e ladrava a pássaros, insetos e folhas de árvore ameaçadoras.

Claire juntou as lapelas do casaco e olhou de novo para o passeio.

– Não, tens razão. É demasiado tarde. E está muito frio – disse ela, virando-se em direção à casa.

Tyler observou-a a subir lentamente os degraus de cimento de saltos altos, com as ancas a abanar. As luzes da casa estavam todas apagadas à exceção da do pórtico, que parecia tremer de felicidade por Claire ter voltado. Se as luzes pudessem sentir felicidade, claro.

Tyler crescera de uma forma parecida à de Claire. Os seus pais eram oleiros fumadores de [marijuana](#)¹, que ainda geriam uma colónia de artistas no Connecticut. A sua versão da realidade também não era baseada em nada do que os outros achavam normal. Alimentavam-no com sanduíches de couves, deixavam-no desenhar no seu *Volkswagen* e muitas vezes andavam nus, apesar de o vestirem a ele com roupas ridículas como *T-shirts* que diziam OS OLEIROS FAZEM-NO SOBRE RODAS para o dia da fotografia da escola.

Era um embaraço recordar estas coisas, mas Claire lembrava-o muitas vezes das melhores partes da sua infância, quando tudo parecia possível. Ele não chegava a admitir que perdera a capacidade de acreditar, mas o seu papel junto a Claire era o de ser racional. Riu-se muito alto, ali na rua, ao pensar nisso. Antes de conhecer Claire andava sempre com a cabeça no ar, esquecia-se frequentemente das coisas, estava sempre a viajar e a procurar a felicidade como se esta fosse algo de secreto que ele sabia não poder alcançar. Aceitara um trabalho de professor ali em Bascom, na Carolina do Norte, porque, como em todas as decisões que tomara antes de conhecer Claire na noite em que ela fornecera o *catering* para o departamento de arte do Orion, achava que se tratava apenas do passo seguinte. Pensava que muito em breve estaria outra vez a caminho de outro sítio qualquer, tão distraído e descontraído como um gato atrás de uma mosca. Ele adorava ser a pessoa com a cabeça no lugar na relação deles. Adorava que ela fizesse dele alguém que nunca pensara ser. Alguém que ficava.

Tyler despertou dos seus pensamentos, apercebendo-se de que olhava para o vazio. Viu que Claire avançava no pórtico fronteiro. Subiu depressa os degraus para alcançá-la. Contudo, ela atravessou as portas e estas fecharam-se mesmo antes de ele conseguir passar. Rodou a maçaneta, porém não conseguiu abri-la. Pegou nas chaves e tentou destrancá-la, mas a porta continuava fechada. Não ficou surpreso. Aquilo acontecia há anos.

Bateu à porta e gritou.

– Claire, não consigo entrar!

Ouviu o barulho dos saltos altos no chão de madeira enquanto ela se dirigia de novo para a porta e a abria. Sorriu-lhe.

– Se lhe pedires com jeitinho, ela abre-se para ti. Só tens de falar com ela.

– *Hum, hum* – fez ele, colocando os braços à volta dela e agarrando-a. Fechou a porta com o pé enquanto a beijava. – Se tu o dizes.

Ele não conseguia falar com a porta, tal como não conseguia aceitar que a macieira atirava maçãs. Uma vez até construíra um sistema elaborado de fios e sinos no jardim como experiência. Desde que o alarme estivesse ligado, as maçãs não eram atiradas para o jardim, o que ele aceitou como prova de que a árvore não estava realmente a fazer nada. Sabia que Claire queria que ele acreditasse na explicação dela em vez de tentar encontrar sentido para tudo aquilo. Todavia, quer se apercebesse ou não, Claire precisava de alguém que acreditasse nela e não em todas as coisas malucas que aconteciam naquela casa.

Claire afastou-se dele após alguns beijos.

– Vai lá acima. Vê as miúdas. Eu já subo.

– Onde vais? – perguntou ele.

– À cozinha – disse ela. – Tenho umas coisas para fazer.

Os seus olhos escuros estavam cansados. Quando ele a abraçou, sentiu a tensão que ela guardava sob os músculos das costas. Ultimamente, o ar à sua volta era frio, como se criasse um vazio com a sua infelicidade. A sua mulher contava-lhe logo o que se passava. Há muito que ele aprendera isso. Abanou a cabeça e pegou-lhe na mão.

– Esta noite, não – disse ele, guiando-a para as escadas. – Planos. Tenho planos.

[1](#) A autora faz um trocadilho com as palavras *potter* (oleiro) e *pothead* (fumador de marijuana). (N. da T.)

Nesse momento, do outro lado da cidade, a velha Evanelle Franklin acordou de repente. Olhou para o vazio do seu quarto, tentando perceber o sonho que tivera. O zumbido estável da sua máquina de oxigénio parecia agora ruído branco. Costumava incomodá-la, aquela máquina. A sua simples existência costumava enfurecê-la por o seu corpo, que fora estável, confiável e bem tratado durante quase oito décadas, ter subitamente decidido falhar-lhe nos últimos dois anos. Fora-lhe diagnosticada insuficiência cardíaca e, sem o oxigénio, os seus pulmões pareciam ter sido encolhidos por uma daquelas máquinas de encolher dos filmes de ficção científica que ela gostava de ver com o companheiro Fred. Com o oxigénio, sentia-se bem, apesar de o tubo que ia do nariz e dava a volta às orelhas ser bastante desconfortável e lhe irritar a pele das narinas. Tinha de ter sempre o oxigénio consigo, mesmo quando saía. Fred transportava-lhe o recipiente quando ela tinha de se ausentar da casa. Parecia uma mala enorme e desajeitada. No entanto, Fred punha a asa ao ombro e dizia: «É medicamento chique.» Os homens *gay* eram muito divertidos.

Evanelle sentou-se e moveu as pernas para fora da cama. Tinha de dar algo. De vez em quando, sentia uma comichão esmagadora que só passava se ela desse a alguém uma ameixa, café moído ou um livro sobre como administrar animais. Não fazia ideia por que razão tinha de dar aquelas coisas, nem por que razão quem as recebia precisava delas, mas precisavam sempre, quer gostassem ou não.

Era o seu dom Waverley.

Por vezes, desejara ter sido diferente, que o seu dom especial fosse mais bonito ou, pelo menos, a tivesse permitido sustentar-se à conta dele. Mas há muito que aceitara que era aquilo que devia fazer – dar a pessoas conhecidas, e às vezes desconhecidas, que encontrava na rua um presente estranho. Não podia mudar quem era, e já não o queria fazer, mesmo que pudesse. Sabia que a pessoa que somos é como uma pedra que está bem funda no nosso ser. Podemos passar a vida a tentar escondê-la ou desenvolver-nos em redor dela. A escolha é nossa.

Sentada ali na cama, pensou no que supostamente devia dar. Uma espátula. Boa. Possuía uma espátula em casa. Não tinha de sair para a comprar. Agora, a quem deveria dá-la? Pensou nisso e abanou a cabeça. Não, era uma estupidez. Mas o nome continuava a surgir.

À sua prima Mary Waverley.

Que morrera há vinte anos.

Hum. Aquilo era uma novidade.

Evanelle levantou-se da cama e calçou as pantufas. A máquina de oxigénio da casa estava localizada no seu quarto. Era atarracada e quadrada, como um monstro drogado ali sentado, murmurando para si próprio. Havia um tubo extremamente longo ligado a ela para que Evanelle pudesse caminhar por toda a casa. Tinha de o enrolar como uma corda e largá-lo à medida que andava, deixando um rasto atrás de si. Fred disse-lhe que os seus dias de brincar às escondidas tinham acabado.

Pegou no tubo comprido e transparente e saiu do quarto em direção à cozinha.

Quando lá chegou, percorreu os armários pintados de verde até finalmente encontrar a velha espátula, rija e com um cabo de madeira. Há anos que não a usava. Ao pensar nisso, lembrou-se de que lhe fora oferecida pela prima Mary.

Ouviu os passos de Fred nos degraus do sótão. Tinha lá em cima um bom apartamento. Tinha dinheiro para ter a sua própria casa, mas gostava de viver ali. Não gostava de estar sozinho. Mudara-se para casa dela logo depois de ter terminado a relação com o namorado, há uns anos, e demorou meses a renovar o sótão dela – e, de certa maneira, também a sua vida. Tinham uma relaçãozinha estranha, contudo, Evanelle admitia que

gostava de o ter por perto. No entanto, por mais que precisasse dele, achava que ele precisava mais dela.

Ela não sabia quanto mais tempo lhe restava na Terra, um pensamento que já não a incomodava como incomodara há cinquenta anos. Quase todas as pessoas que conhecia já haviam passado para o outro lado. Apesar de ter demorado muito tempo a pôr as netas de Mary no caminho certo, Claire e Sydney tinham-se agora uma à outra, e aos respectivos maridos. Era com Fred que ela mais se preocupava. O que faria ele quando ela já cá não estivesse?

Ele acendeu a luz da cozinha. Vestia um velho par de calças de pijama de padrão escocês, que usava mais por conforto do que por estilo. No último Natal, ela oferecera-lhe um par de pijamas de seda, com monograma e tudo, mas ele nunca os usava. Estava muito acostumado com os seus hábitos, pensava Evanelle, e dizia-lho frequentemente. Tinha apenas sessenta e poucos anos, um bonito rosto quadrado e olhos penetrantes, era demasiado novo para andar sempre com uma velhinha. Há anos que não namorava com ninguém. Talvez se tivesse esquecido como fazê-lo. Tinha de o ajudar.

– Estás sonâmbula ou a fazer bolos à meia-noite? – perguntou ele, com um sorriso, inclinando-se na ombreira da porta e cruzando os braços.

– Nem uma coisa, nem outra. Acordei e preciso de dar à minha prima Mary uma espátula. – Ela levantou a espátula e as sobancelhas de Fred ergueram-se. Parecia ridículo, até para ela. Ela riu-se. – Oh, não olhes assim para mim. Sei que é ridículo. Provavelmente, tenho de a dar a Claire. Estava a sonhar com Mary quando acordei. Os meus neurónios trocaram-se.

– Tens de lha dar esta noite? – perguntou Fred, pois às vezes o seu dom Waverley funcionava assim; ela tinha de dar algo a alguém com urgência. O que era inconveniente para uma pessoa com uma mangueira ligada ao nariz. Atualmente, sair tinha de ser algo muito bem planeado.

Evanelle baixou-se junto ao lava-loiça e tirou um dos cento e tal sacos de papel que colecionava da mercearia, pois nunca sabia quando ia precisar de um bom saco de papel. Pôs a espátula lá dentro e pousou-o na bancada.

– Não. Vou dar-lha quando a vir – disse ela, com falta de ar.

Fred afastou-se da ombreira da porta.

– E se eu fizesse um cafezinho de abóbora picante?

– Sabes, é exatamente disso que preciso – respondeu, enquanto ele a ajudava a sentar à mesa na sua pequena casa de artesã. Ela e o marido tinham comprado aquela casa há quase sessenta anos. Sentia a falta dele. Fora muito parecido com Fred, só que gostava de mulheres. E amava-a a ela. Amava tudo nela. «Todos os potes tortos têm uma tampa», costumava ele dizer. Não se importava com a estranheza dela. Aquela casa fora muito boa. Cheia de boas recordações. Sentiria falta daquele lugar. Sentiria falta das suas coisas. Contudo, seria um alívio não ter de dar nada a ninguém no céu. Já todos tinham tudo o que precisavam lá em cima.

Fred começou a mexer na máquina do café, tão à vontade naquela casa como ela.

– Estás cada vez mais parecido comigo, Fred.

Fred virou-se e olhou para ela como se lhe tivesse feito o maior elogio da História do Mundo.

Estava contentíssimo.

Na manhã seguinte, enquanto Sydney destrancava a porta do seu salão, viu Fred Walker, um homem muito bem arranjado, quadrado e de sessenta e tal anos, a fazer o mesmo à Fred's Fine Foods, o seu pequeno e turístico mercado ao fundo da rua.

– Olá, Fred – disse ela, acenando-lhe. – Como está a Evanelle?

Fred virou-se, assustado, e acenou-lhe também.

– Bem – disse ele, parecendo distraído e perdido nos seus pensamentos.

– Está bem.

Fred não era um grande conversador.

Sydney entrou no White Door Salon. A porta era de vidro transparente, mas o antigo proprietário pensara que «White Door»² soava mais misterioso, como uma porta que Alice pudesse atravessar para o País das Maravilhas. Era como todos chamavam ao salão, pelo que Sydney não alterou o nome quando o comprara, há uns anos.

Acendeu as luzes. Aquele espaço grande e aberto, com sofás confortáveis e um candeeiro cheio de estilo que parecia sincelos pendurados no teto, ainda a fazia sorrir. O seu primeiro emprego, após se

ter mudado novamente para Bascom, há dez anos, fora ali. Aquele local era uma parte do novelo que tecia a sua nova vida. Tinha sete funcionários, só dois mais novos que ela. E gostava disso. Gostava de como se vestiam e eram destemidos com o seu estilo.

Bay não se interessava por nada daquilo. Gostava das suas calças de ganga velhas e *T-shirts* velhas.

Depois de ligar o computador da recepção, Sydney fez café e tirou as bolachas que convencia Bay a fazer todas as semanas. Era Claire quem costumava fazê-las, mas, depois de ser tornado doceira, ficara sem tempo.

Sydney dissera a Violet, a sua nova rececionista, que parte do seu trabalho consistia em chegar antes de todos os outros e fazer aquilo, mas Violet tinha sempre uma desculpa. Ninguém sabia porque a contratara Sydney. Por vezes, nem ela própria.

Aproximou-se da sua cadeira e ligou o ferro de frisar para arranjar o seu cabelo, que era mais fácil de fazer ali do que na pequeníssima casa de banho da quinta. Olhou para o seu reflexo com atenção.

Havia mais madeixas vermelhas no cabelo. Tinha a certeza. Era como se lhe tivessem crescido durante a noite. Henry até comentara naquela manhã antes de sair. Chamara-lhe fogosa.

Claire sugerira a Sydney que contasse a Henry o que estava a fazer. E provavelmente tinha razão. Claire dava sempre bons conselhos. Lidava com as coisas de uma maneira muito contida. Fazia com que tudo à sua volta parecesse calmo só pela sua mera presença. Se fosse um perfume, e se o pudesse engarrafar, faria milhões de dólares. E esqueceria os doces.

Mas Sydney sabia o que Henry diria se ela lhe contasse e essa era a razão por que não o largava ultimamente. Diria que não se importava de não ter mais filhos. Contudo, Sydney sabia que não era verdade. O avô de Henry falecera pouco depois de ela e Henry casarem e Henry sentia muito a falta dele, saudades tão fortes que por vezes silenciavam as vacas e davam ao seu leite um estranho sabor adocicado a morango. O avô de Henry criara-o, ensinara-lhe tudo o que ele sabia sobre como ser um bom Hopkin e como tratar do negócio. Henry passara a vida a querer crescer e ser velho, tal como o avô. Precisava de um filho, alguém a quem ensinar. Adotara Bay. Não hesitara em fazê-lo, nem por um segundo, quando casara. Depois disso, Bay seguia-o para todo o lado. Henry adorava que Bay se levantasse cedo e o ajudasse nas tarefas diárias. Mas o que Bay

fazia, o que estava sempre a fazer, era a certificar-se de que as coisas estavam no seu devido lugar e que ele estava onde deveria estar. Após alguns meses, ela deixara de se levantar de madrugada com ele.

De repente, a porta do salão abriu-se. Sydney olhou para o relógio de parede.

– Eu sei, eu sei – começou Violet, entrando depressa, com um bebé rechonchudo de um ano colado à anca. Trazia ao ombro um saco de plástico de uma loja de segunda mão, que Sydney sabia não conter fraldas suficientes para o resto do dia. – Estou atrasada. Peço desculpa.

Sydney fez algumas ondas rápidas no cabelo e prendeu-as com ganchos para poder ajudar Violet com o bebé.

– Não consegui arranjar ninguém para tomar conta dele – disse Violet quando Sydney pegou no bebé ao colo e lhe acariciou o cabelo escuro, o que o fez rir. – A minha vizinha da frente, a que costuma ficar com ele, foi para Dollywood este fim de semana. Tive de o trazer.

– Não faz mal – disse Sydney, embora fizesse. Porém, Violet sabia que Sydney gostava muito do bebé Charlie. Ela sabia que tinha algo que Sydney queria. As raparigas novas sabem-no sempre. Sabem que as mulheres mais velhas olham para elas e veem o que deixaram para trás e não podem recuperar. É uma verdade que todos conhecem, mas que ninguém reconhece. Não há nada de mais poderoso do que uma rapariga de dezoito anos.

Violet saía da escola quando a mãe, uma Turnbull – família conhecida pela sua rebeldia e capacidade inigualável para ter filhos – deixara a cidade com o último namorado. Violet ia a todas as festas, consumia drogas e não demorou muito a engravidar. Se sabia quem era o pai, nunca o dissera. Charlie era muito parecido com a mãe, com o seu cabelo escuro em forma de V na testa, e olhos cor de café.

Sydney conhecera Violet há uns meses, quando saía na sua hora de almoço e fora comprar sumo de laranja e iogurte ao mercado de Fred, com a intenção de se sentar no relvado a comer. Era a altura do baile de finalistas e os seus braços estavam doridos de tanto fazer penteados.

Sentada de pernas cruzadas no relvado, com calças largas e *top* preto de cavas, pousara o sumo e o iogurte no chão, entre as pernas, e fechara os olhos erguendo a face para o sol, tentando absorver o seu calor.

Alguns instantes depois, sentiu algo a agarrar-lhe a perna. Olhou para baixo e deu de caras com um bebé de cabelo escuro, dentro de um *babygrow*, a tentar subir-lhe para o colo. Permaneceu completamente quieta, como quando temos uma abelha pousada no corpo e esperamos para ver o que ela faz antes de nos sobressaltarmos. Teve finalmente de pegar nele ao colo quando ele subia para o seu joelho e quase caía no chão.

Levantou-se e encostou-o à sua anca enquanto olhava em redor. Não havia ali muita gente, naquele dia, mas viu uma adolescente de cabelo comprido e fino, sentada num banco perto da escultura meio enterrada de Horace J. Orion, a tal com que os alunos da universidade gozavam, dizendo «Horace pode estar morto, mas não está enterrado».

– Peço desculpa – gritara Sydney à rapariga franzina com uns enormes óculos de sol.

A rapariga despertara e virara a cabeça para Sydney.

– É seu?

Ela acenara e bocejara, mas não se levantou, pelo que Sydney se inclinou para apanhar o sumo e o iogurte e dirigir-se para o banco. À medida que se aproximava, reconheceu a rapariga, poucos anos mais velha que Bay.

– É uma Turnbull, não é? A sua família mora perto da fábrica de casas móveis?

– Costumava morar – dissera Violet, sem retirar o bebé a Sydney quando esta se sentou a seu lado. – A minha mãe deixou-me. Tive de sair da casa.

Sydney ficara a saber que Violet partilhava agora uma autocaravana com uma mulher e o seu marido vulgar que recebia um subsídio de doença do estado e vendia comprimidos a pessoas necessitadas que estivessem dispostas a pagar. Há muito que Violet procurava um emprego, mas referiu que ninguém a contratava.

– A minha mãe tinha razão – dissera ela, quando Sydney lhe dera o sumo de laranja e alimentara o bebé com o iogurte. – Quando se foi embora, disse que não havia nada de bom aqui.

A antiga rececionista de Sydney, Amber, acabara de se casar e engravidara logo de imediato – claro – e estava a mudar-se para Fayetteville, onde o marido trabalhava em Fort Bragg. Então, Sydney

oferecera o trabalho a Violet. Vira algo nela, algo que ela própria sentira quando tinha a mesma idade. Violet queria ir-se embora. Quase vibrava com a ideia. Via a vida fora de Bascom como uma Terra Prometida. Achava que tudo o que lhe corria mal era por estar naquele lugar, pelo que encontraria a felicidade se escapasse dali.

Sydney fora-se embora aos dezoito anos, sentindo-se da mesma maneira. Quisera desesperadamente escapar ao fardo do nome de família e da sua reputação. Lá fora, no mundo novo por descobrir, conhecera o pai biológico de Bay e a fuga obtivera todo um novo significado. Demorara muito tempo a perceber que uma prisão por vezes não é uma prisão de todo. Por vezes, é apenas uma porta que pensamos estar trancada por nunca a termos tentado abrir.

O emprego era como dar a Violet uma boia salva-vidas. Violet precisava de algo a que se agarrar, ali. Sem isso, teria sido uma questão de tempo até ir-se e levar Charlie consigo.

Violet deixou cair o saco de plástico assim que Sydney pegara em Charlie e dirigiu-se de imediato à máquina de café e às bolachas.

– Pode tomar conta dele enquanto dou um jeito ao cabelo? – perguntou ela, cuspiendo migalhas. – Não tive tempo de o fazer antes de sair de casa.

– Usa a minha cadeira. O ferro de frisar ainda está quente.

– Obrigada.

As pessoas perguntavam-se porque é que Sydney aturava Violet.

Sydney pegou no bebé por cima da sua cabeça e olhou para a sua linda carinha redonda enquanto ele sorria e enrolava os dedos dos pés e colocava o punho dentro da boca.

Era por isto.

² *White Door* significa Porta Branca em português. (N. da T.)

No sábado de manhã, Bay dormiu até tarde em casa da sua tia Claire. Quando acordou, percebeu de imediato que Claire estivera a fazer os seus doces de lavanda. O aroma espalhou-se por toda a casa como uma manta longa e suave, cobrindo tudo e acalmando todas as preocupações.

As etiquetas em todos os frascos de doces de lavanda e mel diziam:

*A essência de lavanda é para a felicidade,
Com um toque de mel para levantar o ânimo
Uma atitude alegre consome
Todos os que estiverem em redor.*

Vestiu-se e desceu para ajudar. Um dia passado ali, longe do mundo, faria com que a sua mente se desviasse do baile de Halloween dessa noite e de quem seria a acompanhante de Josh. O grupo de amigos dele incluía muitas raparigas, porém, Bay não conseguia perceber se ele sentia algo mais por alguma delas.

Bay encaminhou-se para a cozinha, metendo o cabelo debaixo de uma touca e preparada para pôr um avental e começar a trabalhar. Em vez disso, encontrou os doces de mel e lavanda já feitos em cima da bancada, prontos para serem postos em frascos. Ficou surpreendida, pois aqueles doces eram os mais difíceis de fazer e os que demoravam mais tempo a ser feitos. Claire devia ter-se levantado cedíssimo. Os doces de lavanda

tinham um processo moroso, eram enrolados em tiras compridas depois de lhes ser deitado açúcar em pó, pincelados com mel local do mercado da quinta, novamente enrolados, deixados a arrefecer e cortados à mão, em vez de simplesmente se usarem moldes, como nos doces de rosa e limão verbená. Claire usava apenas a quantidade necessária de comida orgânica para dar aos seus doces as cores da primavera. Os daquele dia pareciam ramos de flores púrpura.

Havia um único prato em cima da ilha em aço inoxidável da cozinha e Claire virou-se do forno e deslizou as panquecas que retirara de uma frigideira.

– O pequeno-almoço está pronto – disse ela. Assim que pôs as panquecas de farinha de aveia no prato, regou-as com um pouco de molho e uma pitada das últimas flores de calêndula laranja e amarelas que apanhara do jardim, antes de murcarem.

– Cozinhas-te! – exclamou Bay.

– Era o que a minha avó costumava fazer para mim e para a tua mãe aos domingos de manhã.

– Não pretendia dormir até tão tarde. Já não vais fazer mais nada? – perguntou Bay, empurrando um banco para a ilha. – Eu ia ajudar.

– Levantei-me cedo. A tua mãe quer que te deixe no salão assim que acabares de comer.

Ah, agora Bay percebia.

– Não quer que eu fique aqui a trabalhar o dia todo. – Razão pela qual estavam ali flores de calêndula. Supostamente, afastavam a energia negativa. Claire não queria que Bay se zangasse com a mãe.

– Está um dia lindo – disse Claire, olhando pela janela da cozinha. – Não devias ficar enfiada aqui. – Bay analisou o perfil da tia enquanto ela comia. Com os seus olhos escuros, nariz elegante e pele morena, Claire tinha um ar intemporal, clássico.

– O que vais fazer hoje? – perguntou Bay.

Claire encolheu os ombros.

– O Tyler levou a Mariah para a ginástica, depois ela vai passar umas horas no escritório dele. Tenho um monte de papelada para preencher, mas pensei em comprar algumas coisas no mercado enquanto estiver fora. Também me sinto um pouco enjaulada.

O que era um invulgar. Claire nunca se sentia enjaulada ali.

– Posso fazer-te uma pergunta?

– Claro – disse Claire.

– Gostas mesmo de fazer doces?

Claire hesitou, depois disse cuidadosamente, como se o tivesse ensaiado na esperança de que alguém lho perguntasse.

– É um pouco monótono e não foi o que imaginei fazer quando comecei o negócio de *catering*, mas tenho muito jeito e agora há imensa procura. Vai pagar a universidade de Mariah.

– Sinto falta dos teus cozinhados – comentou Bay, olhando para o prato, sem querer terminar, sem querer que acabasse. – Principalmente nesta altura do ano. Vais cozinhar na primeira geada?

– Se tiver tempo.

Bay assentiu, sabendo que aquilo queria dizer «não».

Ainda assim, a árvore floresceria e só isso era razão mais do que suficiente para celebrar, com ou sem comida.

Bay olhou para o calendário da cozinha.

Ainda faltava uma semana.

Bay esperou que todos a passassem sem cometer nenhum loucura.

Depois do pequeno-almoço, Claire levou Bay até à baixa. Quando saíram da carrinha de Claire, Bay olhou por acaso para o outro lado da rua, para o relvado, e viu Phineus Young com alguns dos seus amigos, sentados em grupo na relva, a jogarem a um complicado jogo de cartas e dados.

Parecia que ela não era a única adolescente da cidade cujos pais queriam que saísse de casa e apanhasse ar fresco.

Claire começou a encaminhar-se para o Porta Branca, mas Bay disse-lhe que já lá ia ter e atravessou a rua a correr em direção ao relvado.

– Olá, Phin – disse Bay enquanto se aproximava deles, sob a sombra da cabeça meio enterrada de Horace. – O que estás a fazer?

Phin não olhou para ela, atirando outra carta para o baralho.

– A perder.

– E à grande – replicou Dickus Hartman, atirando a sua carta vencedora e rindo. Dickus era gordo, oleoso e bruto, mas, sinceramente, pertencia ali, ao grupo daqueles rapazes. Eram os únicos que o aturavam.

– Tens a certeza de que não vais ao baile de hoje? – perguntou Bay, consciente de que já lhe fizera essa pergunta, mas querendo ter a certeza, ainda que significasse que os amigos dele gozariam com ela. Naquela altura, já não podia piorar nada. Queria um informador que, na segunda-feira, lhe contasse com quem Josh tinha ido, o que vestira e como atuara.

– Tenho – afirmou Phin enquanto Dickus se ria e dava novamente as cartas. – Tu vais? – Phin olhou para ela, semicerrando os olhos verde-claros perante a luz do Sol, como uma toupeira.

Bay abanou a cabeça.

– Então há pessoas que hoje vão ganhar muito dinheiro – disse Dickus.

– De que estás a falar? – quis saber Bay. Dickus limitou-se a manter um ar presunçoso. Bay deu uma pancadinha com o pé a Phin. – Phin?

Phin pareceu embaraçado.

– Anda por aí uma aposta sobre se tu vais ou não ao baile para enfeitiçares o Josh – Phin não parava de mexer as mãos – e fazeres uma cena dramática.

– Uma aposta – repetiu Bay sem expressão.

– Não te preocupes com isso – disse Phin, jogando uma carta. – Eles estão só a ser parvos.

– O Josh também apostou? – perguntou Bay.

– Ele acha que tu não vais aparecer – respondeu Dickus.

– Foi o que ele disse – interveio Phin, tentando suavizar o golpe. – Mas não apostou nada.

Porque falava Josh dela? Se quisesse que ela desaparecesse, se quisesse que a história do recado dela desaparecesse, então não devia falar disso. Devia dizer-lhe na cara que ela estava enganada e que ele não queria ter nada a ver com ela. Devia parar de agir de forma tão estranha com ela e de a evitar como se cheirasse mal. E, é claro, não devia estar sempre a bater na mesma tecla sobre o facto de ela aparecer no estúpido baile para... fazer o quê, exactamente? Enfeitiçá-lo? Era isso que ele pensava dela?

– Phin, está pronto às seis da tarde – ordenou ela de repente.

– Para quê? – perguntou ele.

Ela afastou-se, com as mãos cerradas em punhos junto ao tronco. Lá se ia o facto de não se cometerem loucuras.

– Para me lebares ao baile.

* * *

Claire estava de pé, junto à cadeira de Sydney, a pensar nas coisas que tinha de fazer em casa enquanto Sydney penteava Madison Elliott.

– O Charlie disse o meu nome esta manhã, não disse? – perguntou Sydney, gritando por cima do som do secador. O bebé Charlie estava junto à sua cadeira, num baloiço que Sydney lhe comprara. Tinha um sorriso na carinha rechonchuda à medida que palrava com quem passava. Um encanto. Já estava a aprender que o único rapaz num cabeleireiro é sempre o centro das atenções.

Violet Turnbull, tão magra que parecia só pele e osso, desviou o olhar do computador da receção, onde navegava na internet.

– Acho que pareceu mais «kidney»³ do que «Sydney» – disse ela.

– Porque havia ele de dizer «kidney»? – perguntou Sydney, olhando para Charlie com um ar tão afetuoso que fez com que Claire temesse pela irmã, por ela poder magoar-se por ficar demasiado apegada ao bebé. – Seja como for, ele é um menino muito esperto.

– Tenho de ir – disse Claire. – Queres que te traga o almoço?

– Isso seria ótimo – respondeu Sydney, pousando a escova e secando só com uma mão enquanto tirava dinheiro do avental para dar a Claire. – Compras-me uma sanduíche de azeitona e um *latte* de maçã e caramelo no Brown Bag Café?

– Mais alguém quer? – perguntou Claire às outras cabeleireiras.

Uma delas, a Janey de cabelo cor de rosa, disse:

– Um café americano.

– Eu não tenho dinheiro – disse tristemente Violet, da receção.

– Recebeste o salário ontem – comentou Janey, mostrando claramente não ser a sua maior fã.

– Ando a poupar – replicou Violet.

– Eu ofereço – respondeu Sydney. – O que queres, Vi?

Violet levantou-se e disse:

– Uma sanduíche *club*, batatas fritas, pickles extra e duas latas de *Coca-Cola*.

Janey olhou para Violet com desprezo do outro lado do salão.

– O que foi? – perguntou Violet. – Não tomei pequeno-almoço.

Sydney acenou para o dinheiro que acabara de entregar a Claire.

– Podes também comprar bananas e cereais no mercado do Fred? Costumo guardar um pouco para o Charlie na copa, mas acho que a Violet ontem comeu o que restava. – Claire olhou para Sydney de uma forma já antes vista. – Não digas nada.

– Nem ia dizer – respondeu Claire.

Sydney desligou o secador. Madison Elliott não ouvira nada. Desviou os olhos da revista que estivera a ler e sorriu. O seu cabelo estava lindo. Sydney tinha sempre as marcações cheias. Conseguia fazer magia com os cabelos. Quando alguém cortava o cabelo com ela, tinha sempre um dia perfeito – filas das finanças mais curtas, um aumento do patrão, os filhos faziam o próprio jantar e iam para a cama mais cedo. Claire sentia um pouco de inveja. Sydney nunca tinha de trabalhar arduamente para que o seu dom funcionasse. Fora-lhe mais trabalhoso negá-lo quando era jovem. Parecia ser muito mais fácil para Sydney, Bay e a velha prima Evanelle. Pelo contrário, Claire trabalhava incansavelmente. Sempre o fizera. E, nos últimos tempos, era-lhe ainda mais difícil.

Claire recolhia o dinheiro dos restantes almoços quando Bay entrou no salão. Tinha a pele pálida luminosa e as faces cor de rosa, como se tivesse engolido algo brilhante e isso transparecesse. Todas pararam o que estavam a fazer, sabendo que se passara qualquer coisa.

– Vou ao baile de Halloween – anunciou Bay.

Claire quase se riu perante a reação da irmã. Os braços de Sydney caíram para os lados, como se estivesse derrotada.

– Deves estar a brincar.

– Não – disse Bay. – Não estou a brincar.

– Já sabes disto há semanas e agora é que decides ir? Nem sequer tens máscara!

– Não preciso de uma máscara.

– É claro que precisas de uma máscara! – exclamou Sydney. – Meninas, alguém tem uma máscara de Halloween que possa emprestar à Bay, para hoje à noite?

– Eu tenho uma máscara de vampira atrevida – disse Janey.

– Não.

– Enfermeira atrevida? – disse Janey.

– Não.

– Tenho outra coisa atrevida...

– Nada de atrevido – interrompeu Sydney. – Oh, meu Deus, isto é uma tragédia. Anda cá. Talvez te consiga fazer qualquer coisa ao cabelo. – Sydney deu umas pancadinhas na cadeira onde Madison Elliott estivera sentada e Bay encaminhou-se para ela, de cabeça baixa, mais do que envergonhada. Não olhou para Claire quando passou e Claire suprimiu um sorriso. Assim que Bay se sentou, Sydney tirou-lhe o chapéu de basebol da cabeça, soltando-lhe o cabelo escuro e comprido. Sydney passou os dedos por ele, olhando para o reflexo da filha.

Havia fotografias de Bay alinhadas em redor do espelho em frente à cadeira de Sydney. Uma de quando ela tinha seis anos e estava debaixo da árvore. Outra da sua nona festa de aniversário, quando Claire lhe fizera um bolo de amora silvestre. Outra ainda de quando ela tinha doze anos e estava ao lado de Phineus Young, na paragem de autocarro, na primeira vez em que Sydney os deixara sozinhos. E, agora, ali estava Bay no meio do espelho, com quinze anos, e a preparar-se para o seu primeiro baile.

Sydney pareceu pressentir o momento em que Bay ia dizer algo sobre os olhos espantados da mãe, pelo que aclarou a garganta e disse à rececionista:

– Violet, quando Mistress Chin chegar, pede-lhe para esperar uns minutinhos e depois começa a lavar-lhe a cabeça.

– Então é o almoço? – perguntou Violet.

– A Claire ainda nem sequer foi comprá-lo. Terás tempo para almoçar.

Bay mexeu-se na cadeira.

– Mãe, as máscaras são opcionais. Não é nada de importante.

– É o teu primeiro baile. Claro que é importante. Não te deixo ir sem uma máscara. Alguém tem roupa dos anos oitenta? – perguntou ela às cabeleireiras. – Faço uns ótimos penteados à época.

Claire decidiu finalmente ajudar Bay.

– A avó Mary tinha uns vestidos antigos que guardei. Compridos e elegantes, como se usava nas festas dos anos vinte. Acho que pertenceram à mãe dela.

Sydney sorriu, como se se tivesse lembrado de algo que quase se esquecera.

– Eu costumava achar que tu eras a única pessoa da família a dar festas no jardim, como as tuas festas das primeiras geadas, mas agora recordo-

me que a avó Mary me falava de piqueniques que costumava lá fazer. Convidava pessoas e vestia-se como uma ninfa de jardim.

– Então, é a isso que irei mascarada – disse Bay, rápida e decidida, querendo colocar um ponto final na conversa. – Usarei o que a avó Mary vestia e serei uma ninfa de jardim.

Claire e Sydney trocaram olhares. Era um grande passo para Sydney, aceitar aquilo em relação à filha. Bay era uma Waverley, que queria vestir-se como uma Waverley, e não como brincadeira, tal como Sydney fizera num ano em que se mascarara de Claire no Halloween, envergando uma peruca comprida e preta, que lhe cobria o rosto, e um avental que dizia beija a cozinheira, que achou engraçado por ninguém querer beijar a estranha Claire. De todas as coisas que Bay podia ser, escolhera ser uma Waverley. Era quem ela era. Nem sequer era uma máscara. Sydney cedeu, incitada pela possibilidade de pentear o cabelo de Bay. Há anos que Bay só a deixava cortá-lo.

– Está bem – concordou Sydney, fazendo subir a cadeira. – Claire, vais comprar flores ao Fred para que as possa usar no cabelo de Bay?

– Volto assim que puder.

– Espere, pode trazer-me também uma tarte? – pediu Violet enquanto Claire passava pela receção e saía.

Quando Claire saiu, a luz de outono raiava com uma tonalidade laranja, como se o sol do meio-dia tivesse caído no chão a uma longa e plana distância dali. A luz daquela altura do ano tinha uma atmosfera muito diferente, como um farol a desaparecer lentamente.

Ela estava prestes a virar à direita, em direção ao café e ao mercado de Fred, quando, à esquerda, reparou em algo prateado, pelo que se virou e viu duas senhoras de pé, à porta da loja de roupa da Maxine, a falarem com um velhote de fato cinzento.

Era *ele*. O velhote que vira na sua rua, duas vezes. Atravessou a estrada a correr na direção deles, passando por um grupo de estudantes universitários no meio do passeio que tiravam uma *selfie*, como se o simples ato de andar num passeio precisasse de ser registado. Claire deu a volta ao grupo e desviou o olhar do homem por um instante.

Quando voltou a olhar, ele tinha desaparecido.

Confusa, Claire aproximou-se das senhoras. Conhecias-as bem. Costumava fazer o *catering* de todas as festas de aniversário de Patrice e de outras. Patrice estava com a irmã, Tara, que vinha de Raleigh visitá-la frequentemente. Claire andara na escola com Patrice. Sydney dava muita ênfase aos seus próprios anos do secundário e à importância que eles haviam tido. E queria que estes anos também fossem excelentes para Bay. Só que Claire podia dizer com toda a sinceridade que não se recordava muito bem da experiência dos seus anos do secundário. Frequentava as aulas, era reservada e ansiava para ir para casa todas as tardes de modo a juntar-se à avó na cozinha. Era, como quase todas as suas experiências, algo que ela embelezava a favor de recordações mais bonitas. Sydney chamava-lhe a sua história revisitada.

– Claire, estávamos mesmo a falar de ti – disse Patrice. Ela estava a entrar nos seus quarenta e poucos anos e a lutar vigorosamente contra eles. Tinha o cabelo comprido, superloiro e brilhante. O botox impedia-lhe os lábios de abrir muito, pelo que falava com uma ligeira expressão de peixe. Os seus olhos azuis eram demasiado delineados com *eyeliner* preto, uma aparência que não lhe ficava bem por ela já não ser jovem, e as suas pupilas estavam sempre um pouco dilatadas por tomar demasiados ansiolíticos, apesar de ela pensar que ninguém reparava.

– Quem era aquele homem? – perguntou Claire, tentando não parecer muito ansiosa, pois afinal não era emergência nenhuma. Pelo menos, ela não pensava que fosse.

– Que homem? – perguntou Patrice.

– Ainda há pouco estava aqui um velhote – disse Claire. – De cabelo grisalho. E fato cinzento.

– Não estava aqui ninguém – afirmou Tara. Tara era mais velha que Patrice e não combatia tanto a idade, em grande parte por não ter o dinheiro que o marido de Patrice tinha. O seu cabelo era mais escuro e usava túnicas que lhe cobriam uma barriga de mulher de meia-idade perfeitamente aceitável, escondendo-a da irmã-que-ia-todos-os-dias-ao-ginásio.

– Ele estava mesmo aqui – assegurou Claire, sentindo-se frustrada. – Aqui, onde eu estou agora.

– Desculpa, Claire – disse Patrice. – Não vimos ninguém assim.

– Mas vocês estavam a falar com ele – insistiu Claire, franzindo o sobrolho.

– Nós estávamos a falar, mas só uma com a outra – respondeu Tara. – O que estávamos a dizer?

– Não me lembro – retorquiu Patrice.

Tara riu-se.

– Que engraçado, eu também não me lembro.

– Saímos da loja e tu vieste ter connosco. Pensei que tínhamos estado a falar sobre ti, mas acho que afinal me enganei. – Patrice encolheu os ombros.

Claire despediu-se e afastou-se, deixando Patrice e Tara a olhar para o vazio, como se alguém as tivesse posto em transe.

Alguém que cheirava a esturro.

³ A autora faz aqui um jogo de palavras foneticamente muito parecidas. *Kidney* significa «rim» em português. (*N. da T.*)

De regresso à Estalagem Pendland Street, Anne Ainsley mantinha-se à porta do quarto número seis com um jogo de lençóis limpos nos braços.

– Mister Zahler? – chamou ela enquanto batia à porta.

Ele não respondeu. Ela sabia que ele não responderia. Vira-o sair em direção à baixa após o pequeno-almoço.

Abriu a porta do quarto e entrou.

Ao longo dos seus três casamentos, Anne surpreendera-se sempre com as mentiras dos maridos. Ficara genuinamente para morrer de tão surpreendida. Depois de o terceiro marido a ter traído e levado tudo o que ela tinha no banco, todos os cêntimos que herdara dos pais, jurou que nunca mais se deixaria surpreender daquela forma. Os homens mentiam. Ela aceitava isso agora. Não podiam evitar. Era o seu defeito. Negavam-no, mas isso só provava que ela estava certa.

Russell Zahler mentia sobre algo. E ela não queria realmente saber. Até lhe dava alguma satisfação enganar Andrew. Contudo, sentia-se curiosa e aborrecida. Andrew não a deixava ter uma televisão no quarto. Não havia uma única televisão na estalagem. «Não combina com a casa», dizia Andrew. Ela às vezes tinha vontade de responder: «E a eletricidade, Andrew? Também não combina com a casa.» Deus, ele às vezes era demasiado parecido com o pai. Por isso, Anne tinha de arranjar a sua própria distração.

E a sua distração consistia sobretudo na internet do computador do balcão da recepção, e espiar os hóspedes, e mexer nas coisas deles quando limpava os quartos. Nunca roubara nada. Andrew expulsá-la-ia num abrir e fechar de olhos se o fizesse. Ela gostava simplesmente de ver o que as pessoas traziam de casa, a que cheiravam os seus perfumes e que tamanhos usavam. Gostava de inventar histórias sobre eles.

Anne sempre fora um pouco bisbilhoteira. Sabia isso acerca de si. O pai de Anne e Andrew fora um oftalmologista e a mãe gerira o consultório, enquanto, ao mesmo tempo, vendia nos tempos livres *lingerie* ousada, sobretudo às mulheres da cidade de Clark, conhecidas pela sua aptidão sexual que lhes garantia sempre um marido. O pai nunca conhecera o negócio à parte da mãe. E Andrew ficara boquiaberto quando descobriu os catálogos e os produtos depois de ela morrer.

Mas Anne sempre soubera. Descobrira tudo aos dez anos, após encontrar a arca fechada na parte traseira do roupeiro da mãe. Procurou por toda a casa até descobrir a chave escondida no lavatório da casa de banho.

Os pais morreram na sua primeira viagem depois da reforma. Tinham poupado uma fortuna com a intenção de viverem muito bem durante a velhice. Os muitos milhares de dólares que deixaram tinham dado a volta à cabeça de Anne. Era a única explicação que ela tinha para ter deixado Andrew ficar com a casa. Na altura, estava casada com o primeiro marido e Andrew ainda não saíra de casa dos pais. Sempre fora um homem exigente. Sentia-se desconfortável com mulheres e nunca saía com nenhuma, pelo que Anne pensou estar a ser magnânima ao deixá-lo ficar com uma casa onde viver os seus dias de solidão.

Dois maridos mais tarde – dois maridos e dois negócios falhados que ela fundara – e ficara falida. Durante os últimos cinco anos, vivera ali, na casa da sua infância que Andrew transformara numa estalagem. Sempre achara tudo aquilo um pouco assustador, como criar um altar para que eles pudessem visitar os pais falecidos. Andrew dava-lhe um quarto, comida (os seus dois quartos minúsculos eram agora na cave) e o salário mínimo, que ela gastava em cerveja, cigarros e revistas. Aquela era agora a sua vida. Já a aceitara. Tinha cinquenta e nove anos, quase sentia os sessenta, e já não tinha nenhuma esperança de ser feliz.

Fechou a porta do quarto de Russell Zahler atrás de si. Aquele era o oficialmente chamado Quarto Andrew Ainsely. Até tinha uma pequena placa na porta com a inscrição. Tratava-se do antigo quarto de Andrew, do tempo em que eram crianças. Estava decorado em tons de roxo-escuro e beringela, que Andrew dizia serem cores da realeza.

Ele dera o nome de Quarto da Esperança e dos Sonhos ao antigo quarto de Anne.

Ela não tinha a certeza, mas achava que era uma provocação.

Colocou os lençóis na cama *king size* e olhou em volta. Russell Zahler deixara o aquecimento e o candeeiro de vidro transparente da mesa de cabeceira ligados. No entanto, não pendurara nada no roupeiro e não pusera objetos de higiene pessoal na pequena casa de banho. Só lá estava a sua enorme mala de viagem de pele, junto aos pés da cama. Anne dirigiu-se a ela e abriu-a. Não havia grande coisa lá dentro. Mais um fato cinzento e uma camisa branca, dobrada; um par de pijamas esfarrapados; o tal roupão à lorde que ele usara na noite em que entrara na cozinha e a assustara porque pensara tratar-se de Andrew a apanhá-la a fumar outra vez; meias e roupa interior; e um *necessaire* preto com um pente, pasta de dentes, escova de dentes, desodorizante, um sabonete, uma lâmina de barbear e um frasco de aspirinas.

Era só.

Não dava para uma história muito elaborada. Ficou um pouco desiludida.

Franziu o sobrolho enquanto os seus dedos tocavam no fundo da mala. Parecia que não alcançara o fim. Tateou com as unhas. Soava oco. Encontrou os cantos e puxou a divisória para cima, revelando um espaço secreto.

Ah! Quase disse em voz alta, satisfeita, como sempre, por encontrar algo que alguém não queria que fosse encontrado.

Lá dentro, havia um antigo baralho de cartas de tarô, um pequeno cristal branco pendurado num fio de aspeto barato e uma pilha grossa de ficheiros de escritório presos por um elástico enorme.

Anne pegou nos ficheiros e retirou o elástico. As primeiras páginas tinham etiquetas com nomes de pessoas e cada um dos ficheiros continha recortes de jornais, fotografias e cópias de documentos públicos como

títulos de propriedade ou certificados de casamento. Ela não reconheceu nenhum dos nomes até chegar a uma etiqueta que dizia: *Lorelei Waverley*.

Tratava-se da mãe de Claire e Syndey Waverley. Anne fora um pouco mais nova do que Lorelei. Lorelei tinha sido muito estranha, como o resto da sua família. Mas também rebelde e triste. Deixara a cidade há muitos anos e morrera algures no Tennessee, segundo o que Anne ouvira dizer. Seria por isso que Russell Zahler andava tão interessado nas Waverley? Por causa de Lorelei? Tê-la-ia conhecido? Anne verificou o que estava dentro do ficheiro. Havia várias cópias de uma fotografia antiga. Fora tirada nos anos setenta, a julgar pelas golas pontiagudas e cores mostarda e castanha da roupa. Na fotografia, Lorelei Waverley devia ter cerca de vinte anos e estava sentada junto a um Russell de meia-idade e um casal de cabelo escuro com um bebé. Encontravam-se numa daquelas mesas de canto que havia em antigos bares ou Pizza Huts. Olhou para o resto do conteúdo do ficheiro, que, interessantemente, parecia ser apenas sobre Claire Waverley e não Lorelei; artigos sobre os negócios de Claire e documentos das finanças que Anne desejava analisar melhor, porém, quase apanhou um susto de morte quando ouviu bater à porta.

– Anne? – chamou o irmão. – Estás aí?

– Sim – disse ela, calmamente. Estava prestes a guardar os ficheiros quando de repente reparou numas brochuras antigas, amareladas pelo tempo, debaixo dos mesmos, na mala. Pegou numa delas. Era um antigo anúncio a um festival itinerante, tendo como estrela principal um mágico e médium chamado O Grande Banditi.

No canto inferior direito havia uma fotografia oval de um homem envergando um grande turbante com uma joia no centro. Tinha as mãos à sua frente como se estivesse prestes a disparar trovões das pontas dos dedos.

Era Russell Zahler.

Ora ali estava uma bela história.

– Anne! – chamou novamente o irmão.

– Já vou – respondeu, dobrando uma das brochuras e guardando-a no bolso. Depois, meteu o resto das coisas dentro da mala, exatamente como as encontrara. Fechou-a e dirigiu-se para a porta.

– O que estás a fazer? – perguntou Andrew.

– Estou a mudar os lençóis – respondeu ela, encolhendo os ombros –, como faço todos os dias.

Ele apontou para o aviso pendurado no puxador da porta.

– O sinal de NÃO INCOMODAR está do lado de fora. Levamos estas coisas muito a sério.

Ela odiava quando ele se referia a si próprio como «nós».

– Oh, não devo ter reparado. – Ela voltou a entrar no quarto e pegou nos lençóis dobrados que deixara em cima da cama. – Peço desculpa – disse, saindo.

– Que não volte a acontecer. – Andrew olhou em redor do quarto, depois fechou firmemente a porta atrás de si.

Umas horas mais tarde, Claire, Sydney e Bay procuravam na casa dos Waverley um vestido que tivesse pertencido à avó Mary para que Bay o pudesse usar no baile de Halloween, o que lhe parecia tão difícil como tentar encontrar uma agulha num palheiro. A casa dos Waverley era enorme e estava cheia até ao teto. O único sítio minimamente ordenado era a cozinha industrial, o que fazia sentido, pois era onde Claire passava a maior parte do seu tempo. Quanto ao resto da casa, Claire, pelos vistos, mantivera tudo o que pertencera à avó. E, quando Tyler se mudara para lá, levara as suas coisas, incluindo os objetos de pintura, que ocupavam quase todo o quarto de hóspedes.

Bay esperava secretamente que não encontrassem vestido nenhum, assim podia tirar as margaridas ridículas e folhas verdes que tinha no cabelo selvaticamente encaracolado e ir penteada normalmente. Tudo o que queria era certificar-se de que Josh a via, a via a ignorá-lo, sem fazer uma cena e a ir-se embora. Ele dissera que ela não iria. E ela mostrar-lhe-ia. Ele não fazia ideia de quem ela era, nem o que fazia ou deixava de fazer. Nunca sequer falara com ela.

Acabavam de descer do sótão quando encontraram Tyler e Mariah no corredor, a chegar a casa.

– O que estão a fazer? – perguntou Mariah alegremente, logo intrigada. Ainda vestia o equipamento de ginástica. Tinha o cabelo mal apanhado num rabo-de-cavalo que o pai tentara obviamente fazer. – É um jogo?

Porque tens flores no cabelo, Bay? Estás muito bonita, como a minha melhor amiga.

Bay colocou o braço em volta da prima, que cheirava a amendoins.

– Obrigada, baixinha.

– Olá, querida – disse Claire, com um ar quase culpado, como se tivesse sido apanhada a fazer outra coisa que não fosse trabalhar. – Que tal a ginástica?

– Correu bem. O que estão a fazer? – voltou a perguntar Mariah.

– Estamos à procura de vestidos antigos para a Bay usar no baile de Halloween, vestidos que pertenceram à minha avó – explicou Claire.

Mariah fez uma careta e pensou. Depois disse:

– Já viram no *closet* do quarto de hóspedes?

– Ainda não. É uma boa ideia.

Mariah deu meia-volta e foi a correr para o quarto de hóspedes, onde as molas do colchão guincharam logo assim que ela saltou para a cama e começou a pular.

Claire virou-se para Tyler.

– Quando tiveres tempo, podes calafetar as condutas do sótão? Senti ar frio a entrar quando estávamos lá em cima.

– Sentes ar frio mesmo quando estás ao sol – brincou Tyler.

Claire sorriu.

– Tu e a Mariah divertiram-se, hoje?

– Fomos à ginástica e depois para o escritório. Bolas, foi o dia mais longo de sempre. A sério, eu ganho. – Tyler tirou pesadamente restos de restolho da face.

– Lamento. Não te esqueças de comer. Hoje fui ao Fred e comprei frango assado. – Claire inclinou-se e perguntou baixinho: – A Em estava na aula de ginástica?

Tyler abanou a cabeça, como se estivesse tão perplexo com esta nova amiga como Claire.

– Ao que parece, a Em não gosta de ginástica. Nem de balé.

– Espera – disse Claire, chegando-se atrás. – Estás a dizer que ainda não a conheceste?

– Vocês podem ter essa conversa de marido e mulher depois – interveio Sydney. – O baile é daqui a duas horas!

Bay bufou.

– Como se tu e o pai também nunca tivessem conversas destas o tempo todo.

– Sinto que estou numa competição com o bom e velho Henry. Anda cá – pediu Tyler, agarrando Claire, inclinando-a para trás e beijando-a.

– Por favor – comentou Bay. – À frente das crianças, não. – Deu meia-volta e dirigiu-se para o quarto de hóspedes, revirando os olhos para um efeito dramático. Naquela noite, precisamente naquela noite, não queria ver como o amor funcionava quando as pessoas sentiam o mesmo uma pela outra.

Claire e Sydney seguiram-na logo depois. O *closet* do quarto de hóspedes era tão pequeno que só uma pessoa conseguia lá entrar, pelo que Claire entrou e começou a tirar as caixas. Sydney e Bay abriram-nas enquanto Mariah saltava na cama, feliz por estar com elas. Encontraram velhos jogos de cama, uma caixa com carteiras antigas de pele, velas que tinham amolecido e derretido umas nas outras e uma cama de gato. Mas nenhum vestido.

– Há aqui uma última caixa – declarou Claire, da parte traseira do *closet*. – Têm de estar aqui dentro. Caso contrário, não faço ideia de onde estarão.

– Não faz mal – replicou Bay, coçando a cabeça, que estava a dar-lhe muita comichão. – Eu também não quero usar uma máscara.

– Não te atrevas a mexer no cabelo – avisou a mãe e Bay baixou a mão.

– Está presa num canto. Esperem, já a tenho! – Claire libertou a caixa e bateu com a cabeça na prateleira de baixo do *closet* ao levantar-se, derrubando os objetos que lá estavam. Uma caixa de sapatos e antigas fotografias espalharam-se pelo chão.

Bay baixou-se, enfiando-se dentro do *closet* para ajudar Claire.

– Estás bem?

– Para quieta! – ordenou Sydney. – Vais estragar o cabelo!

Bay ergueu os braços, desesperada.

– Acho que usaste treze latas de laca. O meu cabelo não se moverá na próxima década!

Claire emergiu do *closet* segurando a caixa de cartão com uma mão e esfregando o topo da cabeça com a outra. Quando reparou nas fotografias espalhadas no chão, pousou a caixa de imediato e ajoelhou-se, de boca aberta.

– São fotografias da avó Mary! Já me tinha esquecido delas.

Sydney também se ajoelhou ao pé de Claire, ajudando-a a apanhar as fotos. Deteve-se para examinar uma delas.

– Olha, Claire, olha para isto. Deve ser o piquenique de fadas de que a avó Mary me falou.

Claire e Sydney estavam agora lado a lado, uma imagem em que Bay pensaria sempre quando as imaginava juntas, em como eram unidas, como se soubessem o que estava dentro dos bolsos uma da outra.

– Porque é que a avó Mary te falava mais a ti destas coisas do que a Claire? – perguntou Bay, curiosa.

Claire olhou para cima e respondeu-lhe.

– Porque a tua mãe era bonita e popular, como a avó Mary quando era nova.

Bay sentiu-se um pouco tonta, como quando pensamos estar no último degrau de uma escada e descobrimos que ainda nos falta subir outro.

– Tu eras popular? – perguntou Bay.

Sydney riu-se.

– Pareces surpreendida.

– É que és uma Waverley.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra – respondeu Sydney, olhando para a fotografia. – A avó Mary tinha muitos pretendentes quando era nova, antes de casar, antes de envelhecer e de ficar... estranha.

– Agorafóbica – corrigiu Claire, metendo o resto das fotografias dentro da caixa de sapatos e rastejando novamente para junto da última caixa que tirara do *closet*. – Estamos a encontrar todas as coisas da avó Mary, menos os vestidos. Olhem, aqui está outro dos seus livros de receitas. Ela escondia-os por toda a casa. Uma vez, encontrei um dentro do colchão da cama dela. – Claire pegou num pequeno e fino caderno preto que dizia *Livro de Receitas Waverley* na capa, tal como todos os outros. Contudo, por baixo, este tinha inscrita a palavra Karl.

– Quantos livros de receitas encontraste? – perguntou Sydney.

– Quase cem. – Claire abriu-o e franziu o sobrolho, confusa.

– O que foi?

– Olha para isto – disse Claire. – Ela censurou todas as páginas. – A avó Mary tinha riscado a tinta preta todas as linhas de todas as páginas, ocultando as anotações originais.

Sydney abanou a cabeça.

– Era mesmo uma velhota esquisita. Estava sempre a escrever nestes cadernos. Era quase uma obsessão.

– Ela fazia o melhor que podia – comentou Claire, folheando o caderno.

– Ultimamente, tenho pensado muito nela. Não deve ter sido fácil ter-nos criado.

– Desvalorizas sempre o facto, quando a mãe nos trouxe para aqui, ter ficado connosco durante seis anos antes de partir outra vez – referiu Sydney.

– Contudo, foi a avó Mary que cuidou de nós.

– A mãe cuidou de nós enquanto aqui estive. Evanelle conta que a avó demorou quase um ano a habituar-se a ter pessoas em casa outra vez. Ela mal falava connosco. – Sydney acenou com a mão a Claire, como se aquela fosse uma discussão frequente. – Mas nunca te lembras destas partes.

Claire pareceu pensar no assunto e depois respondeu:

– Bom, depois de a mãe se ter ido embora, a avó Mary tomou conta de nós.

– Depois de a mãe se ter ido embora, tu, Claire, tomaste conta de nós.

– Não, foi a avó Mary – contra-argumentou Claire. – Ela encomendava comida, roupa e sapatos para nós. Lavava os nossos lençóis.

– Tu fazias essas coisas todas. Tinhas doze anos quando a mãe nos abandonou. Lembro-me de ficar muito frustrada com a roupa que escolhias para eu usar. Vestiste-me com vestidos cinzentos e camisolas pretas, tal como uma velhota, durante quase todo o primeiro ciclo.

– Não vesti nada. – Claire deteve-se. – Espera, vesti, não vesti?

Sydney abanou a cabeça, bufando.

– Tu e a tua História revisitada.

Enquanto Bay as observava a conversar, começou a aperceber-se de que sabia muito pouco sobre as irmãs Waverley, as suas histórias e as suas vidas prévias antes de se tornarem tão unidas. Ela sabia, sempre soubera, como elas a protegiam e que era por isso que nunca lhe passavam muita informação. Contudo, Bay também nunca perguntava e agora sentia-se assoberbada com muitas questões. Quem fora, realmente, Mary? Porque era uma coisa quando era nova e quando envelhecera se tornara outra?

Porque cuidara das filhas da própria filha? Porque se fora embora Lorelei?

Claire pôs de forma relutante o livro de receitas de lado e olhou de novo para a caixa. Afastou várias folhas de papel amarelado e disse:

– Bingo! Cá está um vestido.

Retirou algo tão fino e delicado que parecia feito de velino. Claire levou-o ao nariz.

– Até cheira ao sabão que ela usava.

Sydney pousou a fotografia da festa das fadas e pegou no vestido.

– Ao sabão cinzento. Eu adorava-o. – Sydney levantou-se e colocou o vestido diante de Bay. – Sim, é perfeito para uma ninfa de jardim.

Bay olhou para o vestido e passou os dedos por ele. Era realmente perfeito. De um verde apagado com camadas de renda bege a formarem uma gola transparente no pescoço. Tinha lantejoulas antigas nos lados, formando flores, e uma faixa de seda abaixo das ancas.

– É o mesmo vestido que ela está a usar aqui – disse Sydney, inclinando-se para apanhar a fotografia que pousara. A mesa de piquenique da foto era uma porta antiga colocada sobre cavaletes e os assentos eram antigos tocos de árvores, ou talvez peças grossas de lenha, com almofadas quadradas em cima. Seis homens sentavam-se em seu redor, não olhando para a câmara, mas para a linda mulher com cabelo escuro e comprido, quase até à cintura, que se encontrava à cabeceira. Ela sorria, com os braços esticados, como se convidasse todos a entrar no seu mundo. A macieira ao fundo mal se via, mas tinha um ramo estendido na direção dela, como se quisesse aparecer na foto ao seu lado.

Até parecia um pouco apaixonada por ela.

– Pronto, já chega de recordações – disse Sydney, empurrando Bay para o corredor, em direção à casa de banho. – Despacha-te e veste-te!

Quando Bay e Phin entraram juntos no ginásio, Bay tentou suavemente dar a mão a Phin por estar muito nervosa. Mas a mão dele era impossível de agarrar. Phin estava coberto dos pés à cabeça com um lençol branco salpicado com pequenos botões de rosa. Tinham sido feitos rudemente dois buracos no lugar dos olhos.

– Nem acredito que estejas a usar um lençol – disse ela.

– Quando apareceste à minha porta mascarada, tive de pensar depressa – disse Phin, numa voz abafada. – A minha mãe vai matar-me por ter feito dois buracos nos seus melhores lençóis.

– Porque não usaste os teus próprios lençóis?

Ele hesitou antes de responder.

– Porque não estavam limpos.

Rapazes.

– Então, o que fazemos agora? – perguntou Phin.

– Não sei. É a primeira vez que venho a um baile.

– Ajudaste a decorá-lo.

– O que não me deu qualquer informação sobre a dinâmica da coisa.

– Está fantástico. – Ele movia a cabeça de um lado para o outro, como se tentasse ver através dos buracos. – Pelo que consigo ver.

– Tira essa coisa.

– Nem pensar. – Ele desviou-se quando Bay lhe tentou tirar o lençol. – Ninguém sabe que sou eu. Estou disfarçado.

Bay olhou em volta. O ginásio estava mesmo fantástico. A bola iluminada e enfeitada no teto projetava sombras nas paredes que pareciam árvores mortas. E havia um canto onde estavam a ser exibidas cenas clássicas de filmes de terror num ecrã branco. Riva pedira ao pai de Maisy Mosey, fotógrafo profissional, que tirasse fotografias aos miúdos que posavam diante das cenas, como se estivessem a ser perseguidos pelo Chucky ou pelos pássaros de Hitchcock.

Infelizmente, sem informarem o comité de decoração, alguns pais tinham tido a brilhante ideia de trazer fardos de palha, para todos se sentarem, e alguns corvos engraçados e assustadores que tinham sobrado da festa dos meninos do jardim de infância. O ginásio acabou por ficar com a aparência de uma discoteca muito, mas muito, mal decorada.

Todas as escolas do secundário do condado tinham sido convidados e Bay via os jogadores de futebol de Hamilton High a troçar dos corvos e a fingir que tinham medo deles.

Era um problema ter o Hamilton High ali. Todos o sabiam, talvez à exceção dos diretores que organizaram tudo. A equipa de futebol de Bascom High não chegou aos *playoff* estatais, mas a de Hamilton sim. Tratava-se de uma antiga escola rival e rural, com grandes equipas desportivas, e Bascom High era uma escola urbana com uma enorme

desproporção de alunos oriundos de famílias abastadas. As duas equipas entreolhavam-se de ambos os lados do ginásio. Todos os jogadores de futebol dos dois lados estavam mascarados de zombies, com tinta branca na cara, sangue falso nas camisolas e pele falsa a escamar nos braços. A única forma de os distinguir era através da cor dos equipamentos e dos números que tinham nas costas.

Josh era o número oito. Bay encontrou-o logo. Ele espetara o cabelo loiro e pusera sangue falso na cabeça de forma a dar o efeito de estar a escorrer-lhe pela face, em direção à camisola. Tinha a boca pintada como se esta fosse monstruosamente grande e com dentes a mais. Alguns dos seus amigos tinham lentes de contacto vermelhas. Um deles escondera um braço por baixo da camisola para que parecesse que lhe tinha sido arrancado.

– Vamos beber qualquer coisa – disse Bay a Phin, assim que viu Josh. Bay sentia-se estranha, como se algo em si própria tivesse mudado, o que ela pensou ser idiota, pois só o lado exterior mudara. Era o vestido mágico, mas também a esperteza do dom da sua mãe no cabelo. O penteado fazia-a sentir-se bonita, porém, afável e vulnerável a pensamentos sobre Josh a olhar para ela e vê-la a uma nova luz, a dirigir-se a ela diante de todos e a dizer-lhe que não se apercebera de como ela era bonita, que tudo o que ela escrevera no recado fazia agora sentido.

Bay e Phin encaminharam-se para a mesa dos refrigerantes enquanto o DJ punha a música *Thriller* em altos berros.

– Belo repasto – comentou Phin, tentando pegar numa bolacha através do lençol.

– Oh, por amor de Deus, põe o lençol por cima do braço.

– Nem pensar. Não quero que ninguém saiba que sou eu.

– Achas que te vão reconhecer pelas mãos?

– Podem reconhecer – disse ele, pegando na bolacha com a mão tapada pelo lençol, como um fantoche. Levou-a à boca, esquecendo-se de que não fizera ali um buraco.

Bay abanou a cabeça e desviou o olhar. Segundos depois, Phin disse:

– As bolachas são muito boas. – Mas ela mal percebeu as suas palavras. Virou-se para trás e viu a boca dele a mover-se sob o lençol. Obviamente arriscara-se a ser reconhecido pelas mãos e pegou em, pelo menos, metade das bolachas que se encontravam no prato.

– Foi a Riva que teve a ideia – referiu Bay. E era um belo repasto. As garrafas das bebidas estavam apropriadamente macabras, com olhos a flutuar numa delas e um cérebro gigante a flutuar noutra. Os bolos a imitarem dedos pareciam realmente dedos e as bolachas de fantasmas estavam muito bem feitas – tinham sido mergulhadas em chocolate branco e exibiam olhos de chocolate negro. Havia também um prato de alcaçuz preto enrolado a imitar ratos, cachorros-quentes embrulhados em maçã para parecerem múmias e uma tigela de pastilhas elásticas brancas que dizia, simplesmente: *dentes*.

Mas, novamente, alguns pais tinham tido a brilhante ideia de usar toalhas de mesa vermelhas e guardanapos que diziam *Tenham juízo no Halloween!* Era a festa mais estranha de sempre. Hamilton High parecia enojado.

– Onde está a Riva? – perguntou Phin.

Bay olhou em redor e encontrou-a na cabina do DJ. Exibia uma enorme máscara de abelha, como a da rapariga do videoclipe dos Blind Melon, dos anos noventa. Todas as máscaras das suas amigas tinham sido inspiradas por videoclipes retro e icónicos. Dakota usava um sutiã em forma de cone como os da Madonna. Trinity vestia um fato como os de Annie Lennox e Louise tinha um chapéu igual aos do Jamiroquai. Bay teve de admitir que fora uma bela ideia. Muito melhor do que todos os zombies jogadores de futebol.

– Está com o grupo dela. Ali.

– Qual é o teu plano? – perguntou Phin, comendo as bolachas por baixo do lençol, como um miúdo pequeno que esconde doces na cama à noite.

– Não tenho um plano – respondeu Bay.

– Se isto é por causa da aposta, tens de deixar que eles te vejam. Chiu, está calada – disse Phin, de súbito.

– Calada? Porquê? És sempre assim tão doido ou estás sempre tão ensonado de manhã, na paragem de autocarro, que eu nunca reparei que eras assim?

– A Riva vem aí – sussurrou ele. – Não lhe digas que sou eu.

– Porque haveria de dizer-lhe que és tu?

– Bay, és tu? – perguntou Riva, dirigindo-se a eles. – Belo fato. O vestido é muito gatsbyano! E o teu cabelo! Meu Deus. Deve ter sido a tua mãe a penteá-lo. És capaz de ganhar o prémio.

– Boa – disse Bay, sem fazer ideia de que prémio estava ela a falar.

– Estás mascarada de quê? – perguntou Riva.

– De Waverley – replicou Bay.

– Sim, mas, o teu fato é de quê?

– Sou a minha bisavó, Mary Waverley. Ela costumava dar festas no jardim dos Waverley vestida como uma ninfa de jardim.

– Fixe.

– Estás mascarada à rapariga abelha dos Blind Melon? – perguntou Bay, apontando para as antenas de Riva.

Riva fez uma careta.

– Não era a minha primeira escolha. Todas nos juntámos para decidir o tema, depois fizemos uma lista e dissemos à vez o que queríamos ser. Eu fui a última a escolher e calhou-me este fato. Sinto-me uma Mavis.

Riva nunca tivera uma conversa tão longa com Bay, pelo que esta não sabia bem o que fazer. Finalmente, disse:

– Uma Mavis?

– Como no livro *Are you there God? It's me, Margaret?* As raparigas formam um clube secreto e escolhem nomes secretos. Como Alexandra e Veronica, mas Margaret fica presa ao nome Mavis. – Os olhos de Riva desviaram-se para Phin, que se mantinha junto a elas, e franziram. Ele estava um pouco perto de mais, como se pensasse ser invisível. – Bem, até logo.

– Adeus.

– Muito bem – disse Phin, regressando da invisibilidade. – Tiveste uma conversa verdadeira com a Riva Alexander. Ela vai contar tudo às amigas.

– Quero lá saber.

– És tão mentirosa. Gostas de pensar que não te importas, mas importas. Há uma pequena coisa chamada dar-e-receber. Há pessoas com quem podemos ser nós próprios, mas há outras com quem temos de ser um pouco menos esquisitos. E sabes uma coisa? Essas pessoas estão por toda a parte. Todos temos de viver com isso. – Phin começou a afastar-se dela, devagar, como se Bay não reparasse que ele se movia. – Agora, se me dás licença, vou fazer como os fantasmas e desaparecer.

Durante a hora seguinte, Bay reparou que Phin flutuava por diferentes grupos e ouvia as suas conversas. Estava quase sempre ao pé de Riva, depois ia-se embora quando ela começava a suspeitar dele. Parecia gostar ridiculamente da sua invisibilidade.

Bay mantivera-se junto à mesa de refrigerantes durante algum tempo e algumas pessoas falaram com ela, elogiando-lhe o cabelo e o vestido. Um rapaz de Hamilton High, mascarado de ninja, perguntara-lhe se ela queria dançar, mas ela dissera que não. Passara o resto do serão com as raparigas esquisitas nas bancadas, a olhar para Josh.

Phin tivera razão quando afirmara que a conversa ia saber-se. Riva contara de imediato às amigas que Bay se encontrava ali. Mas esta não era a única novidade dessa noite. Riley Asher fora mandada embora por usar um fato transparente e uma peruca comprida, a dizer que era Lady Godiva. Dizia-se que alguém levava uma garrafa de vodka. E alguns jogadores de futebol de Hamilton High faziam comentários grosseiros às raparigas da claque. Com tantas coscuvilhices de que falar, era difícil saber que notícias se espalhavam, e quem as ouvia, porém, Bay soube logo quando Josh ouviu falar dela. Estivera a observá-lo atentamente à espera desse momento.

Alguém da equipa de Josh foi ter com ele e bateu-lhe ao de leve no braço, dizendo-lhe algo a rir-se. Josh abanou a cabeça. O colega de equipa olhou para as bancadas e apontou para Bay.

Nesse instante, os olhos de Josh encontraram os dela. Ela não desviou o olhar, ainda que tivesse sentido o coração bater com tanta força no peito que as partes mais vaporosas do vestido flutuaram. Ele pareceu confuso. Observou-lhe o cabelo e o vestido, separando os lábios.

Era o momento, pensou ela. Levantou-se. As raparigas esquisitas à sua volta olharam para ela e depois para Josh, e, por uns segundos, também ela sentiu a esperança delas, como se fosse algo contagioso, como se Bay fizesse aquilo em nome de todas.

O colega de equipa de Josh voltou a bater-lhe no braço e Josh franziu-lhe o sobrolho e virou as costas a Bay.

Ela voltou lentamente a sentar-se e as raparigas esquisitas desviaram o olhar, dececionadas.

Bem, fora o momento, pensou ela, com os ombros a relaxar um pouco.

Josh vira-a. Fora tudo o que Bay quisera. Bom, não fora tudo o que Bay quisera, mas cumprira o que fora ali fazer.

E estava feito.

Agora, tinha apenas de esperar que Phin parasse de flutuar e ouvir as conversas dos outros. Depois, podia ir para casa e tentar parar de amar tanto Josh Matteson definitivamente.

Durante a hora seguinte, Bay apercebeu-se de que Josh se fora embora. Ela não voltara a olhar diretamente para ele, mas sempre soubera onde se mantinha pelo rasto de fumo fino que deixava atrás de si. Até agora. Encontrava-se sentada nas bancadas sozinha, pois as outras raparigas esquisitas tinham decidido ser ainda mais esquisitas e dançar em grupo ao som de músicas calmas, no centro do ginásio. Bay estava junto à porta, suficientemente perto para ouvir a palavra luta ser sussurrada entre os vários miúdos que se dirigiam lá para fora.

Subitamente, sentiu-se sobressaltada acerca do paradeiro de Josh.

No secundário, existe uma sociedade secreta que a maioria dos alunos só descobre mais tarde, fazendo-lhes depois sentido a semana em que todas as raparigas populares aparecem na escola desmaquilhadas e todos os rapazes populares aparecem com as calças de ganga tingidas de rosa. Era a sua semana apressada, a sua iniciação formal à camada de cima. A exclusividade fazia com que eles se sentissem importantes, e os seus encontros eram quase inofensivos. Porém, às vezes, havia drogas envolvidas. E, às vezes, lutas.

Bay não conseguia encontrar Phin – havia muitos fantasmas no baile, rapazes que voltariam para casa com lençóis destruídos e para mães furiosas – pelo que saiu pela porta com os outros, em direção ao parque de estacionamento da faculdade, quase sem carros.

Os jogadores de futebol de Hamilton High estavam todos lá. Bay atravessou a multidão para ver a estrela da equipa de Hamilton, no chão,

com a cabeça inchada, a lutar com outro jogador de Bascom High. Demorou um instante a perceber que reconhecia o número oito da camisola.

Josh.

Bay viu a máscara de abelha de Riva e puxou-a para si.

– O que aconteceu? – gritou Bay por cima do ruído.

As antenas de Riva tremiam.

– Aquele é o Cobie, de Hamilton High – disse ela aos berros. – Ele e o Steven estavam a chegar a vias de facto e Josh meteu-se no meio para intervir. Depois, sem razão aparente, o Josh começou a bater no Codie! Apanhou-o completamente desprevenido. Mas não por muito tempo. E agora ninguém quer ajudá-lo!

A respiração de Bay acelerou. Josh era rápido e ágil, mas Cobie era muito mais alto e pesado. Tentava pregar Josh ao pavimento duro, agredindo-o de lado enquanto o fazia.

Se mais ninguém o ajudasse, ela teria de o fazer. Tinha de fazer alguma coisa. Eles não bateriam numa rapariga, pois não? Ir-se-iam embora assim que ela os enfrentasse. Certo?

Era a primeira luta que ela testemunhava na vida real. Havia algo de primitivo em tudo aquilo, sobrecarregando o ar. Bay sentiu-se assolada e assustada, por Josh e por si própria, pois sempre pensara em si como uma pessoa que se chega à frente e ajuda, que não é igual aos outros. Mas talvez Phin tivesse razão. Talvez ela vivesse num mundo de fantasia. Talvez no mundo real, talvez bem lá no fundo, ela fosse igual aos outros.

De repente, algo passou por ela no meio de uma rajada de vento, fazendo-lhe esvoaçar o cabelo e a bainha do vestido.

Foi tudo muito rápido. Em segundos, Cobie foi atirado pelo ar com uma força que o fez aterrar de costas e de pernas abertas. Ficou sem fôlego e a expressão do seu rosto refletia o que todos sentiam. Mas que raio fora aquilo?

A multidão começou a murmurar e as pessoas voltaram-se para ver surgir professores e pais na porta traseira do ginásio, com os rostos iluminados pelas luzes de segurança.

Todos começaram a ficar agitados. Os colegas de equipa de Cobie levantaram-no, confuso, e arrastaram-no à medida que ele dizia:

– Mas que raio acabou de acontecer?

No meio do caos, Bay foi empurrada várias vezes enquanto atravessava o aglomerado de gente para ir ao encontro de Josh. Quando finalmente o viu, ele ainda se encontrava de gatas, a tentar erguer-se. Rápida como uma flecha, correu para ele e ajudou-o a levantar-se. Todos os outros corriam, desorientados, em direção à barra de segurança da entrada do parque, tentando contorná-la para chegarem à parte da frente do edifício. O problema é que seria demasiado fácil intercetá-los na passagem e alguns pais e professores já tinham entrado no ginásio, supostamente para fazer o mesmo.

Bay colocou o braço de Josh sobre os seus ombros e encaminhou-se na direção contrária, a que os afastava do ginásio e os levava para junto dos edifícios académicos. Ela guiou-o para as traseiras desses edifícios, através do campo de árvores plantadas pelos alunos da associação de estudantes, há alguns anos. O vento soprava, fazendo com que os ramos se movessem assustadoramente.

Josh coxeava um pouco, favorecendo a costela direita. Teve de apoiar-se em Bay enquanto subiam a colina em direção à parte traseira bem iluminada do parque de estacionamento dos alunos. Já lá não estava ninguém, prova de que realmente todos tinham ido para a parte da frente do ginásio.

Ela olhou em volta, à procura do Pathfinder, pois sabia que ele conduzia. Se pressionada, provavelmente poderia dizer a matrícula, já o vira conduzir o carro demasiadas vezes.

– Onde está o teu carro? – acabou por perguntar-lhe.

A cabeça de Josh levantou-se, deixando de olhar para os pés que davam passos com um esforço enorme. Ele afastou-se imediatamente dela.

Não se apercebera que fora ela a ajudá-lo. A expressão no seu rosto era de surpresa, como se alguém o tivesse alcançado por trás e dito *Adivinha quem é?* E voltara-se, surpreendido, dando de caras com a última pessoa que queria ver.

Olhou em volta. Ela viu o alívio dele por não se encontrar ali ninguém que os pudesse ver juntos. Também observou a sua suspeição a crescer, como se tivesse sido ela a planear tudo aquilo.

– Porque viemos por aqui?

– Porque teríamos sido apanhados se tivéssemos ido na outra direção. Onde está o teu carro? – voltou ela a perguntar.

Ele olhou-a durante algum tempo. Se ela gritasse *Bu!*, ele provavelmente saltaria de susto.

– Ali – acabou por dizer. – Trouxe o *Audi* do meu pai.

Ela olhou para o automóvel, e de novo para ele, tentando avaliar se estaria em condições de conduzir ou não.

– Consegues conduzir?

– Sim. Ele agrediu-me nas costelas, mas não tenho nada partido.

– Como sabes?

Ele esfregou o tronco.

– Já fui atingido por boladas mais fortes que os murros dele.

Bay virou-se para se ir embora, incapaz de suportar a forma como Josh olhava para si, como se ela fosse... fazer o quê? Enfeitiçá-lo? Mas o que significava isso?

– Espera – pediu ele, enquanto ela se afastava.

Mas ela não ligou. Continuou a andar, com as mãos de lado, a formarem punhos. Que rapaz insuportável. Era parvo, teimoso e, agora que pensava nisso, tinha um péssimo gosto em sapatos. Como lhe podia pertencer? Porque o amava tanto? Porque não podia, simplesmente, desligar o sentimento como se este fosse um interruptor?

– Bay, espera – voltou ele a pedir, galopando estranhamente atrás dela.

– O que foi? – respondeu ela, virando-se.

Josh não esperava a sua raiva. Sinceramente, ela também não. Estavam os dois um pouco surpreendidos.

– Deixa-me levar-te a casa, pelo menos.

– Não, obrigada. A mãe de Phin dá-nos boleia.

Ele pressionou os lábios. A sua maquilhagem branca e a boca pintada estavam borradas da luta. Parecia que estava a desaparecer e a dar lugar a alguém novo.

– Então, tu e o Phin... – disse ele.

– Eu e o Phin o quê?

– Nada.

Bay voltou a dar meia-volta.

– Espera. Estás suja do meu sangue.

Ela olhou para baixo e viu que o sangue falso de zombie que ele usava manchara a parte lateral do lindo vestido da avó. Ficou com vontade de chorar. A mãe e a tia Claire iam matá-la.

– Não é verdadeiro – comentou ela, tentando manter uma voz estável. – Posso dizer a toda a gente que estava mascarada à *Carrie*, de Stephen King.

– Deixa-me levar-te a casa.

Ela sentia-se vulnerável, só isso. Foi assim que justificou o seu momento de fraqueza. Tirou o telemóvel da bota e ligou a Phin.

Ele demorou um pouco a atender. Estava quase a ir para o *voicemail*. Finalmente atendeu, parecendo cansado e assustado.

– Estou?

– Phin, é a Bay. Onde estás?

– Estou em frente ao ginásio. A minha mãe vai chegar a qualquer momento. Onde estás tu?

– No parque de estacionamento dos alunos. – Bay olhou para Josh, depois desviou o olhar. – Tenho boleia para casa.

– Oh – disse Phin, distraído. – Está bem.

– Estás bem?

– Sim. – Ele fez uma pausa. – Sim, estou bem.

Josh não disse nada enquanto levava Bay a casa. O interior do *Audi* do pai dele cheirava a pele, xarope de milho e a uma fragrância fresca que ela sentira pela primeira vez quando Josh se apoiara nela enquanto o levava para o parque de estacionamento dos alunos. O cheiro de Josh estava agora entranhado na sua roupa, porém, parecia roubado, como se não pertencesse ali.

Estar tão perto dele, numa área tão confinada, fazia-a sentir-se trémula. A intimidade estonteava-a, como quando se está há demasiado tempo acordado ou se bebeu muita cafeína. Deu consigo a impressionar-se com coisas ridículas. *Ele conduz tão bem! Faz a curva com tanta suavidade! Nem sequer tira os olhos da estrada quando mexe no ar condicionado!* Nesse momento, ocorreu-lhe que ele confundira os seus espasmos nervosos com calafrios.

Concentrou-se nas mãos de Josh no volante, esforçando-se para permanecer quieta. Tinha mãos muito bonitas, bronzeadas e grossas. Os seus braços pareciam ásperos, com os músculos muito bem definidos.

A Lacticínios Hopkins ficava um pouco fora de mão, mas todos os miúdos do segundo ciclo tinham lá ido numa visita de estudo, pelo que sabiam onde ficava. Bay não teve de dizer a Josh como lá chegar. Quando estava prestes a pedir-lhe para virar à esquerda ou à direita, ele antecipava-se e virava o volante.

Aquela viagem arriscada acontecia cedo de mais. Quando se aproximaram da fábrica, Bay aclarou a garganta e disse:

– Podes parar na entrada. Eu faço o resto do caminho a pé.

– Não é preciso – respondeu Josh, saindo da autoestrada.

À medida que ele conduzia através da gravilha esburacada, Bay sentiu-se ficar mais tensa. Já vira muitas vezes a quinta dos Hopkin. Contudo, de repente, pareceu-lhe insuportável que Josh, apesar de saber pouco sobre ela, pensasse que era ali que ela realmente pertencia.

Quando ela e a mãe haviam fugido do pai de Bay, em Seattle, tinham ficado na casa dos Waverley com Claire, mas mudaram-se para a quinta junto à leitaria de Henry quando Sydney e Henry casaram. Bay gostava da quinta. Assim que a viu, percebeu que era ali o lugar da mãe, ainda que ela se considerasse uma alma urbana e não gostasse de silêncio. Ficava nervosa por, tal como em Seattle, esperar que o temperamento de alguém explodisse e em seguida acontecesse algo de mau. Mas Bay não pertencia ali. Pertencia à casa dos Waverley.

Não tinha vergonha da quinta. Não propriamente. Mas já vira a casa de Josh e detestava a sensação de ter de explicar onde vivia.

Ele parou em frente à casa pequena e branca, de dois andares. A luz ténue do pórtico estava acesa. Também havia uma luz acesa atrás da cortina da sala.

Ela não saiu logo do carro. Deixou-se estar sentada e esperou, pensando que ele ia dizer alguma coisa. Era o que os seus pais faziam. Chegavam a casa mas ficavam no carro – com o motor desligado e as janelas abertas no verão; com o motor ligado e as janelas fechadas no inverno – e falavam, como se estar à noite no carro desencadeasse uma última conversa ou um último beijo, antes de se sair.

Era como um encontro, apercebeu-se ela.

Apesar de não ser um encontro.

Josh olhava diretamente em frente.

Sem mais uma palavra, Bay saiu e caminhou, rígida, para a porta, dizendo a si própria para não olhar para trás.

– Não acredito que perdi o primeiro baile dela – disse Henry, horas antes, quando Sydney chegou a casa depois de deixar Bay e Phin no ginásio. Sydney tentara ligar-lhe, mas ele não atendera.

Sydney entrara com uma lufada de ar perfumado, com as faces vermelhas de felicidade pela mudança invulgar na vida social da filha. Comprara comida chinesa a caminho de casa e abria agora as caixas na bancada da cozinha. Henry manteve-se ali, acabado de sair do duche, passando uma toalha rosa e branca pelo cabelo molhado, para o secar. Rosa e branca. Sydney dissera-lhe que ela e Bay iam feminizar a casa aos poucos. Mas ele não se importou.

Uma casa não é uma verdadeira casa sem uma mulher lá dentro, costumava dizer-lhe o avô.

– Tenho estado a pensar numas coisas para dizer à Bay assim que ela começar a namorar – comentou ele, sob a toalha. – Até anotei algumas. A sério, acho que tenho umas notas no meu escritório.

Sydney riu-se, como se estivesse sensibilizada com o gesto dele.

– E que tal se eu lhe disser para ir ao teu escritório logo de manhãzinha? Assim podes ensinar-lhe que os rapazes são terríveis e só pensam numa coisa.

Henry enrolou a toalha à volta do pescoço e sentou-se à mesa enquanto Sydney preparava os pratos. Ela fez-lhe uma festa na cara antes de se sentar diante dele.

A primeira vez que Henry vira Sydney fora nas barras do recreio da escola. Algumas pessoas entram na nossa vida e mudam-na para sempre. Fora o que Sydney fizera a Henry. Apaixonara-se por ela assim que a vira. Tornara-se no seu melhor amigo na primária. Contudo, ela começou a afastar-se dele à medida que foi ficando mais velha. Hunter John Matteson também se apaixonara por ela e tivera coragem de lho dizer. Henry perdera-a muito no secundário e, de vez enquanto, ela fora-se embora, com dezoito anos. Nunca mais esperara vê-la. O seu avô ainda era vivo nessa altura, apesar de o ataque cardíaco o ter tornado um pouco menos ativo. Passava agora os dias a tentar arranjar uma mulher para Henry,

querendo vê-lo assentar e casar. Mas nunca dera certo. Quando Sydney regressou, parecia que Henry tinha andado a perder tempo e a deitar fogo a árvores, até não restar mais nada a não ser uma paisagem árida. Depois, ela aparecera e ele parou finalmente de andar em círculos e caminhou diretamente para ela, como se se tratasse de um campo fixe e suave.

É assim que é quando finalmente se encontra, dissera o avô.

A princípio, quando começaram a sair, Henry não acreditara na sua sorte. Ainda dava consigo mesmo agora a parar e a pensar: «Como é que uma pessoa como ela pode achar isto minimamente interessante?», sempre que contava uma história do avô (e sabia que contava demasiadas). Ele queria dar-lhe o mundo. Mas nem isso parecia suficiente. Não chegava quando comparado a tudo o que ela já lhe dera, a vida em conjunto, a família, as toalhas rosas e brancas, a filha de quinze anos que agora ia a bailes.

— Como aconteceu isto? — perguntou Henry, desistindo de usar os pauzinhos para o camarão e as ervilhas. Pegou num garfo. — Como tem ela já quinze anos? Não tarda nada, sai de casa sem darmos por isso.

De repente, Sydney deteve-se. Henry conseguiu perceber pela mudança de ambiente o que estava prestes a acontecer, pelo que lentamente baixou o garfo e esperou. Quase conseguia ver madeixas vermelhas a aparecerem no cabelo dela. Ultimamente, era uma ocorrência normal. Era a ansiedade da primeira geada. Henry e Tyler há muito que tinham comparado notas, apercebendo-se de que acontecia sempre naquela altura do ano, as mulheres a fazerem coisas malucas. Naquele ano, Sydney não o largava. Não que ele se importasse. Fazia tudo para ajudar. Mas ficava preocupado com os «porquês» da coisa. O que se passava realmente na mente dela?

Ela deixou cair o garfo, inclinou-se sobre a mesa e beijou-o.

Fê-lo cair do assento e já não se largaram, tirando camisolas e desapertando calças. Estenderam-se no chão da cozinha, fazendo chiar as tábuas de madeira e batendo nos armários. O mundo girou e o tempo voou. Ele mal se apercebeu quando ajeitaram a roupa e se voltaram a sentar, sorrindo um para o outro junto à comida chinesa.

A toalha rosa e branca, ainda húmida do duche, ficou esquecida no chão.

Henry perguntou-se se aquilo acontecia por ela querer algo que ele não estava a dar-lhe, pelo que se sentia forçada a tirar-lho.

Henry não gostou desse pensamento. Ele dar-lhe-ia tudo. Tudo o que tivesse.

Tudo o que ela tinha de fazer era pedir-lho.

Sydney voltou a beijar Henry antes de ele ir para a cama. O seu relógio biológico começava a desacelerá-lo por volta das oito da noite, como se fosse um boneco de corda a perder velocidade. Se ficasse acordado até tarde, Sydney dava com ele a meio caminho das escadas, com a mão apoiada no corrimão, e a dormir com o pó a acumular-se nas faces.

Henry sorria, ensonado e satisfeito, enquanto caminhava para o quarto de ambos. Tinha rugas à volta dos olhos devido aos anos que passara a semicerrá-los por causa do sol. *O sol*. Era isso que ele era para ela, dava-lhe luz e alimento, estava sempre presente, era previsível. Aguentava a sua inquietação e enloquecia quando ela precisava, mas levantava-se sempre na manhã seguinte como o mesmo homem, o mesmo coração, a mesma luz.

Sydney esperou por Bay, sem saber bem o que fazer consigo própria. Acabou por vestir o quimono, prender o cabelo com os pauzinhos que não tinham sido usados no jantar e ver os filmes da Molly Ringwald dos anos oitenta no computador portátil que representavam sempre a rapariga esquisita a ganhar o seu final feliz.

Quando ouviu um carro a aproximar-se, fechou o computador. Bay chegava a horas. Sydney nunca lhe dera um recolher obrigatório, pelo que lhe disse para estar em casa estupidamente cedo, porém, Bay nem sequer pestanejava. A avó Mary também nunca dera um recolher obrigatório a Sydney, embora, nalgumas ocasiões, Sydney tivesse querido que ela o tivesse feito. Muito frequentemente, deixava Sydney dormir em casa de amigas, onde sempre se sentira à vontade para fugir e se encontrar com namorados a altas horas da noite.

Ela levantou-se logo, pensando que devia desligar a luz da sala para que Bay não soubesse que a esperava. Quando ouviu o carro parar em frente à casa, apercebeu-se que era demasiado tarde para isso. Talvez devesse ir para a cozinha e fazer chocolate quente, para que elas se sentassem a falar da noite. Não, Bay detestaria isso.

Ela ainda não ouvira a porta do carro, pelo que se dirigiu para junto da janela da sala, se encostou à parede e levantou ligeiramente a cortina. Demorou um pouco a perceber que carro era, um *Audi* escuro. Não era o *Chevy* da mãe de Phin. Quem era aquele, àquela hora? O carro parecia-lhe familiar e ela soube porquê quando viu finalmente a porta do passageiro a abrir e a acender a luz interior. A sua filha acabava de sair de um carro guiado por Josh Matteson.

O telemóvel de Sydney começou subitamente a tocar, pelo que ela saltou de surpresa. Pegou-lhe e atendeu-o.

– Estou?

– Sydney? É a Tallulah Young, a mãe do Phin. Estou sentada à entrada do ginásio da escola com o Phin. A Bay não está aqui. Ele disse que ela tinha boleia para casa. Sabia disto?

– Não – respondeu Sydney enquanto a porta da frente se abria –, mas ela acaba de chegar.

– Ela está bem? O Phin disse que houve uma luta no baile.

O coração de Sydney bateu com mais força quando os seus olhos viram a filha. Tinha o vestido manchado de sangue.

– É falso – disse rapidamente Bay. – É sangue falso. De uma máscara.

– Ela está bem – respondeu Sydney à mãe de Phin, sem tirar os olhos de Bay. – O Phin também está bem?

– Está ótimo. Mas deu cabo dos meus melhores lençóis. Vai-lhe sair da mesada.

– Por amor de Deus, mãe, já pedi desculpa – disse Phin, antes que a mãe tivesse tempo de desligar.

Os Young podiam ser os homens mais fortes da cidade, mas as mães deles não ficavam atrás.

– Nem acredito que esperaste por mim – comentou Bay, ficando na defensiva antes que Sydney dissesse uma palavra, a primeira pista de que tinha algo a esconder. Como Sydney não respondeu, Bay tocou no vestido.

– É falso. Até cheira a xarope de milho. Olha.

– Não quero cheirá-lo. Quero saber como foi parar a ti – disse Sydney.

– Ajudei uma pessoa que caiu. Ele tinha uma máscara de zombie. Foi só isso.

– Foi só isso? Tens essa mancha enorme no vestido só por ajudares um rapaz a levantar-se?

– Sim! Não *curti* com ele, nem nada, se é o que estás a pensar! Não fiz nada de errado. Só ajudei alguém que se meteu numa luta.

– O Josh – disse Sydney, sem rodeios. – Ajudaste o Josh Matteson.

A expressão no rosto de Bay era impagável.

– Como sabes? O Phin disse alguma coisa à mãe dele?

– Não – respondeu Sydney. – Acabei de ver o Josh a deixar-te em casa.

– Estiveste a ver? – perguntou Bay. Sydney voltou a ficar em silêncio. – Ele ofereceu-me boleia para casa. Completamente inocente. Nunca ultrapassou os limites de velocidade. Pusemos os cintos de segurança. Mal me falou.

– O Josh Matteson.

– Sim, mãe, o Josh Matteson.

Sydney sentiu-se tonta ao lembrar-se de algo que Claire lhe dissera. Ela já referira um rapaz, uma ou duas vezes.

– Oh, Bay, não é ele o tal, pois não?

– O tal, quê?

– A tua tia Claire disse que gostavas de um rapaz. Não é do Josh, pois não?

Sydney mordeu o lábio, sem saber por onde começar.

– Como queres que te conte as coisas se tu nunca me contas nada – argumentou Bay, passando por ela e encaminhando-se para as escadas. Sydney seguiu-a.

O quarto de Bay era o primeiro do andar de cima. Estava pintado com uma cor acinzentada que parecia transformar-se em azul-escuro quando escurecia, como se o quarto absorvesse o calor da luz durante o dia e o irradiasse à noite. Bay não ligou as luzes. Passou por sapatos e livros no negrume, arrancando as flores do cabelo e atirando-as para o tapete estampado.

Bay despiu o vestido da avó Mary e olhou para ele, tristemente.

Sydney estendeu-lhe a mão, Bay aproximou-se e deu-lhe a sua.

Bay descalçou as botas e arrastou-se para a cama, ainda com a combinação que usara debaixo do vestido fininho para se manter quente.

Sydney deixou-se estar junto à porta, em silêncio.

– Andas a sair com ele? – acabou por perguntar.

– Não. Ele não gosta de mim. – Bay virou-se de lado, para longe de Sydney. – Nem sequer me conhece – sussurrou ela e Sydney percebeu que

a filha estava a chorar.

Tudo começou, como começam normalmente estas coisas, com um rapaz. Sydney desabrochava no secundário. E adorava. Adorava cada instante. E estava tão desesperada para mantê-lo que se separou quase na totalidade da família. Raramente estava em casa. A avó Mary percebia o que era receber aquele tipo de atenção, pelo que deixava a jovem neta aproveitar. Um pouco demasiado. Às vezes, parecia que lhe dava um empurrão. *Vai divertir-te. Eu lembro-me como era ser como tu.*

Sydney era a bela do baile, invejada por várias coisas – a sua beleza, o jeito que tinha para o cabelo, mas, principalmente, pelo rapaz mais popular da escola se ter apaixonado por ela. Sydney e Hunter John Matteson haviam sido inseparáveis. Para inquietação de Emma Clarke, que amara Hunter John toda a vida, e que, no fim, acabaria por casar com ele. Tudo o que tinha a fazer era esperar. O que ela sabia, o que todos sabiam, era que Hunter John estava apenas a aproveitar para divertir-se. Só podia tirar partido de uma Waverley enquanto andasse na escola. Assim que se graduasse, começava a vida real, a vida que todos os pais Matteson queriam para os filhos.

Na vida real, um Matteson nunca casava com uma Waverley.

Sydney não percebeu na altura. Pensava que ela e Hunter John se amariam para sempre. Não houvera sinal para alarme quando se graduaram. Ele terminara subitamente a relação, deixando-a chocada, com o coração encolhido até ao tamanho de uma ervilha e um ódio tal à cidade que a sua pele escamava e deixava flocos azuis nos lençóis quando ela se levantava de manhã.

Bay nunca soubera exatamente por que razão Sydney saíra de Bascom. Não sabia que ela se tinha ido embora porque um Matteson lhe partira o coração e decidira fazer o que a própria mãe fizera, deixar aquela estúpida cidade e todos os que nela habitavam. Por vezes, Sydney pensava se teria ficado caso Hunter John não tivesse brincado com ela daquela maneira. Provavelmente não. Contudo, pelo menos, ter-se-ia ido embora com um coração maior e uma alma mais feliz, que talvez nunca tivesse atraído para a sua vida pessoas como o pai de Bay. Teria sido a sua insegurança a fazer

com que ela ficasse junto de um homem que lhe batia? Talvez nunca o soubesse.

No fundo, era discutível. Tudo acontecera da forma que era suposto acontecer, pois teve Bay. E, quando regressou à cidade, estava lá Henry, que Sydney conhecia desde criança. Henry vira-a com Hunter John enquanto estava apaixonado por ela, incapaz de fazer com que ela não entregasse o seu coração.

Ela preferia morrer a deixar que um Matteson partisse o coração de outra Waverley, principalmente da sua filha. Josh não era tão vaidoso nem orgulhoso como o pai fora, mas a sua boa disposição só significava que faria tudo o que lhe mandassem. Tiraria Gestão, tal como o pai, e como o pai do seu pai.

Sydney não conhecia os sentimentos de Josh para com a filha, mas sabia que era extremamente fácil uma pessoa apaixonar-se por alguém que já está apaixonado por ela. Era suficientemente sincera consigo própria para saber que fora assim com Henry. Ele amava-a há muito mais tempo do que ela o amava a ele. E Bay era uma mulher bastante jovem. Linda, bondosa, misteriosa. Se Josh passasse um pouco de tempo com ela, de certeza que se apaixonaria. Sydney sabia-o com uma certeza tão forte como uma pedra.

Por isso, o mais óbvio a fazer era impedir que tal acontecesse.

Na segunda-feira à tarde, Bay sentou-se nas escadas beges que davam para o edifício principal da escola a fazer os trabalhos de casa, esperando os autocarros tardios que levavam os adolescentes independentes a casa ao som de «Wide Open Spaces».⁴ Eram miúdos dos arredores da cidade. Mais calmos que os outros. As suas vidas não tinham os minutos todos preenchidos com algo de excitante. Aliás, parecia que as suas vidas eram maioritariamente passadas naquele autocarro. Bay era normalmente a primeira a sair, na Pendland Street, que podia alcançar a pé sempre que lhe apetecesse. Não era assim tão longe. Contudo, precisava da desculpa de ir ali. Fora o que dissera a Josh no recado. E desistir significaria admitir que estava errada, embora, naquela altura, já soubesse que estava.

Esperava só que o seu coração percebesse.

Todos gostavam de uma tarde de outono. Até os miúdos tipo «Wide Open Spaces» ficavam mais vívidos do que o habitual no passeio. Era o dia que todos consideravam um dia de escola de outono quintaessencial – ar frio, blusões, saias aos quadrados. Algo que todos dizem já ter lido num livro.

Acabou os trabalhos e pegou no seu exemplar de *Romeu e Julieta*. Já o lera centenas de vezes. Agora, gostava apenas de o abrir nas páginas com as palavras que apreciava, pensando várias vezes nelas: solenidade e pernicioso, jocoso e patife.

Descartar.

Reproduzir.

Puir.

Ouviu alguém a aclarar a garganta atrás de si, pelo que automaticamente se endireitou e desviou a mochila, pensando que estava no caminho de alguém que queria descer as escadas de pedra.

E alguém desceu mesmo as escadas, mas, depois, sentou-se a seu lado.

Ela olhou de soslaio, um pouco irritada por haver trinta e três degraus desde o passeio até à rotunda e a pessoa ter escolhido, ainda assim, ocupar o seu espaço pessoal.

Todavia, depois, reparou quem era.

– Olá – disse Josh.

Bay sentava-se todos os dias naquelas escadas à espera dele. E agora que ele se encontrava finalmente ali, ela não sabia o que dizer-lhe. Nem sabia se queria dizer-lhe alguma coisa. Não conseguia deixar de pensar que lhe pertencia, que sempre que ele estava perto sentia um friozinho na barriga, como se algo dentro de si apontasse para ele e dissesse: *Casa. Casa. Casa.* Contudo, não tinha de se esforçar tanto. Nada mudava a não ser ela própria, transformando-se numa pessoa triste e insegura, em alguém que não era.

– Deixaste o telemóvel no meu carro no sábado à noite – disse Josh. Tinha os cotovelos nos joelhos e uma mão estendida a dar-lhe casualmente o telefone.

– Oh! Obrigada – agradeceu ela, aceitando o telefone e metendo-o na mochila. Então era no carro de Josh que ficara. Não conseguira encontrá-lo em lado nenhum quando a mãe lho pedira, como parte do castigo, como se Bay o estivesse sempre a usar e sentisse extremamente a falta dele.

Ela remexeu na mochila, pensando que Josh ia levantar-se para se ir embora. Contudo, quanto mais ela arrumava livros desnecessariamente, mais se apercebia que ele não ia a lado nenhum.

Acabou por encará-lo. Josh olhava para ela, com os óculos de sol a cobrirem-lhe os olhos. Vestia calças de ganga e uma camisola às riscas. Ela retribuía o olhar, em silêncio, e com as sobrancelhas erguidas. Se aquilo ia ser uma conversa, ele é que teria de fazer o esforço.

– Desculpa por ter sido grosseiro contigo – acabou Josh por dizer. – Estava a ter uma péssima noite, embora não fosse motivo para descarregar em ti. – Ele olhou para as mãos, juntas entre os seus joelhos bem abertos.

– Fiquei contente por teres vindo para aqui. Pensei muito sobre isso este fim de semana. Apercebi-me de que nem te agradeci. Por isso, obrigado.

– Tudo bem – respondeu ela.

– Tudo bem?

– Aceito as tuas desculpas.

Ele sorriu.

– É muito magnânimo da tua parte.

– Eu sou assim. Magnânimo. – Passaram vários minutos em silêncio.

Bay acabou por dizer-lhe: – Ainda aqui estás. – Não o disse agressivamente, mas num tom curioso, como se ele se tivesse esquecido de ir embora.

– Sim – respondeu ele, assentindo com a cabeça.

– Isto faz – ela fez círculos com o dedo, sem direção, referindo-se à presença dele – parte do teu pedido de desculpa?

– Não. Mas compreendo a tua pergunta. E, mais uma vez, desculpa.

– Porque lutaste com aquele tipo? – perguntou Bay, algo que desejava muito saber mas que tinha a consciência de nunca conseguir perguntar. Agora que Josh estava ali, e não se ia embora, ela devia aproveitar a oportunidade para descobrir.

Josh encolheu os ombros.

– Ele fez uma piada sobre o facto de o meu pai não me poder comprar um lugar nos campeonatos estatais. Somos uma boa equipa. O meu pai não tem nada a ver com ela. Literalmente. Odeia futebol.

– És um ótimo jogador. Já te vi jogar. Quero dizer, já todos vimos – acrescentou ela rapidamente.

– Uma parte de mim esperava que eu fosse apanhado. Alguém até publicou um vídeo da luta. Pensei que a minha mãe e o meu pai tivessem de voltar das férias para me darem um sermão a dizer que estavam muito desapontados comigo. Mas hoje o diretor nem sequer olhou para mim, nem com isto – disse ele, tirando os óculos de sol e apontando para o olho negro. Estava roxo e amarelo, cores melancólicas. – Eles nunca saberão, a não ser que eu lhes conte.

– E porque haverias de lhes contar?

Ele abanou a cabeça.

– Às vezes, só quero que saibam que não sou a pessoa que eles pensam que sou.

Era algo tão estranho de se dizer que ela perguntou automaticamente:

– E quem és tu? – Finalmente ocorreu-lhe que ela não sabia. Bay sabia tão pouco sobre Josh, como Josh sabia sobre ela. Ela simplesmente tinha a vantagem de saber, saber onde tinha de acabar.

– Sou Josh Matteson, prazer em conhecer-te – ironizou ele, fazendo um sorriso amarelo e estendendo-lhe a mão como se quisesse cumprimentá-la. Ela não retribuiu. O sorriso dele desvaneceu e voltou a colocar os óculos.

– Não quero ir para a universidade de Notre Dame, como o meu avô. Não quero tirar Gestão como o meu pai.

– Isso não é o que tu és. É o que tu não és – referiu ela. – O que queres tu?

Ele pareceu confuso com a pergunta dela.

– Não sei – respondeu. – Tenho calafrios quando me sento no carro todas as manhãs e me obrigo a vir para a escola. Vou para a cama às nove da noite porque me sinto sempre exausto. Às vezes, as minhas bochechas doem-me de tanto sorrir, de fingir que está tudo bem com a direção da minha vida.

A resposta era tão óbvia que Bay, a princípio, achou que ele estava a gozar com ela. Depois, apercebeu-se de que não era o caso.

– Então, para de fingir – afirmou ela.

Ele olhou-a como se ela tivesse dito algo bonito.

– Aposto que nunca fingiste um único dia da tua vida – disse ele.

– Assim até parece fácil.

Ele encolheu os ombros.

– Às vezes sonho que estou a cortar relva – referiu ele. – Adoro quando os campos de futebol estão aparados. Parece tão suave, montar um cortador de relva, para trás e para a frente, durante horas.

Os últimos autocarros chegaram e os miúdos «Wide Open Spaces» pegaram nas mochilas e nos instrumentos musicais e começaram a alinhar-se.

Bay levantou-se.

– Podias arranjar um trabalho no campo de futebol de Hickory. Aposto que se fartam de cortar relva. E de jogar. E de ensinar – disse ela.

Josh observou-a a meter a mochila ao ombro. Parecia um pouco perplexo, como se tivesse ficado tenso com qualquer coisa desagradável.

Bay não gostou. Ele pensaria mesmo que falar com ela era assim tão horrível?

– Queres boleia para casa? – perguntou ele.

– Por muito que a primeira vez tenha sido agradável, não, obrigada. Os autocarros já aqui estão. – Não referiu que estava de castigo.

Josh permaneceu sentado enquanto ela descia as escadas.

– Estás aqui amanhã? – gritou ele.

– Estou aqui todos os dias – respondeu ela, metendo-se na fila.

Mesmo antes de ela subir para o autocarro, Josh gritou.

– Bay!

Ela virou-se para ele. Ele levantou-se, fazendo uma careta, com a mão de lado a apoiar a costela direita. – Diz ao teu amigo Phin que agradeço.

– Porquê?

– Vê o vídeo – sugeriu ele, subindo lentamente os degraus e desaparecendo.

Ela tentou ver o vídeo no telemóvel, a caminho de casa da tia Claire, mas já não tinha bateria e precisava de carregá-la. De qualquer forma, pouco importava, pois tinha de entregá-lo à mãe quando chegasse a casa.

Os termos iniciais do primeiro castigo de Bay eram os seguintes:

Sydney levaria Bay à escola todas as manhãs e iria buscá-la a casa da tia Claire todas as noites.

Bay entregar-lhe-ia o telemóvel assim que o encontrasse.

Sydney dissera que poderia adicionar elementos à lista, só teria de pensar em quais. Bay refletira sobre os termos e encontrara diversas falhas. Como, por exemplo, não haver nada que dissesse que ela não podia sentar-se nos degraus da escola e falar com Josh, apesar de a possibilidade de tal suceder ser tão pequena que a mãe provavelmente pensou que não era preciso referi-lo.

Outra falha: a mãe não mencionara concretamente que ela não podia sair de casa para fazer algo específico, embora tal estivesse implícito.

A sua mãe parecia estar a improvisar. Aquele castigo surpreendente, que tinha a duração de vinte e quatro horas após o alegado crime, fora supostamente aplicado por Bay não ter pedido autorização para que outra pessoa, que não fosse a mãe de Phin, a levasse a casa. Pelo menos, fora

isso que o seu pai confusamente lhe explicara, tentando que a decisão da mãe fizesse sentido.

Mas Bay sabia que tinha de haver algo mais para além daquilo.

Embora a mãe lhe dissesse para sair de casa, conhecer pessoas e namorar, assim que Bay lhe contara que gostava de um rapaz ela reagira assim. O que levava Bay a concluir que a mãe não tivera problemas com o crime. Mas com o rapaz.

A mãe de Bay não gostava de Josh Matteson. E Bay não fazia ideia porquê.

– Claire, precisas de um *website* – disse Buster assim que Bay entrou na cozinha na casa dos Waverley, meia hora mais tarde.

Claire sorriu-lhe. Bay respondeu com um olhar de relance, talvez um pouco alegre de mais para quem acabava de ser castigada pela primeira vez.

– Quem é que não tem um *website*? – prosseguiu Buster. – Não acredito que ainda uses o fax.

– Não sei fazer um *website* – respondeu Claire enquanto mexia a mistura de açúcar, água e xarope de milho na panela grande, à espera que fervesse. Assim que começasse a ferver, veria o termómetro subir até ser altura de adicionar o sabor e o corante. Naquele dia, era outra vez limão verbena.

As etiquetas em todos os frascos de limão verbena diziam:

A essência do limão verbena serve para suavizar,

Produzindo uma calma que faz relaxar.

Sensata é a voz sem nada a provar.

Todos deviam experimentar.

Buster olhou em volta furtivamente. Depois, suspirou.

– Bom, não contes isto a ninguém, mas há uma profissão secreta chamada *web designer* que consegue fazer *websites*. Eu ponho-te em contacto com um, mas tens de jurar que não contas a ninguém.

Claire acenou-lhe com a cabeça. Conhecera-o no verão passado num dos seus serviços de *catering*, onde ele servira à mesa. Mais tarde,

escolhera-o para um trabalho em *part-time*, de entre muitos candidatos da escola de culinária de Orion. Por vezes, punha essa decisão em causa. Ele nunca se calava.

– *Okay*, esquece o *website* – disse Buster. – Tens de aceitar a oferta da Dickory Foods. O consultor comercial com quem falaste disse que devias vender o negócio num ano antes de perderes *momentum*. Por isso, vendes a tua empresa, mas continuas a liderá-la. Pensa nisso: expansão, publicidade, as instalações em Hickory. Já imaginaste? Nunca mais termos de cozinhar? Nunca mais termos de pôr etiquetas em frascos? Nunca mais termos de empacotar encomendas? Nunca mais ter aquelas embalagens de amendoins biodegradáveis coladas ao meu traseiro com eletricidade estática sempre que saio daqui?

– Mas tu gostas quando as embalagens de amendoins se colam ao teu traseiro – referiu Claire.

– Gosto da atenção.

– Vá, pega nos moldes e começa a trabalhar.

A campainha tocou e Bay foi abrir a porta. Ainda não dissera uma palavra desde que chegara.

– O que se passa com ela? – perguntou Buster.

Claire limitou-se a encolher os ombros.

– Tens visitas – disse Bay, sorrindo enquanto voltava para a cozinha com Evanelle Franklin e o seu parceiro Fred. Evanelle tinha oitenta e nove anos, uma máscara de oxigénio e óculos grossos que faziam com que os seus olhos parecessem enormes. Fred, calmo e composto, estava sempre ao lado dela, carregando-lhe a garrafa de oxigénio como se fosse uma mala. Deixava que ela falasse, satisfeito por ser o seu homem.

Fred vivia há anos com Evanelle e Claire sabia que ele amava a pequena velhota tanto como ela. Transformara-se num apoio da família ao longo dos últimos dez anos. Quando se mudara para casa de Evanelle tornara-se tímido e inseguro, indo às festas no jardim dos Waverley com algum receio, como se tivesse medo de que alguém lhe pedisse para sair.

Evanelle e Fred iam juntos para todo o lado e a maioria das pessoas referia-se a eles como uma única entidade, Evanelle e Fred, o que a divertia.

– Evanelle, não sabia que vinhas cá! – Claire não podia afastar-se da panela, mas queria abraçá-la. Evanelle era como uma história favorita que

nunca queríamos que acabasse. Conhecera Evanelle, uma prima Waverley distante, quase a vida toda. As suas memórias de infância estavam repletas de presentes estranhos que Evanelle lhe dava e que Claire acabaria sempre por precisar, e de momentos em que Evanelle e a avó Mary se sentavam na cozinha a partilhar histórias e gargalhadas. A avó Mary só se ria nessas ocasiões, com Evanelle.

A saúde de Evanelle declinara ultimamente e sempre que Claire a via ela parecia mais pequena, como se se desvanecesse lentamente e transformasse em pó, ficando Claire com as mãos sujas de cinzas sempre que a abraçava.

– Tenho de dar-te uma coisa – explicou Evanelle, segurando um saco de papel. – Tive um sonho ontem à noite.

– Querem café? – perguntou Claire a Evanelle e Fred. – Posso pedir a Bay que faça. Acho que hoje a cabeça dela não está concentrada nos doces. – Bay olhava para os sapatos, com um leve sorriso nos lábios, porém, ergueu a cabeça e corou quando Claire fez o comentário.

– Não, deixa estar – respondeu Evanelle. – Estávamos no bairro e pensámos passar por cá. O Fred e eu precisávamos de sair um pouco de casa, eu precisava de apanhar ar.

– Eu nunca disse isso – comentou Fred.

– Está bem, acrescentei a parte do «apanhar ar» – corrigiu Evanelle.

– Como correu a consulta da semana passada? – perguntou Claire.

– O médico deu-me más notícias. Sou velha.

Aquilo fez com que Buster se risse. Ele aproximou-se de Claire e tirou-lhe a colher da mão.

– Eu trato disto. Vai entreter a Evanelle.

Claire tirou o avental, pegou no saco de papel e finalmente abraçou Evanelle. Cheirava ao perfume de Fred, o que divertia sempre Claire. Evanelle dizia que era por passar muito tempo com ele, mas Fred e Claire tinham a teoria de que ela se borrarava quando Fred não estava a ver. Sempre dissera que gostava do cheiro dos homens.

– Vem comigo para a sala de estar, Evanelle. Bay, vem também.

– Fica aqui a falar com o Buster – sugeriu Evanelle a Fred quando ele começou a segui-las. Ela tirou-lhe a garrafa de oxigénio portátil e sussurrou. – Ele é muito giro. Devias namoriscar.

– Evanelle! – exclamou Fred. – Ele trabalha no meu mercado!

– Só estou a dizer que mal não faz. Andas um bocadinho enferrujado.
– Neste momento estou no início de uma relação com um colega de turma, mas pode praticar em mim – disse Buster. – Não me importo.

Fred uniu as mãos atrás das costas, desconfortável, sem parecer muito feliz.

– Então é isto que tu fazes antes do trabalho no mercado, todas as noites – afirmou Fred, olhando para Buster com cautela. – Disseste que não podias trabalhar à tarde por razões religiosas.

– Os doces são a minha religião.

Claire guiou Evanelle para fora da cozinha. Assim que entraram na sala de estar, Bay aproximou-se da janela e olhou lá para fora enquanto Claire ajudava Evanelle a sentar-se no sofá. Por mais pequena que Evanelle fosse, a sua grande mala com coisas como clips, flores de plástico, fita vermelha e vinagre, tudo o que ela achava poder vir a servir a alguém, parecia agora enorme por comparação, como se a transportasse a ela. Pousou a mala de mão e a garrafa de oxigénio portátil no chão com um suspiro.

Parecia que havia sido no dia anterior que a velha mulher caminhava energicamente pelo campus universitário todas as manhãs para observar os traseiros dos homens e tomar café com bolinhos ali, na casa dos Waverley. Isso acontecera antes do Ano Em Que Tudo Mudou, quando Claire conhecera Tyler, quando Sydney voltara para casa, quando Fred se mudara para casa de Evanelle. Claire não mudaria de vida por nada, mas, às vezes, pensava com carinho no tempo anterior à mudança. As coisas tinham sido muito mais simples e claras do que eram agora.

– Vá – disse Evanelle, apontando para o saco de papel. – Abre-o.

Claire abriu-o e retirou de lá de dentro uma espátula.

– Era da tua avó Mary – afirmou Evanelle. – Ela deu-me numa das vezes em que me tentou ensinar a cozinhar. Quando era mais nova, não queria que ninguém competisse com ela na cozinha, apesar de ser tão talentosa que ninguém se lhe comparava. Era fascinante, não era? A forma como vertia, mexia e cortava. Parecia uma melodia. E ela até dançava, lembra-te?

Claire sorriu, olhando para a espátula.

– Sim, lembro-me.

– Nos seus últimos anos, já não dava tanta importância a partilhar o que sabia. Acho que era um pouco vaidoso da sua parte. Queria passar o seu dom para que nunca se esquecessem dela. Mas eu não gostava de cozinhar, pelo que ela adorava ter-te na cozinha para te ensinar. Ontem sonhei com Mary. Percebi que tinha de te dar essa espátula.

– Obrigada, Evanelle. Tenho a certeza de que dará jeito – agradeceu Claire, apesar de saber que não daria, não agora, com todos aqueles doces. Talvez mais tarde, quando tudo estivesse mais calmo. – Sabes, estive recentemente a pensar por que razão a avó Mary não fez algo de grandioso com o seu talento? Porque é que o manteve escondido a sete chaves?

– A Mary não fez nada de grandioso porque lhe daria muito trabalho – resumiu Evanelle com um sorriso. – Não tinha motivação. Gostava que as coisas fossem simples.

– Então ela não achava que tinha algo a provar? – perguntou Claire. – Como eu.

Os olhos de Evanelle, aumentados pelos óculos, pestanejaram duas vezes, como se a recordação lhe tivesse chegado à mente.

– Eu não diria isso. Ela também tinha inseguranças, principalmente depois de o marido se ter ido embora.

– Mas nunca se importou com a opinião dos outros – disse Claire. – Tinha confiança no que era capaz de fazer, certo?

Evanelle abanou a cabeça.

– Ela pensava demasiado na opinião dos outros. Por isso é que nunca queria sair de casa.

Claire refletia no que realmente queria perguntar: *Mas o seu dom era real, certo? Não se tratava de um truque que usava para enganar os locais e levá-los a pensar que podia afetar as suas emoções ao utilizar flores do jardim? Não era algo que não divulgava para manter em segredo, certo?*

Mas não perguntou. Pareceria ridículo e até ofensivo a Evanelle e Bay, duas das pessoas mais talentosas que ela conhecia. Era óbvio que os dons das Waverley eram reais. Pelo menos, os delas eram.

Evanelle olhou para a silhueta de Bay na janela.

– Como está a tua mãe, Bay? Tenho de marcar uma hora com ela no salão para fazer uma permanente. – Evanelle tocou no seu cabelo grisalho.

Bay virou-se e sorriu-lhe.

– Está bem.

– A Bay foi ao seu primeiro baile de Halloween no sábado à noite – contou Claire a Evanelle. – Mascarou-se de avó Mary. Usou um dos vestidos antigos dos piqueniques da avó. Encontrámos umas fotografias antigas. Porque não vais buscá-las, Bay?

Bay saiu da sala e subiu as escadas.

– O que se passa com ela? – Evanelle inclinou-se para a frente e sussurrou no seu sussurro não muito baixo.

Antes de responder, Claire virou-se para se certificar de que Bay já estava lá em cima.

– Está apaixonada e a mãe dela não gosta disso.

– Porque não?

– Porque é pelo Josh Matteson.

– Oh, não – disse Evanelle. – Ele é bonito. Mas é pena. Os Matteson e as Waverley nunca deram uma grande combinação.

– Eu sei – respondeu Claire, descontente, à medida que Bay trazia a caixa de sapatos lá de cima e a entregava a Claire. Depois, pôs-se novamente à janela.

– Lembro-me destas fotos – recordou Evanelle assim que ela e Claire começaram a vasculhar a caixa. – A tua avó era tão bonita. Todos estes homens estavam apaixonados por ela. Eram os seus hóspedes. Tinha uma lista de espera com um quilómetro de comprimento. – Evanelle hesitou quando olhou para uma fotografia específica. Tirou-a da caixa e elevou-a. – Este é o Karl. Nunca pensei voltar a vê-lo.

– Quem é ele?

Evanelle fez um estalido com a prótese dentária.

– É o teu avô. Não sabias? A Mary livrou-se dele quando estava grávida da tua mãe. Era um diabo. Ela nunca mais foi a mesma. Ele mudou-a.

– Mudou-a? Como? – Claire tirou-lhe a fotografia da mão e observou-a. Karl estava do lado de fora do portão do jardim. Tinha maçãs aos pés, como se a macieira lhas tivesse atirado. Sorria, com as mãos dentro dos bolsos do fato às riscas. Tinha um ar alegre e um pouco convencido. Por muitas vezes que ela tivesse visto a fotografia ao longo dos anos, encontrando a caixa de fotos sempre que procurava algo, nunca reparara nele.

– As pessoas como nós nunca compreenderão – respondeu Evanelle. – Apaixonamo-nos pelos homens que deviam estar ao nosso lado desde o início. Mas as mulheres de coração partido mudam.

Evanelle respirou fundo várias vezes através do tubo que tinha no nariz. Uma ligeira expressão de alarme assolou-lhe a face, como acontecia por aqueles dias, quando achava que estava fora de casa há demasiado tempo ou podia ficar sem oxigénio.

– Tenho de ir para casa. Fred? – chamou Evanelle na sua voz leviana.

Depois de alguns passos, lá estava ele, como se tivesse estado à espera ali bem perto.

– Estou aqui.

– O rapaz ensinou-te alguma coisa? – perguntou Evanelle, ao levantar-se.

Fred tirou-lhe a garrafa de oxigénio.

– Evanelle, tenho mais quarenta anos que ele.

– Só estou a dizer que precisas de prática.

Claire pousou as fotografias e a espátula, depois, ela e Fred acompanharam Evanelle à porta. O ar estava tão áspero e frio como lima congelada quando eles desceram para o pórtico, pelo que pararam com o seu choque revigorante.

– Está a ficar mais frio – comentou Evanelle, colocando a gola do casaco preto e fofinho em redor do pescoço. – A primeira geada deve estar a chegar.

– Chega no sábado, segundo o almanaque – disse Claire. – Com o Halloween. Verifico a árvore todos os dias. Acho que está quase pronta.

– Vais dar uma festa? – perguntou Evanelle.

– Claro.

– Mal posso esperar. Sabes, ando um bocadinho inquieta este ano. – Evanelle tremeu. – Não sei porquê. Tiveste alguma visita inesperada?

– Não – respondeu Claire. – Porquê?

– As asas do outono trazem estranhos. Era o que o meu pai costumava dizer. Ele não era um Waverley. Era um Nuget. Os Nuget percebem de estações do ano – referiu Evanelle enquanto Claire e Fred a ajudavam a descer os degraus e a entrar para o *Buick* de Fred, estacionado no passeio.

– Preocupo-me com ela – disse Fred, assim que a meteram dentro do carro e fecharam a porta.

– Eu sei que sim – respondeu Claire, cruzando os braços sobre o peito devido ao frio. – Está a ficar um pouco esquecida. Mas continua ótima para quem tem oitenta e nove anos.

– Não sei o que faria sem ela – referiu Fred, pensativamente. – É como se já sentisse a sua falta.

Claire acenou-lhes e esperou que o carro desaparecesse de vista para voltar para dentro. Bay continuava à janela e seguiu-a até à cozinha.

– É por causa de um rapaz – disse Buster quando elas entraram.

Claire olhou para Bay, que acabara de lavar as mãos e calçava luvas de plástico transparente para poder colocar os doces nos frascos.

– Contaste-lhe? – perguntou Claire, surpreendida.

– Não teve de o fazer – respondeu Buster, abanando a cabeça. – Eu sei sempre quando é por causa de um rapaz.

– Lembras-te do homem de fato cinzento que vi há uns dias? – perguntou Bay, mudando completamente de assunto. – Voltei a vê-lo quando estava à janela.

⁴ «Wide Open Spaces» é uma canção do grupo feminino americano Dixie Chicks, lançada em 1998. Conheceu muita popularidade junto das jovens adolescentes devido à sua letra romântica e a um sentido de independência. (*N. da T.*)

— **M**ister Zahler?
Nessa noite, soou uma pancadinha na porta, fazendo com que os olhos de Russell abrissem de imediato. Estava deitado na cama do seu quarto na estalagem. Tinha apenas um candeeiro da mesa de cabeceira aceso, atravessando a escuridão suave e acolhedora como um raio de luz. Era uma e meia da manhã. O rádio digital do quarto tocava algo ligeiro e clássico. Ele não percebia muito de música. Durante a maior parte da sua vida, os seus ouvidos só escutaram os sons metálicos das diversões da feira itinerante. Mas aquilo era agradável. Ajudara-o a adormecer quando só quisera dormir um pouco antes de se encontrar com Anne na cozinha, à meia-noite, para comer, como já era hábito.

Levantou-se lentamente, estalando os ossos das ancas. Pegou no antigo roupão de mágico, que colocara com cuidado aos pés da cama, e vestiu-o de forma a tapar o velho pijama enquanto se encaminhava para a porta.

Anne Ainsley encontrava-se no corredor, segurando um prato que continha salada de frango, batatas fritas e um picle. Na outra mão, tinha uma lata de cerveja fria ainda fechada.

— Para quando lhe der a fome — disse ela, entregando-lhe o prato e a bebida.

Não estava zangada por ele não ter comparecido ao encontro da meia-noite. A vida dela aceitava a desilusão como algo de inevitável. Estava aborrecida e ele entretinha-a. Fora a sua curiosidade que a levara até ali com o prato que lhe preparara, nada mais. Fora atraída até à porta dele

para descobrir o que tinha ocorrido. Talvez pensasse que podia encontrá-lo morto na cama. Isso dar-lhe-ia certamente a excitação que procurava. Ele pensou se ela o choraria, se tal acontecesse, se sentira tristeza genuína.

Pensou se alguém sentiria, um pensamento novo para ele, pelo que demorou um pouco a examinar o seu peso e importância. Decidiu que não gostava deste novo pensamento, contudo, foi incapaz de o mandar embora.

– Por favor, Anne, trate-me por Russell – disse ele, aceitando o prato. – Peço imensa desculpa. Devo ter adormecido.

– Está cansado. Ultimamente tem andado muito a pé – disse ela. – Oiça, peço desculpa por ter de lho recordar, mas a reserva inicial para este quarto, a que cancelei para si, acaba na sexta-feira. Virão novos hóspedes nesse dia para ficarem com o quarto. São hóspedes habituais que aparecem sempre nesta altura do ano, e por isso não posso cancelar a reserva sem o meu irmão saber.

– Compreendo – disse ele, bondosamente. – A sério, não planeava ficar por tanto tempo, mas acabei por gostar da companhia. Vou-me embora na sexta-feira, fique descansada.

– Para onde vai? – perguntou ela, encostando-se à ombreira da porta.

Tudo o que ele queria era voltar para a cama quente e suave. Contudo, não podia cuspir no prato onde comera, e tudo o mais.

– Para a Florida. Passo lá todos os invernos.

Ela sorriu. O batom que aplicara passara para os dentes amarelos da frente.

– Parece agradável.

Ele não lhe chamaria propriamente de agradável.

– É quente, pelo menos.

– Aqui, o outubro foi invulgarmente quente este ano, antes de o senhor chegar. Acho que trouxe o frio consigo – brincou ela.

– Não é a primeira vez que me dizem isso.

Ela riu-se, depois olhou para o corredor, temendo ter acordado os outros hóspedes, a dormir há muito.

– Anne, deu a este homem mais conforto do que ele esperava. A sua bondade não passou despercebida. Obrigado – disse ele, dizendo-lhe educadamente para se ir embora.

– Não tem de quê, *Russell* – respondeu ela, enquanto ele fechava a porta.

O facto de ela ter andado a vasculhar o seu quarto quando ele estivera fora também não passara despercebido, contudo, ele não o mencionou. Mantinha sempre um fio de cabelo por cima das roupas dobradas, um fio comprido e loiro que uma das raparigas do espetáculo erótico, chamada Bountiful Belinda, lhe dera. Era a sua forma de saber se alguém andara a mexer nas suas coisas. Anne fora meticulosa ao colocá-las no sítio, à exceção do fio de cabelo.

E, claro, do panfleto do Grande Banditi que levava.

Ele continuava à espera que ela o restituísse, não por ser perigoso para ela saber a identidade dele, mas por só lhe restarem três panfletos. Eram a sua única recordação dos dias passados nas feiras itinerantes, tal como o baralho de tarô, o cristal hipnotizante e o roupão. Tinha as suas memórias, claro, boas e más, e nunca se esquecia de nada, a sua mente era como um filme a passar num ecrã, sempre ligada. Contudo, também era agradável ter objetos físicos em que pudesse tocar, coisas que lhe lembravam que tudo fora real. Por vezes, a linha que separa a realidade e a fantasia é muito, muito ténue.

Dirigiu-se para a cama e sentou-se na ponta. Pousou o prato no colo e comeu, desfrutando de cada garfada.

Cinco dias, pensou. Já ali estava há cinco dias.

Dois dias – dentro e fora – era o que costumava fazer. Já fora mais rápido, após abandonar a feira itinerante. Os riscos também já tinham sido mais elevados. Tinha margens maiores e havia dinheiro envolvido, pelo que fazer tudo rapidamente fora uma necessidade. Agora tinha todo o tempo do mundo. Tinha menos ficheiros que valiam menos dinheiro, o que fazia com que o sentido de urgência quase não existisse. O seu maior factor de motivação era a comida. A comida e um lugar macio onde dormir.

A sorte acompanhara-o quando conhecera a magra e matreira Anne Ainsley. Não se apercebera do quão cansado estava até ter aquela cama enorme onde dormir. O quarto roxo era silencioso, luxuoso e parecia quase... atrever-se-ia a dizê-lo? Seguro.

O que significava que tinha de partir. Qualquer pessoa que já tivesse trabalhado no circuito das feiras itinerantes sabia que o sentimento de

segurança significava desleixo e o desleixo levava a coisas más.

Por isso, tiraria dinheiro a Claire e sairia daquela cidade.

A Florida estava à espera.

O parque de campismo onde passava os invernos chamava-se Tenda de Circo, um local onde antigos artistas circenses sem grande sorte podiam ficar durante alguns meses à vez e receber refeições e tratamento médico de forma gratuita. Fora fundado por um antigo artista de circo que enriquecera mais tarde na vida. Era maioritariamente para pessoas ligadas ao circo ou a espetáculos de rua, mas os artistas itinerantes eram igualmente bem-vindos. Restavam poucos do grupo de Sir Walter Trott. Russell via um charlatão ou um mecânico da velha guarda de vez em quando, que lhe sorriam e acenavam. Todos sabiam o que acontecera ao Banditi original naquele campo do Arkansas. Passara a vida inteira a catalogar as pessoas, a saber-lhes os segredos para poder ganhar uns trocos com eles, e o único segredo que podia arruiná-lo era sabido por toda a gente.

Às vezes, é difícil dizer de que lado da moralidade estamos. Há tantos fatores que o afetam.

Ninguém sabia qual fora o nome do Banditi original. Dizia-se que estivera lá desde o início, na Feira Mundial de Chicago. A sua pele fora tão dura como couro e tinha um olho de vidro, contudo, fora estranhamente bonito de uma maneira exótica. Recebia muita atenção por parte das senhoras, que gostavam quando ele se aproximava para lhes sacar pistas secretas sobre elas, como, por exemplo, a última refeição e que iniciais tinham gravadas nos cadeados. Sempre lhes dera o suficiente para elas acreditarem que ele era mesmo um vidente, depois, dizia-lhes o que queriam ouvir: que os seus futuros estavam repletos de joias e filhos lindos.

Apesar da atenção, as preferências sexuais do Grande Banditi seguiam numa direção completamente diferente. Os seus olhos, o seu verdadeiro olho, estivera sempre nos rapazinhos jovens que o ajudavam a montar e desmontar as cabinas, nos que limpavam o caminho à noite e nos que roubavam para o dono, o próprio Sir Walter Trott.

Russell fora um desses rapazinhos, abandonado na feira itinerante pela mãe, a encantadora de serpentes, depois de ela própria ter sido enfeitiçada por um homem local com algum dinheiro. Ninguém se surpreendeu por

ela ter fugido e deixado Russell para trás – ele era um rapaz selvagem com traços maus, e ela não era o que se considerava carinhosa – contudo, todos ficaram absolutamente chocados por ela ter deixado a sua preciosa serpente, uma velha pitão albina chamada *Sweet Lou*, que rastejara dali para fora uma semana depois.

O Grande Banditi atraía Russell para a sua caravana com bondade e tato na noite seguinte à partida da mãe, pois Russell não tinha onde dormir. Ele nunca contara os pormenores dessa noite. Ou os muitos que se lhe seguiram. Havia já quase dez anos.

Mas, quando Russell tinha dezassete anos, viu o Grande Banditi bêbado no campo do Arkansas e algo acordou dentro dele. O mágico idoso estava com um dos órfãos que fora buscar perto do Mississippi, um rapaz bonito com pele bronzeada e olhos escuros, e sem ideia nenhuma do que estava para vir. Estava escuro e silencioso, as estradas tinham sido cortadas durante a noite e a maioria dos rapazes encontrava-se a limpar o caminho e a comer pipocas deitadas fora e doces meio comidos, satisfeitos por, pelo menos, não serem eles naquele campo essa noite. Russell seguiu-o para o campo, por uma razão que não sabia explicar.

Quando o Grande Banditi fora encontrado no campo, na manhã seguinte, parecia que tinha caído por estar bêbado e batido com a cabeça numa pedra. O rapaz de pele bronzeada fugira. Talvez ainda andasse fugido.

Todos sabiam o que tinha acontecido, mas ninguém disse uma palavra. O Banditi original fora um homem horrível que estragava o local, tornando-o um lugar amargo e receoso para todos os que vivam no recinto. Violava, roubava, enganava e o dono não podia fazer nada pois o Banditi sabia um segredo sobre ele. Qual era, nunca ninguém soube.

Para mostrar a sua gratidão, Sir Walter Trott, um homem pequeno com orelhas grandes, que dizia ter nascido numa exploração florestal no Oregon e que todos os seus irmãos eram altos e fortes, capazes de derrubar árvores com uma única machadada, oferecera a Russell o posto de novo Banditi. O original ensinara-lhe muitos truques, alguns dos quais ele tinha preferido não aprender.

Russell Zahler não tinha coração e a sua consciência era fraca, contudo, nunca magoou outro ser humano após essa noite. Agora, era apenas um

simples contrabandista, velho e sonhando com camas macias enquanto roubava pessoas com muito dinheiro.

Claro que não era a melhor pessoa do mundo.

Mas, como qualquer membro da Feira Itinerante de Sir Walter Trott podia dizer, também não era a pior.

A rececionista de Sydney, Violet, não apareceu na manhã seguinte no salão. Sydney tentou ligar-lhe várias vezes, mas não obteve resposta.

Aborrecida por outra adolescente optar pelo caminho errado por mais que Sydney lhe dissesse para não o fazer, penteou à pressa a sua última cliente e disse a Janey para fechar, depois conduziu até casa de Violet antes de ir buscar a filha. Parte do castigo de Bay implicava não ter tempo extra entre o trabalho em casa de Claire e o seu regresso a casa, à noite. Não ter tempo extra para Josh. E também não ter telemóvel para falar com ele.

Durante todo o dia, Sydney sentira-se desanimada e desmotivada. Uma das suas clientes, Tracey Hagen, que quisera um penteado que fizesse as suas vendas de *Tupperware* subir, acabou com um penteado que fazia com que as pessoas tivessem medo de lhe dizer que não, em vez de ficarem encantadas com os produtos. O resultado final era o mesmo, todavia, não fora exatamente o que ela pedira. Sydney comprou-lhe um recipiente de sanduíches só para não se sentir culpada.

O Sol começou a pôr-se quando Sydney deixou os limites da cidade. Havia uma diferença entre a província e a ruralidade, uma barreira ténue que não nos apercebemos atravessar até estarmos do outro lado da estrada. E toda a gente conhecia essa estrada, era a única que ia da cidade até um enorme campo verde de pastagens e quintas, que a princípio dava a sensação de estarmos a entrar num conto de fadas, algo doce e antigo perdido no tempo. Porém, como nos contos de fadas, o início é sempre lindo, um estratagema feito para nos atrair para algo inesperado. A longa linha de quintas transformava-se numa paisagem estéril de parques de caravanas, enferrujados e lentamente a deteriorar-se devido à chuva e às folhas presas nos esgotos.

Sydney conhecia bem aquela zona, das longas viagens com Hunter Josh Matteson, durante o secundário, uma espécie de excursão ousada para ver

até onde iriam, em vários assuntos, antes de voltarem para trás.

Naquele dia também tinha tentado telefonar a Hunter John. Uma parte de si era quase demasiado orgulhosa para fazê-lo, pois sabia que a desilusão dele e da mulher, Emma, com Josh se devia ao facto de acharem Bay insuficiente para o filho. No entanto, a sua intervenção parental desencorajaria tudo aquilo, que era o que mais importava. O coração da filha continuaria a ser algo grande, vermelho, lindo e alegre, cheio de amor para dar a alguém que a mercesse. Primeiro, tentara ligar para o trabalho de Hunter John, depois para casa dele, onde a empregada a informara de que ele e a mulher estavam num cruzeiro a festejar o aniversário de casamento.

Sydney sentiu-se desapontada e aliviada ao mesmo tempo. Provavelmente um pouco mais aliviada do que desapontada. Durante os dez anos em que voltara, mal falara com os dois. Isto é, quando eles não a ignoravam por completo. Lembrava-se muito bem, numa das primeiras semanas em que regressara, há quase dez anos, de Hunter John a ter confrontado e lhe ter dito que amava a mulher e que nunca a deixaria. Pelos vistos, toda a família Matteson pensava o mesmo, que Sydney retornava para tentar tê-lo a ele e ao seu dinheiro de volta. Divertira-a. Como se ele achasse que um coração Waverley pudesse voltar a ser o que era depois de ter sido partido.

O parque de caravanas onde a obstinada rececionista de Sydney vivia chamava-se apropriadamente Wild West, com nomes de estradas como Wyatt Earp Drive e Doc Holliday Court. Parou junto a uma antiga caravana branca com um toldo verde e branco já sem cor, por cima da porta. O jardim estava relativamente limpo, com alguns gnomos de barro e cogumelos pintados a decorá-lo.

Ela aproximou-se da porta e bateu. Foi aberta por um homem gordo e velho, envergando apenas boxers. O calor que saía lá de dentro chegou até Sydney como se tivessem acabado de abrir um forno. Deviam estar uns trinta graus lá dentro.

O homem olhou para Sydney de alto a baixo, observando-lhe os colãs e os sapatos de salto pretos, a gabardina curta aos quadrados e o cabelo apanhado num coque.

– O que quer? – perguntou ele por cima do barulho da televisão.

– Quem é? – perguntou uma mulher de setenta anos, ou de cinquenta muito mal conservados, da sua poltrona reclinável.

– Vim aqui para falar com a Violet – explicou Sydney. – Ela hoje não apareceu no trabalho.

– Violet! – gritou o velhote.

A porta da sala de estar abriu-se.

– O que foi? – respondeu Violet, zangada. Depois, viu Sydney à porta. – Oh. Entre – disse ela, encaminhando Sydney rapidamente para o seu quarto.

Sydney atravessou a sala.

– Peço desculpa por estar tanto calor aqui dentro. O Roy e a Florence gostam de ter a fornalha acesa – disse Violet, fechando a porta do quarto. A única janela estava aberta e o ar fresco que entrava chocava com o ar quente das aberturas de aquecimento, criando uma brisa confusa que fazia com que o quarto parecesse estar a mover-se. Violet usava apenas um *top* e calções. – O Charlie não me deixou dormir esta noite. Desculpe por não ter ido trabalhar hoje.

– Devias ter ligado – replicou Sydney, aproximando-se de Charlie que estava sentado no chão a brincar com blocos de plástico antigos. Sydney ajoelhou-se em frente a ele. Colocou-lhe a mão na testa enquanto ele punha um bloco na boca e erguia a cabeça para ela olhando com os seus lindos olhinhos escuros. – Olá, bebé. Estás doente?

– Já se sente melhor – disse rapidamente Violet, como se afinal ele tivesse estado sempre bem.

Sydney olhou em volta, para o quarto. Havia um colchão nu no chão, coberto por um antigo cobertor índio. Não tinha mobília. E havia brinquedos e roupas espalhados por todo o lado.

Duas malas de viagem azuis estavam atrás da porta. Eram a única coisa no quarto que parecia ser tratada com algum tipo de reverência.

– Para que são as malas? – perguntou ela.

– Para quando me for embora. Este não é o meu lar. Não o trato como se fosse. É temporário. Sempre foi temporário.

– Não é assim tão mau – disse Sydney. – Estás apenas numa fase má. Toda a gente tem fases más. Já alguma vez pensaste em tirar um curso de esteticista?

Violet sentou-se no colchão e encostou-se à parede de painéis.

– Talvez.

– Eu podia ajudar-te com um programa de trabalhador-estudante. Talvez ganhasses uma bolsa.

– Talvez. Mas se eu tirar o curso, vai ser muito longe daqui. – Ela levantou o braço magro e nu para sentir a brisa de ar frio que entrava pela janela aberta, sobre si.

– Bascom é um sítio tão lindo.

– A Sydney foi-se embora – referiu Violet.

– Mas voltei.

Violet encolheu os ombros, baixando o braço com a mão num punho, como se tivesse apanhado o ar frio como um pássaro.

– Talvez vá, talvez não vá.

– Quando me fui embora, fui sozinha. E não foi problemático. Era a minha vez de aprender, de cometer erros. Quando tive a Bay, tudo mudou. Já não era só eu que contava. Voltei para que ela pudesse ter um sítio estável onde crescer, onde eu pudesse ter um sistema de apoio.

– O Charlie é um bom bebé – disse Violet. – Não me dará problemas.

– Eu sei que ele é um bom bebé – concordou Sydney, acariciando-lhe o cabelo grosso e escuro. – Mas o desafio é fazer dele um bom menino e, depois, um bom homem. Achas que consegues fazê-lo se não tiveres um lugar para viver? O que achas que acontecerá assim que deixares este lugar? Achas que vais encontrar o emprego perfeito, a casa perfeita, o homem perfeito?

– Sim! – afirmou Violet. – Eu sei que vou. Porque já procurei aqui. Nada disso está aqui.

– Vai ficar tudo na mesma, independentemente de onde estiveres, se tu não mudares primeiro.

Violet levantou-se da cama e contornou Sydney, tirando-lhe Charlie dos braços.

– Estou despedida? – perguntou ela, apoiando-o na anca. Ela começou a preocupar-se. – É que preciso do trabalho. Já tenho quase dinheiro suficiente para comprar o velho *Toyota* do Roy.

Sydney levantou-se.

– Não, não estás despedida.

– Porque é tão boa para mim? – perguntou ela, balançando Charlie quando ele começou a chorar. Sydney resistiu ao impulso de lho tirar.

– Porque já fui como tu – respondeu Sydney.

Violet bufou.

– Não faz ideia de como é ser como eu.

– Apareces amanhã no salão? – perguntou Sydney.

– Sim, apareço.

Depois de olhar uma última vez para eles, Sydney saiu do quarto. O casal de velhotes na sala de estar olhou-a com olhos desconfiados à medida que ela atravessava a sala, passando diante do televisor, e se dirigia para a porta.

Assim que entrou no *Mini Cooper* deixou-se ficar sentada ao frio, sentindo-se frustrada por saber que, por mais que tentasse, não podia ajudar alguém que não queria ser ajudado.

Quando Sydney chegou à casa dos Waverley, já era de noite. Detestava os dias curtos. Subiu os degraus da porta a correr, cobrindo-se mais com a gabardina por causa da brisa fria. Teria de passar a usar casacos mais quentes muito em breve. Pensou se Violet teria um casaco de inverno, ou se Charlie teria roupas de inverno.

«Para», disse a si própria.

Não podia controlar tudo.

Todavia, o problema era mesmo esse. Andava tão determinada porque se sentia fora de controlo. Violet podia ter um bebé sem mais nem menos e Sydney não. Não era justo. Há quinze anos fora tão fácil engravidar, algo tão pouco consciente que fora quase como um despertar, o corpo agira com naturalidade, dizendo-lhe que era chegado o momento. Agora, era precisa tanta força, tanta energia.

Claire avisara-a. Sobre o apego que ela tinha a Charlie. Sydney contou tudo à irmã. Demasiado, talvez, mas Claire estava sempre do seu lado, ouvia-a sempre, dizia sempre a coisa correta, quer Sydney acreditasse ou não. Às vezes, Sydney achava que pedia muito a Claire. Quando Claire lhe telefonava a ela, era apenas para perguntar como Sydney estava. Claire nunca pedia ajuda, nunca parecia ter problemas que não soubesse resolver. Por mais que Sydney amasse Claire, aquilo era frustrante. Seria bom se, de vez em quando, Claire também tivesse um problema. Não teria de ser

nada de grave. Apenas uma coisa pequena que lhe permitisse aparecer triunfante com uma garrafa de vinho e dizer: «Eu sei o que fazer!»

Sydney alcançou a porta principal e tentou abri-la. Esta não se moveu. Pegou na chave da casa dos Waverley e tentou destrancá-la. Continuava a não querer abrir. Tentou a campainha, mas esta não tocou. Confusa, atravessou o pórtico e espreitou para dentro da sala de estar, vendo Bay e Mariah a olhar para a televisão. Os cortinados fecharam-se subitamente, deixando-a às escuras no pórtico.

Oh. Agora compreendia.

Sydney voltou para a porta. Olhou por cima do ombro para se certificar de que ninguém a ouviu-a, depois sussurrou:

– Não me importo que estejas infeliz por eu tê-la castigado. Vou voltar e pintar-te de um verde horroroso se não abrires a porta imediatamente – ameaçou ela. Sentiu-se ridícula, como se sentia sempre quando tinha de enfrentar aquele tipo de coisa Waverley.

Mas a porta abriu-se.

A casa sempre fora um pouco vaidosa.

Assim que entrou, ouviu Tyler a gritar do cimo das escadas.

– Esqueci-me. O que vinha eu aqui fazer?

Claire gritou da cozinha.

– Calafetar os respiradouros do sótão!

– Ah, pois – disse Tyler.

Sydney entrou na sala de estar e disse:

– Pronta para ir?

Bay acenou e levantou-se.

– Já vou ter contigo – disse Sydney, dirigindo-se para a cozinha.

Claire retirava galinha frita de uma caixa que Tyler obviamente trouxera a caminho de casa. Desviou os olhos do prato quando Sydney entrou.

– KFC? Agora batestes fundo – brincou Sydney, aproximando-se dela. – *Por favor*, recomeça a cozinhar.

– Estou a pensar fazê-lo.

– A sério? – retorquiu Sydney, surpreendida. Era a primeira vez que a ouvia dizer aquilo. Todos na família tentavam fazer com que ela comesse a cozinhar outra vez, não só porque adoravam comer. Bom, era principalmente por isso. No entanto, havia qualquer coisa na Waverley's Candies que fazia com que Claire estivesse novamente a ficar introvertida,

o que nunca era bom. Às vezes, Sydney temia que, se Claire se introvertesse durante demasiado tempo, nunca mais seria capaz de sair desse estado, tal como a avó, que se escondia debaixo das escadas quando alguém batia à porta, não querendo ninguém dentro da sua casa.

– A Evanelle visitou-me hoje e trouxe-me uma espátula. Talvez seja um sinal. – Claire encolheu os ombros e Sydney percebeu que era verdade. Claire não diria mais nada.

Sydney deu meia-volta e encostou-se à bancada.

– Como está a Bay?

– Porque não lhe perguntas diretamente?

– Devia fazê-lo. E vou fazê-lo – disse Sydney, decidida. – Há coisas que nunca lhe contei que tenho de lhe dizer. Só não sei como dizê-las.

Claire limpou as mãos a uma toalha que se encontrava ali perto.

– Por falar em coisas que nunca nos contaram, a Evanelle hoje disse-me que o marido da avó Mary se chamava Karl. – Claire dirigiu-se ao seu pequeno escritório junto à cozinha e voltou, dando as fotografias a Sydney. – É este Karl, das fotografias que encontrámos no sábado. Como não sabíamos nós disto?

– Por nunca termos perguntado, creio eu. Pode ver-se que era problemático. Olha só para o sorriso. – Sydney olhou mais de perto para a foto a preto e branco. – A mãe tinha o queixo dele.

– Tu também tens. O nome Karl também aparece neste diário de cozinha que encontrámos – disse Claire, pegando-lhe. – O que está censurado.

– Parece que encontraste um mistério.

Claire ia dizer algo, mas deteve-se e olhou para Sydney, inclinando a cabeça com curiosidade. – O teu cabelo está a ficar mais vermelho?

Ela prendera o cabelo num coque, esperando que se notasse menos.

– Juro que não estou a fazer nada – declarou ela, mexendo no coque. – Todas as manhãs acordo e fica pior. Vou tentar pintá-lo amanhã. Mal posso esperar pela primeira geada. Tudo vai acalmar assim que ela chegar.

Claire acenou.

– Mais cinco dias.

– Pareces estar a lidar muito bem com o assunto – notou Sydney. – Não tens tido problemas de primeira geada? – Era o que acontecia com Claire,

nunca se sabia nada. Tínhamos de esperar que ela nos contasse. Às vezes, Sydney desejava ser contida como a irmã e não dizer sempre tudo. Todavia, ela sabia o preço que a irmã pagava por aquelas paredes.

– Não me amaldiçoes – pediu Claire.

– Então, não provoques – respondeu Sydney, sem rodeios, entregando-lhe a fotografia enquanto saía da cozinha.

No dia seguinte, no salão, era quase meio-dia e Violet ainda não tinha aparecido, o que irritou as cabeleireiras pois tinham de atender o telefone à vez e fazer marcações, demorando imenso tempo e deixando as clientes com o cabelo a pingar nos lavatórios ou com papel alumínio que precisava de atenção.

– Disse que a Violet vinha trabalhar hoje – comentou Janey, aceitando o pagamento da sua cliente na receção.

Sydney dirigiu-se à receção banhada pelo sol onde Bea McConnell esperava no sofá branco, junto à janela.

– Pode ir entrando, Bea. Já vou ter consigo – disse-lhe Sydney. Depois, virou-se para Janey. – Ontem fui ter com ela para me certificar de que tudo estava bem. Disse-me que vinha.

– Ela só dá problemas – respondeu Janey, sentando-se na cadeira giratória da receção. – A minha irmã mais nova andou com ela na escola, antes de Violet desistir. Não era pera doce. Roubava. E não só os namorados das outras, embora o tivesse feito muitas vezes.

– Os Turnbull têm filhos como coelhos e roubam como gralhas – comentou Bea McConnell. Sydney virou-se e viu que ela ainda estava na receção, sem querer perder as coscuvilhices.

– Ela só tem dezoito anos – desculpou Sydney, conduzindo Bea para o fundo do salão. – Ninguém sabe o que quer aos dezoito anos.

Uma hora mais tarde, Sydney finalizava o novo penteado com madeixas de Bea quando Violet entrou. Sydney sentiu-se triunfante, pois significava que não se enganara acerca dela.

– Violet – disse Sydney, querendo captar a atenção de todos. – Importas-te de fazer café antes de te sentares? Onde está o Charlie? Com a *babysitter*?

– Está no carro. Não me vou demorar. – Violet envergava calças de ganga apertadas e sujas e uma camisola tão larga que lhe deixava um ombro à mostra e revelava a alça do sutiã. Ficou parada, roendo nervosamente a unha.

– Peço desculpa, Bea – disse Sydney, pousando a tesoura e dirigindo-se à receção. – Que carro?

– Comprei o velho *Toyota* do Roy. Eu contei-lhe. Só preciso de um pouco mais de dinheiro. Disse-lhe que lhe pagava o resto ainda hoje.

– Não compreendo. – Sydney foi até à janela. – O Charlie está sozinho, lá dentro?

Violet aproximou-se dela e apontou.

– Estacionei junto à boca de incêndio. Consigo vê-lo daqui. Posso receber o meu salário adiantado?

Janey continuava na receção, pois a sua próxima marcação era só às três. Ouvia tudo com interesse.

– Não posso fazer isso, Violet – negou Sydney.

– Pelo menos dê-me o dinheiro dos dias em que trabalhei.

– Recebeste o cheque na sexta-feira. Até agora, só trabalhaste no sábado.

– Então, dê-me o dinheiro de sábado!

Sydney deteve-se um momento, usando o silêncio como um botão de reiniciar, tal como fazia com a filha.

– O que se passa? – acabou finalmente por perguntar.

– Vou-me embora. Estou farta deste sítio. Estou farta de tudo. Estou farta de Roy e de Florence. Acordo quase todas as noites com o Roy a observar-me. É assustador. – Violet começou novamente a roer a unha. – Não vou aturar mais essa merda. Foi a última vez.

A última vez? Pensou Sydney, arrepiando-se.

– Se é assim tão mau, e precisas de um lugar onde ficar, tu e o Charlie podem ficar em minha casa.

Janey, que bebericava da sua garrafa de água, engasgou-se quando Sydney disse aquilo.

– Não fico consigo – disse Violet, como se Sydney tivesse sugerido algo ridículo. – Sei onde mora. Não vou para uma quinta de lacticínios. Quero viver num sítio onde haja luzes e pessoas.

– Então, vais-te embora? Sem mais nem menos? – perguntou Sydney.

– Se me der o meu dinheiro, sim!

– O Charlie tem uma cadeirinha para o carro?

Violet revirou os olhos.

– Pague-me o sábado e a minha gorjeta. Depois, vou-me embora. O dinheiro é meu.

Sydney pareceu confusa.

– Que gorjeta?

– Toda a gente aqui recebe gorjeta. Ponho sempre uma de lado para mim, ao fim do dia. Da caixa registadora. É o justo.

– Posso despedir-me de Charlie? – perguntou Sydney, esperando ir lá para fora para falar melhor com Violet. Todo o salão as observava.

Contudo, Violet não se demoveu.

– Ele está a dormir.

Sem mais uma palavra, Sydney deu-lhe algum dinheiro que tirou do seu avental e Violet saiu.

– Ela andava a roubá-la? – perguntou Janey.

– Não quero falar sobre isso – respondeu Sydney, sem se virar para ela. Não queria falar sobre o facto que já conhecia há semanas, pensando sempre que a sua persistência e fé inabalável em Violet mudariam as coisas.

Mas Violet já sabia realmente o que queria, lá no fundo, até onde a vista de Sydney não alcançava. Sydney só era capaz de ver a camada exterior, jovem e maleável. E até essa endureceria com a idade.

Por mais que lhe custasse, o facto de Violet levar Charlie consigo magoava-a ainda mais. Charlie, aquele menino doce e inocente. Sydney permaneceu junto à janela e viu Violet afastar-se do passeio num *Toyota Corolla* cinzento e velho.

Sentiu uma dor e um vazio tão grandes que lhe levaram lágrimas aos olhos.

Nessa noite, Sydney chegou a casa e encontrou-a silenciosa. Esperava uma distração: Henry na cozinha a queimar bolos de milho, algo que herdara do avô e que fazia pelo menos uma vez por mês; ou Bay pronta para discutir com ela sobre o seu castigo.

Mas não aconteceu nada. A casa estava tão silenciosa que o silêncio parecia murmurar.

Sydney encaminhou-se para as escadas e chamou por Bay, perguntando-lhe o que queria jantar. Claire trouxera-a para casa porque Sydney ficara a trabalhar até tarde no salão, graças a Violet. Bay respondeu.

– Comi em casa da Claire.

Elas mal falavam, ou quase não falavam, desde o baile de sábado. Bay parecia estar a aguentar-se bem, demasiado bem, como se a sua indiferença fosse outra forma de fazer com que Sydney sentisse que estava errada.

Sydney foi até à cozinha. Havia uma pequena tábua junto ao frigorífico, tão antiga que as mensagens escritas e apagadas sobre ela marcavam a superfície, como palavras debaixo de água. Henry escrevera que ainda se encontrava no celeiro a trabalhar numa máquina que se tinha avariado nesse dia. Tal como Bay, ele nunca usava o telefone. Ela vivia com dois Ludistas.⁵

Ainda de casaco e com a mala ao ombro, esquecida, abriu o frigorífico e olhou lá para dentro. Não tinha fome.

Fechou a porta e dirigiu-se ao telefone da cozinha.

– Interrompo? – perguntou ela, quando Claire atendeu.

– Não – respondeu Claire. Dizia sempre que não. – Como foi o teu dia?

– Horrível. A Bay está no quarto e o Henry ainda não chegou e estou a sentir-me... – Estéril, queria ela dizer.

– Já falaste com a Bay?

– Não.

– Já falaste com o Henry?

– Não.

– Se não lhes explicares as coisas, eles não vão compreender – advertiu Claire, embora ela própria nunca explicasse nada a ninguém, por vezes, nem mesmo a Tyler. Este andava sempre perdido nos seus pensamentos. Mas era disso que Claire precisava, de alguém que flutuasse na sua vida, que a provocasse e a fizesse olhar para fora do seu mundo. Sydney sempre precisara de alguém que a acalmasse, que lhe pusesse os pés no chão. De Henry.

– Eu sei.

Sydney olhou pela janela por cima do lava-loiça, ouvindo o espalhafato que se vivia em casa de Claire. Parecia que Claire também se encontrava na cozinha. Pensou ouvir o barulho de pratos e água. O riso de Mariah, ao fundo. O som dos passos de Tyler.

– Sabes, se precisares de mim, eu também aqui estou – acabou finalmente por dizer.

– Eu sei que estás. Eu adoro-te.

– Eu também te adoro. – Sydney desligou e saiu da cozinha para o pátio traseiro. Sentou-se numa das cadeiras de viga antigas.

Os campos estavam tão escuros que ela não podia ver onde paravam e a noite começava. Fora difícil habituar-se a um mundo sem luzes, mas gostava que tal fizesse com que ela e Henry se tornassem mais próximos. Costumavam sentar-se ali todas as noites, depois de se casarem. Henry dissera que o avô e a avó faziam o mesmo, razão pela qual mantivera as cadeiras. Dizia que, às vezes, ainda era capaz de os ver ali, ver a forma como a avó costumava pousar a mão de lado e o avô pegava nela e a acariciava.

Ela não sabia quanto tempo passara, mas as suas faces começavam a picar com o frio quando ouviu os passos de Henry na cozinha. A porta da cozinha abriu e ele chamou.

– Sydney?

– Sim.

Ele saiu para fora e fechou a porta atrás de si.

– O que estás a fazer aqui fora? – perguntou, sentando-se na outra cadeira, junto a ela. O assento de vigas chiava com o frio. Ele ainda envergava as roupas do trabalho. Ela sabia que devia ir para dentro e arranjar-lhe algo para comer. Ele trabalhava tanto. Era o mínimo que ela podia fazer. Contudo, não se conseguiu mexer.

– Não sei – disse ela. – A pensar.

– O que se passa? – perguntou ele, metendo as mãos dentro do casaco.

– A minha rececionista, Violet, demitiu-se hoje. Vai deixar a cidade e levar o Charlie com ela. Tem andado a roubar dinheiro do trabalho.

Ele ficou em silêncio, a processar tudo, sabendo o que ela fizera por Violet e sabendo o que Charlie significava para ela.

– Lamento – acabou por dizer.

– Quero voltar atrás e ter outra vez aquela idade, sabendo tudo o que sei hoje.

Henry abanou a cabeça.

– Dá-se demasiada importância à juventude.

– Não quero que Bay cometa os mesmos erros que eu cometi – afirmou Sydney. – Bay. Violet. Quero ajudar alguém.

– Não podes consertar coisas que ainda não foram estragadas. Só faz com que te sintas pior. O que se passa, verdadeiramente? – perguntou Henry. – Fala comigo.

– Ultimamente tenho pensado por que razão não... Quero dizer, já estamos a tentar há tanto tempo. – Sydney deteve-se. Os seus olhos foram assolados por lágrimas. – Acho que a culpa é minha. Tive uma vida horrível antes de ter voltado. Estive com um homem horrível que me fazia coisas horríveis. – Henry sabia sobre David, claro, mas Sydney já não o mencionava por nome, como se tivesse apagado da mente aquela recordação. Ainda assim, por vezes, ele ainda lá estava, como um acidente que ela sofrera há muito tempo e lhe deixara cicatrizes. – Às vezes, penso se é por isso que não posso ter mais filhos.

Ela ouviu, mais do que viu, ele a virar-se para si.

– É por isso que andas assim? O cabelo vermelho e as visitas que me fazes ao escritório? – perguntou. Tinha um alívio inegável na voz, agora que compreendia. – No chão da cozinha?

– Quero dar-te um filho. – A voz dela desvaneceu, transformando-se num sussurro. – Mereces um filho. Talvez eu não mereça, mas sei que tu mereces.

– Deste-me a Bay – disse ele, sem hesitar. – Não me importo se não podemos ter mais filhos. Nunca me importei. Sydney, querida, estás há demasiado tempo fixada nesta ideia. É altura de te perdoares. Já passaste por muito.

Sydney acenou no escuro, lambendo as lágrimas que lhe tinham caído nos cantos da boca. Ele tinha razão, claro. Uma parte dela sempre achara não ser merecedora da vida que tinha com ele, não ser merecedora de ser feliz.

Ficaram em silêncio. Sydney apercebeu-se de que estranhamente ainda tinha a mala ao ombro, como se estivesse pronta para sair e não para chegar a casa.

Henry quebrou o silêncio ao dizer:

– Parece-me um bom momento para uma das antigas histórias do meu avô.

Sydney deu um risinho.

– Lembro-me de como ele ficou devastado quando a minha avó morreu. Durante semanas não se levantou da cama. Numa manhã, quando finalmente apareceu no pequeno-almoço, estava tão magro que se lhe viam os ossos. Sentou-se à mesa da cozinha e disse: «Já nada será igual porque ela já não está neste mundo.» – Sydney virou-se para olhar para a silhueta dele. – É por isso que sei, como sempre soube, que perder o que temos é pior do que ganharmos algo novo. Tu és o meu mundo, Sydney.

Quando ela sorriu, sentiu as lágrimas a gelarem nas suas faces.

Deixou cair a mão para o lado da cadeira, que balançou no ar entre eles. E, como se tivesse sido perfeitamente coreografado, Henry pegou nela e acariciou-a.

[5](#) Ludistas eram os operários ingleses do final do século XIX. (*N. da T.*)

— Como sabes, exatamente, onde pertencem as coisas? — perguntou Josh nas escadas, depois das aulas, quarta-feira à tarde. Descascava uma laranja e um aroma ligeiro a citrinos pairou à volta deles.

Ela encolheu os ombros.

— Sei, simplesmente.

— Então, se eu apontar para uma pessoa, uma pessoa qualquer, és capaz de me dizer aonde é que ela pertence? — Josh apontou para um rapaz ruivo sentado em cima da caixa do seu trombone, à espera dos autocarros tardios. — Tim Brown.

Bay riu-se.

— Não funciona assim.

— Como funciona?

— Não sei. Aparece-me, simplesmente. No terceiro ano, fui a casa da minha amiga Kennedy para brincar e a mãe dela disse que Kennedy tinha de arrumar a roupa lavada antes de ir para o quarto. Enquanto a Kennedy discutia com a mãe, peguei numa das toalhas e fui até ao armário das toalhas, lá em cima. Soube onde ela pertencia. O encontro não durou muito tempo — disse Bay, secamente. — Com as pessoas às vezes consigo localizar onde devem estar ou com quem devem estar. Às vezes, é uma imagem muito clara na minha cabeça. A Dakota Olsen pertence a Princeton. Sei-o, simplesmente. — Bay estalou os dedos. — Mas não consigo ver nada com o Tim Brown. É mais fácil dizer onde é que as

pessoas não pertencem por ser um sentimento desconfortável, tal como quando perdemos o equilíbrio e estamos prestes a cair.

– Isso é espetacular – retorquiu Josh, formando uma pilha com as cascas da laranja no degrau, a seu lado, e partindo a laranja em duas partes iguais. Deu-lhe uma das metades, que ela aceitou como se de ouro se tratasse.

– Sempre fui assim, a vida toda. É simplesmente quem eu sou.

– Sabes onde eu pertenço? O que devo fazer com a minha vida?

Ela demorou um pouco a responder, pensando se era por isso que ele estava ali com ela.

– Não.

– Eu também não. E sabes uma coisa? É bom falar com alguém que não tem uma opinião formada sobre a minha ida para a universidade ou qual deve ser o meu trabalho depois de me licenciar.

– Não tenho as respostas que procuras. – Às vezes, as pessoas queriam ser amigas dela para que Bay lhes dissesse qual o seu futuro ou o que quer que quisessem saber, contudo, afastavam-se sempre muito desiludidas.

– Não faz mal – disse Josh. – De qualquer forma, acho que tenho de ser eu a encontrar as respostas. Mas invejo-te, sabias? Pelo teu contentamento.

Ela abanou a cabeça.

– Não estou contente.

– Não?

– Sei onde pertenço. É apenas isso.

– E isso não é razão para contentamento? – perguntou ele.

– Talvez seja. Mas, como diz o meu amigo Phin, não sou a única a viver no meu mundo, e não posso convencer as pessoas todas a ficarem onde pertencem. Não posso fazê-las acreditar no que não querem. E isso incomoda-me. – Olhou para a laranja que tinha nas mãos. – Não devia incomodar. Mas incomoda.

Josh pareceu refletir naquilo, talvez pensando no recado dela. Acabou por acenar enquanto comia a sua metade da laranja. Aquilo era tão estranho e íntimo, comer com ele.

– Transmitiste o meu agradecimento ao Phin? – perguntou Josh.

– Ainda não. Só o vejo na paragem de autocarro e é a minha mãe que me tem levado à escola, ultimamente. Porque lhe agradeces? – Ela acabou de comer a sua metade da laranja e limpou as mãos às calças.

– Viste o vídeo?

– Ainda não.

– Vais perceber quando vires. – Os autocarros tardios começaram a chegar. – Calculo que não queiras boleia para casa?

– Não, obrigada. – Ela levantou-se e pegou na mochila.

– Amanhã não virei ter contigo – disse Josh, comendo o que faltava da sua metade da laranja e pegando nas cascas que colocara junto a si. – Tenho uma reunião do conselho estudantil.

– Não faz mal – disse ela, semicerrando os olhos por causa do sol. – Tenho de admitir que até estou um pouco confusa por estares aqui.

– Já te disse que gosto de falar contigo. Nem sei porque demorei tanto tempo a percebê-lo. – Levantou-se. – Hoje à noite queres vir a minha casa? Os meus pais estão fora, mas a nossa empregada, a Joanne, está lá.

Bay pensou que na semana anterior atravessara a floresta só para vê-lo à distância, só para passar uns instantes a observá-lo com os amigos.

– Não conheço muito bem os teus amigos.

– Oh, eles não vão lá estar. Foi por isso que perguntei. Os meus pais telefonam todas as quartas-feiras à noite. Ficam mais descansados quando não ouvem uma festa no fundo.

– Não leves a mal, mas não pertenco à tua casa.

– Então, vamos sair – sugeriu ele. – Quero dizer, em privado. Mas não tão em privado. Posso encomendar comida e podemos comer no relvado da baixa, depois de escurecer.

Mantê-la em segredo, quis ele dizer.

Contudo, o mais estranho era que ela não se importava. Pois o segredo não era ela. Era o facto de ele se sentir feliz com alguma coisa. E, por qualquer motivo, Josh ainda não estava preparado para que as outras pessoas soubessem.

– Está bem – concordou Bay, por razões meramente egoístas que tinham a ver com comer com Josh e falar à noite, o que ela considerava um encontro, ainda que ele não. Ficou com a respiração ofegante perante o pensamento de algo tão simples e ao mesmo tempo tão maravilhoso. Comer e falar depois de escurecer. Naquele dia até talvez nevasse, como na imagem em que se viu com ele pela primeira vez. Seria perfeito, final, real.

Porém, aquela coisa maravilhosa e simples tinha um senão. Foi quando se lembrou de que estava castigada.

Mas rapidamente decidiu que não importava. Deu consigo a pensar que as regras não importavam.

Não quando estavam erradas.

Certo?

* * *

Nessa noite, o tempo estava nebulado e frio, com a Lua atrás das nuvens. Estava ainda mais escuro e frio no chão atrás da cabeça de Horace J. Orion no relvado, mas, sinceramente, Josh não o sentia. Ele e Bay envergavam casacos, luvas e chapéus e riam-se muito para sentirem o frio.

Josh acabou a sua sanduíche e encostou-se a Horace. Bay estava sentada do outro lado, de pernas cruzadas, e com o café que ele lhe comprara nas mãos. Ele contou-lhe a história em que quase fugira de casa porque os pais haviam deixado o seu irmão mais velho, Peyton, ficar acordado a ver televisão e Josh não. A empregada deles, Joanne, apanhara-o e levava-o para o quarto antes de os pais ficarem a saber.

– Nunca mais tentei fazê-lo – disse ele. – A Joanne convenceu-me de que havia uma câmara concentrada só em mim o tempo todo, e que eu nunca podia sair de casa sem que ela soubesse. Tomei banho de calções durante meses. Acho que nunca tinha contado isto a ninguém.

– Ainda bem – respondeu Bay, a rir-se. – É muito embaraçoso.

Ele observou-a nas sombras. Sabia que ela gostava dele. E ele estava certamente fascinado por ela, quase obcecado, contudo, não sabia se os seus sentimentos eram românticos. No entanto, nunca se apaixonara por ninguém, pelo que não poderia sabê-lo. Já beijara raparigas. E já quase fizera tudo com a Trinity Kale no décimo primeiro ano, antes de ela os deter e dizer que deviam ser só amigos. Ele concordara tão depressa que a magoara. Às vezes, pensava se havia algo de errado consigo.

O que estava ele a fazer ali? Achava mesmo que aquela rapariga querida, estranha e de quinze anos tinha as respostas todas? Queria tanto que fosse verdade. Mesmo que não fosse, Bay fazia-o acreditar na *possibilidade* de ser verdade, que era dar-lhe mais esperança do que ele há

muito tempo tinha. Ela fazia-o sentir-se feliz, seguro e entusiasmado. Até ficava ansioso por ir ter com ela às escadas da escola. Passara de carro em frente à escola todos os dias durante meses só para ver se ela esperaria por ele, como dissera no recado. Era algo que escolhia fazer, passos que dava por si próprio. Era uma sensação muito estranha. Na qual Josh não confiava.

Ele esticou a perna e pontapeou-a ao de leve no pé.

– O que vais fazer com a tua vida, Bay Waverley?

– Vou acabar na casa dos Waverley. Só sei isso – respondeu ela sem hesitar. – Gosto de decoração. Talvez um dia faça alguma coisa no ramo. Saberei quando for para a faculdade.

– Fizeste um ótimo trabalho no baile – elogiou ele, lembrando-se de repente do momento em que a vira nas bancadas. Ela levantara-se envergando o tal vestido e flores na cabeça, parecendo uma visão que ele tivera em criança, pelo que só conseguiu pensar em sair dali para não ter de enfrentar o facto de não poder viver naquele sonho, de nunca ter tido nada do que quisera. De qualquer forma, nada do que tinha era realmente seu.

– Estavas lindíssima nessa noite. Devia ter-te dito. Quando pensei em fazê-lo, já estavas coberta de sangue de zombie.

Ela endireitou os ombros e olhou-o, orgulhosa.

– Acho que o fato me assentou muito bem.

– Sim, assentou.

Ele olhou-a durante algum tempo, tanto, que até ela, uma observadora nata, desviou o olhar.

– Então, como funciona isto? – perguntou ele, finalmente. – Isto de pertencer um ao outro, de estarmos aqui juntos, agora?

Ela riu-se e aproximou-se dele para se encostar à cabeça de Horace e olhar para cima, para o céu frio da noite, como se esperasse que alguma coisa caísse. Envergava um chapéu de lã rosa que lhe cobria as orelhas, com os fios que prendiam essas duas partes a caírem-lhe nos ombros.

– Não estou à espera que me beijes, nem nada – disse ela, olhando para cima.

– Não?

Ela negou com a cabeça.

– Não. Isto que está a acontecer agora entre nós, esta sensação, o facto de estarmos a falar e a rir, de às vezes ficarmos em silêncio? É assim que funciona. A minha tia telefona à minha mãe e, por vezes, elas ficam só sentadas, em silêncio. É assim que funciona.

Ele sentiu-se inesperadamente emocionado por ouvir aquilo. Era um alívio. Ela era um enorme alívio para ele. Pertencer a alguém, parecia ela dizer, não dava quase trabalho nenhum.

– Achas que vai nevar esta noite? – perguntou ela, levando novamente o olhar até ele e apercebendo-se de que os seus rostos estavam inesperadamente próximos um do outro. Ela cheirava a ar frio e a rosas. Dissera-lhe que estivera a fazer doces de rosas em casa da tia, nessa tarde. No serão, quando entrara no *Nissan Pathfinder* dele, era como se tivesse trazido todo o mês de julho com ela.

Os seus rostos estavam tão próximos que quase se tocavam. Os olhos dele pousaram nos lábios dela.

E nesse momento o telefone dele tocou no seu bolso.

O rapaz deu um salto. Bay entornou café nas calças dele e levantou-se de imediato para tentar limpá-lo. Ele tirou o telefone do bolso do casaco, confuso com o que viu no ecrã.

– És tu. Como fizeste isto?

Bay parou de lhe limpar as pernas.

– Fiz o quê?

Ele virou o telemóvel e mostrou-lhe o ecrã. Dizia BAY WAVERLEY. Ele tremeu.

– Estás a ligar-me.

Bay levou as mãos aos bolsos.

– Devo tê-lo deixado cair quando... – Ela não terminou a frase.

– Se não és tu, quem me está a ligar do teu telemóvel?

– Espera...

Contudo, foi demasiado tarde. Josh atendeu. Após uns segundos, ele passou-lhe o seu telemóvel.

– É a tua mãe.

– Desculpa – disse Bay quando se sentaram num banco, no relvado, lado a lado, e a olhar em frente.

- Não faz mal.
- A sério, desculpa, mesmo – insistiu Bay.
- A culpa também foi minha. Percebi que algo se passava quando quiseste encontrar-te comigo a meio da estrada em vez de à porta de tua casa.

Bay olhou para ele, para o boné com uma caveira e para o blusão da North Face, calmamente à espera das consequências. Voltara para a sua tristeza, para a sensação que o queimava lentamente por dentro. O seu problema, começava ela a perceber, era ficar imune perante a indecisão e o medo. Tudo o que conseguia sentir era tristeza, até que alguém lhe oferecesse uma alternativa que funcionava como uma máscara de oxigénio quando ele sufocava.

Estavam apenas a alcançar a superfície. Porque lhe ligara a mãe naquele momento? Ela tornava aquilo difícil quando não tinha de o ser.

A sua mãe era tão má com castigos que se esquecera novamente de pedir o telemóvel a Bay. Esta pusera-o no modo vibração e, depois de Josh lhe ligar a dizer que estava a caminho com sanduíches e café, colocara-o no bolso e saíra pela janela do quarto. Encontrou-se com ele a meio da estrada, dizendo-lhe que o seu pai ia para a cama cedo e que não queria que o carro de Josh o acordasse. O que, por acaso, era verdade. No entanto, devia ter deixado cair o telefone quando descera da árvore (que era mais difícil de fazer do que parecia). O número de Josh fora o último que lhe ligara, por isso, quando a mãe o encontrou debaixo da árvore ao dar pela falta de Bay, vira as chamadas recentes e *voilà!* Ali estava ela.

Bay viu desgostosa a carrinha de caixa aberta de Henry contornar o relvado e parar. Henry saiu, vestindo calças de ganga, uma *T-shirt* e o casaco que usava no celeiro. A mãe saiu envergando o roupão de quimono. Nem sequer trocara de roupa.

Bay cobriu os olhos com uma mão, como se conseguisse fazer com que eles desaparecessem.

Eles atravessaram silenciosamente o relvado em direção a eles.

– Josh, chega aqui – disse Henry, enquanto eles se aproximavam. – Temos de falar sobre uns assuntos.

– Pai! – exclamou Bay, chocada por pensarem que Josh tinha feito alguma coisa má.

– Não faz mal, Bay – tranquilizou Josh, levantando-se.

– Estás a exagerar – disse Bay à mãe quando Sydney se deteve em frente a ela e se limitou a ficar ali, a olhar.

– Fazes ideia de como fiquei assustada? Esta noite fui ao teu quarto para fazer as pazes contigo. Fiz duas chávenas de chá e comprei uma caixa de *Mallomars*⁶. Ia pôr um ponto final nisto de uma vez por todas porque já sofremos muito e temos de falar. No entanto, abri a porta do teu quarto e tu não estavas lá. A tua janela estava escancarada. Pensei que tinhas sido raptada!

Oh, meu Deus. *Mallomars*. A mãe comprara *Mallomars*. Comida de tréguas, chamavam eles, pois ninguém conseguia discutir quando comia *Mallomars*. Nesse momento, mais nada do que a mãe pudesse dizer faria com que Bay se sentisse tão culpada. Escapulira-se na noite em que a mãe ia fazer as pazes com ela. As pazes. Parecia tão bom. Já estava farta que tudo fosse tão difícil.

– Telefonei à tua tia Claire para lhe perguntar se estavas em casa dela. Foi quando ela me falou do homem estranho que viste na Pendland Street.

Aquilo estava a ficar pior.

– Ele parecia um vendedor – tentou explicar Bay. – Manhoso e falso, mas não perigoso.

– Então estás a dizer que não me devia ter preocupado quando entrei no quarto da minha filha e vi que ela tinha desaparecido?

– Eu não tinha desaparecido. – Olhou para Josh, que se mantinha de pé junto a Henry. Este continuava próximo dele, com os braços cruzados. Ambos os rostos estavam virados para baixo. Henry dizia algo que Bay não conseguia ouvir.

Uma carrinha contornou o relvado e estacionou atrás da carrinha de caixa aberta de Henry. Claire, Tyler e Mariah saíram lá de dentro. Claire, ao menos, estava vestida. Mas Tyler e Mariah também estavam de pijama.

– O que estão eles a fazer aqui? – murmurou Bay.

– Liguei a Claire e disse-lhe onde estavas – respondeu Sydney. – Ela também estava preocupada.

– A Evanelle também vai aparecer?

– Talvez.

– Bay! Olá! – exclamou Mariah, a correr na direção da prima. – O que estamos todos a fazer aqui, hoje à noite?

– Sydney? – chamou Claire enquanto se aproximava. – Sydney?

Sydney desviou finalmente o olhar de má de Bay.

– Deixaste as luzes do salão ligadas? – perguntou Claire.

– Não.

Claire apontou para o White Door, do outro lado do relvado, onde as luzes brilhavam, formando quadrados de um amarelo cor de limão no passeio escuro diante do salão.

– Então acho que há algo de errado.

– Não trouxe as chaves comigo – sussurrou Sydney à medida que se aproximavam do salão com cuidado, como um bando de gatos assaltantes muito maus no seu trabalho.

– Acho que não vais precisar delas – disse Henry, tentando abrir a porta e descobrindo que estava aberta. Henry deixara Josh no relvado, com ordens para não sair de lá. E ele não saiu. Josh encontrava-se sentado no banco, observando a familiazinha estranha com uma expressão que Sydney achava curiosa. Não parecia envergonhado, nem contente, nem arrogante. Mais que tudo, parecia querer juntar-se a eles. Ela não esperara que ele fosse tão simpático. Não esperara que assumisse a sua parte da culpa, ainda que a filha fosse claramente quem começara tudo aquilo. Não esperara ver o que a filha tão evidentemente via nele. Alguém perdido.

Não quisera gostar de Josh Matteson.

Depois de Henry ter feito uma ronda pelo salão sem encontrar nada, os outros entraram.

– Tens a certeza de que simplesmente não te esqueceste de apagar as luzes? – perguntou Tyler, no seu típico eu. Ele esquecia-se de tudo. Perdia-se em direção ao trabalho. Naquele ano, já ia no décimo quarto par de óculos de leitura. E calçava sapatos que não pertenciam ao mesmo par. Às vezes, Sydney percebia perfeitamente como ele atravessava os muros que a irmã colocava à sua volta. Era óbvio que muitas vezes se perdia ao tentar entrar e encontrava uma passagem secreta. Era a única forma de chegar a Claire, aquelas passagens secretas, os lugares vulneráveis: família, aceitação, longevidade.

– Fui a última a sair – disse Sydney. – Mesmo que me tenha esquecido de apagar as luzes, nunca deixaria a porta aberta.

– Quem mais tem a chave? – perguntou Henry.

Foi quando ela percebeu. Sydney foi de imediato para a receção e deu com a caixa registadora aberta e vazia.

– Foste assaltada – concluiu Claire, atrás dela. – Devíamos chamar a polícia.

– Oh, ótimo – disse Bay, erguendo as mãos. – O Josh vai pensar que vocês vão querer prendê-lo!

– Quero lá saber o que Josh pensa – replicou Henry. Bay não o olhou nos olhos.

– Não vamos chamar a polícia – afirmou Sydney. – Sei quem foi, e ela já deve estar muito longe daqui. Vamos para casa.

Saíram. Sydney fechou o cofre e seguiu-os. Antes de desligar as luzes, olhou para a sua cadeira.

Violet levava o dinheiro, mas deixara o baloiço de bebé.

Quando Sydney, Henry e Bay chegaram a casa, Bay foi logo para o quarto.

– Vai para a cama – disse Sydney a Henry, quando subiram lentamente as escadas juntos. Educar era difícil. Talvez ela estivesse doida por querer repetir tudo outra vez. – Vê se dormes. Vou falar com ela.

– Não precisas de mim?

Sydney abanou a cabeça.

– Tu trataste do rapaz. Eu trato da rapariga.

– Boa noite – disse Henry, beijando-a. Atravessou o corredor, mas deteve-se à porta do quarto. – O Tyler tinha sapatos diferentes?

– Sim.

– Devia ter pensado nisso. Acho que não envergonhámos a Bay o suficiente.

Sydney sorriu enquanto abria a porta do quarto de Bay.

– A culpa não foi do Josh – disse Bay, de imediato. Estava sentada na cama, a abraçar uma almofada. – Eu não lhe disse que estava de castigo. Limitámo-nos a falar. É só isso que fazemos.

Sydney aproximou-se dela. A caixa de *Mallomars* e as duas chávenas de chá, agora frio, estavam na mesinha de cabeceira, onde ela as deixara nessa noite quando dera pela falta de Bay. O seu primeiro pensamento foi o de que alguém levara a filha e o pânico fizera com que o quarto pulsasse ao ritmo do seu coração. Até encontrar o telemóvel de Bay, lá fora, nunca lhe ocorrera que Bay se escapulisse por vontade própria. Bay nunca fugia. Era demasiado frontal. No entanto, entrara no mundo Matteson antes que Sydney pudesse detê-la. E frontal não constava do dicionário deles.

– É engraçado, pois, segundo o que disseste, ele não sabia quem tu eras até ao último sábado.

– Começámos a falar desde segunda-feira, sabes. Escrevi-lhe uma carta no começo do ano, a dizer-lhe que, se ele quisesse falar, eu esperaria todas as tardes à porta da escola.

– Escreveste-lhe uma carta? – Um recado. Em nenhum momento da nossa vida o poder de um recado era tão forte, como se escrever o que sentimos o tornasse real, como se esperar por uma resposta fosse estar uma eternidade ao frio.

Bay atirou a almofada para o lado e escorregou na cama, olhando para o teto onde colara as antigas capas dos livros de bolso que comprara numa venda da biblioteca, há alguns anos. Lia um livro centenas de vezes, levando-o consigo até as páginas estarem rasgadas e as capas se descolarem, depois, colava as capas ao teto onde podia vê-las, como se se lembrasse de um bom sonho.

– A primeira vez que o vi foi no primeiro dia de aulas e soube logo que lhe pertencia.

Podia ter seguido Sydney em tantas coisas, mas logo naquilo.

– Oh, Bay.

– Não sei o que tem de mal.

Sydney sentou-se na cama, ao lado dela. Pegou na almofada que Bay atirara e colocara-a atrás das costas. Deteve-se para compor os pensamentos, depois disse:

– Eu namorei com o pai de Josh no secundário.

Bay sentou-se de imediato.

– Não foi um namoro qualquer. Éramos inseparáveis, estivemos juntos durante três anos. Amei-o mais do que a outra pessoa qualquer, na altura. Mas também amava o que estar com ele significava, que eu pertencia ao

grupo, que era aceite. Falámos em casamento. Eu estava sempre a falar do casamento e de viver na mansão Matteson.

– O que aconteceu? – perguntou Bay.

– Ele acabou comigo no dia em que se formou. Sabes o que ele disse? «Pensei que compreendesses.» Os filhos dos Matteson seguem sempre as pisadas dos pais. Entram no negócio da família. Casam com as raparigas das famílias certas. Eu não era uma dessas raparigas. Foi por isso que deixei Bascom. Ele quebrou o meu coração, mas, mais do que isso, quebrou o meu sonho de ser normal. Pensei que, se não podia ser normal aqui, ia tentar ser noutro lado. Mas nunca fui.

– Foi por isso que te foste embora?

Sydney assentiu.

– Porque não me disseste?

Sydney estendeu o braço e tocou na face de Bay, ainda vermelha do frio, fazendo-a parecer uma boneca de porcelana com dois círculos de *blush* pintados.

– Acho que pensei que o motivo que me fez sair era menos importante do que o que me fez voltar.

Bay olhou para Sydney como se a visse pela primeira vez através dos olhos de uma adulta. Bay estava tão perto de fazer o mesmo que Sydney quase ficou com lágrimas nos olhos. Andava muito carente, ultimamente.

– Há tanto que não sei sobre ti – disse Bay.

Sydney sabia que aquele dia chegaria. Só esperara poder adiá-lo por uns aninhos. Talvez, vinte. Disse com resignação:

– Pergunta o que quiseres.

Bay cruzou as pernas ao estilo ioga e acomodou-se.

– O Hunter John Matteson foi a tua primeira vez?

– Sim. Próxima pergunta.

– Quantos anos tinhas?

– Era mais velha que tu. Próxima pergunta.

– Como era a tua mãe?

Sydney não esperava aquela pergunta. Pensou e disse:

– Não me lembro muito bem dela. Também deixou Bascom aos dezoito anos. Voltou por um tempo. Estava grávida de nove meses de mim e a Claire tinha seis anos. Uns anos mais tarde, foi-se embora de vez. Era uma pessoa problemática. Evanelle disse uma vez que foi por ter comido uma

maçã da macieira do jardim e ter visto qual ia ser o maior acontecimento da sua vida. Viu que morreria num terrível acidente de viação, e foi por isso que se tornou muito selvagem, como se tentasse fazer algo ainda maior para que tal não acontecesse.

– Ela comeu uma maçã? – Bay fez involuntariamente uma careta perante o pensamento. – Os Waverley nunca comem as maçãs!

– Não sei se é verdade, querida. Nunca pensei muito nisso. Existem muitas coisas sobre a nossa família. Rumores. Mitos. Acho que ela devia ter problemas mentais. O que me lembro dela era o facto de ser maníaca e, quando não o era, era depressiva. A avó Mary deu o seu melhor para me criar a mim e a Claire, mas era uma senhora peculiar.

Bay começou a brincar com as pontas dos cabelos, fazendo pequenas tranças.

– Qual era a magia Waverley da tua mãe?

– A Claire e eu já falámos sobre isso. Não sabemos. – Sydney encolheu os ombros.

– É só isso que te lembras dela?

– Tenho uma recordação estranha dela. É engraçado, acho que nunca contei isto a ninguém – disse Sydney, com um risinho. – Eu era novinha, devia ter uns três ou quatro anos, e estava sentada algures na relva, talvez no jardim, a suar e a chorar porque tinha caído e magoado o cotovelo. A minha mãe ajoelhou-se à minha frente e disse-me que estava tudo bem. O que não funcionou. Quanto mais atenção eu tinha, mais histérica ficava. Era um pouco... *dramática* em criança.

Bay sorriu, como se nada tivesse mudado.

– Enfim, lembro-me de ela me dizer: «Vê isto.» Abriu a mão à minha frente, mas não tinha lá nada. Depois, soprou na palma e pequenos flocos de neve brilhantes voaram e pousaram na minha cara. Foi muito frio e macio. – Sydney colocou a mão no rosto, lembrando-se. – Nunca saberei como ela o fez. Foi a meio do verão. Fiquei tão espantada que parei de chorar.

Bay ficou paralisada, como se Sydney lhe estivesse a contar um conto de fadas. O que supostamente era verdade. Na versão Waverley.

– Quem é o teu pai?

– Não sei – declarou Sydney. – Nunca me disse. A Claire também não sabe quem é o pai dela. Mas temos quase a certeza de que não é o mesmo

homem.

– O que pensava a avó Mary sobre namorares com o Hunter John Matteson? – perguntou Bay, acabando com a esperança de Sydney de não voltarem a falar nisso.

Sydney respirou fundo, tentando lembrar-se de algo que tentara desesperadamente esquecer. Estendeu a mão para os *Mallomars*. Tirou um e deu outro a Bay.

– Ela gostava. Acho que ficou um pouco vaidosa quando era mais nova, gostava de pensar que eu ia casar com alguém da família Matteson como uma espécie de vingança. Tal como ensinar a Claire a cozinhar era uma espécie de vingança. Nós somos o legado dela, para o bem e para o mal.

– O Josh é diferente – afirmou Bay, com uma certeza absoluta.

Sydney olhou a filha nos olhos, com um ar sério que dizia presta atenção.

– Sempre te desafiei a explorares mais, a procurares fora deste legado Waverley por nunca te querer limitar. Mas sempre me retribuíste com mais desafios. Nunca houve uma vez em que não tivesses a certeza absoluta de quem eras e onde pertencias. Eu não quero que um rapaz te tire isso, nunca. Não quero que ninguém te faça acreditar que és outra pessoa, que se aproveite e diga: «Pensei que compreendesses.»

– Não posso fazer com que ele sinta o mesmo que eu sinto por ele. Sei disso – respondeu Bay. – Mas também sei, sem sombra de dúvida, que, de uma forma ou de outra, vou estar sempre ligada à vida dele. E ele à minha.

– Se estás destinada a fazer parte da vida dele, porque se encontra ele contigo às escondidas? – referiu Sydney. – Porque não o faz às claras?

Bay ficou em silêncio, inclinando teimosamente o queixo a Sydney, num suspiro familiar. Ficava sempre assim quando alguém lhe disputava o sentido.

– Bay, posso garantir-te uma coisa: o Josh sabe sobre mim e o pai dele. Ele sabe, e continua a fazer isto. Enquanto os pais estão fora.

– Ele não é assim – voltou a dizer Bay.

– Veremos – replicou Sydney. – Mas não te encontres mais às escondida com ele.

Sydney fez um movimento para se levantar da cama, mas Bay deteve-a e disse:

– Ficas um bocadinho comigo?

Sydney sorriu à filha, que tinha uma capacidade maravilhosa para passar de mulher a criança numa questão de segundos. Recostou-se e deu as boas-vindas a Bay no seu regaço.

E foi assim que ficaram até à madrugada de quinta-feira. Bay adormeceu e faltou às primeiras aulas e Sydney adormeceu e faltou à primeira marcação.

Foi o telefone que as acordou, era Claire, histérica, do outro lado da linha.

Os primeiros flocos de neve Waverley tinham finalmente decidido visitá-la.

[6](#) *Mallomars* são bombons feitos de *marshmallow* com cobertura de chocolate. (N. da T.)

A contecera cedo, nessa manhã, quando Claire se encontrava no escritório da cozinha a fazer uma pausa do fogão para verificar as encomendas. As suas manhãs eram habitualmente passadas sozinha. Buster e Bay apareciam à tarde, depois Tyler ia buscar a Mariah a uma das suas dezenas de atividades após a escola e trazia-a para casa à noite, momento em que a casa se enchia de vida e o ar se tornava mais leve, como agora, a dançar na pele dela. Porém, as manhãs, como aquela manhã, eram calmas, à exceção do xarope a borbulhar na cozinha e dos guinchos e suspiros que as antigas casas fazem ocasionalmente, como se se queixassem dos seus ossos.

A campainha tocou.

Claire saltou na cadeira da secretária, assustada, quando a ouviu. O som foi muito forte, mas desvaneceu, como se tivessem desligado a tomada. Talvez a campainha estivesse estragada. Ou talvez a casa estivesse apenas a lembrá-la de que tinha de voltar para a cozinha e verificar a panela onde o açúcar fervia, antes que queimasse tudo em redor.

Uma batida seguiu-se ao som da campainha.

Não, estava ali alguém. Uma entrega, talvez? Ela não esperava nada.

Levantou-se e atravessou a casa em direção à porta principal, todavia, esta não abriu quando ela a puxou.

– Para – disse ela à casa. – Não estou com disposição para isto.

No entanto, a porta continuava a não querer abrir.

– Está tudo bem aí dentro? – disse uma voz abafada do pátio principal.

– Sim, está – respondeu Claire. – Já o atendo.

Claire deu meia-volta, atravessou a cozinha e saiu pela porta das traseiras, no pátio traseiro, que nunca prendia por ser uma adição nova à casa.

Contornou o caminho até à frente. Vestia calças de fato de treino e uma das antigas *T-shirts* de Tyler, coberta por um avental. Gostava de ter posto um casaco, pois ainda estava frio e um pouco nebuloso, como se o bairro estivesse embalado em papel vegetal.

A pessoa que se encontrava à sua porta principal virou-se ao ouvir-lhe os passos nas folhas caídas das árvores. Atravessou o pátio, manteve-se no cimo dos degraus e olhou para ela.

Era o velhote do fato cinzento.

– Claire Waverley? – perguntou ele numa voz tão suave como manteiga quente. – O meu nome é Russell Zahler.

Claire pôs o cabelo atrás das orelhas, nervosa, sem tirar os olhos do homem. Era ele. O estranho, a aparição que a assombrara a semana toda.

– Há dias que vigia a minha casa – disse ela.

– É uma casa muito bonita. – Ele desceu os degraus e parou a poucos metros dela. Meteu as mãos nos bolsos das calças e olhou para a casa. Isso deu tempo a Claire para o estudar, o cabelo grisalho muito curto e a pele pálida. Os seus olhos também eram pálidos, de um cinzento-prateado como moedas. – O seu trabalho deve correr muito bem.

– O que quer? – perguntou ela.

Ele afastou-se para acalmá-la.

– Assustei-a. Peço desculpa. Não foi minha intenção. Não fazia ideia de como me aproximar de si. Não sabia o que dizer.

– Falou com a Patrice Sorrell e com a irmã dela, a Tara, sobre mim, não falou? – perguntou ela. – Sábado à tarde, na baixa.

Ele assentiu.

– Estava apenas a certificar-me de que tinha a pessoa correta.

– A pessoa correta para quê?

Ele vasculhou o bolso interior do fato e tirou uma folha dobrada que parecia ter sido rasgada de uma revista.

– É uma longa história, mas começa com isto. Eu estava à espera no consultório do meu médico quando li isto numa revista.

Entregou-lhe a folha e ela reconheceu-a de imediato. Era o artigo da *Southern Living* sobre os seus doces. Ela deu consigo a sorrir, pois o pensamento inicial divertiu-a.

– Tenho o coração fraco, sabe. Oh, não é nada de grave. Tomo comprimidos. Era por isso que estava no consultório médico. Vi esta história sobre si e percebi que reconhecia o seu nome. Quando a pesquisei no computador da minha neta, também encontrei isto.

Ele tirou outra folha do bolso, uma fotocópia da entrevista de Claire ao popular blogue chamado Sweet Baby Mine, logo depois de o artigo da *Southern Living* ter saído. Ela dera muitas entrevistas nessa altura, sempre de um lado para o outro, antes de tudo ter ficado tão complicado e indisponível.

Ele não tinha apenas uma, mas duas coisas sobre si? Quem era esta pessoa?

– Agora sou velho – começou Russell. – Antes de morrer, tinha de endireitar tudo. Tinha de a ver. Está a ver esta frase? Se me permite – disse ele, tirando-lhe a folha do blogue. – Aqui diz: «Se eu não fosse uma Waverley, estes doces não venderiam. O que vende é o meu nome, a minha herança. As mulheres Waverley são misteriosas e mágicas, com uma história longa e bem conhecida no Sul. Estes doces são os doces delas, feitos a partir dos seus segredos. O sangue delas está no meu sangue. É isso que faz com que os doces sejam tão especiais. É o que me torna tão especial.»

Claire ergueu as sobrancelhas assim que ele acabou de ler.

– Sabe, é que este artigo está todo errado – disse ele.

– O que quer dizer?

Voltou a levar a mão ao bolso. Voltou a tirar um papel. Desta vez, era uma fotografia. Entregou-lha.

Era uma foto dos anos setenta de quatro pessoas sentadas num banco curvo cor de canela de um café. Havia um cinzeiro grande e cerca de meia dúzia de garrafas de cerveja na mesa riscada, diante deles. Russell Zahler, quarenta anos mais novo, estava sentado junto a uma bonita jovem de cabelo claro e olhar despreocupado. Tinha o braço à volta dela. Com eles,

encontravam-se um homem e uma mulher de cabelo escuro. A mulher de cabelo escuro segurava um bebê.

Claire sentiu-se fraca. Caminhou até aos degraus do pórtico e sentou-se. Russell Zahler seguiu-a mantendo uma distância respeitosa e baixando-se devagar no degrau junto ao dela.

Claire tinha poucas, porém preciosas, fotografias da mãe. Por vezes, nem se lembrava claramente de como ela era. O som da sua voz estava completamente perdido. Aquilo era como um pequeno pedaço dela a ir ao seu encontro. Apontou para a mulher de cabelo claro na fotografia, a que estava sentada ao lado de Russell Zahler, como estava agora Claire.

— Esta... é a minha mãe.

Russell Zahler anuiu.

Claire usou o dedo para acariciar o bebê que a outra mulher segurava. Era Claire, com cabelo castanho despenteado e grandes olhos castanhos, nos braços de uma estranha. Tinha o polegar na boca e olhava para o vazio, indo para o sítio calmo que costumava dar-lhe paz, enquanto os outros se riam como se não houvesse nada de errado em porem uma criança daquela idade junto a tabaco e álcool. Claire mal se lembrava desse tempo da sua vida, mas lembrava-se do seu sítio calmo. A sua mãe nunca deixara que nada de mal lhe acontecesse, embora esse perigo sempre tivesse existido. Claire sempre odiara o perigo. Mas a mãe vivia com ele.

— A Lorelei e eu namorámos há muitos anos atrás — revelou Russell. — Eu trabalhava em Shawnee, no Oklahoma, e estava de passagem. Tal como ela. Éramos como meteoritos a colidirem. Era selvagem, a Lorelei. Difícil de esquecer.

Claire sentiu as pontas dos dedos a ficarem dormentes. Claire nascera em Shawnee, no Oklahoma. Nunca o dissera a nenhum ser vivo, nem mesmo à irmã, mas Claire sonhara com aquele episódio durante grande parte da sua vida. Devia ser por isso que aquele homem lhe parecia tão familiar, que parecia conhecê-lo. A fotografia explicava a razão pela qual cheirava o que cheirava quando ele estava por perto, fumo, cerveja, o *gloss* da mãe. Esses aromas estavam gravados na recordação que tinha da mãe. Durante os seus primeiros anos de vida, Claire passara mais tempo em bares do que em todos os outros anos juntos, pois a mãe andava

sempre com ela de um lado para o outro, incansável como o vento, antes de Sydney nascer e de Lorelei as levar para Bascom.

Virou-se para Russell e estudou-lhe a face. Embora tivesse oitenta e tal anos, mais vinte anos que a mãe teria, o tempo fora-lhe benevolente. Contudo, as rugas na pele faziam com que fosse difícil decifrar a sua estrutura óssea. Haveria alguma coisa dele nela?, pensou Claire.

– É o meu pai? – perguntou ela numa voz baixa e seca.

Ele abanou a cabeça.

– Não, querida. Não sou o seu pai.

Ela acenou levemente, envergonhada por algum motivo, por ter deixado transparecer aquele pedaço de desespero.

– E a sua mãe também não é a Lorelei Waverley – acrescentou ele.

– A sua mãe verdadeira chamava-se Barbie Peidpoint – disse Russell Zahler do outro lado da secretária. A casa continuava a não permitir que ele entrasse pela porta principal, pelo que Claire o conduzira até às traseiras e o enfiara no seu escritório. Distraída, deixara a panela de açúcar, água e xarope de milho no fogão e servira-lhe café por ser a coisa educada a fazer. Ele fora até ali desde Butte, no Montana, segundo dissera. Ela pensou que ele talvez estivesse cansado da viagem ou um pouco confuso. Perguntou-se se por acaso ele teria família ou amigos que ela pudesse contactar, pois a história que contava não fazia grande sentido. Mencionara os filhos. Como poderia ela contactá-los?

– A Barbie era uma mulher doente – continuou ele. – Pode ver como era magra, enquanto a segurava. Morreu cerca de três anos após esta fotografia ter sido tirada. Tinha qualquer coisa no coração, aparentemente. O seu pai era Ingler Whiteman. Trabalhámos juntos durante algum tempo. Ele também morreu, alguns anos mais tarde. Foi atropelado por um comboio.

Claire abanou a cabeça e repetiu o que dissera desde o início.

– A minha mãe era a Lorelei Waverley, não esta mulher.

Todavia, Russell continuava aos círculos, muito subtil, mas persistente, a insistir no seu ponto.

– Fiquei suprendido por estar aqui nesta cidade – retorquiu ele. – A Lorelei sempre detestou este lugar. Bascom, na Carolina do Norte.

Demasiado pequena. Demasiado estranha. Estava sempre a tentar escapar, a escapar do legado, como ela dizia, do facto de todas as mulheres da família terem estes talentos que ninguém consegue explicar. Nunca pensei que ela voltasse.

Claire admitia que ele parecia saber muito sobre a sua mãe. Contudo, tal não significava que estivesse certo.

– Ela não voltou. Bem, voltou por um curto período de tempo. Depois foi-se embora e deixou-me aqui com a minha irmã.

– Ela tinha asas que não podiam parar de voar – comentou Russell.

– Morreu. Há muito tempo – afirmou ela, tão gentilmente como conseguiu, pensando que talvez ele tivesse esperança em encontrá-la.

– Eu sei. Li no jornal quando aconteceu. O acidente de viação no Tennessee. Foi notícia a nível nacional. Lorelei Waverley – disse ele num suspiro nostálgico. – Já não pensava nela desde essa altura. Até ler sobre si, na revista. Reconheci o nome Waverley e o nome desta cidade. Foi quando me apercebi de que era a Donna. É este o seu nome verdadeiro. A Claire é o bebé da fotografia.

O cheiro a açúcar mesmo antes de queimar, um aroma doce e esfumado, preencheu o ar. A panela que deixara no fogão. Claire quis ir vê-la, mas parecia não ser capaz de sair da sua cadeira.

– Admito que não tenho fotografias minhas antes dos seis anos, pelo que não posso ter certeza. Mas a linha temporal faz sentido e este bebé parece eu. No entanto, lá porque é a outra mulher que me tem ao colo, não quer dizer que seja a minha mãe. A sua teoria está errada.

– Não pode negar as semelhanças – insistiu ele, olhando para ela por cima da chávena de café, enquanto bebericava. Nunca afastara os olhos cinzentos dela, observando todas as expressões, todos os tiques.

Claire olhou para a fotografia que segurava novamente. Sim, a mulher tinha cabelo escuro e olhos como os de Claire e, sim, o homem tinha um nariz comprido como o seu.

– Não significa que sejamos parentes – retorquiu Claire. – O que estava a minha mãe a fazer com o bebé de outra mulher? Ela nem sequer gostava de crianças.

– A Barbie e o Ingler não eram cidadãos exemplares. Talvez a Lorelei tenha achado que a estava a salvar. Ou simplesmente quisesse roubar

qualquer coisa. Uma noite, desapareceu e a Claire também. Eles procuraram por si durante anos, antes de morrerem.

– Fez uma grande viagem para nada, Mister Zahler.

– Oh, não foi para nada, posso assegurar-lhe – declarou Russell, cruzando as pernas.

Ela passou-lhe a fotografia pela mesa, mas ele não lhe pegou. Começava a ficar com um mau pressentimento. Ele não estava confuso. Ela conseguiu ver, demasiado tarde, que ele sabia exatamente o que estava a fazer.

– Está com a reputação em alta. O seu negócio está a crescer. Toda a gente com quem falei na cidade mencionou o seu negócio de doces, como as coisas só podem expandir a partir daqui. Mas construir algo apenas baseado na reputação tem as suas desvantagens. Se a base for fraca, o edifício cai como se fosse um baralho de cartas.

O ar em redor dela tornou-se ansioso e elétrico. A luz do teto piscava ligeiramente e depois brilhava, como uma oscilação de energia.

– Podem ser obtidas provas – continuou Russell, limpando pó imaginário das calças. – Não há dúvidas em relação a isso. Acho que a sua mãe deve ter falsificado a sua certidão de nascimento. Hoje em dia isso é muito fácil de detetar. E tenho feito perguntas aos locais sobre a sua família. Peço desculpa, isto é, sobre os Waverley. Tem uma irmã, uma sobrinha e uma velha prima. Todas têm algo de que as pessoas falam com temor. São mágicas, não são? As tais de que Lorelei falava. Um rápido teste de ADN seria suficiente para lhe dizer, com certeza, que não é parente delas. Mas não tem de o fazer, pois não, Claire? Sempre soube. Não é mais especial do que eu. Embora eu deva dizer que somos ambos muito bons a fingi-lo.

Parecia que ela estava a cair sem ter sítio onde aterrar.

– O que quer?

– Sabe o que quero. As suas contas são do domínio público. Volto amanhã para vir buscar o cheque. Tenho a certeza de que terá tempo suficiente. – Ele levantou-se e sorriu-lhe, tirando um pequeno pedaço de papel do bolso e colocando-o diante dela. Estava lá escrito a quantia de dinheiro pretendida. Não era uma quantia que ela quisesse gastar (lá se ia o lucro do verão), mas podia gastá-la. – Não tem de ser assim tão difícil, Claire. Anime-se. Posso falar-lhe dos seus pais verdadeiros para lhe dar

mais umas dicas sobre quem é. Todos precisam de saber quem são, não acha? Disse que não tinha nenhuma foto sua antes dos seis anos? Fique com essa. Tenho cópias. Tenho cópias de tudo.

Ela soube que ele saíra depois de ouvir a porta das traseiras fechar. Quase sentia as tábuas do chão sob si tremer de tensão.

Lembrou-se de o repórter do blogue Sweet Baby Mine lhe perguntar:

— Se não tivesse sangue Waverley nas veias, era assim tão bem-sucedida?

E ela respondera sem hesitação:

— Não.

É que se não fosse uma Waverley, nada daquilo seria real, ela não seria real.

O cheiro a açúcar queimado tornava-se mais forte. Ela acabou por se levantar e ir ao fogão. O xarope doce ainda não estava completamente queimado, apesar de ter a cor de uma torrada queimada.

Tinha de salvar a panela grande. Possuía várias, todas à volta do fogão, para diferentes fases da feitura dos doces, mas eram caras, pelo que removeu o termómetro de doces e pôs a panela no lava-loiça, segurando-a por uma das asas. Foi então que se apercebeu de que não pensara bem na questão. Estava ali com a panela, mas não tinha nada com que raspar o xarope queimado. Tinha de o fazer enquanto a mistura ainda estivesse quente, se não pegar-se-ia à panela como cimento. Viu a espátula que Evanelle lhe dera no parapeito da janela da cozinha e sorriu de alívio, como se alguém lhe tivesse atirado uma corda para dentro de uma caverna escura.

Nem tudo era assim tão mau. Salvara a panela.

Raspou o xarope e foi de imediato trabalhar noutra leva de doces. Concentrar-se-ia em Russell Zahler mais tarde. Tinha de fazer aquilo primeiro. O facto de o presente de Evanelle estar ali tão perto tinha de ser um sinal. Significava que ela devia trabalhar. Significava: *Não penses nisso agora.*

Todavia, tudo em que tocou na hora seguinte queimou-se, partiu-se ou não tinha as medidas certas. Uma chávena de açúcar em vez de uma colher de açúcar. Botões do fogão ligados onde não havia tachos. O seu desespero enchia a cozinha, alcançando tudo em que tocava, tornando-o errado, desligando-o ou chamuscando-o.

Estava a perder a cabeça. A perder a cabeça.

Escorregou com as costas coladas aos armários da cozinha e sentou-se no chão, quase a chorar.

O que devia fazer agora?

A resposta veio-lhe de súbito. Estivera sempre ali – desde o Ano Em Que Tudo Mudou – à espera que ela percebesse.

Telefona à tua irmã. Quase ouviu as palavras em voz alta, como se o vapor as proferisse.

Ela não estava sozinha. Tinha de parar de agir como se estivesse.

Ergueu-se e encaminhou-se para junto do telefone.

Claire andou de um lado para o outro depois de telefonar a Sydney, refletindo, finalmente, em tudo o que Russell Zahler dissera. Tudo fazia sentido. Todas as inseguranças que ela tinha sobre não ter nascido ali e não ser uma verdadeira Waverley lhe atingiam a pele como suor, fazendo-a pingar. As portas do andar de cima abriam e fechavam, preocupadas.

Ela encontrava-se na sala de estar quando ouviu passos no pórtico. Correu para a porta principal e abriu-a, dando de caras não só com Sydney, mas também com Bay, Evanelle e Fred, o companheiro de Evanelle.

– Trouxe vinho! – disse Sydney, erguendo uma garrafa enquanto entrava.

– E eu tinha acabado de fazer um guisado quando a Sydney nos ligou – referiu Fred, passando por ela com luvas de cozinha nas mãos e uma travessa coberta com papel de alumínio.

– Fez demasiado, como se soubesse que íamos precisar – comentou Evanelle, entregando a Claire a sua garrafa de oxigénio portátil e entrando na sala de estar, sem lhe deixar grande alternativa a não ser segui-la. – Eu disse-lhe: «Porque estás a fazer tanta comida? Somos só os dois.» Depois a Sydney ligou-nos a dizer que precisavas de nós, e fez sentido.

– O que vem a ser isto? – perguntou Claire, confusa. Esperara o rosto sombrio da irmã e uma discussão séria sobre a possibilidade de Claire não ser uma Waverley e o que tal significava. Era possível que Sydney a

convencesse a ligar à polícia para que Russell Zahler fosse preso. Falariam sobre o que diriam ao jornal local quando fossem contactadas para uma peça que eles escreveriam, com o título provável de FALSA COMIDA LOCAL. Tyler e Mariah haveriam de querer sair da cidade por algumas semanas, talvez passar um pouco de tempo com os pais dele, no Connecticut, até a poeira assentar. Tyler dir-lhe-ia: «Eu sempre soube. A magia estava toda na tua cabeça.»

– Liguei à Evanelle – disse Sydney. – Pensei que ela devia estar aqui para celebrar.

– Celebrar? – Claire tentou lembrar-se do que dissera exatamente à irmã ao telefone. Dissera muitas coisas impercetíveis por causa das suas emoções, antes de acertar. – Alguém está a tentar chantagear-me.

– Oh, nós sabemos – referiu Sydney, pousando a garrafa de vinho na mesa de centro e deixando-se cair no sofá. Usava calças de ganga e uma *T-shirt* de Bay que dizia: OU GOSTAS DE BACON OU ESTÁS ERRADO. Claire estava grata por ela não ter perdido tempo a arranjar-se, por se ter apressado a chegar ali. Mas ainda assim. – Estamos a celebrar o facto de teres telefonado a pedir ajuda. Apesar de, neste caso, não precisares realmente dela. A verdade é que pediste. Por mais que tentássemos ao longo dos anos fazer com que o fizesses, nunca conseguimos.

Bay apareceu da cozinha com pratos e garfos.

– O que é que estás aqui a fazer? – perguntou Claire a Bay, completamente confusa. Bay estivera no pátio quando ela abrira a porta? Já não se lembrava. Se não tivesse estado, o que estaria a fazer ali na cozinha? Claire olhou para o relógio por cima da lareira. Eram horas de ela estar na escola, não ali no seu turno. – Porque não estás na escola?

– Deixei-me dormir. E isto é melhor do que a escola. – Bay colocou os pratos na mesa de centro. – O que aconteceu na cozinha? Parece que deitaste fogo a um buquê de rosas e o tentaste apagar com açúcar. Lembrou-me o J... – Bay deteve-se antes de dizer o que Claire sabia que ela ia dizer. Josh. – Lembrou-me de algo que não consigo consertar.

– Tive alguns problemas com os doces.

– Tentaste trabalhar depois de ele se ter ido embora? – perguntou Sydney. – O que quer que faças, não o dês a quem quer que seja!

– Deitei-o fora – disse Claire.

– Ótimo. É que da última vez que fizeste algo quando estavas chateada, todos nós chorámos durante semanas perante a mínima provocação.

Fred começou a servir o guisado, cheio de molho cremoso, como se Claire os tivesse convidado para o chá.

Após uns momentos de silêncio, Claire lembrou-lhes.

– Um homem acabou de entrar na minha vida a dizer-me que eu não era uma Waverley.

– Isso é um disparate – disse Sydney, aceitando um prato de Fred. – De todas nós, tu és a maior Waverley. Tem um ótimo aspeto, Fred.

– Obrigado. É um guisado de batata e fiambre. Há anos que tenho a receita.

– Não sou a maior Waverley – declarou Claire. – A avó Mary ensinou-me tudo o que sei, e nem sequer é metade do que ela conseguia fazer. Agora que penso nisso, porque não esperou ela que um dom Waverley se manifestasse em mim? Começou simplesmente a ensinar-me. A dar-me receitas para eu decorar. A dizer-me os passos a tomar. Achas que ela sabia? Oh, meu Deus... A Mariah. – De repente, Claire sentiu-se enjoada. Sentou-se no sofá, ao lado de Sydney, enquanto Fred lhe punha um prato nas mãos. – Se for verdade, explica muita coisa.

Claire toda a vida observara Mariah à espera que o seu dom se manifestasse. Enquanto ela fazia os trabalhos de casa, Claire pensava: *É melhor a fazê-los do que os outros? Será que as respostas lhe aparecem no papel?* Quando desenhava, Claire observá-la-ia para ver se a imagem mudava a meio da noite. Mover-se-iam os tigres? Ficariam mais gordos, como se tivessem caçado a presa enquanto ela não estava a olhar? Os veados da paisagem desapareceriam? A avó Mary uma vez mencionara uma tia-avó que só conseguia desenhar a verdade, o que a transformou numa pintora terrivelmente solicitada. As pessoas estavam sempre a procurá-la, sabendo que ela era capaz de pintar algo bonito só para quem fosse bonito por dentro. Contudo, apesar de os desenhos de Mariah serem lindos – afinal o pai era um artista – não eram mágicos.

À medida que ficava mais velha, Claire agarrara-se à esperança de o seu talento se manifestar na adolescência, quando tudo aparece à superfície, como uma panela de açúcar a ferver, com todos os ingredientes alojados no fundo e surgindo assim que estiver suficientemente quente.

Agora, já não tinha tanta certeza.

– Para com isso. Estás a ser ridícula – afirmou Sydney. – A nossa mãe nunca quis ter filhos. Porque haveria de raptar uma criança?

– Ela estava sempre a tentar fazer algo de grandioso, perigoso, dramático – referiu Claire.

– Porque comeu uma maçã? – perguntou Bay, obviamente a desfrutar do que se passava enquanto punha garfadas de guisado na boca, sem tirar os olhos das duas irmãs.

– Sim – respondeu Claire ao mesmo tempo que Sydney respondeu:

– Não.

– Esperem, ela comeu uma maçã ou não? – perguntou Bay.

– Não sabemos se o facto de ter visto como ia morrer a tornou na pessoa que era – respondeu Sydney à filha. – Nunca saberemos. Acho que pode ser interessante falar com este homem, só para lhe perguntar algumas coisas sobre a mãe. Nunca sequer soubemos qual era o seu dom Waverley. Dizes que volta amanhã? Talvez me pudesse encontrar com ele.

– Não! – responde Claire, de imediato. – Ninguém vai falar com ele.

– Onde está a fotografia que te deu? Quero vê-la – disse Sydney, estendendo a mão.

Claire remexeu no bolso do avental e entregou-lha. Sydney pegou nela e estudou-a minuciosamente.

– Oh, ela era tão nova – comentou Sydney, passando-a como se fosse a foto de um bebé.

– Evanelle, a mãe ou a avó Mary alguma vez te disseram se eu era ou não uma filha verdadeira? – perguntou Claire.

– É a primeira vez que ouço tal coisa – declarou Evanelle, passando a foto a Fred, que sorriu e a passou a Bay, que a colocou secretamente no bolso. – Ela amava-te, Claire. Eras dela.

– Mas não pareces muito surpreendida – referiu Claire. – Achas que é verdade?

Evanelle encolheu os ombros.

– Pode ser verdade. Mas não importa. É claro que és uma Waverley. Está em ti, independentemente de onde tenha surgido. Estou sempre a dizer ao Fred. Ele tem o meu dom da antecipação. Esteve sempre nele. Só que ainda não percebeu. Está tão fixo na ideia de eu não morrer que não consegue ver o que tem diante dos olhos.

Fred olhou-a com tristeza quando ela disse aquilo. Deu outra garfada no guisado antes de pousar o prato e levar a mão ao bolso.

– Isso recorda-me, Sydney, que no outro dia estava a mexer nas coisas da Evanelle e encontrei isto. Pensei que pudesses precisar. – Entregou a Sydney uma luz de presença do tamanho de uma pequena lanterna. – Quando a ligares, à noite, reflete estrelas no teto.

Sydney sorriu, indulgente.

– Obrigada, Fred. Se alguma vez precisar de estrelas no teto já tenho o que preciso.

– O que te disse eu? – comentou Evanelle, orgulhosa, batendo a dentadura. – Ele é como eu.

– Vou deixar o negócio dos doces – anunciou Claire, com mais drama do que intencionara, contudo, aquilo estava a ficar descontrolado.

– Bem, fico contente. Sinto falta dos nossos jantares de domingo. Lembram-se deles? – perguntou Sydney, a todos. – Costumávamos ficar assim sentados durante horas.

– Eu adorava esses jantares de domingo – disse Bay.

– Por falar em comida, este guisado está delicioso – comentou Sydney.

– Eu envio-te um *email* com a receita – disse Fred. – Leva apenas batatas, fiambre aos cubos, natas e queijo *Cheddar*. O segredo é pôr molho de sopa de galinha. A minha mãe costumava dizer que todos os bons guisados do Sul levam molho de sopa de galinha.

Com um estardalhaço, Claire pousou o prato na mesa de centro e levantou-se.

– Será que ninguém percebeu que a minha vida está em perigo? Que a minha identidade está a ser questionada?

Sydney revirou os olhos.

– A tua identidade não está a ser questionada. O que é teu, é teu. Nunca ninguém te pode tirar isso. Só tu podes rechaçá-lo. Vais rechaçá-lo por causa de um estranho qualquer? – Sydney aproximou-se e pegou na mão de Claire. – Claire, escuta. Estás a ser vigarizada. Eu sei como é. Porque achas que este homem tem estado a fazer perguntas sobre ti e a família? Ele leu um artigo sobre ti, reconheceu o teu nome e o da cidade e lembrou-se de uma fotografia que tinha com a mãe que podia usar. Referiu as tuas finanças. Quer dizer que as pesquisou. Descobriu tudo o que podia sobre ti, o que significa que encontrou vulnerabilidades. Mas não tinha

nada até tu acreditares nele. Depois, rechaçaste a tua magia num abrir e fechar de olhos.

– Não. Já acontecia antes. Parei de usar essência de flores do jardim nos doces e ninguém reparou. – Todos, à exceção de Bay, que sempre soubera, pareceram vagamente surpreendidos, porém, não tanto como Claire esperava. – Não compreendo. Não compreendo como podem as pessoas dizer que ainda são afetadas pelo que faço quando não vem do jardim.

– Isso é porque és tu, e não o jardim – afirmou Sydney. – Sempre foste tu.

Claire recostou-se. Olhou para cada um deles, um a um, e depois cobriu a face com a mão. Sentia-se esgotada e envergonhada, como quando exageramos com alguma coisa – uma aranha, um comentário mal entendido, alguém que caminha atrás de nós.

– Diz a este homem para se ir embora que ele desvanece como fumo – aconselhou Sydney. – É só fogo de vista.

– Como sabes isso tudo? – perguntou Bay à mãe, desconfiada.

– É uma história para quando fores mais velha – respondeu Sydney.

– Ele disse que a minha certidão de nascimento foi provavelmente falsificada. Disse que, se eu fizesse um teste de ADN, provaria que não sou o que digo ser.

Sydney, Bay, Evanelle e Fred trocaram olhares. E, bem, sim, quando Claire o disse em voz alta pareceu um pouco absurdo. Mas ele fora tão convincente. Magnético. Sabia exatamente o que era preciso para ela comprar o que ele vendia.

– Claire, não leves isto a mal – começou Sydney. – Fazes doces maravilhosos, mas não chegaste no *Mayflower*.⁷ Ninguém quer saber do teu ADN.

Claire esfregou a testa.

– Fiquei muito assustada – admitiu ela.

Sydney abanou a cabeça e olhou carinhosamente para Claire.

– Então, devias ter pedido ajuda mais cedo.

– Quem acreditaria que a Claire não é uma Waverley? É ridículo – disse Fred, sentando-se ao volante do *Buick* e ligando o carro.

– Ninguém – respondeu Evanelle enquanto ele se afastava do passeio. Segurava a travessa vazia de guisado no colo como um animal de

estimação. – Mas aquelas raparigas estão sempre a tentar provar algo, a tentar provar que são merecedoras da felicidade que a mãe e a avó não tiveram, como se ser infeliz fosse a única maneira de ser uma Waverley.

Após alguns minutos de condução, Fred ajustou o ar condicionado como sabia que Evanelle gostava e disse:

– O que quiseste dizer quando comentaste que eu tinha o teu dom da antecipação?

– Exatamente isso. Que tens o meu dom.

– Não sou um Waverley.

– Claro que és. És um de nós.

Aquilo fez Fred sorrir.

– E ser um Waverley significa que tens de encontrar alguém que te ame por aquilo que és, tal como o meu marido me amou a mim – prosseguiu Evanelle, sem perder a oportunidade de criticar a vida amorosa dele ou a sua falta. Era o seu melhor passatempo, depois de ver filmes de ficção científica. – Vou deixar-te a minha casa, sabes. Terás o teu próprio lar e o teu próprio negócio. Serás um ótimo partido.

Fred abanou a cabeça. Demorara muito tempo a aperceber-se de que a melhor relação que tivera fora com ela.

– Estive trinta anos com o James antes de ele me deixar. Já sei há algum tempo que não voltaria a acontecer-me. O amor. Não sou bom nisso. Fui mais feliz sozinho, a viver contigo, do que em toda a minha vida. Esse foi o melhor dom, o melhor presente que me deste.

Ela olhou-o de relance com ceticismo, com uma das sobrancelhas caídas a levantar.

– Melhor do que o cortador de mangas que te dei?

– Muito melhor.

– Melhor do que os lápis de cor?

– Muito melhor.

– Melhor do que a cobertura que te dei mesmo antes do grande nevão? Aquela que usaste para tapar o teu carro e retiraste sem sujar uma única janela? – Riu-se para si própria. – Ah! Foi mesmo um presente jeitoso, se o posso dizer eu mesma.

– Não. Muito melhor do que isso. És a minha melhor amiga, Evanelle Franklin.

Há dez anos, depois da rutura com James, Evanelle acolhera-o e ajudara-o, acabando por convencê-lo que, se ele decidisse ser igual a alguém, seria a Evanelle. Escolheria ser a pessoa que sabia o que precisávamos e no-lo dava sem esperar um agradecimento. Escolheria ser tolerante e engraçado e acolheria homens *gay* idosos de coração partido, que recuperaria com muitas gargalhadas e longas conversas na cozinha.

– Acho que nunca tinha tido um melhor amigo – comentou Evanelle, pensativa.

– Eu também não.

– Bem, somos mesmo um par de jarras, não somos? – ironizou ela, dando-lhe uma palmadinha no joelho com a mão ossuda.

Fred conduziu até casa, com a sensação horrível de que ela se desvanecia à sua frente e ele não podia fazer nada. Estacionou o carro e desligou o motor, mantendo-se ali sentado enquanto o carro arrefecia. Virou-se para Evanelle e disse de repente:

– Não me deixes, está bem?

Evanelle limitou-se a sorrir, sem fazer promessas.

Depois, saiu do carro.

Evanelle encaminhou-se para o quarto e sentou-se na cama. Fred entrou e trocou a garrafa de oxigénio portátil pela de casa.

– Obrigada, BFF⁸ – disse-lhe ela, um termo que aprendera com Mariah. Evanelle pronunciava *Biff*.

Aquilo fez Fred sorrir. Depois, ele deixou-a para que ela pudesse dormir a sesta.

Evanelle tirou os sapatos e apoiou a cabeça na almofada, muito pensativa, com os pensamentos a recuar muitos anos.

Não conseguia deixar de pensar em Mary, em como tudo dera errado, em como toda a infelicidade Waverley começara com ela.

Mary e Evanelle haviam nascido com apenas alguns meses de diferença. Como mulher Waverley e habitante daquela casa, Mary sempre tivera algo de especial em relação a si. Era esperado. Contudo, o dom de Evanelle era, francamente, uma surpresa. Ela fazia parte de uma linhagem mais distante dos Waverley, que vivia do outro lado da cidade, sem

talentos especiais que referir até ao dia em que a jovem Evanelle deu ao carteiro uma pastilha elástica antes de a sua mulher aparecer de súbito no seu trabalho para o cumprimentar. Ele dissera à mulher que parara de fumar e a pastilha ajudou a mascarar o odor a tabaco. A seguir, Evanelle ofereceu um novelo de lã preta à mulher do pregador uma semana antes de ela rasgar o vestido no parapeito da janela por onde espreitava para poder ir dançar a Hickory.

Evanelle foi todos os dias à casa dos Waverley, na Pendland Street, durante semanas, para ver Mary. Elas tinham crescido juntas, Evanelle sempre a fazer todos os esforços e Mary a apreciar lentamente o facto de a ter sempre por perto. Uma vez, Mary até se referiu às duas como figo e pimenta, o nome que dava a dois opostos que fazem perfeito sentido juntos. A verdade é que Evanelle era a única amiga de Mary, pois ela era arrogante em relação à sua aparência e talento e tratava os outros com insensibilidade, no entanto, Evanelle não se ofendia facilmente. Aprendera-o desde cedo. Não se pode dar presentes por vezes desagradáveis aos outros e ser sensível em relação a isso.

Mary cresceu e era tão bonita quanto Evanelle era «sem sal», o tipo de beleza que nos fazia olhar durante demasiado tempo, como se incrédulos. As mulheres não se aproximavam dela e diziam aos maridos para fazer o mesmo, apesar de lhe baterem sempre à porta das traseiras quando queriam tornar as suas festas especiais de modo a serem a inveja das amigas, qualquer coisa feita com calêndula, dentes-de-leão e com algumas pétalas de rosas escondidas em pequenas porções de manteiga. Mary não só era uma beleza como também tinha um fantástico dom Waverley no trabalho com flores e comida. Contudo, se as mulheres que queriam os seus produtos fossem más, ou lhe falassem mal, recebiam sempre um contratempo com o que ela lhes dava – um prato que supostamente fazia com que as outras sentissem inveja também as tornava arrependidas e, quanto mais comessem, menos vontade tinham de continuarem amigas; um prato que supostamente tornava o marido mais afetuoso também o tornava incapaz de mentir, pelo que todas as suas indiscrições passadas seriam reveladas.

Os irmãos de Mary tinham morrido todos na guerra e ela foi deixada sozinha em casa. O seu negócio de porta das traseiras era pequeno, só as verdadeiras mulheres desesperadas apareciam, pelo que teve de admitir

hóspedes para sobreviver. Evanelle continuava a ir à casa dos Waverley todos os dias. Depois de o marido sair para o trabalho, na companhia dos telefones, Evanelle ajudava Mary nas limpezas e a tratar da roupa, geralmente a vigiar tudo e a certificar-se de que nenhum hóspede era atrevido com Mary. Não tinha de se preocupar. Os hóspedes de Mary bajulavam-na e faziam tudo por ela. Até iam àqueles piqueniques tontos de fadas que ela gostava de fazer, pondo vestidos às flores, flores no cabelo e autodenominando-se ninfa de jardim. Os homens tratavam-na como alguém especial, e ela acreditava que o era.

Até aparecer Karl.

Os homens certos fazem toda a diferença do mundo. E os homens errados também.

E Karl era mesmo do tipo errado.

Começou por ser um dos hóspedes de Mary. Todos a adoravam, os homens que ela acolhia, mas ela limitava-se a brincar com eles. Sabia que era excecional. Mais bonita do que a maioria das raparigas e mágica na cozinha. Nos seus dias de glória, as mulheres invejavam-na e os homens apaixonavam-se por ela. Porém, Karl foi o que a enfeitiçou ao tratá-la como se ela não fosse nada de especial. Nunca ia aos piqueniques, nunca lhe disse que era bonita. Não há melhor maneira de chamar a atenção de uma mulher vaidosa do que ignorá-la. Então, ela livrou-se dos seus hóspedes e parou de cozinhar. Só quando o seu cabelo perdeu o brilho e começou a servir carne fria e queijo ao jantar ele disse: «Acho que tenho de me casar contigo. Mais nenhum homem te quer agora.» Ele começou um negócio de homem para todos os serviços. Oh, ele fazia mesmo todos os serviços. Especialmente com as senhoras. A macieira odiava-o. Estava sempre a atirar-lhe maçãs por cima da cerca.

Evanelle continuava a ir a casa dos Waverley todos os dias, embora soubesse que Karl não gostava dela.

Mary dizia sempre: *Fica comigo enquanto faço isto*, quando decidia livrar-se dele. Então, Evanelle ficava enquanto eles discutiam, partiam coisas e batiam com portas. Acabava sempre com Karl a fazer as malas e a deixar Mary a chorar até adormecer. Todavia, era mais do que certo que, assim que Evanelle lá fosse no dia seguinte, Karl estaria de volta como se nada tivesse acontecido.

Mary acabou por se livrar dele, todavia, precisou de um bebé. Evanelle soube que Mary estava grávida antes de a própria Mary saber. Acordou uma manhã com a necessidade avassaladora de dar a Mary uma cama de bebé, a de madeira escura que tinha no sótão e que guardava para quando engravidasse do marido, o que, como se sabe, nunca aconteceu.

Pedi ao marido que a ajudasse a levar a caminha a Mary e nunca mais se esqueceria da expressão que viu na cara da prima quando esta lhe abriu a porta. Era como se culpasse Evanelle pelo sucedido.

Evanelle sentou-se enquanto Mary contava a Karl. Eles discutiram e ele foi-se embora com a mala feita, como sempre. Porém, nunca mais voltou. E Mary nunca mais foi a mesma. Ele arruinara-lhe o coração. É preciso muito para um coração Waverley voltar a ser o que era. E os corações partidos moldam sombras escuras e compridas. Evanelle sempre pensou que a filha de Mary, Lorelei, era triste e inqueita desde bebé por causa do coração partido de Mary.

Evanelle conviveu com a velha e reclusa Mary mais tempo do que com a jovem e vivaça Mary. Ela parecia ter ficado velha quando percebeu que Karl não ia voltar. Ainda assim, era a jovem Mary que lhe vinha à mente sempre que pensava na prima. A jovem Mary, com o seu cabelo longo a brilhar ao sol, no jardim, com a vida toda pela frente como uma tigela de frutos vermelhos frescos à espera de serem devorados.

Nessa tarde, Evanelle adormeceu embalada pelo barulho da sua máquina de oxigénio, a pensar em como nos lembramos daqueles que amamos quando eles foram felizes. Esperou que quando a sua família se lembrasse de si pensasse naquele momento, dela quente na cama, com ar limpo nos pulmões e feliz por ter tido aquela vida, estranha e linda, cheia de presentes esquisitos, dados e recebidos.

Desejou ter dito a Mary que poderia ser assim. Teria poupado muito trabalho a muita gente. Desejou ter sabido na altura.

Ter sabido que a felicidade não é uma etapa que deixamos para trás. É o que está à nossa frente. Todos os dias.

⁷ *Mayflower* é o nome do barco que levou os primeiros colonos ingleses para os Estados Unidos da América. (N. da T.)

⁸ *BFF* é a sigla de *Best Friends Forever*, que em português significa Melhores Amigos para Sempre. É uma expressão muito usada pelos jovens. (N. da T.)

— Claire — chamou Tyler, entrando no escritório dela, mais tarde, nessa noite. Ela dissera-lhe que iria para a cama dentro de poucos minutos, mas isso já fora há três horas. Era costume ela trabalhar até tarde, às quintas-feiras. Era às sextas-feiras que normalmente enviava as encomendas, pelo que gostava de verificar tudo. Buster viera trabalhar nessa tarde, perplexo por não haver doces em produção. Ela dera-lhe instruções para empacotar e etiquetar as encomendas, depois mandara-o até à loja de distribuição na sua carrinha que ainda dizia WAVERLEY'S CATERING, de lado. Nunca mudara as letras. Ou não quisera fazê-lo.

Quando Buster regressara da loja, ela dissera-lhe que podia meter folga no dia seguinte, pois ela tinha uns problemas pessoais para resolver.

— Pessoais? — perguntara Buster, intrigado. — Conte-me tudo.

— Nem pensar — respondera Claire.

— Está bem. Como quiser. — Buster entregara-lhe as chaves da carrinha e fora-se embora com algumas embalagens de amendoins coladas às calças.

— Claire — voltou a chamar Tyler.

Ela olhou para ele por cima do computador. Ele encontrava-se junto a ela, vestindo apenas as calças do pijama e a radiar calor de uma forma tão consoladora que ela se ergueu um pouco e lhe colocou a mão no peito só para o sentir.

— Desculpa. Devo ter perdido a noção do tempo.

– Pensei que ainda estivesse a trabalhar – disse ele, acenando para o ecrã desligado do computador. – Mas ainda estás a pensar no diário que encontraste, não estás?

E noutras coisas. Não podia negar que segurava o *Diário de Cozinha Waverley* que encontrara na semana anterior, tendo folheado as suas páginas amareladas centenas de vezes.

– Há tanta coisa que a avó não me contou. Este pode conter a coisa mais importante. Talvez tivesse sido sobre a minha mãe ou talvez tivesse sido por que razão a avó Mary nunca aumentou o seu negócio de porta das traseiras. Só que ela rasurou tudo.

– Talvez o tenha rasurado por pensar que não havia aí nada de importante, já pensaste nisso? – Tyler beijou-a, depois foi-se embora. Sabia que algo se passava, mas não a pressionou. – Vem para a cama – disse ele.

Ela levantou-se e encaminhou-se para a parede oposta do pequeno escritório, onde se encontravam as estantes. Todos os seus livros de cozinha estavam ali. Uma prateleira era inteiramente dedicada aos diários da avó. Os diários eram pequenos e finos, quase como cadernos de mão. E todas as capas eram pretas, à exceção de algumas vermelhas que Claire presumia terem sido compradas quando a loja não tinha capas pretas. Estavam todos numerados na aba, por dentro, pelo que Claire sabia a ordem em que deviam estar, uma crónica de receitas e dicas de jardinagem da avó com, ocasionalmente, observações sobre o tempo ou o que Mary vestia nesse dia. Ela nunca escrevia sobre pessoas, porém, Claire podia perceber certos grandes acontecimentos na vida de Mary pelo que ela escrevia sobre a comida. Por exemplo, no diário número sessenta e quatro, escrevia pela primeira vez sobre gelatina, bolo de chocolate e cataplasmas para suavizar a comichão da varicela, pelo que Claire percebeu que fora nessa altura que as suas duas netas haviam ido para aquela casa.

Claire olhou para a aba do diário de Karl. Número dezassete. Contou os diários da prateleira da esquerda para a direita e meteu-o junto aos outros. Passou a mão pelas lombadas finas. Havia cento e dez. Os números três, nove, vinte e sete, e sessenta e um continuavam desaparecidos – tal como os que iam para além do número cento e dez – provavelmente ainda escondidos algures pela casa.

A sua mão voltou ao diário de Karl, querendo puxá-lo novamente para tentar percebê-lo, contudo, retirou o diário do lado, o seguinte na ordem cronológica. O diário dezoito, se se lembrava corretamente, continha receitas simples, nada do jardim de flores, tulipas, violetas ou angélicas, apenas coisas que toda a gente podia fazer em casa. Claire sempre pensara nele como o diário de básicos de Mary.

Abriu-o e ali, logo na primeira página, encontrou a receita do pão de figo e pimenta.

Claire sorriu, pois pensou na irmã. E as palavras que Sydney dissera mais cedo nesse dia fizeram sentido repentinamente. *És tu, não o jardim.*

A comida é apenas algo que se põe na terra e faz crescer, e as receitas são apenas palavras escritas em cadernos.

Não são nada se não tivermos a pessoa correta ao nosso lado.

E é aí quando a verdadeira magia acontece.

Na manhã seguinte, Claire começou a cozinhar de madrugada. Havia massa a crescer em tigelas por todo o lado e, quanto mais ela cozinhasse, mais os pães de forma pareciam multiplicar-se por si próprios. Sempre que abria o forno, tirava mais do que punha. O ar da cozinha estava pintalgado de farinha e cheirava a fermento.

Claire amassava violentamente figos cortados num monte de massa quando ouviu uma batida na porta das traseiras que lhe dizia que Russell finalmente chegara.

– Entre – disse ela, dando a forma oval à massa e colocando-a numa folha de papel vegetal. Depois, fez-lhe três riscos no topo.

Russell abriu a porta, devagar. Usava o mesmo fato cinzento do dia anterior. Estava um pouco roçado, via ela agora. Ele olhou em volta, com cuidado, para ver se estava ali mais alguém. Devia estar a pensar: *Será que Claire contou a alguém? Teria mudado de ideias?* Ela pensou que aquela devia ser a parte mais difícil do jogo para ele, a mais perigosa. Agora que via a situação com mais objetividade, começava a compreender porque se associara a mãe a ele, por muito breve que tivesse sido. Lorelei sempre gostara de selvagens, dos que se equilibravam nas balanças morais. Fazia-a sentir-se viva.

– Estava aqui a pensar – disse Claire assim que ele entrou – se, quando andou a fazer perguntas sobre mim, alguém lhe falou da minha avó?

– Da sua avó? – repetiu Russell. – Não, não exatamente.

– Quando conheceu a minha mãe, ela alguma vez lhe falou da minha avó? – Colocou luvas de cozinha e inclinou-se para a frente para tirar mais dois pães do forno.

Ele fugiu à pergunta e respondeu:

– Vá lá, Claire, a Lorelei não era sua mãe.

Claire retirou as folhas de papel vegetal e meteu os pães nas grelhas para arrefecerem com os outros.

– Uma vez, a minha avó Mary vendeu uma garrafa do seu óleo de boca-de-dragão a uma senhora e, no dia seguinte, essa senhora encontrou as esmeraldas perdidas da família enterradas numa lata de feijão, no jardim – referiu Claire enquanto tirava as luvas. – Ela tinha imensas histórias destas. Fico surpreendida por o senhor nunca ter ouvido nenhuma.

– Está a inventar.

– Talvez no seu mundo se invente, mas no meu não.

Russell ficou confuso e Claire percebeu que ele não gostava disso.

– Tem o meu cheque ou não?

– Ainda não – respondeu Claire.

– Hoje. Eu disse hoje.

Claire dirigiu-se ao bloco de facas e pegou numa faca de cortar pão.

– Primeiro, tem de satisfazer a minha curiosidade sobre uma coisa. – Pôs um dos pães já arrefecidos em cima da bancada e cortou-lhe uma fatia. – Leu sobre o meu negócio de doces, mas já os provou?

– Não gosto de doces – respondeu Russell.

– Isso não me surpreende. Acho que nos poderia ter poupado muito trabalho se gostasse. – Colocou a fatia de pão num prato azul. Até pôs um pedaço de manteiga ao lado dele. – Tome, prove isto – disse ela, deslizando o prato na direção dele, no lado oposto da ilha da cozinha.

Os olhos de Russell pousaram brevemente no prato, depois focaram-se outra vez em Claire.

– Obrigado, mas não tenho fome – retorquiu ele.

– Talvez eu não tenha explicado bem os meus termos. Prove isso ou não temos nada para discutir.

Ele não tirou os olhos dela, porém, ficou com a pulga atrás da orelha.

– Sabe que tentar envenenar-me só atrairia mais atenção para aquilo que não quer que se saiba, não sabe?

– Não estou a tentar envenená-lo – replicou Claire, rindo-se. – Isso é pão de figo e pimenta feito com produtos que eu já tinha nos armários. – Cortou outra fatia do mesmo pão e deu uma dentada. A crosta era rijá, mas o miolo era macio e o leve gosto a pimenta era um complemento estranho ao sabor exótico do figo. Ela mastigou e engoliu, dando-lhe a entender que estava realmente bom.

– Ainda assim não vou comê-lo – disse Russell.

Claire sorriu.

– O que acha que este pão lhe vai fazer, Mister Zahler? Mudar de ideias? Esquecer? Envergonhar? É que sou capaz de fazer com que todas essas coisas aconteçam. Sou muito boa. A minha avó ensinou-me muito bem. – Inclinou-se para a frente e sussurrou. – Dê uma dentada. Desafio-o. – Conseguia sentir um tremelique sob a pele, o seu dom, a sua intenção. Fazia-a sentir-se poderosa e com os pés bem assentes na terra. Enraizada.

Russell, de pé, colocou o seu peso levemente na outra perna.

– Tal como eu disse, não tenho fome.

Claire recuou e abanou a cabeça.

– Tenho de admitir, o teste de ADN e a certidão de nascimento falsificada foram ótimos truques – começou ela. – Mas acho que está a fazer *bluff*.

Russell olhava para ela com aqueles olhos de prata, à espera do seu próximo movimento, mas ela limitou-se a retribuir o olhar. Ele parecia estar a usar o silêncio para atacar de outro ângulo. Porém, de repente, por uma razão qualquer, Russell decidiu quebrar o contacto. Perdeu a agressividade e, quase como uma transformação física, ficou demasiado pequeno para o fato.

– Dei-lhe demasiado tempo para pensar. – Colocou as mãos nos bolsos e recuou alguns passos. – Se lhe tivesse exigido o dinheiro ontem, ter-mo-ia dado. Eu sei que sim. O que aconteceu?

– Falei com a minha irmã – respondeu Claire, simplesmente. – Subestimou o poder da família, Mister Zahler. Eu quase fiz o mesmo.

– Mas, Claire, como eu disse, a Lorelei não era a sua...

– Não me volte a insultar com isso, Mister Zahler.

Sem mais uma palavra, ele virou-se e saiu. Talvez tivesse decidido que ela não valia a pena. Talvez estivesse cansado. Talvez tivesse peixe mais graúdo para apanhar. Como ele acabara ali, com a história de Lorelei, ela nunca descobriria. A sua partida foi tão repentina que ela pensou ir atrás dele. Queria fazer-lhe perguntas sobre a mãe, sobre o que ele sabia realmente dela, que tipo de relação tinham tido. Pequenas coisas que pudessem solidificar um pouco mais a imagem de Lorelei. Mas não o fez. No final, decidiu que seria capaz de viver com o que nunca saberia da mãe e da avó. Seria capaz de viver sem saber o que estava no diário de Karl. A única coisa verdadeira era o facto de estas mulheres fazerem parte da sua vida, serem uma parte de quem ela era.

E quem era ela, era uma Waverley.

Anne Ainsley lavava os pratos do pequeno-almoço (o irmão dissera-lhe que uma máquina de lavar estava fora de questão por causa da porcelana) quando lhe pareceu cheirar a queimado. Deteve-se e virou a cabeça, certificando-se de que o forno estava desligado. Um pouco mais cedo, escancarara a janela por cima do lava-loiça para deixar sair o ar quente das preparações do pequeno-almoço. Cheirou algumas vezes na direção da janela. Vinha lá de fora.

Deixou os pratos no lava-loiça e abriu a porta da cozinha.

Secando as mãos nas calças de ganga, olhou em volta e viu fumo a sair da sua reentrância privada. Estaria a bomba de calor a arder? Oh, bolas, pensou. Perderia o seu espaço privado lá de fora.

Enquanto se aproximava, apressada, apercebeu-se de que o fumo vinha do chão, onde havia papéis a arder na enorme tampa de metal do caixote do lixo. Russell estava sentado numa das suas cadeiras, a atirar papéis para o fogo, um a um, e a vê-los arder.

Não reparou na sua presença quando ela se sentou na cadeira ao lado da dele.

Ela observou enquanto ele queimava o artigo de revista sobre Claire Waverley e o seu negócio de doces. Depois, as cópias das finanças de Claire. O joelho de Anne abanava nervosamente, pensando que teria adorado tê-las visto de perto. A seguir, ele queimou cópias de certidões de óbito de duas pessoas chamadas Barbie Peidpoint e Ingler Whiteman.

Por último, atirou duas fotografias idênticas para o monte (embora Anne se lembrasse de que havia três cópias na mala de viagem). Num último momento, ele recuperou uma delas. Abanou rapidamente a foto chamuscada, arrefecendo-a. Depois, colocou-a no bolso interior do casaco onde pequenos fios de fumo escapavam pelas casas dos botões.

Russell não se demorara ao pequeno-almoço, como habitualmente fazia. Para um homem magro de oitenta anos, comia muito. No entanto, naquela manhã, parecia ter pressa. Só tomara café e comera algumas fatias de *bacon*. Depois, desaparecera. Anne pensou que ele se fora embora sem se despedir por ser o dia do *checkout*. Até tinha ido ao quarto dele para ter a certeza.

Contudo, a mala de viagem ainda lá estava, pelo que se sentiu bastante aliviada.

– O que foi tudo isso? – perguntou Anne, depois de as chamas terem morrido.

– É um ritual meu – respondeu Russell, ainda a olhar para as cinzas. – Estou a atar pontas soltas antes de partir.

– Era um dos seus ficheiros? – perguntou ela, pois ele já sabia que ela bisbilhotara. Por muito boa que pensasse ser, pouco escapava a Russell.

Ele não respondeu.

– O ficheiro de Lorelei?

Finalmente, assentiu.

– O que está aqui a fazer, Russell? – perguntou Anne, inclinando-se para a frente. – Não consigo perceber e estou a dar em doida.

Os olhos dele encontraram os dela. Em vez de responder, disse no seu tom mais bem-educado:

– Tem a minha gratidão pela estadia mais confortável que tive há meses. O *check-out* é às onze, não é?

Ela recostou-se na cadeira, desiludida. Passara as últimas noites a olhar para o panfleto da feira itinerante que tirara da mala dele, olhando para a fotografia de quando ele era novo. Fora um lindo diabo. Tentou pesquisar no Google a Feira Itinerante de Sir Walter Trott e o Grande Banditi, mas não lhe apareceu nada. Que vida ele devia ter tido. A pele dela arrepiou-se com o pensamento sobre os segredos que ele tinha para contar. A salsicha queimada e a banca de pimenta. A caça ao ladrão. Era a ponta do

icebergue. Ela não acreditava que ele se ia embora. Mais nada, nada, seria assim tão interessante.

Contudo, a desilusão não era nada de novo. Levantou-se.

– Pegue na mangueira que ali está e certifique-se de que o fogo fica bem apagado antes de se ir embora. O Andrew vai ficar furo se aparecer alguma coisa estragada.

Ela apercebeu-se da tristeza que ia no rosto dele, tal como a sua própria sensação de perda. Ele queria que ela ficasse fascinada consigo. Queria a atenção dela. Mas, teimosos como os homens eram, não lho diria. Ela virou-se e foi-se embora.

– Vim para tentar chantagear a Claire Waverley – gritou-lhe Russell de repente.

Ela deu meia-volta e grunhiu.

– Eu podia ter-lhe dito que isso não ia acabar bem.

Ele ergueu as mãos com as palmas para cima.

– As minhas opções são limitadas, estes dias.

Ela encaminhou-se novamente para ele. Ele parecia mais pequeno, mais frágil, ali sentado.

– O que vai fazer agora?

– Já lhe disse, vou para a Florida.

– Como vai lá chegar? – Ela olhou para os seus sapatos engraxados com buracos nas solas.

– De autocarro.

– Eu tenho um carro. Posso levá-lo – ofereceu ela, as palavras a saírem-lhe da boca antes de se aperceber que as dissera. No entanto, assim que as proferira, pensou serem maravilhosas, como a primeira vez em que se ouve aquela que vai ser a nossa canção preferida.

Russell abanou a cabeça.

– Já não tenho coração, Anne.

– E eu já não tenho expetativas. O que foi? – perguntou ela, rindo-se. – Pensou que eu queria um romance? Tem idade para ser meu pai.

Ele bateu dramaticamente no coração.

– Estou ferido.

Ela troçou enquanto se sentava.

– Dificilmente.

Ele ponderou sobre ela por um momento.

– Se não quer um romance, o que quer?

– *Quero histórias* – afirmou ela. – E não me importo que sejam mentiras. Estou farta de beber das vidas dos outros, de inventar coisas por mim mesma. Quero ouvir tudo o que o senhor tem para dizer. Vivi aqui a vida toda e todas as histórias são iguais. Todos os meus maridos tiveram a mesma história. Mas o senhor já andou por todo o lado, não foi? Quero segui-lo para onde for e ver o que faz. Acho que já está sozinho há demasiado tempo, não acha? Há-de haver um dia em que não conseguirá andar sozinho. Posso cuidar de si. Sou uma cozinheira decente. Posso reformar-me mais cedo e ter sempre algum dinheiro na caixa do correio. E também há cerca de seis mil dólares no cofre da estalagem que o meu irmão não vai descobrir que tirei antes de me ir embora.

Ele hesitou por um momento. Depois, negou com a cabeça com desdém. Era ridículo, mas ela ficou ofendida, ofendida por não ser demasiado rebelde para ele.

– É muito complicado – disse ele. – Ele chamaria a polícia.

– Para o caso de ainda não ter reparado, sou muito bisbilhoteira – referiu Anne. – É por isso que sei que o meu irmão tem cassetes de vídeo com gravações dele a ter sexo virtual com uma mulher da Finlândia, que se autodenomina de Karma-liciosa. Gasta centenas de dólares por mês com ela. Posso tirar-lhe uma das cassetes e deixar outra no cofre para ele saber que eu sei. Não chamará a polícia.

Aquilo tentou-o. Ela soube-o. Comida. Dinheiro. Eram estas as suas fraquezas. Ele respirou fundo e exalou num suspiro longo e profundo. Olhou para as cinzas da sua tentativa falhada de obter dinheiro.

– Oh, Anne, não é tão glamoroso como pensa. Tem aqui uma boa vida. Vou para um acampamento de caridade para antigos trabalhadores de circo.

– Pareço-lhe alguém que quer *glamour*? Isso parece-me *fantástico*. – Ela levou a mão ao bolso das calças de ganga, tirou de lá o panfleto que lhe roubara e mostrou-lho. – O que me diz, Grande Banditi?

Ele examinou o panfleto, olhando para a fotografia antiga como se através de um telescópio apontado para o tempo passado.

– Pode ficar com ele, se quiser. Mas com a condição de se lembrar de mim com carinho. Há muito poucas pessoas que o fazem.

– Acho difícil acreditar nisso. Quem poderia esquecê-lo?

Ele sorriu num tom de gozo.

– Oh, há muitas pessoas que se lembram de mim. Só que não com carinho.

Anne pôs-lhe o panfleto nas mãos.

– Não vou ficar com ele. Vou consigo. Vá ter comigo à porta da estalagem às cinco horas, depois do chá. Todos os hóspedes novos já estarão instalados por essa altura. O meu irmão só saberá que me fui embora de manhã.

Ficou nervosa e sentiu um friozinho na barriga devido à excitação ao ir-se embora, apesar de Russell lhe ter chamado triste.

– Foi um prazer, Anne.

– O *check-out* é às onze, Mister Zahler – disse Andrew Ainsley, sentado na cadeira da receção como um sentinela grande e preguiçoso.

– Obrigado. Sei disso. Já desço – respondeu Russell à medida que se dirigia para as escadas depois de se certificar de que as cinzas da sua Lorelei Waverley estavam frias. Chegou ao quarto e fechou a porta atrás de si. Deixara as cortinas abertas e um sol quente e outonal cobria a cama, fazendo-a brilhar. Queria deitar-se, absorver a suavidade do colchão uma última vez.

Mas não o fez. Em vez disso, sentou-se à beira da cama e esperou pelos sons dos outros hóspedes a saírem para fazerem o *check-out*. Sairia, escondido, atrás deles e evitaria Andrew Ainsley na receção.

Tirou a fotografia do bolso, pensando por que razão a teria salvo no último instante. Era certo que não gostava de se lembrar dos seus erros.

Normalmente, era bom a ler pessoas, e tivera quase a certeza de que Claire Waverley não falaria a ninguém sobre a sua visita, que não telefonaria de imediato à família a pedir conselho. Tudo o que aprendera sobre ela apontava para uma pessoa peculiar e reservada que gostava do seu ar misterioso. Não era o tipo de pessoa que arriscaria a que os outros pensassem que ela não tinha nada de especial.

Era óbvio que se enganara.

E, depois, veio o momento em que ela se inclinara e dissera *Dê uma dentada. Desafio-o*. Ele tivera uma imagem tão nítida de Lorelei que se assustara e sentira um arrepio na espinha.

Também não esperara isso.

No entanto, em tudo o resto, em todos os outros pormenores, fora meticoloso. Devia ter corrido tudo bem. Passara inúmeras horas em bibliotecas nas últimas décadas, quando não conseguia encontrar outro sítio para passar a noite nas cidades que percorria. Convencia bibliotecárias a ajudá-lo a procurar informação. Devido ao tempo passado na feira itinerante, tinha ligações frágeis a ligarem-no a tanta gente que, se fossem visíveis, a vida de Russell pareceria um mapa de cordas. Armazenava segredos e colecionava fotografias, sempre em busca de os adicionar aos ficheiros que juntava sobre as pessoas que conhecia. Formava histórias assim. Através de ângulos.

Olhou para a fotografia de si, Lorelei, Ingler, Barbie e da criança. Fazia todo o sentido a história que contara. Barbie e Ingler e a sua rapariguinha solene. Lorelei e a sua veia selvagem a roubarem-na. Russell, um espetador inocente, a ver o drama desenrolar há quarenta anos. Dar o nome de Donna ao bebé teria sido um toque de génio.

Mas não passava disso. De uma história.

A verdade era que Russell conhecera a linda e trágica Lorelei no bar da fotografia, na noite em que esta tinha sido tirada. Ela entrara com a criança, a sua filha Claire. Ninguém lhe disse para sair, para levar o bebé dali para fora. Lorelei encantava toda a gente. Russell oferecera-lhe uma cerveja e convidara-a a sentar-se com ele e os seus novos amigos Ingler e a mulher, Barbie. Eram vagabundos, recentemente contratados pela feira itinerante para receberem os bilhetes. Barbie quisera pegar no bebé ao colo, pelo que Lorelei lho passou e, nesse momento, o empregado do bar tirara aquela fotografia com a sua nova câmara que exibia a todos.

Mais tarde, nessa noite, Russell levava Lorelei para a sua autocaravana. Ela sorria quando lhe mostrara a câmara que roubara ao empregado do bar. Durante as três semanas em que a feira itinerante estivera na cidade, Lorelei ficara com ele e a sua menina bem-comportada dormia a um canto. Russell esquecia-se frequentemente de que ela ali estava. Ele e Lorelei divertiam-se muito. Ela era manhosa, com uma destreza de mãos que o impressionava até a ele. Também era linda e encantadora e podia fazer com que qualquer um se apaixonasse por ela. Era do tipo alma perdida, a desajustada, a fugitiva da sociedade que as feiras itinerantes atraíam. Podia ter ficado ali e ter-se integrado. Mas Russell sabia que não

o faria. Naquela altura, ela era demasiado jovem para perceber que não se pode deixar os demónios para trás.

No dia em que a feira desmontou o acampamento e se fez à estrada, Lorelei desapareceu com a filha bem-comportada. Roubou algumas centenas de dólares a Russell, mas deixou-lhe a câmara.

Em certas coisas, ela não fora diferente das outras mulheres que ele escolhia para passar o tempo nas cidades por onde passava. Mas noutras fora única.

Uma vez lembrara-se da noite em que se embebedaram na sua autocaravana e ela lhe contara a história da sua estranha família que vivia na Carolina do Norte, da macieira e da visão que tivera ao comer a maçã. Lembrou-se de uma outra vez em que ela pegara numa maçã que ele tinha em cima de uma pequena mesa de plástico. Tocara-lhe e um rasto de gelo branco atingiu a maçã, acabando por cobri-la na totalidade. Depois, ela atirou-lhe a maçã gelada com uma gargalhada: «Dá uma dentada. Desafio-te.»

E ele lembrou-se de ter pensado: *Tudo o que eu invento não é nada quando comparado com a realidade dela.*

Na manhã seguinte, acordaram de ressaca e ela nunca mais disse uma palavra sobre o incidente. Por vezes, ele pensava se não o teria sonhado.

Ouviu vozes no corredor e o barulho de malas. O casal do quarto ao lado descia as escadas para fazer o *check-out*.

Russell guardou a fotografia, pegou na sua mala de viagem e olhou em redor do quarto, certificando-se de que não se esquecia de nada.

Pensou em Anne Ainsley e esperou sinceramente que ela se lembrasse dele com carinho. Naquele momento, esse facto foi muito importante para si. Por uma vez na vida, talvez tivesse deixado algo de bom para trás, algumas conversas e histórias que ela recordaria com um sorriso, O Outono Em Que o Grande Banditi a Visitou.

Pegou no panfleto dobrado da feira itinerante que ela lhe devolvera e colocou-o na cama.

Depois, o Grande Banditi fez o que fazia melhor.

Desapareceu.

Antes de ir para a sala de aula na sexta-feira de manhã, Bay dirigiu-se à secretaria do edifício principal, na rotunda, para deixar uma nota da mãe a informar que tinha conhecimento que a filha não fora à escola no dia anterior, para que Bay não tivesse faltas injustificadas na sua ficha. Ninguém gostava de ir ao edifício principal. Cheirava a chulé e a secretária, Ms. Scatt, era antipática e punha demasiado corretor de olheiras debaixo dos olhos, e todos tinham medo de lhe dizer que ficava muito pouco natural.

Bay acabava de sair da secretaria quando ouviu Phin chamá-la.

– Olá, Bay!

Olhou para o fundo do corredor e viu Phin junto a um cacifo aberto, com a mochila aos pés. Encaminhou-se para ele. Não sabia que o seu cacifo era naquele andar. Quase ninguém na escola sabia onde eram os seus cacifos, razão pela qual todos andavam com as mochilas muito carregadas. Em todos os edifícios, os cacifos do lado esquerdo estavam pintados de vermelho e os cacifos do lado direito estavam pintados de preto – as cores da escola. Contudo, ao longo dos anos, a cor dos cacifos vermelhos transformara-se num rosa efeminado, pelo que nenhum dos rapazes gostava de ter o seu cacifo naquele lado e trocava com as raparigas, que não gostavam dos cacifos pretos, acabando todos por se esquecerem onde tinham os cacifos.

– Olá, Phin – disse ela, gostando da oportunidade de vê-lo noutra contexto. Era raro vê-lo na escola. Não tinham aulas em comum e não

partilhavam o mesmo intervalo de almoço.

– Esta semana ainda não te vi na paragem – comentou ele, fechando o cacifo rosa por obviamente ninguém ter trocado com ele. – O que se passa? Circula por aí um boato ridículo de que tu e o Josh foram apanhados no relvado, na quarta-feira.

Ela encostou-se aos cacifos junto a ele.

– A minha mãe castigou-me por eu ter aceitado a boleia do Josh na noite do baile. Depois, na sexta-feira, saí com ele sem a autorização dela.

Phin ficou a olhar para ela sem expressão.

– Com o Josh Matteson.

– Não é o que tu pensas.

Ele pôs a mochila ao ombro, suficientemente pesada para lhe tirar o equilíbrio durante uns segundos. Provavelmente pesava mais do que ele.

– Se ele te enganar, vai ter de se ver comigo.

Bay riu-se.

– Phin? A sério?

– Sim, a sério.

Ela ficou séria ao desencostar-se dos cacifos.

– Acho que não será necessário. Pelos vistos, ele tem uma grande dívida de gratidão para contigo. Algo a ver com um vídeo da luta do baile de Halloween.

– Já o viste? – perguntou ele.

– Não. A minha mãe tirou-me o telemóvel e agora o computador. Por causa de quarta-feira. O que aparece no misterioso vídeo?

– Nada. – Phin olhou por cima do ombro. Ficou vermelho nas faces e no pescoço.

Bay virou-se e viu Riva Alexander a atravessar o corredor. Era uma daquelas raparigas que ficava bonita com uns quilinhos a mais, contudo, só o descobriria alguns anos mais tarde. O cachecol que usava naquele dia em redor da cintura tinha pequenos sinos que faziam *ting, ting, ting* quando andava. Normalmente, os estudantes mais velhos não saíam do seu edifício, onde tinham a maior parte das aulas, por isso era invulgar vê-la ali.

Em vez de passar sem dizer nada, a caminho de um sítio qualquer, Riva parou diante deles.

– Olá, Phin. Interrompo?

– Não – respondeu ele de imediato, fazendo Bay sorrir.
– Vi o vídeo. Só te queria dar isto – disse ela, entregando-lhe uma folha dobrada. – Escrevi-te um recado.
– Uh, obrigado – retorquiu ele, aceitando-a.
Riva foi-se embora, de cabeça erguida.
– O que foi isto? – perguntou Bay.
– Não faço ideia – respondeu Phin. – Sou eu ou ultimamente as coisas por aqui andam um pouco estranhas?
O toque para a aula soou e todos se dispersaram.
– Não és tu – disse Bay com um sorriso enquanto se afastava, depois correu para a sala antes do toque final.

Nessa tarde, os primeiros autocarros tinham acabado de sair e Bay estava sentada no seu degrau habitual à frente da escola quando ouviu a buzina de um carro. Olhou para baixo e viu o *Mini Cooper* da mãe estacionado diante da escola.

Lá se ia a espera para ver se Josh aparecia. Não o via desde quarta-feira, quando a família aparecera em massa no relvado da baixa, o que era suficiente para assustar qualquer um, quanto mais um pobre rapaz de dezoito anos que não fizera nada de mal. Ela não tinha forma de contactá-lo, não podia ir ao edifício principal e também não sabia como falar com ele na escola. Só tinha ido duas vezes ao edifício principal. Uma, no primeiro dia de escola, quando se perdera e vira Josh pela primeira vez, e depois quando lhe entregara o recado.

Bay desceu penosamente as escadas e entrou no carro da mãe sem dizer uma palavra. A mãe usava o avental de cabeleireira, o que significava que iam para o salão.

– A Claire disse-me que hoje não estava a trabalhar nos doces pelo que pensei vir buscar-te – comentou Sydney, afastando-se do passeio e fazendo alguém apitar-lhe por se meter à frente deles.

– Oh – disse Bay, sentindo-se um pouco culpada por se sentir tão mal-humorada. – Pensei que isto tinha a ver com o Josh.

– Havemos de falar sobre o Josh noutra altura – respondeu Sydney.

– Como está a tia Claire? – perguntou Bay, pensando no dia anterior e na forma séria como Claire via as suas raízes. Se alguém tivesse dito a

Bay que ela não era uma Waverley, ter-se-ia rido. Nunca o teria levado a sério. Isso era por nunca a deixarem descobrir as coisas sozinha, com apenas algumas pistas a iluminar-lhe o caminho.

– Disse que resolveu tudo – respondeu Sydney.

– Como assim?

– Não sei. Mas confio nela.

Passaram as lojas e os escritórios que partilhavam a mesma estrada que a escola, depois Sydney apanhou a curva da autoestrada que dava para a baixa, pois era mais rápido do que atalhar pelos bairros. Bay podia fechar os olhos que sabia onde estavam. Conhecia aquele lugar de cor e salteado.

– Foste sincera quando ontem disseste que querias encontrar-te com aquele homem para ele te poder dizer mais coisas sobre a tua mãe? – perguntou Bay. – Mesmo que fossem coisas más?

– Sim – respondeu Sydney. – Ela será sempre um grande mistério para mim. Mas acho que ainda é um mistério maior para a Claire. Queria saber, nem que fosse pela Claire.

Enquanto olhava através da janela do passageiro, Bay disse:

– Desculpa a forma como tenho agido ultimamente. Tenho-te a ti e ao pai, o que é mais do que tu e a Claire tiveram. Sei que voltaste para que eu pudesse crescer aqui, ainda que não quisesses fazê-lo. Nunca me abandonaste nem me deixaste acreditar que eu era outra coisa que não fosse eu própria. Nunca terei as dúvidas nem as perguntas que tu e a Claire têm. Fizeram um bom trabalho, sabes? Tu e a Claire. Fizeram um bom trabalho. – Bay sentiu-se ficar emocionada, o que a envergonhou.

– Uau – disse Sydney, virando ligeiramente a cabeça para olhar para Bay. – Obrigada.

– De nada.

– Mas continuas de castigo.

Bay encostou a cabeça contra o banco e sorriu.

Assim que chegaram ao salão de cabeleireiro, Bay tratou dos telefonemas pensando que, como já não tinha o emprego de doces com Claire, aquele seria o seu trabalho após a escola até a mãe encontrar uma nova rececionista.

Sentou-se atrás da recepção e tentou ler o *Romeu e Julieta*, mas o livro estava a desfazer-se. Odiava quando aquilo acontecia. Detestava ter de separar-se das suas coisas. Mas era altura de colar a capa do livro ao teto e começar algo novo.

Colocou o livro na mochila, pousada no chão. Foi quando reparou na fotografia com que o velhote tentara chantagear Claire. Bay mantivera-a consigo.

Pegou nela e analisou-a pormenorizadamente, depois, olhou para cima, através da janela do salão, a refletir em tudo. O dia escurecia, atravessando sombras no relvado. A cabeça de Horace J. Orion parecia estar prestes a começar uma longa sesta de inverno.

Fora àquela hora do dia que ela vira o velhote pela primeira vez no relvado, com uma mala de viagem ao lado e sem meio de transporte por perto.

Uma mala de viagem.

Na segunda vez que o vira, ele dava um passeio pela Pendland Street.

Havia uma estalagem a poucos metros de distância da casa dos Waverley, na Pendland Street.

Ele ficara na estalagem da Pendland Street.

Bay levantou-se de imediato e correu para a porta.

– Vou esticar as pernas – gritou ela à mãe. – Já volto!

Em frente à estalagem, Anne Ainsley esperava sentada atrás do volante do seu velho SUV *Kia*, uma relíquia do último casamento que, pelo menos, estava paga. Já passava das cinco horas. Quase se atrasara porque se esquecera que o Dia das Bruxas era no dia seguinte e Andrew lhe pedira para comprar doces, dos caros, para terem algo que dar às crianças que pediam doçura ou travessura, que apareciam sempre na estalagem. Anne fora depressa à loja de conveniência mais próxima, comprara os doces e regressara ainda com três minutos de avanço.

Desde então esperava no carro.

Russell não viria.

Inclinou-se para a frente de forma a ver a antiga casa de família e apercebeu-se de que não era capaz de voltar a entrar. Pusera toda a sua roupa e uns poucos pertences numa mala. Depois, roubara algumas coisas

da estalagem que achava que ia precisar. Uma mesa de cartão e cadeiras desdobráveis da cave. Um rádio digital. Alguns utensílios de cozinha. Para além do dinheiro do cofre, também roubara algumas joias da mãe, colares de pérolas e brincos de rubis, para vender, caso necessitasse. Andrew guardava-os numa caixa de cigarros, no seu roupeiro. Provavelmente esquecera-se que os tinha ali. A única razão pela qual os guardava era por não querer que Anne ficasse com eles.

Pensou na mala de viagem de Russell Zahler e no pouco que ela continha. Ele precisava de tão pouco. Ela gostava de ser assim. Gostava de ter uma vida com poucos pertences, mas com muitas histórias, tantas que, se fossem pesadas e levantadas, não caberiam num milhar de malas.

Após uma derradeira olhadela à estalagem, ligou o motor.

Estava prestes a meter a primeira quando a porta do pendura se abriu de repente e Russell Zahler entrou e sentou-se ao lado dela, com a mala ao colo.

– Ia embora sem mim? – Ele acenou. – Aprovo. Não sinto tanta pressão se não for o motivo pelo qual se vai embora. Da próxima vez, não espere tanto tempo. – Olhou para o para-brisas.

A boca dela abriu. Um teste? A sério?

– Estava a observar-me?

– Tenho estado sentado na sua reentrância o dia todo. Queria ver se tinha coragem para o fazer.

Ela olhou-o, ainda boquiaberta.

Ele parecia estar cada vez mais à vontade com o silêncio dela.

– Está bem, saí pela porta das traseiras esta manhã, mas depois sentei-me numa das suas cadeiras, só que não me consegui levantar. – Fez uma pausa. – Estou cansado, Anne. Estou muito, muito cansado.

– Agora, talvez eu não queira ir consigo – respondeu ela, um pouco irritada com ele. – Talvez queira fazer isto sozinha.

Russell endireitou os ombros, ainda a olhar em frente.

– Conto-lhe uma história por dia em troca de uma boleia até à Florida. Uma história por dia em troca de refeições e cuidados, caso precise. Mas exijo que me prometa que se recordará sempre delas. Se se lembrar das histórias, vai lembrar-se de mim da forma como eu quero ser lembrado. Não sei porquê, mas isso tornou-se muito importante para mim.

– O que acontecerá quando já não tiver histórias para contar? – perguntou Anne.

Um canto da boca dele levantou-se.

– Isso nunca acontecerá. Confie em mim.

Então era assim, pensou Anne. Escapava da sua bolha e voava, livre.

– Ponha o cinto de segurança – disse Anne, afastando-se do passeio.

Ouviu de imediato alguém a gritar.

– Espere! Espere!

Ela e Russell viraram-se para trás e olharam pelo para-brisas traseiro. Bay Waverley corria pelo passeio atrás deles, a abanar os braços para chamar a atenção.

Anne virou-se e travou a fundo.

– Não – disse Russell. – Espere. Sou eu quem ela quer ver.

Anne travou.

– Ela vai chamar a atenção do meu irmão.

– É só um bocadinho – disse ele, colocando a mala no banco de trás e abrindo a porta.

* * *

Quando Bay viu o velhote a entrar no SUV com a sua mala, começou a correr e a gritar-lhes que esperassem.

Aproximou-se. Ela não podia deixar que ele se fosse embora sem lhe dar algumas respostas.

Continuou a gritar enquanto corria, mas o SUV arrancou.

Bay abrandou e parou com a fotografia na mão.

Depois, para sua surpresa, o veículo deteve-se subitamente e o velhote saiu.

– Estamos com pressa, menina – gritou ele na voz suave que ela recordava.

Bay correu para ele, no passeio.

– Tem mais fotografias dela? – perguntou Bay sem fôlego, erguendo a fotografia e apontando para a imagem de Lorelei. – O meu nome é Bay. Sou uma Waverley. A Lorelei era minha avó.

– Eu sei quem tu és – disse ele. – E não. Só tenho uma cópia dessa fotografia. Nada mais.

– O que sabia sobre ela? – perguntou Bay rapidamente, engolindo ar. – Há alguma coisa que possa dizer à minha mãe ou à minha tia Claire sobre a mãe delas?

Ele suspirou impacientemente, depois olhou para cima e semicerrou os olhos prateados perante o céu que escurecia.

– Conheci a Lorelei num bar, em Shawnee. Eu estava lá a trabalhar numa feira itinerante. Divertimo-nos um bocado. Só estive com ela durante três semanas.

– Mas a Claire é mesmo filha da Lorelei, não é? A Lorelei não a roubou.

Ele baixou a cabeça e olhou-a nos olhos. Deixou que a tensão se instalasse, como se fosse um reflexo.

– Tanto quanto sei, a Claire é mesmo filha dela.

Bay quis saltar de alegria, perguntar-lhe porque mentira ele sobre uma coisa tão importante e porque decidira vir à cidade perturbar as vidas de pessoas perfeitamente normais. Contudo, apareceram ao fundo da rua algumas crianças a pedir doçura ou travessura e Russell virou-se ao ouvir as suas vozes. Ela sentiu o incómodo dele. O tempo que ela tinha era curto, pelo que não se alongou com julgamentos.

– Então, quem são estas pessoas? – Apontou para o casal de cabelo escuro que aparecia na foto.

– São amigos meus, da feira. Não tinham nada a ver com a Claire, nem com a Lorelei. Foi apenas um momento captado no tempo. Acho que foi a única vez em que eles se encontraram. É tudo o que te posso dizer – respondeu ele, dirigindo-se novamente para o SUV.

Bay baixou-se para ver quem era o condutor. Era Anne Ainsley, a irmã do dono da estalagem. Estranhamente, fez sentido. Bay vira-a ao longo dos anos e ficara sempre a pensar que aquela mulher tão magra e fina, que esvoaçava na Pendland Street Inn como um fantasma, não pertencia ali. Anne pertencia ao vento, não a uma casa confinada.

– Espere! – pediu Bay antes que ele voltasse a entrar.

Russell virou-se, com a mão na porta do carro.

– O que foi, menina? – perguntou ele. – Temos de ir embora.

Bay hesitou.

– Qual era o dom Waverley de Lorelei?

Ele não fingiu não perceber. Ficou com uma expressão estranha no rosto.

– A Lorelei Waverley gostava muito do frio.

Bay sentiu os ombros caírem.

– Isso não é magia.

Russell sorriu.

– É, quando somos capazes de tocar numa maçã e cobri-la com gelo no meio do verão mais quente de que há memória. Ela podia ter feito uma fortuna no circuito das feiras itinerantes. Mas guardou-o para si por motivos que nunca saberei. – Russell baixou-se, sentou-se no lugar do pendura e fechou a porta sem mais uma palavra. Enquanto Anne os conduzia para longe, Russell baixou a janela e gritou alegremente:

– As minhas mais sinceras desculpas pelo incómodo que poderei ter causado.

Depois de nessa manhã Russell ter saído de sua casa, Claire cozinhou como uma louca. Terminou o pão de figo e pimenta e começou a fazer sopa. Uma sopa quentinha num dia frio era como encher a casa de algodão. O seu aroma reconfortante preenchia, abrigava e acariciava. Fez tartes de ovos para a sobremesa, desejando ter amores-perfeitos com que decorá-las.

Nessa noite, Claire serviu a sopa de legumes caseira, o pão de figo e pimenta e as tartes ao marido e à filha, perplexos. Ela compreendia a confusão deles. Há muito tempo que não passava o dia na cozinha a preparar-lhes comida de verdade, quanto mais sentar-se à mesa da pequena sala de jantar, onde comeram com talheres reais e guardanapos de pano.

Deviam usar mais vezes a sala de jantar, decidiu ela. Quando a avó Mary morrera, Claire usara o seu seguro de vida para remodelar a cozinha que acabou por absorver muito espaço da sala de jantar, onde Mary servia os seus hóspedes. No entanto, agora era do tamanho perfeito para os três.

– Estava delicioso, Claire – elogiou Tyler no fim da refeição.

– Sim, estava ótimo! – concordou Mariah. – Mas, da próxima vez, não ponhas batatas na sopa de vegetais.

– Porque não? – perguntou Claire.

– A minha melhor amiga não gosta.

A boa e velha Em. Não conseguiam acabar uma refeição sem que Mariah mencionasse algo sobre ela.

– Como sabia a Em que estávamos a comer sopa de vegetais? – perguntou Claire ao erguer-se para recolher os pratos vazios.

– Não sei. – Mariah encolheu os ombros. – Sabia, simplesmente.

– Telefonaste-lhe?

Aquilo fez com que Mariah se risse.

– Porque lhe haveria de ligar? Ela está aqui.

Claire e Tyler trocaram olhares.

– O que queres dizer com isso? – perguntou Tyler.

– Ela está aqui. Nesta sala, connosco.

– Porque não conseguimos vê-la? – perguntou Claire enquanto as cortinas esvoaçavam um pouco.

Mariah encolheu os ombros.

– Tu consegues vê-la? – perguntou Tyler.

– Às vezes. Na maior parte do tempo só consigo ouvi-la.

– Então, a Em não é uma amiga da escola? – perguntou Tyler.

– Não. Ela não vai à escola. Diz que agora tenho de ir para o meu quarto, que vocês os dois têm de conversar. Posso levantar-me da mesa?

Claire assentiu com a cabeça e os dois observaram Mariah a subir as escadas, dois degraus de cada vez.

– A Em é uma amiga imaginária! – afirmou Tyler. Bateu na mesa e riu-se. – Sabes que mais? Estou aliviado. Achei que me escapava algo. Estava sempre a pensar que se tu a levasses para a escola e a fosses buscar, já sabias quem era a Em. Que já conhecias os pais dela, o que faziam e qual era a sua comida preferida.

Claire continuava a segurar os pratos vazios, ainda com o olhar fixo nas escadas.

– Ela já é um bocadinho crescida para ter amigos imaginários, não é?

Tyler levantou-se para ajudar a levantar a mesa.

– Está a escolher o seu próprio caminho – referiu ele, encaminhando-se para a cozinha. – Às vezes olho para ela e mal posso esperar para ver no que se vai tornar.

Os cortinados continuavam a esvoaçar. Uma lufada de ar passou por Claire e subiu as escadas atrás de Mariah. Depois, os cortinados

estabilizaram.

Juntos na cozinha, encheram a máquina de lavar. Tyler passava as tigelas por água antes de as entregar a Claire, quando ela disse, de repente:

– Vou deixar o negócio dos doces.

Tyler não reagiu.

– Decidiste finalmente vendê-la à Dickory Foods, em Hickory?

– Não. Vou só acabar com ela. Não seria a mesma coisa se outra pessoa os fizesse. Não seria... Waverley.

– Okay – disse Tyler, amigavelmente. Desligou a torneira e secou as mãos. – Foi por isso que cozinhasse hoje? Foi uma pré-estreia do que aí vem?

Claire fechou a máquina de lavar firmemente, confusa com a reação dele. Durante o dia, tentou pensar em formas de lho dizer, receando estar a dececioná-la de alguma maneira.

– É assim? E o que significa isto para as nossas finanças? Vou demorar algum tempo a reerguer o negócio do *catering*. E o fundo poupança para a faculdade de Mariah? Pensei que estivesse preocupado com ele.

– Não fazia ideia que as minhas palavras te tivessem magoado tanto. Os doces têm sido muito bons para o fundo de Mariah, mas antes deles também estávamos bem. – Colocou as mãos na cintura. – Sei que há algum tempo não andas feliz com o negócio dos doces. Vamos ficar bem.

– Fui assim tão óbvia?

– Achas que não presto atenção quando olho para o vazio? – perguntou ele enquanto a puxava para si.

– Sei que me preocupo em demasia.

– É um trabalho difícil, mas alguém tem de fazê-lo.

– Exatamente! – concordou ela, olhando para ele. – Dizes à minha irmã, por favor?

– Nem pensar. Ainda me faz um penteado à anos oitenta, como da última vez em que se zangou comigo. Tive uma maré de azar durante semanas depois de ela o ter feito. Três pneus furados antes de o meu cabelo voltar a crescer.

Era engraçado como ele aceitava o dom de Sudney, mas não o dela. Tyler começou a acariciar-lhe o pescoço quando ela perguntou:

– Acreditas que sou capaz de fazer coisas especiais com a comida?

– Claro que acredito. Mas és muito mais do que isso, Claire. Às vezes acho que sou o único que consegue ver isso. – Ele beijou-a com desejo, deixando-a sem fôlego contra os armários. – Encontramo-nos lá em cima.

Depois de arrumar a cozinha, Claire subiu as escadas e encontrou Tyler no corredor, perdido nos seus pensamentos enquanto endireitava os seus quadros pendurados na parede, uma série chamada «O Mundo de Claire» que ele pintara após o casamento. Ela não aparecia propriamente nos quadros e ele não era propriamente um pintor de retratos, contudo, eram bonitos estudos de luz e cor – verdes cor de folhas, linhas pretas que pareciam ortografia, pontos de um vermelho vivo cor de maçã. Se ela olhasse durante muito tempo para eles, por vezes achava poder ver uma figura agachada nos verdes. Claire pensou, não pela primeira vez, o que tinha feito para merecer aquele homem, o seu marido. Fizera tudo o que estivera ao seu alcance para dissuadir o interesse dele quando se conheceram. Estava bem sozinha. Costumava pensar que, se não deixasse entrar ninguém, não se magoaria quando eles se fossem embora, pois todas as pessoas que amara a tinham abandonado. Só que ela não tinha poder nenhum sobre ele. Isto é, nenhum poder do tipo Waverley. Ele amava-a por todos os outros motivos, exceto esse. E ela ainda não sabia porquê.

Mas ficava contente por ele a amar.

Tyler ficou acordado muito tempo depois de a mulher ter ido para a cama. Ela estava virada de costas para si, com o dorso nu lindo e suave. Ele passou o dedo pela coluna dela e sentiu-a tremer, com pele de galinha a surgir-lhe na pele. Tapou-a com os cobertores, apesar de se ter destapado a si próprio.

Dentro da dinâmica do casamento, ele sabia que não podia ser a parte que se perdia no labirinto. O seu dever era ficar à porta do labirinto e impedir que os outros entrassem lá para dentro.

No entanto, secretamente, sim, ele sabia de todos os truques que a casa lhe fazia. E sabia que Claire conseguia fazer magia com a comida. E, se fosse forçado a admitir, sabia muito bem que a macieira lhe atirava maçãs. Todavia, o seu dever era deixar que as Waverley fossem Waverley. E não ser ele próprio um Waverley.

Mas havia ocasiões em que precisava de entrar no labirinto. Ocasões como aquela noite.

Levantou-se da cama e vestiu-se. Saiu do quarto, distraiu-se outra vez com os quadros do corredor, demorando-se a rearranjá-los. Depois, desceu as escadas, onde se distraiu com a enorme quantidade de pão que havia na cozinha. Comida verdadeira novamente em casa. Sorriu. Claire não faria mais doces por razões que ele nunca saberia. Contudo, era notavelmente claro que ela estava mais feliz agora que tomara essa decisão. E isso era tudo o que importava. Para dizer a verdade, era bom nunca mais sair de casa a cheirar a açúcar e flores. O aroma dos doces da mulher seguia-o para o trabalho e enchia-lhe o escritório, atraindo dezenas de beija-flores que todos os dias davam pancadinhas na sua janela à espera de entrar.

Tyler cortou uma fatia de pão de figo e pimenta e saiu para o jardim.

A experiência ensinara-o que não era boa ideia aproximar-se da árvore, ainda que ela estivesse a hibernar. Ele nunca confiara naquela coisa. Abriu o portão do jardim e manteve-se junto a ele, ao frio, a comer o pedaço de pão e a aperceber-se de que se esquecera de calçar sapatos. Também se esquecera de calafetar os respiradores do sótão, como Claire lhe pedira. Estava prestes a vir-se embora quando se lembrou da razão que o levava até ali.

– Ouve, árvore, é bom que floresças esta noite – disse-lhe ele. – Elas já tiveram que chegue.

Claire acordou na manhã de Halloween com um suspiro profundo, como se tirasse a cabeça de debaixo de água. Não se lembrava do seu sonho, apenas que era frio e doce. O Sol acabava de se erguer e ela soube, mesmo antes de olhar lá para fora, que a primeira geada da estação tinha finalmente chegado. Saiu da cama, com cuidado para não perturbar Tyler, que dormia de barriga para baixo e provavelmente sonhava com algo quente como lareiras e chocolate. Vestiu o roupão que estava no chão e calçou as pantufas. Enquanto saía, pegou no casaco de Tyler, pendurado no cabide da porta.

Atravessou a casa, a escuridão da cozinha e foi para o pátio. De certeza que orvalho frio lhe cobria a carrinha e que uma fina camada de

cristais faziam com que as videiras de madressilva cobrissem o brilho do portão.

O seu bafo formava nuvens à sua frente enquanto atravessava a estrada em direção ao portão do jardim. A vizinhança estava calma da forma como só o tempo frio conseguia fazer, como o som agudo antes de algo cair no chão.

Procurou a chave no meio das videiras, com as mãos a tremer. A primeira geada era sempre emocionante, mas naquele ano significava mais do que isso, aquela estação, aquela renovação. Uma pequena parte de si quase receava que não acontecesse neste ano, que não houvesse magia, que não fosse sua.

Abriu lentamente o portão, sustendo o ar.

Ali, no fundo de tudo, a árvore florescia completamente. Pequenas flores brancas irrompiam dos ramos, transformando-os exuberantemente da noite para o dia. A árvore tremia, como se celebrasse, e pétalas brancas flutuavam em ondas até ao chão, fazendo o som de areia a cair. O jardim já estava coberto de branco, como neve. Claire entrou, com as palmas das mãos para cima, e apanhou algumas pétalas. Atravessou o jardim todo e dirigiu-se até à árvore, com as pétalas agora a colarem-se ao seu cabelo.

– Bem-vinda de novo – saudou ela.

– Mãe? – ouviu Claire do portão do jardim. Virou-se e viu que a filha sonolenta a seguira. Mariah estava de camisa de dormir junto ao portão, com o cabelo embaraçado numa confusão de caracóis. Era mesmo a cara de Tyler.

Claire dirigiu-se a ela e pôs-lhe o braço em volta. Esfregou-lhe o ombro para aquecê-la.

– A árvore finalmente floresceu – disse Mariah.

– Pois foi. Mesmo a tempo.

Mariah sorriu.

– É linda.

Observaram a árvore durante uns momentos e esta gostou. As flores começaram a acumular-se no chão.

– Amo-te – disse Claire baixinho a Mariah, colocando os lábios na cabeça da filha e falando sobre o cabelo dela, aquecendo-lhe o couro cabeludo. – Sabes disso, não sabes? Por seres maravilhosa, por vires a ser maravilhosa.

– Eu sei – disse Mariah.

– Queres vir comigo para a cozinha? – Encostou a face na cabeça da filha. – Sei que não gostas de cozinhar. Mas podíamos passar mais tempo juntas.

Mariah afastou-se.

– Não gosto de cozinhar, mas adoro estar contigo! Só que estorvo quando estás a fazer os doces.

– Oh, querida. Não estorvas nada. Eu é que me estorvei a mim própria. Não teve nada a ver contigo. Anda – disse Claire, guiando-a para fora do jardim. – Temos uma festa de primeira geada para preparar! Também temos de chamar toda a gente.

Tyler levantou-se e começou a limpar os caminhos do jardim, algo que tinha de fazer sempre devido às flores que se amontoavam. Entrava periodicamente em casa para comer e beber, com flores no cabelo e no casaco, e, por vezes, com um pequeno arranhão na cara por se ter aproximado da árvore e levado com um dos seus ramos.

Bay apareceu com uma lista de compras depois de Claire ter ligado a Sydney. Arrastou sacos e caixas de comida e disse que a mãe a deixara ali porque tinha uma coisa para fazer, mas que chegaria a tempo de ajudar.

Buster chegou pouco tempo depois, parecendo tonto e confuso.

– Nunca trabalho aos sábados. O que é isto? – perguntou ele, olhando em volta para toda aquela comida a encher as bancadas onde costumavam estar os doces. – Estou a sonhar? Estou, não estou? Estou a sonhar.

Claire chamara-o para ajudar na preparação da festa, mas também por ele merecer saber.

– Esta é a primeira geada – começou ela. – Vou acabar com o negócio dos doces e focar-me no *catering*. Achei que devias saber.

– Até que enfim – disse ele. – Quem disse que sabias fazer tudo isto?

Claire sorriu e olhou em volta da cozinha.

– A minha avó Mary.

Querido Josh

Sei que nunca falámos, mas provavelmente já sabes quem eu sou. Chamo-me Bay Waverley e sou a rapariga que sabe onde tudo pertence. Belo título, não é? Faz-me parecer uma aberração pura. E sou, um bocadinho. Mas essa é outra história.

Enfim, já alguma vez tiveste a sensação de estares à espera de algo? Eu já. Tenho muitas vezes essa sensação. Parece que estou sempre à espera que as coisas encontrem o seu sítio, que estejam onde pertencem, para que eu possa finalmente respirar fundo. Quando te vi no corredor, no primeiro dia de aulas, tive essa sensação. Não sei como, nem porquê, mas sei que te pertenço, de certa forma. Só queria que soubesses isso. Não vou andar a chatear-te nem pedir a tua atenção. Não espero nada de ti. Mas passamos a vida à procura de peças do *puzzle* que nos darão uma imagem clara de quem somos, de onde devemos ir e de quem devemos ser. E encontrei-te. Não consigo explicar o alívio que é. Não é um alívio? De tudo o que é incerto nas nossas vidas, ao menos sabemos isto. Estarei aqui para ti, se um dia precisares. Estarei à espera lá fora, nos degraus da escola, todas as tardes sempre que puder, caso queiras falar.

Da tua

Bay

Josh lera a carta tantas vezes que as dobras estavam frágeis e prestes a rasgar-se. Ele estava deitado no quarto, ainda decorado da maneira pretensiosa que a mãe escolhera quando ele era novo: cabeceira de tecido branco, colcha com riscas azuis estilo náutico e uma enorme letra J acima da cama. Se não fosse pela desarrumada secretária do computador, pelos pósteres de futebol e pelos troféus, pareceria um quarto de anúncio de imobiliária.

Tu provavelmente já sabes quem eu sou.

Claro que ele já sabia quem ela era. Josh ouvira o discurso «Nem Sequer a Consideres Uma Opção» há muito tempo. Primeiro, da mãe, depois, do pai, que não sabia que a mãe já lho dissera. Por isso, sim, ele percebia. Os Matteson não se misturavam com os Waverley. Como cola e *ketchup*, dissera o pai, o rei das más comparações.

Toda a vida a vira na cidade, com o cabelo tão escuro como nuvens de tempestade a flutuar atrás dela por parecer que ela estava sempre com pressa. Porém, mantinha a distância e Bay nunca parecia reparar nele, não até ao primeiro dia de aulas. E, depois, ela tivera de estragar tudo com aquela carta.

Ele contara-lhe mais sobre a sua infelicidade do que alguma vez contara a quem quer que fosse. Não acreditava que lhe dissera que ia para a cama às nove. Mas ela não pareceu importar-se. Era tão calma. Sentado ao lado dela, o mundo parecia fazer mais sentido. Não vás para a Notre Dame.⁹ Não vás para Gestão como o teu pai. Vai trabalhar para o estádio de futebol de Hickory se é isso que queres. Mas não te defines pelo que não queres fazer. Define-te pelo que queres fazer.

Era por isso que os pais não o queriam ver associado a uma Waverley? Por elas nos fazerem acreditar que existe realmente uma escolha? Por nos fazerem acreditar que podemos ser felizes?

Desejou poder afastar-se. Sabia que era isso que os pais queriam que ele fizesse. Mas os pais não estavam ali. Estavam de visita ao seu irmão Peyton, que se encontrava na universidade, e depois iam de cruzeiro festejar o aniversário de casamento. Ficariam longe durante um mês inteiro. Nunca teriam deixado Peyton em casa, sozinho. E com muito orgulho. Peyton era desordeiro e popular – não tão popular como Josh. Se os pais se tivessem ausentado durante um mês quando Peyton estava no

secundário, Peyton teria dado festas em casa, acabado com o armário das bebidas alcoólicas e engravidado cerca de duzentas raparigas (palavras suas). Os pais diziam sempre que Josh era o mais responsável. Isso irritava-o. Sempre irritara. O seu irmão, alto e com os ombros largos do pai, uma vez atirara-o ao chão e não parara de lhe chamar «Menino Lindo da Mamã». «O Menino Lindo da Mamã faz tudo o que lhe mandam fazer.» «O Menino Lindo da Mamã devia estar numa *boysband*, não devia, Menino Lindo da Mamã?»

Peyton amadurecera imenso desde que fora para a universidade, mas eles continuavam a não ser propriamente amigos. Na verdade, às vezes parecia que Peyton sabia exatamente o que fazia quando, em vez de ir para a Notre Dame como o avô, fora para o Georgia Tech. E, em vez de estudar Gestão e de dirigir a Matteson Enterprises como o pai quisera que ele fizesse, ia para Direito no ano seguinte. Ele sabia que não tinha de o fazer porque Josh o faria.

Tudo era simplesmente admitido e Josh fora nessa maré até ter feito um estágio na Matteson Enterprises, no verão. Fora muito infeliz. Os escritórios não tinham janelas. E, pela primeira vez, achou ser uma loucura fazer *casas inteiras* dentro de uma fábrica. Podia ter sido diferente se eles construíssem casas da maneira tradicional, lá fora, ao sol. Mas aquilo era tão... industrial. Andavam todos de um lado para o outro com aspeto pálido e industrial. Ele não conseguia respirar. Durante o verão todo, não conseguiu ter ar.

Bateram à porta do seu quarto. Josh escondeu a carta debaixo da almofada quando Joanne, a empregada de sempre, enfiou a cabeça lá dentro. O seu cabelo ficara grisalho nos últimos anos, mas continuava liso e sem se mexer. Josh e Peyton costumavam achar que ela usava *Pronto*.

– Está à porta uma pessoa para falar consigo – disse Joanne.

– Quem é?

Joanne enrugou o nariz.

– Uma Waverley.

Josh levantou-se rapidamente, passou por Joanne a correr e desceu as escadas. Deslizou de meias no chão de mármore em direção à porta e abriu-a.

A mãe de Bay encontrava-se lá fora.

Usava calças de ganga e mocassins de pele que pareciam pantufas. O seu cabelo estava solto e brilhava com estranhas madeixas vermelhas ao sol frio da manhã.

– Bom dia, Mistress Hopkins – disse Josh.

– Trata-me por Sydney – disse ela, sem sorrir.

Ele escancarou a porta.

– Entre.

– Não, obrigada. – Ela recuou um passo e disse: – Porque não saís tu?

Josh saiu de meias, fechando a porta a Joanne, que se encontrava no cimo das escadas, a franzir-lhe o sobrolho.

– O que estás aqui a fazer?

Sydney meteu as mãos nos bolsos da curta gabardina aos quadrados.

– Não te conheço, Josh. Não sei nada sobre ti. Só conheço o teu pai e a tua mãe dos nossos dias de secundário. E, admito, o que penso deles obscurece o que penso de ti. O teu pai magoou-me de uma forma que não tinha sido necessário magoar-me. O mesmo não acontecerá à minha filha.

– Ela olhou para o vazio na direção do enorme jardim com a relva ainda muito verde e sem folhas. A empresa que tratava do jardim passara por lá no dia anterior e limpava o bairro todo por ser Halloween e ninguém querer que as crianças caíssem em casas de ricos e os processassem por isso. Seria muito inconveniente, não seria?

– A Bay não pertence ao teu mundo mais do que eu. Por isso nem sequer tentes fazer com que tal aconteça.

– Não quero magoar a Bay – afirmou Josh, com sinceridade. Não queria mesmo. Nunca fora essa a sua intenção.

– Acredito em ti – respondeu ela, ainda a olhar sobre o jardim. – A sério.

Ele deu consigo a olhar para Sydney, a ver muito de Bay nela. Tinham os mesmos intensos olhos azuis, como se tivessem sido forjados em chamas. Mas Sydney vira mais coisas. Os seus olhos eram mais estreitos, mais céticos. A mãe de Josh nunca gostara de Sydney. Tinha ciúmes de todos os que ocupavam o tempo ou os pensamentos do seu pai. O seu pai era o mundo dela. Se ela estivesse a conversar com Josh e o pai chegasse a casa, ela parava a meio da frase e iria ter com ele, como se ondas a tivessem varrido para o mar. E o pai adorava, tal como o seu irmão Peyton adorava ser o rei do mundo. Era aquilo que os homens da sua família

faziam. Atraíam a atenção das pessoas, despedaçavam corações e não se importavam. Bay era doce e bondosa e demasiado jovem para ser magoada de uma forma que a marcaria muito, como a mãe. Tinha a vida inteira pela frente. Uma vida extraordinária, ele tinha a certeza. Josh brincava com as ideias que ela lhe metera na cabeça. Ele nunca as levava muito a sério. Talvez fosse mesmo um Matteson, com a sua egoísta frivolidade romântica. Já não podia fugir às suas responsabilidades. Tinha dezoito anos. Era altura de se fazer homenzinho, como dizia o pai.

– Não a verei outra vez. Prometo.

Aquilo fez com que Sydney se risse. Virou-se para ele e disse:

– Oh, não sejas tão melodramático. Se não a visses outra vez fazias com que todos ficassem tristes. Eu e o pai dela incluídos.

– Não compreendo. – Josh cruzou os braços com frio. Só envergava os seus calções de ginástica e uma *T-shirt*.

– Não posso tomar decisões por ti. E não posso fazer com que tu ou a minha filha aprendam com os meus erros. O que posso fazer é dar-te uma opção. Há outra escolha que podes fazer. Uma que o teu pai nunca teve em conta. Mas que tu podes ter.

– Que escolha é essa?

– A Bay não pode viver no teu mundo. Mas tu podes viver no dela. Se decidires que o queres fazer, vem à nossa festa da primeira geada, esta tarde, no jardim Waverley. Somos uma família estranha, mas unida. Serás bem-vindo se te quiseres juntar a nós. – Deu-lhe palmadinhas no ombro. – Agora, vai lá para dentro antes que apanhes frio.

Ele observou-a a dirigir-se ao *Mini Cooper*. Antes de ela entrar no carro, Josh chamou-a.

– Sydney? Porque decidiu vir até aqui?

– Não há muito que eu possa consertar por ela. Os seus dias de menina estão quase a terminar. Mas, isto, posso consertar com um simples *Bem-vindo*.

Entrou no carro e foi-se embora e Josh deu consigo a pensar se *Era assim tão simples? Escolher uma vida?*

Talvez não tivéssemos de ser conduzidos para o futuro. Talvez pudéssemos escolher o nosso próprio caminho.

Talvez não caíssemos de quatro quando nos apaixonávamos. Talvez saltássemos.

Talvez, e só talvez, fosse tudo uma escolha.

Henry chegou a casa dos Waverley mais tarde, nesse dia, e ele e Tyler puseram a mesa grande e as cadeiras diferentes no jardim, suficientemente longe da árvore para não serem atacados.

Evanelle e Fred chegaram a meio da tarde e todos levaram a comida lá para fora. Imensos pães de figo e pimenta, claro. Mas também havia lasanha cozinhada em abóboras de miniatura e tabletes estaladiças de sementes de abóbora. Sopa de pimento vermelho e bolinhos de batata com caramelo picante. Bolinhos de milho, pipocas com açúcar-mascavado, uma dúzia de queques, cada um com uma bolinha de gelado ao lado, afinal como era possível dar uma festa de primeira geada sem gelado? Cerveja de pera e *ginger ale* de alho em garrafas escuras no alguidar das bebidas frescas. Comeram a tarde toda e, quanto mais comiam, mais comida parecia haver. Apareciam *pretzels*, queijo de mirtilo e nozes quando achavam que já tinham comido tudo.

Riram e falaram sobre coisas triviais, pois era um alívio ter vontade e energia para falar sobre coisas pequenas, agora.

Quando começou a anoitecer, as crianças que pediam doçura ou travessura deram à casa dos Waverley um enorme leito, pois quem sabia que doces cozinhará a tia Claire? Algo que fizesse com que elas fossem brutalmente sinceras ou algo que as fizesse dar ouvidos às mães? Não, obrigado, pensavam elas. Preferiam muito mais biscoitos de chocolate ou barras *Snickers*.

A família acendeu lanternas e aquecedores de halogéneo quando escureceu, colocando-os em redor do jardim. Acenderam velas na mesa enquanto a macieira abanava e as flores caíam. Quando as pétalas atingiam as chamas das velas, faziam barulho e transformavam-se em cinzas, deixando para trás um aroma tão belo e doce que cheirava ao ontem e ao amanhã.

Claire pensou na limpeza que teria de fazer nas próximas semanas, arrastar todos os dias sacos de flores da macieira até ao passeio, onde seriam inevitavelmente levados por mulheres que achavam que, se se banhassem nelas, a sua pele brilharia; e por homens que achavam que, se as pusessem no colchão da cama, sonhariam com dinheiro, bons filhos e

lindas esposas, tudo o que supostamente deviam querer, todavia, as flores só faziam com que eles sonhassem com as suas mães; e por crianças que construiriam grandes fortes brancos nos jardins e acreditariam que podiam viver dentro deles para sempre, sem nunca crescer.

Claire estava ansiosa para ter trabalho. Sentira falta daquilo.

À medida que as coisas relaxavam, todos se fartaram de tirar flores do cabelo e da roupa, pelo que se mantiveram sentados e deixaram que as pétalas se acumulassem neles, o que a árvore pareceu gostar. Pouco depois, pareciam estar congelados no tempo, cobertos de pó como um banquete de conto de fadas amaldiçoado, à espera que o príncipe chegasse e os acordasse.

Tyler e Henry levantaram-se, pegaram nas cervejas e afastaram-se para terem uma das suas conversas de homens. Tiravam as flores da roupa à medida que caminhavam, como pais pacientes ou amantes indulgentes que se tinham mantido quietos para serem decorados.

Evanelle vigiava frequentemente a garrafa de oxigénio. Olhou para Fred, que percebeu ser altura de irem embora. Sydney continuava a olhar para o portão do jardim, cada vez mais desapontada, até que Bay lhe perguntou:

– Estás à espera de quem?

Sydney colocou-lhe o braço à volta e disse:

– Do príncipe encantado, pensava eu. Estava enganada.

E a primeira geada chegava ao fim.

E Claire soube que tudo ia ficar bem.

As luzes das velas tremeluziam enquanto as mulheres Waverley falavam à mesa. Os homens observavam do outro lado do jardim, de uma forma que Bay invejava, como se fossem aves raras. Algures na rua, as crianças riam, com as vozes a deixarem um rasto no vento como se fosse fumo.

– Tenho uma coisa para te dizer – disse Bay à mãe, as palavras a saírem-lhe de súbito da boca, aparentemente sem contexto.

Sydney parou a meio de uma frase que dizia a Claire e ambas se viraram para Bay.

– Vi aquele velhote ontem à tarde – admitiu Bay. Mantivera o segredo durante um dia inteiro, mas tinha de o contar. Se o admitisse agora, talvez

sentisse a sensação de liberdade, de felicidade, que supostamente a primeira geada trazia sempre. Ainda não a sentira e esperara o serão todo. Em breve, todos iriam para casa, a primeira geada terminaria e tudo ficaria bem. Era assim que funcionava.

– Pensei que ele pudesse estar hospedado na Estalagem Pendland Street, por isso fui até lá. Estava a sair da cidade com Anne Ainsley. Perguntei-lhe sobre a vossa mãe.

– Falaste com ele? – perguntou Sydney. – Sozinha?

– Foi só por um minuto. Ele estava cheio de pressa para se ir embora. Perguntei-lhe e ele respondeu que, tanto quanto sabia, a Claire é mesmo filha da Lorelei. Depois perguntei-lhe sobre o dom Waverley de Lorelei.

As irmãs olhavam para ela, agora caladas e quietas como pedras.

– Ele disse que era gelo – afirmou Bay. – Disse que ela era capaz de transformar tudo em gelo.

Sydney sorriu de orelha a orelha. Mas Claire pareceu confusa.

– O dom Waverley dela era o gelo? – repetiu Claire. – Não compreendo. O que significa?

– Eu lembro-me – começou Sydney. – Não me lembro de muita coisa, mas lembro-me disso. Da forma como ela soprava flocos de gelo da sua mão no meio do verão.

– Evanelle, sabias? – perguntou Claire.

Evanelle abanou a cabeça. Todo o seu corpo parecia ter sido engolido pelo enorme casaco, como se estivesse um monte de roupa sentado ao lado de Bay.

– Talvez tenha acontecido quando ela comeu a maçã. Aquela árvore sempre adorou a Lorelei.

Claire parecia perplexa.

– Gelo. Geada. É incrível, mesmo para uma Waverley.

Sydney olhou para Bay e disse:

– Ficas de castigo por mais uma semana.

– O quê? – questionou Bay, surpreendida. – Porquê?

– Por algo que sei ter-te ensinado. Não fales com estranhos.

Bay revirou os olhos e recostou-se ao assento.

– Mãe, tenho quinze anos.

– Tens quinze anos e um castigo para cumprir.

Evanelle riu-se.

– Esqueço-me de como gosto de estar aqui convosco, meninas. Tenho a certeza de que vou sentir falta disto quando já cá não estiver.

Fred levantou-se subitamente para esticar as pernas, disse ele, mas todas sabiam que não gostava quando Evanelle falava da morte. Foi ter com Tyler e Henry.

Uma onda de melancolia atingiu-os, até Mariah, que estava junto à árvore a fazer anjos no meio das flores, ter-se rido de repente e dito:

– A minha melhor amiga disse para não teres tanta pressa de partir, Evanelle. Ainda tens coisas para fazer.

– Descobrimos recentemente que a Em não é real – explicou Claire a todas.

Todas na mesa exclamaram:

– Ahhhh.

Como se de repente tudo fizesse sentido.

– É real – protestou Mariah, parecendo estar genuinamente ofendida com o comentário. Levantou-se e pôs as mãos nas ancas. – Vocês só não são capazes de vê-la. – A árvore mexeu um ramo baixo e colocou suavemente uma coroa de flores na cabeça de Mariah. Esta nem sequer pareceu notar.

Bay, como sempre fazia, ficou do lado da prima.

– Conta-nos mais sobre essa Emily – pediu ela, acenando-lhe.

– Quem é a Emily? – perguntou Mariah enquanto se dirigia à mesa.

– Em não é um diminutivo para Emily? – perguntou Bay, metendo o braço à volta de Mariah. Ela adorava-a. Ninguém era melhor a fazer de si próprio do que Mariah, com ou sem magia.

– Não, o nome dela é Mary – afirmou Mariah. – Eu é que lhe chamo *M*. Como a letra do abecedário. Ela diz que eu me chamo Mariah por causa dela.

Todas fizeram silêncio. Até as vozes da rua desvaneceram.

– A avó Mary? – perguntou Claire, finalmente. Olhou para Tyler para ver se ele ouvira. Não tinha ouvido. – Ela está aqui? – Falou mais baixinho, como se quisesse manter o segredo, a extraordinária nova ligação que partilhava com a filha, apenas entre as duas.

Mariah encolheu os ombros.

– Ela disse que sempre esteve aqui.

Evanelle bateu no joelho.

– Boa, Mary! Sempre conseguiste guardar segredo.

Sydney inclinou-se e sussurrou a Claire.

– E tu estavas preocupada com a possibilidade de Mariah não ser uma Waverley.

– Ela diz para não te preocupares com o diário de Karl – disse Mariah. – Tudo o que ela escreveu foi o quanto o amava e, quando ele deixou de amá-la, ela riscou o diário.

– Pede-lhe para ela nos dizer qual de nós é o figo e qual é a pimenta – pediu Sydney a Claire, ainda a sussurrar e a dar-lhe cotoveladas.

– Porque não lhe pedes tu? – disse Claire à irmã e transformaram-se em duas meninas reguilas e espertas diante dos olhos de Bay. – Ela está aqui.

Sydney ergueu o queixo.

– Tens é medo que ela diga que tu és a pimenta.

– Eu sou claramente o figo.

Bay sorriu e decidiu que era suficiente que todas estivessem felizes e estabilizadas. Ela podia esperar. Aquilo chegava.

– Foi-se embora – disse Mariah. – Disse que está alguém no portão.

Evanelle acenou como se aquilo fizesse sentido.

– A Mary fugia sempre e escondia-se quando aparecia alguém.

A árvore começou subitamente a abanar os ramos para a frente e para trás, criando uma enorme brisa que apagou as velas. Uma grande rajada de vento com flores atravessou o jardim como se fosse uma tempestade de neve.

Alguém tossiu no portão do jardim e disse:

– Olá?

Bay levantou-se de imediato, reconhecendo a voz. Não, não podia ser.

Mas ali estava ele. Josh Matteson caminhou em frente, olhando em volta do jardim, espantado. Vestia calças de ganga e uma *sweatshirt*, e estava vermelho por causa do frio, como se já estivesse lá fora há um bocado, à espera de ganhar coragem para entrar. Ficava lindo, ali. Bem, ficava lindo onde quer que fosse, mas estava mesmo ali. Não tinha fumo a rodeá-lo. Porque nunca pensara ela naquilo? Josh no jardim, na primeira geada. Fazia todo o sentido.

– É melhor do que imaginei – disse ele, ainda a tossir. – Mas acho que acabei de engolir uma flor.

Bay saiu disparada para junto dele. Quase o abraçou, mas deteve-se, por um lado, para bem de Josh, por outro, porque toda a sua família estava a olhar. Apertou-lhe antes as mãos, aproximando-o da mesa.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou ela, feliz.

– A tua mãe convidou-me.

– A sério? – perguntou Henry de onde os homens estavam. Quando Bay e Josh se aproximaram, Henry ergueu o braço e parou-o.

– Espera aí, filho.

– Os homens desta família aprendem depressa a não se aproximarem muito da árvore – comentou Henry, com um sorriso. – Achas que as flores são más? Espera até veres as maçãs.

– Pois é – concordou Tyler, levantando o copo de cerveja.

– Fica deste lado – disse Henry a Josh. – É o melhor lado para se estar.

Josh sorriu e olhou para Bay.

– Acho que tem razão.

Bay, com a sua *T-shirt* que dizia A MINHA VIDA É BASEADA NUMA HISTÓRIA VERÍDICA, olhou para as pétalas que caíam como neve e pensou no sonho que tivera com Josh, como a neve também caía à volta deles, que aquele momento era tal como o imaginara. Tinha apenas de esperar.

– Acho que tem toda a razão.

[9](#) A Notre Dame University é uma das melhores universidades dos Estados Unidos. (*N. da T.*)

Sydney permitiu que Josh levasse Bay a casa e, obviamente, eles escolheram ir pelo caminho mais longo pois ela e Henry estavam de regresso à quinta antes deles. Henry deixara a luz do pórtico acesa pelo que caminharam para a porta na escuridão fria, com os braços cheios de sacos com a comida que sobrara.

Quando entraram, colapsaram logo no sofá e largaram os sacos no chão, junto a eles.

– Devíamos guardar esta comida – disse Sydney.

– Estou tão cheio que sou capaz de nunca mais comer na vida – resmungou Henry.

– Vais ter de comer. Eu não posso comer todos estes restos sozinha. – Ela sorriu-lhe. – Podíamos livrar-nos de alguns deles ainda esta noite.

Nenhum se moveu.

– Tu primeiro – disse Henry.

– Chega aqui – disse ela, erguendo uma mão fraca.

– Não, vem cá tu.

– Estou demasiado cheia. Sou capaz de demorar um bocadinho. Quem precisa de dormir?

Henry riu-se.

– Isso lembra-me de uma coisa que o meu avô disse uma vez. Disse que, quando o meu pai era bebé, fazia com que os meus avós se levantassem tantas vezes à noite que o meu avô adormecia nos campos todas as

manhãs. Contou que as vacas o arrastavam para o celeiro e se ordenhavam a si próprias.

Sydney olhou para ele de maneira cética.

– As vacas arrastavam-no para o celeiro?

– Foi o que ele disse. Que acordava no celeiro e dava com elas ordenhadas e novamente nos campos, tão felizes como... bem, vacas.

Sydney riu-se, depois bufou, o que fez com que Henry se risse, o que fez com que ela se risse ainda mais. Ela inclinou-se e deslizou do sofá para o chão. Henry deslizou com ela.

Deitaram-se de costas ao lado um do outro e o seu riso amainou. Sydney estava deitada sobre algo duro, viu o que era e percebeu que ainda conservava a pequena luz de presença que Fred lhe dera no bolso do casaco.

Ligou-a e um círculo de estrelas azuis refletiu no teto.

– Onde arranjaste isso? – perguntou Henry, colocando a cabeça junto da dela enquanto olhavam para o teto.

– Foi o Fred que me deu.

– Porquê? – perguntou Henry.

– Não faço ideia – respondeu ela, no momento em que a campainha tocou. Sentou-se. – Trancaste a porta? A Bay deve ter-se esquecido da chave.

– Talvez sejam crianças atrasadas para o Halloween – disse Henry.

– Não tenho doces. Espera, talvez tenha pastilhas elásticas.

– Pastilhas elásticas vão fazer com que eles atirem ovos à casa. – Henry levantou-se e estendeu a mão a Sydney para ajudá-la a levantar-se. – Vou levar isto para a cozinha – disse ele, pegando nos sacos enquanto Sydney se dirigia para a porta e a abria, sorrindo e colocando a luz de presença no bolso.

Mas não era Bay, nem crianças. Pelo menos, não claramente.

Violet Turnbull encontrava-se à porta sob a luz do pórtico. O bebé Charlie dormia no seu colo.

– Posso entrar? – perguntou Violet. Apesar do frio, usava calções muito curtos e botas à *cowboy*. A camisola que pusera parecia uma coisa de última hora. Charlie, pelo menos, vestia um *babygrow* de flanela.

Sem palavras, Sydney recuou e deixou Violet entrar.

– Desculpe ter assaltado o salão – disse Violet. Olhou em redor da sala, balançando para trás e para a frente, mais por nervos do que para embalar Charlie. – Apesar de, tecnicamente, não ter sido um assalto porque eu tinha a chave.

– Vieste aqui para devolver o dinheiro? – perguntou Sydney, séria, pondo as mãos nos bolsos para tapar os punhos cerrados.

– Já o gastei. Eu disse-lhe, precisava de dinheiro para comprar o *Toyota*.

– Então vieste aqui para devolver a chave?

– Perdi a chave. Também mudou a fechadura, por isso... – disse Violet, sem olhar Sydney nos olhos.

Aquilo fez com que Sydney ficasse de sobreaviso para os sinais que desculpava sempre Violet.

– Como sabes isso? Voltaste a tentar?

Violet não respondeu porque ambas sabiam a resposta.

– Vou-me embora esta noite. Precisava de dinheiro para viajar.

Sydney suspirou.

– Eu dou-te o que tiver na carteira. Não é muito.

– Não estou aqui pelo dinheiro – disse Violet enquanto Sydney se virava para ir burcar a mala. – O aquecimento do *Toyota* não funciona e o Charlie e eu temos frio.

Sydney hesitou. Ia mesmo virar-lhe as costas? Claro que não.

– Podes ficar aqui esta noite. Havemos de nos arranjar.

– Não me está a ouvir! – disse Violet, levantando a voz. Os olhos de Sydney viraram-se imediatamente para Charlie, que fez uma careta enquanto dormia. – Não importa que o aquecimento não esteja a funcionar. Eu vou para sul, onde está calor. O Charlie não tem casaco de inverno, mas achei que ele não precisava se fôssemos para um sítio quente. Mas as roupas dele já não lhe servem e apercebi-me de que tenho de comprar outras quando lá chegarmos. Só que não tenho dinheiro.

– Mas acabaste de dizer que não vieste aqui pelo dinheiro.

O rosto de Violet voltou a transparecer raiva. Não, raiva não. Angústia. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Tome-o – disse ela, entregando-lhe o bebé que dormia.

– O quê? – As mãos de Sydney saíram dos bolsos do casaco deixando cair a luz de presença de Fred e pegando em Charlie. Violet não lhe dera

escolha. Era pegar nele ou deixá-lo cair.

Violet pousou o saco de plástico que trazia no chão.

– Estão aqui alguns dos brinquedos preferidos dele. As roupas que ainda lhe servem também. E a certidão de nascimento. Pus algumas fotos nossas para que ele não se esqueça da minha aparência. E escrevi uma carta. – Violet ergueu a bainha da camisola e assoou o nariz. – Quando eu tinha nove anos, a minha mãe deixou-me com a sua amiga Karen durante quase um ano, depois de se ter ido embora com o namorado. Parti o braço e Karen teve imensos problemas com a Segurança Social porque a minha mãe, pronto, não deixou instruções sobre a custódia e essas coisas. Por isso, pus tudo aí. Quero ser feliz. E também quero que ele seja feliz. Mas não podemos sê-lo ao mesmo tempo, sabe? Provavelmente, pensa que eu sou a pior mãe do mundo.

Sydney abanou a cabeça. Maternidade, a verdadeira maternidade, era o que se passava quando ninguém conseguia detetá-la. Como podia ela julgar alguém quando não sabia da missa a metade?

– Deixe-lhe uma luz de presença acesa quando for dormir, está bem? Ele não gosta do escuro.

Violet beijou a cabeça de Charlie, soluçando, e apressou-se para a porta.

Sydney virou-se e encontrou Henry na ombreira da porta da cozinha atrás dela, tão surpreendido como ela estava.

Na segunda-feira de manhã, quando Bay atravessou a estrada e se dirigiu à paragem de autocarro, havia geada no chão. Phin já lá estava, com as mãos dentro do casaco amarelo e um gorro preto na cabeça.

Sorriu ao vê-la.

– Bem-vinda de volta à paragem de autocarro, onde a diversão nunca acaba. Já não estás de castigo?

– Não sei bem – começou Bay, aproximando-se. – Agora temos um bebé em casa, por isso acho que a minha mãe se esqueceu de me levar à escola. Eu... escapuli-me.

Phin acenou a cabeça, aprovando.

– Bay Waverley, a quebradora de regras.

Ela deteve-se ao lado dele e olhou-o, com as sobrancelhas erguidas, como se esperasse que ele dissesse alguma coisa.

– O que foi? – perguntou ele. – Porque me olhas assim?

– Vi finalmente o vídeo de que todos falam, aquele que alguém filmou com o telemóvel, da luta no baile de Halloween – afirmou Bay. – A mancha que afasta o tipo de Hamilton High de cima de Josh? Em câmara lenta parece exatamente alguém coberto por um lençol.

Phin mudou o seu peso de um pé para o outro.

– Ah. Ai sim?

– Um lençol com um padrão de rosas. Foste tu – disse ela. – Tu é que o fizeste voar.

Phin não disse nada.

Ela deu-lhe uma pequena cotovelada. Ele continuava tão flexível como uma palha.

– Parece que, afinal, és mesmo o homem mais forte da cidade, Phineas Young.

Ele esperou alguns segundos antes de o reconhecer.

– Ninguém ficou mais surpreendido que eu. Conheceste o meu pai, antes de ele morrer. Era o Hulk. Mas depois pus-me a pensar, o meu avô Phin era mais magro que eu. Tinha cerca de noventa anos e as pessoas ainda lhe pediam para cavar poços e quebrar o gelo do reservatório de água de Lunsford, no inverno.

– A Riva sabe, presumo? – perguntou Bay, com um sorriso. – Foi por isso que te deu aquele papel na sexta-feira?

Ele tirou o papel do bolso das calças de ganga.

– Ainda não o li. Estou a degustar as possibilidades.

Bay sorriu-lhe.

– As possibilidades são boas.

Phin voltou a meter o papel no bolso e eles ficaram ali, num mundo coberto por uma manta de cristais, à espera que o autocarro chegasse.

Do *Diário de Cozinha Waverley*

Pão de figo com pimenta

Nota da Mary: Por vezes, os ingredientes mais improváveis são os que fazem a melhor combinação.

Ingredientes:

- 2 chávenas de farinha de espelta de grãos inteiros
- 2 ½ chávenas de farinha crua
- 1 ½ chávena de figos cortados grosseiramente
- 2 colheres de chá de sal
- 2 colheres de sopa de azeite
- 1 pacote de levedura seca
- 1 ½ chávenas de água quente

Bater a farinha, o sal, a pimenta e a levedura até se misturarem bem, com a mão ou com o acessório do misturador.

Adicionar o azeite e a água quente. Amassar durante 10 minutos ou usar o acessório de amassar do misturador durante cinco minutos, até a massa ficar macia e elástica.

Untar de azeite uma tigela, colocar a massa e cobrir a tigela com uma toalha húmida. Deixar a repousar num sítio quente durante aproximadamente uma hora ou até a massa ter duplicado de tamanho.

Amassar suavemente os figos cortados e distribuí-los uniformemente pela massa (se puseres um pouco de farinha nas mãos, verás que é mais fácil

mexer na massa), dando-lhe uma forma oval e colocando-a numa folha de papel vegetal.

Recortar três linhas estreitas no topo da massa com uma tesoura e polvilhar levemente a massa com farinha.

Deixar a descoberto, até a massa crescer um pouco mais – 10 a 15 minutos ou mais tempo, caso a cozinha não esteja quente.

Colocar o tabuleiro no forno a 350 graus durante 40 a 45 minutos até a crosta ficar um pouco castanha e o miolo parecer oco quando lhe bateres por baixo.

Deixar arrefecer numa grelha.

Agradecimentos

O ano em que tudo mudou. Acho que todos temos anos assim, em que as nossas vidas se estilhaçam em óbvios antes e depois. Para mim, um desses anos foi quando escrevi *O Jardim Encantado*, o primeiro livro da série das Irmãs Waverley. Começou com uma história simples sobre duas irmãs a reconectarem-se após muitos anos. Depois, a macieira começou a atirar maçãs, a história ganhou vida própria e a minha vida nunca mais foi a mesma.

Pelos antes e depois que tornaram a *Primeira Geada* possível, tenho de agradecer à minha mãe, Louise; ao meu pai, Zack; a Sydney Allen, Hanna Allen; Michelle Pittman; Heidi Caramack; Billy Swilling; aos Loopy Duetters, pelo seu apoio durante os anos de secura de escrita; a Andrea Cirillo, Kelly Harms e a todas as pessoas da Jane Rotrosen Agency por apostarem num pequeno livro sobre um jardim; a Shauna Summers, Nita Taublib, Irwin Applebaum e a todas as pessoas da Bantam por alimentarem-no, regarem-no e fazê-lo crescer; ao incrível Jen Enderlin por dar nova vida a uma velha macieira rabugenta, e a toda a equipa do St. Martin's Press pelo bom humor e criatividade. Mais que tudo, aos meus leitores pelo vosso apoio incondicional e entusiasmo por *O Jardim Encantado*, sem os quais eu nunca teria parado e questionado: *O que aconteceu a seguir?*

Por último, não consigo pensar num ano em que mais coisas tenham mudado do que 2011, quando me foi diagnosticado um cancro. A minha vida antes e a minha vida depois são tão extraordinariamente diferentes

que, às vezes, penso que foram vividas por duas pessoas distintas. Muitos de vós fizeram esta viagem comigo desde o princípio, muitos se juntaram a meio e muitos chegaram depois. A todos expresso um obrigado muito especial por fazerem parte da minha vida – antes, depois e algures a meio.

Acabei de celebrar o terceiro aniversário de remissão.